

Seringueiros da Amazônia em perigo: Um olhar etnográfico sobre o futuro da reserva Cazumbá-Iracema, Brasil



Alfredo Carlos Fedrizzi

Orientador: Prof. Doutor Rui Miguel Moutinho Sá

Co-orientadora: Profa. Doutora Mary H. Allegretti

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Antropologia

Lisboa

2026

Resumo

Esta dissertação de mestrado em antropologia se insere no debate sobre "florestas com história" e "florestas com gente". A pesquisa investiga a complexa realidade da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema (Resex), no Acre, Amazônia brasileira, onde vivem 470 famílias, em uma área de 750.794 hectares de floresta. Explora as dinâmicas socioculturais de um grupo comunitário que, ao manter sua identidade de "seringueiros", enfrenta desafios que transcendem a mera extração da borracha. Através de imersões etnográficas em 2023 e 2025, foram entrevistados moradores e outros atores que estudam formas de manutenção dos "povos-floresta", como professores, antropólogos e empreendedores. O objetivo foi captar percepções sobre o presente e o futuro desta reserva. A pesquisa bibliográfica complementa a análise empírica, dialogando com conceitos como simbiose e mutualismo, habitar um ambiente, reciprocidade e interdependência, *Deep Ecology*, interação entre seres e a denúncia da floresta em chamas. Esses referenciais teóricos permitem uma compreensão mais profunda das redes de dependência e coexistência que caracterizam a vida na floresta habitada. A análise revela a urgência de enfrentar as dificuldades vividas pelos 13 núcleos comunitários da Cazumbá e a necessidade em diversificar atividades para garantir o seu sustento, em um contexto marcado pela precariedade de infraestrutura e a falta de novas lideranças. De igual forma, parte da população jovem almeja migrar para os centros urbanos. Sem a qualificação da educação e a criação de oportunidades, a Cazumbá corre o risco de se tornar desabitada, o que a tornaria mais vulnerável ao desmatamento e outras formas de exploração predatória. Esta dissertação destaca a necessidade de construir um futuro sustentável que equilibre desenvolvimento económico, preservação cultural e conservação ambiental, reforçando a ideia de que a floresta é, antes de tudo, um espaço de vida e de relações simbióticas.

Palavras-chave: Seringueiros; Amazônia; Resex Cazumbá; desenvolvimento sustentável; povos da floresta

Abstract

This master's dissertation in anthropology contributes to the debate on "forests with history" and "forests with people". The research investigates the complex reality of the Cazumbá-Iracema Extractive Reserve (Resex) in Acre, Brazilian Amazon, where 470 families live in an area of 750,794 hectares of forest. It explores the sociocultural dynamics of a community group that, while maintaining their identity as "rubber tappers," faces challenges that transcend mere rubber extraction. The analysis addresses the absence of public policies, where young people's desire to seek new opportunities outside the forest, and the impacts of technology on traditional practices and knowledge. Through ethnographic immersions in 2023 and 2025, social actors were interviewed, including residents and actors who study ways of maintaining "forest-peoples", such as teachers, anthropologists, and entrepreneurs. The objective was to capture their perspectives on the present and future of the reserve. Bibliographic research complements the empirical analysis, engaging with concepts such as symbiosis and mutualism, dwelling in an environment, reciprocity and interdependence, Deep Ecology, interaction, between beings, and the denunciation of the burning forest. These theoretical frameworks allow for a deeper understanding of the networks of dependency and coexistence that characterize life in an inhabited forest. The analysis reveals the urgency of addressing the difficulties experienced by the 13 community nuclei of Cazumbá and the need for rubber tappers to diversify their activities to ensure their livelihood, in a context marked by precarious infrastructure and lack of new leadership. As evidenced, part of the young population aspires to migrate to urban centers. Without educational qualification and the creation of opportunities, Cazumbá risks becoming uninhabited, which would make it more vulnerable to deforestation and other forms of predatory exploitation. This dissertation highlights the need to build a sustainable future that balances development, cultural preservation, and environmental conservation, reinforcing the idea that the forest is, above all, a space of life and symbiotic relationships. **Keywords:** Rubber tappers; Amazon; Extractives Reserves; Cazumbá; sustainable development; forest people.

Índice

Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice	iv
Índice de Figuras	vii
Índice de siglas e abreviaturas	xi
Agradecimentos	xiii
1. Introdução.....	1
1.1. Problemática e Objetivos: A Urgência Antropológica em Territórios extrativistas	1
1.2. Hipóteses de Trabalho e Objetivos de Pesquisa	6
2. Enquadramento Teórico: Diálogos Interdisciplinares na Antropologia Ambiental	8
3. Opções Metodológicas: Etnografia e Produção de Conhecimento Situado	21
3.1. Caracterização da Área de Estudo: A Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema.....	23
3.1.1. A Sazonalidade e as Implicações Epistemológicas da Distância.....	29
3.1.2. As Configurações Socioespaciais e a Toponímia	31
3.1.3. Contextos Históricos e Socioculturais Relevantes da Cazumbá	32
3.1.4. Vida Cotidiana, Vulnerabilidades, Resistências e Ameaças	34
3.2. A imersão no terreno	37
3.3. O isolamento e a vivência etnográfica	39
3.4. Para Além do Quintal Demarcado, as Estradas de Seringa como Espacialidade	42

3.5. Posicionalidade e o Processo de "Amazonização"	43
3.6. Os Cuidados Éticos	46
4. Cosmopolíticas Amazônicas: Entre Ontologias Relacionais e a Mercantilização da Floresta	48
4.1. Necropolítica Ambiental e Resistências	59
4.2 Infraestruturas Vivas e Conhecimentos Ancestrais.....	62
5. Gênero, Agência e Territorialidade: A Centralidade Feminina na Construção Sociocultural	66
6. Educação, Etnodesenvolvimento e Agência Comunitária: Disputas e Horizontes	71
7. Juventude e Territorialidade: Transformações Socioculturais e Perspectivas Geracionais.....	75
8. Liderança, Governança e os Futuros da Cazumbá	86
9. Conclusão	92
Bibliografia Citada	97
Glossário.....	103
ANEXO A – CARTA DO CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS – CNS DOCUMENTO PARA LULA SOBRE O PRESENTE E O FUTURO DAS RESERVAS EXTRATIVISTAS	110
Carta para Presidente Lula	110
APÊNDICE B - ENTREVISTAS	113
Entrevista com Socorro Siqueira, educadora SOCORRO SIQUEIRA.....	113
Entrevista com Aécio dos Santos	145
Entrevista com Kairo Siqueira da Rocha.....	148
ENTREVISTA COM ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS SILVA, o “GALEGO”	149

Entrevista com o casal CLEONICE FORTUNATO DOS SANTOS e ANTONIO DA SILVA	154
Entrevista com Keven Maia	157
Entrevista com Francisca F. Gadelha	160
Entrevista com Tiago J. Ranzi	163
Entrevista com Nenzinho	170
Entrevista com ALGECIDA MAIA	179
Entrevista SALO COSLOWSKY	203
Entrevista com MARY ALLEGRETTI	206
APÊNDICE C – FOTOS	212

Índice de Figuras

Figura 1: A localização do Acre na Amazônia brasileira. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	3
Figura 2: Localização da Reserva Cazumbá-Iracema. Fonte: IBGE.....	4
Figura 3: O LIDAR, Light Detection and Ranging comprova que a Amazônia é habitada há milhares de anos. Fonte: Revista Science/2024 e Revista Fapesp/27/maio/2025).....	9
Figura 5: O transporte da borracha (II)Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinho.	12
Figura 4: O transporte da borracha (I), iniciado em 1879. Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinho.	12
Figura 6: Mary Allegretti e Chico Mendes. Fonte: Arquivo pessoal – dezembro/2023.....	14
Figura 7: Cartaz no alojamento do ICMBio – sede local alusivo à luta de Chico Mendes.	15
Figura 8: A seringueira (<i>Hevea brasiliensis</i> L.) no meio da floresta. Fonte: Arquivo pessoal, janeiro/2025.....	21
Figura 9: Paineis na entrada da reserva. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	23
Figura 10: Os produtos comprados na cidade. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	24
Figura 11: Enlatados que a Secretaria de Educação envia à escola local da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).....	25

Figura 12: O posto médico que só abre três vezes por ano na Cazumbá. Fonte: arquivo pessoal (dezembro/2023).	26
Figura 13: Francisca, esperando os moradores para a eleição Fonte: Arquivo Pessoal (janeiro/2025).	28
Figura 14: A) Trilhas da Cazumbá. B) Locomoção em quadriciclos e C) Ponte que desapareceu. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	29
Figura 15: O Rio Iaco, transporte seguro para a Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	30
Figura 16: Padre Paulino (Esq.) e Nenzinho (Dta). Fonte: Arquivo ICMBio.....	33
Figura 17: Nenzinho na floresta, caminhando sobre a serrapilheira. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).	34
Figura 18: Meu café da manhã. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	35
Figura 19: Preparando o almoço na casa de Francisca. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	36
Figura 20: O alojamento para visitantes locais. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	38
Figura 21: As casas dispersas, ocupação territorial com distanciamento entre unidades domésticas. Fonte: Arquivo pessoal. (dezembro/2023).	40
Figura 22: As primeiras casas. Fonte: Arquivo pessoal Nenzinho.	41
Figura 23: Luzia, dia de pouco peixe. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	41

Figura 24: Francisco, o mais antigo soldado da borracha da região. Fonte: Arquivo pessoal	
Socorro.	42
Figura 25: A transformação da paisagem natural em pastagens. Fonte: Arquivo pessoal	
(janeiro/2025).	44
Figura 26: A reunião com o ICMBio: os limites dos roçados. Fonte: Arquivo pessoal	
(janeiro/2025).	45
Figura 27: A imponência das castanheiras (<i>Bertholletia excelsa</i>). Fonte: arquivo pessoal	
(janeiro/2025).	52
Figura 28: Os ouriços da castanha do Pará (<i>Bertholletia excelsa</i>). Fonte: arquivo pessoal	
(janeiro/2025).	53
Figura 29: As castanhas ensacadas. Fonte: arquivo pessoal (janeiro/2025).	53
Figura 30: A professora Socorro. Fonte: arquivo pessoal (janeiro/2025).	54
Figura 31: Capa da revista da SUDAM. Fonte: SUDAM em Revista (1971), publicada em	
Arrabalde, p.348.	60
Figura 32: Anúncio do Banco da Amazônia (1972), durante a Ditadura Cívico-Militar [1964–	
1985]. Fonte: Banco da Amazônia publicado em Arrabalde, p.334.	61
Figura 33: A Cazumbá em 8º. Lugar no desmatamento. Fonte:	
https://sosamazonia.org.br/tpost/i1daecj3g1-reserva-extrativista-chico-mendes-lidera	64
Figura 34: Concentração florestal do Brasil. Fonte: SFB, 2020.	65

Figura 35: Renda mensal brasileira per capita por estado. Fonte: PNAD 2023.	66
Figura 36: A chegada das crianças na escola da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).	73
Figura 37: As crianças na escola da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).	74
Figura 38: Mães da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	78
Figura 39: Keven Maia. Neto de Nenzinho, jovem da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	80
Figura 40: Os alimentos ultraprocessados chegaram com força na Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	81
Figura 41: Eleição de Maria, a nova presidente do núcleo Bom Futuro. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).	90
Figura 42: O encontro com a antropóloga Mary Allegretti na Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).	96
Figura 43: Nenzinho, um grande parceiro. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).	97

Índice de siglas e abreviaturas

AL (Amazônia Legal) - região que abrange parte dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e Maranhão

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

Bolsa Família - programa de transferência de renda do Brasil

Bolsa Verde - programa beneficia famílias em situação de pobreza que se dedicam à conservação ambiental

CNS - Conselho Nacional das Populações Extrativistas

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz, instituição de pesquisa, desenvolvimento, ensino e medicamentos e vacinas, vinculada ao Ministério da Saúde do Brasil

Flonas - Florestas Nacionais

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - grupo de cientistas estabelecido pela ONU para monitorar e assessorar a ciência global às mudanças climáticas.

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PAE - Projeto de Assentamento Extrativista

PSA - Pagamento por Serviços Ambientais

RESEX - Reservas Extrativistas

RDS - Reservas de Desenvolvimento Sustentável

SUCAM - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, à Eliane Brum, talentosa e corajosa jornalista e escritora brasileira, que me inspirou e me colocou cara-a-cara com a realidade da Amazônia, através dos seus artigos, livros e da plataforma Sumaúma, onde denuncia a destruição da floresta.

Ao Beto Bina, ativista pelas causas ambientais e consultor de cadeias produtivas responsáveis, que me apresentou o líder seringueiro Nenzinho, me abrindo as portas e a mente para o que acontece por lá, no Acre.

Ao Preto, líder dos pescadores da Lagoa da Encantada, na Barrinha/SC, que me esclareceu sobre a poluição da lagoa e os mecanismos de corrupção do poder público local. Com isso, descartei o primeiro tema que pensei pesquisar.

Ao Aldeci Cerqueira Maia, que ninguém conhece por esse nome. É o Nenzinho. Junto com Chico Mendes e outras lideranças, trabalhou incansavelmente pela sensibilização dos seringueiros do Acre, para que fossem criadas as reservas extrativistas na região. Ele abriu as portas da Resex Cazumbá, me recebendo sempre muito carinhosamente, me levando à mata, mostrando o dia a dia dos habitantes da região, sendo amigo e consultor para todos os assuntos da floresta.

À Maria Maia, esposa do Nenzinho, que tão bem cuidou de mim durante minhas estadas na Cazumbá.

À professora Maria de Fátima Amante que, além dos seus valiosos conhecimentos transmitidos nas aulas do Mestrado na Universidade de Lisboa, que ela coordena, me estimulou a fazer uma sondagem exploratória na Amazônia, para definir meu tema e buscar um foco maior a respeito do tema desta Dissertação.

À Mary Allegretti, que conheci na Cazumbá, grande professora, antropóloga, pioneira na investigação dos seringueiros do Acre, fonte de inspiração por sua história de vida, dedicação, estudos e publicações.

À Lelei Teixeira, amiga de toda a vida, jornalista talentosa, revisora de livros, a quem sempre consulto quando quero escrever melhores textos.

Ao amigo Bira Fernandes, artista plástico talentoso, que me acompanhou na primeira incursão na Cazumbá.

Ao Aécio dos Santos, gestor do ICMBio do Acre, que conseguiu me colocar lá dentro da comunidade Cazumbá nas duas incursões, depois de enfrentarmos muito barro nas estradas, chuva e horas de barco, me permitindo conhecer a realidade da Cazumbá.

À Bia Saldanha, empreendedora corajosa, que criou o couro vegetal, e trocou o Rio de Janeiro pelo Acre, por sua visão de que é possível desenvolver a região mantendo a floresta de pé.

Aos entrevistados(as) Aécio dos Santos, Algecida Cerqueira Maia, Cleonice Fortunato dos Santos, Antonio da Silva, Antônio José dos Santos Silva (Galego), Aurelice da Silva Vasconcelos, aos antropólogos Marcelo Piedrafita Iglesias e Terri Valle de Aquino, Keven Maia, Socorro Siqueira, Francisca Feitosa Gadelha, Francisco Siqueira Barros, Luzia Soares Siqueira, Kairo Siqueira da Rocha, Salo Coslovsky, Tiago Juruá Ranzi e Zeca Martins.

Ao professor Rui Miguel Moutinho Sá, em quem busquei orientação inúmeras vezes, para que esse trabalho se realizasse. Estimulador incansável, sempre presente, me recebeu com muita dedicação, disponibilidade e paciência. Imensa gratidão.

A todos os professores e colegas do ISCSP, pelos ensinamentos, trocas e acolhimento.

À minha companheira de vida Durga Curtinaz, fonte de inspiração constante, pela sua história de vida, estímulo permanente, contribuições, presença e amor.

Às minhas amadas filhas Lissa, Laura e Maria, e aos meus netos Antônio e Benjamin, que foram privados da minha presença inúmeras vezes, para que eu pudesse fazer este trabalho e são a razão de ser da minha vida!

No fundo da cultura ocidental, parece-me que há a vontade de dominação do outro. Eles fazem o máximo para se separar da natureza. Nós não vivemos para dominar ou conquistar. Parte da humanidade experimentou o desenvolvimento cultural. A outra parte manteve as tradições. Os povos ancestrais são os que permaneceram na parte espiritual, mantendo constante diálogo com a fonte da criação e, ainda hoje, nós, os povos ancestrais, estamos protegendo a parte do planeta onde todos podem vir descansar. O nosso mundo não existe para ser consumido (Ailton Krenak, 2023, p.37).

1. Introdução

1.1. Problemática e Objetivos: A Urgência Antropológica em Territórios extrativistas

A presente dissertação insere-se no campo da antropologia ambiental e dos estudos sobre povos e comunidades tradicionais, abordando as complexas dinâmicas socioculturais que caracterizam os territórios extrativistas amazônicos contemporâneos. O trabalho parte de uma constatação empírica de base etnográfica fundamental: a existência de uma tensão estrutural entre os modos de vida tradicionais das populações extrativistas e as pressões impostas pela modernidade capitalista, configurando um cenário de transformações aceleradas que colocam em questão a própria continuidade desses grupos sociais enquanto sujeitos coletivos diferenciados.

O documento que abre esta reflexão, elaborado pelo CNS¹ e dirigido ao Presidente da República Lula da Silva em 2022, constitui mais do que um apelo político: representa uma etnografia nativa das condições de existência de mais de 80 mil famílias distribuídas em 25 milhões de hectares de Unidades de Conservação na Amazônia brasileira. A parte dessa *carta-manifesto*² que selecionei revela, em linguagem direta e contundente, as contradições fundamentais que atravessam a experiência contemporânea dos povos da floresta:

[...] Há uma luta histórica pela consolidação dos territórios coletivos na Amazônia e em outras regiões do Brasil. Áreas estratégicas vêm sendo protegidas por comunidades que prestam um serviço ecossistêmico ao Estado, à sociedade brasileira e ao planeta, recebendo muito pouco em troca. [...] As Resex³ continuam existindo porque nós, moradores, asseguramos que isso aconteça à revelia dos esforços para destruí-las. Mas não cumprem o potencial dos objetivos para os quais foram criadas, frustrando as expectativas dos moradores (CNS, 2022, p. 01).

¹ CNS: Conselho Nacional das Populações Extrativistas (<https://cnsbrasil.org>).

² A íntegra da Carta-manifesto pode ser lida nos Anexos do presente trabalho.

³ As RESEX são áreas protegidas, destinadas à proteção dos meios de vida e cultura de populações tradicionais, especialmente aquelas que dependem do extrativismo para sua subsistência, como a coleta de produtos florestais, pesca artesanal e outras atividades sustentáveis.

Esta declaração evidencia uma questão antropológica central: a produção social de territórios que, embora formalmente reconhecidos pelo Estado brasileiro, permanecem em uma condição de liminaridade jurídica e política que os torna vulneráveis a múltiplas formas de violência estrutural. As 66 Reservas Extrativistas Federais, 47 estaduais, 19 Reservas de Desenvolvimento Sustentável, 21 Florestas Nacionais e mais de 50 mil famílias em Projetos de Assentamento Extrativista podem constituir assim um universo etnográfico de extraordinária complexidade, onde se articulam questões de territorialidade, identidade, sustentabilidade e resistência cultural.

A problemática que orienta esta investigação emerge da observação de que esses territórios se encontram em um momento crítico de sua trajetória histórica (Nobre, 2018 e 2025). Por um lado, representam conquistas fundamentais dos movimentos sociais amazônicos, materializando décadas de luta pela garantia de direitos territoriais e pelo reconhecimento de modos de vida alternativos ao modelo de desenvolvimento hegemônico. Por outro lado, enfrentam desafios estruturais que ameaçam sua viabilidade a médio e longo prazo: a precariedade das políticas públicas, a pressão econômica exercida pelos baixos preços dos produtos florestais, a migração juvenil para centros urbanos e a intensificação de conflitos territoriais com agentes externos.

O recorte empírico desta pesquisa concentra-se na Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema (doravante chamarei somente de Cazumbá), localizada no município de Sena Madureira, estado do Acre (Fig. 1), região que a antropóloga Anna Tsing (2015) caracterizaria como uma dessas "florestas com história" e "florestas com gente" onde se entrelaçam trajetórias humanas e não-humanas em configurações socioecológicas específicas. A escolha desta reserva como *locus* privilegiado de investigação justifica-se por sua representatividade em relação aos dilemas contemporâneos enfrentados pelas populações extrativistas amazônicas, bem como por sua inserção em um contexto histórico-geográfico que permite compreender as múltiplas temporalidades que convergem na experiência social desses grupos.



Figura 1: A localização do Acre na Amazônia brasileira. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Cazumbá (Fig. 2) constitui um microcosmo etnográfico particularmente revelador das tensões e potencialidades que caracterizam os territórios extrativistas contemporâneos. Criada em um contexto de intensos conflitos fundiários e pressões desenvolvimentistas, essa reserva materializa as contradições inerentes ao modelo de conservação baseado no uso sustentável de recursos naturais por *populações tradicionais*⁴. Sua trajetória histórica reflete os processos mais amplos de transformação social, econômica e ambiental que têm caracterizado a Amazônia nas últimas décadas, desde os ciclos de exploração da borracha até as atuais pressões exercidas pela expansão do agronegócio e pelas mudanças climáticas globais (Brum, 2021).

⁴ Populações tradicionais: São grupos sociais que se constituem para lutar na conquista de territórios e que incorporaram novas identidades coletivas, objetivando assegurar o acesso e o controle dos recursos naturais que tradicionalmente usam

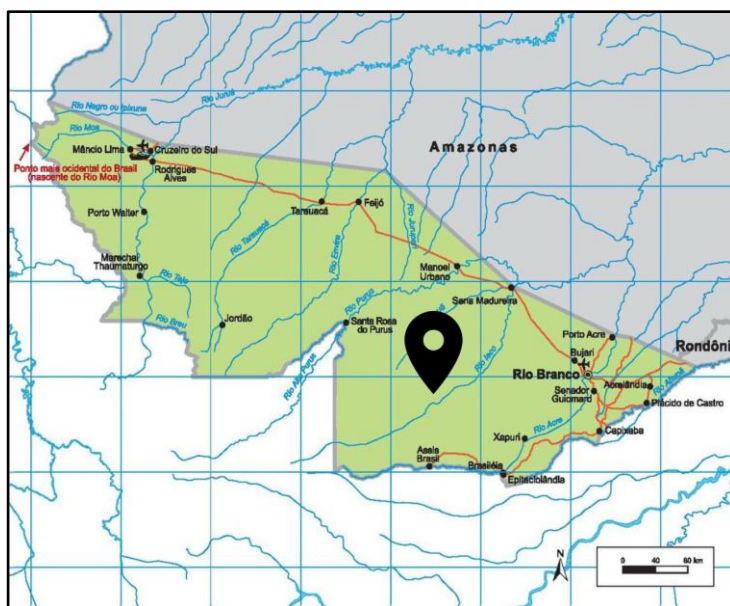


Figura 2: Localização da Reserva Cazumbá-Iracema. Fonte: IBGE.

O estudo dos modos de vida, estratégias de subsistência e perspectivas de futuro dos seringueiros da Cazumbá permite abordar questões antropológicas fundamentais sobre os processos de reprodução social de grupos tradicionais em contextos de mudança acelerada. Como essas comunidades negociam sua identidade cultural diante das transformações impostas pela modernidade? De que forma articulam saberes tradicionais e conhecimentos contemporâneos na elaboração de estratégias de sobrevivência? Que papel desempenham as novas gerações na continuidade ou ruptura dos padrões culturais estabelecidos? Estas questões orientaram a investigação que busca compreender não apenas as dinâmicas internas dessas comunidades, mas também sua inserção em redes mais amplas de relações sociais, econômicas e políticas.

A relevância desta pesquisa situa-se em múltiplas dimensões que articulam contribuições teóricas, metodológicas e políticas para o campo da antropologia e para o

debate mais amplo sobre desenvolvimento sustentável na Amazônia (Homma, 2014). Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para o avanço da antropologia ambiental ao abordar as complexas relações entre territorialidade, identidade e sustentabilidade em contextos de mudança social acelerada. A investigação das estratégias de adaptação elaboradas pelas comunidades extrativistas oferece elementos para compreender os processos de resiliência cultural e as formas de agência exercidas por grupos subalternos diante de pressões estruturais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa experimenta abordagens etnográficas que privilegiam a construção dialógica de conhecimentos, reconhecendo os saberes nativos como formas legítimas de compreensão da realidade social. A minha experiência de "amazonização" constitui uma reflexão sobre os desafios epistemológicos envolvidos na produção de conhecimento antropológico em contextos culturalmente diferenciados, contribuindo para debates contemporâneos sobre descolonização da pesquisa e simetria entre diferentes formas de saber.

Do ponto de vista político, a dissertação oferece subsídios para a formulação de políticas públicas mais adequadas às especificidades das populações extrativistas, evidenciando a urgência de intervenções que promovam a qualificação da educação, a criação de oportunidades profissionais e o fortalecimento da participação dessas comunidades nos processos decisórios que afetam seus territórios. A pesquisa demonstra que, sem ações concretas nessas direções, as reservas extrativistas correm o risco de se tornarem áreas desabitadas, vulneráveis a invasões e desmatamento, comprometendo tanto a conservação ambiental quanto a justiça social.

A investigação reforça ainda a importância de construir modelos de desenvolvimento que equilibrem crescimento econômico, preservação cultural e conservação ambiental, destacando a floresta como um espaço de vida e de relações simbióticas entre humanos e não-humanos. Nesse sentido, a pesquisa contribui para debates contemporâneos sobre alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico, oferecendo elementos empíricos

para pensar formas de organização social baseadas em princípios de reciprocidade, sustentabilidade e respeito à diversidade cultural.

1.2. Hipóteses de Trabalho e Objetivos de Pesquisa

A investigação desenvolvida nesta dissertação orienta-se por quatro hipóteses que emergiram da observação etnográfica e do diálogo com a literatura especializada. A primeira hipótese refere-se à inadequação dos mecanismos de mercado para garantir a reprodução social das comunidades extrativistas: os baixos preços oferecidos pelos produtos da floresta (borracha, castanha, açaí, farinha) não são suficientes para assegurar a qualidade de vida desejada, mobilizando os seringueiros e suas famílias na busca por estratégias alternativas de geração de renda, que incluem desde a criação de gado até a participação em mercados emergentes como o de créditos de carbono.

A segunda hipótese diz respeito à vulnerabilidade política dessas comunidades: a dependência de recursos do poder público, apresenta riscos significativos para a continuidade dos projetos comunitários, pela falta de continuidade das políticas públicas e da marginalização histórica dessas populações nos processos decisórios.

A terceira hipótese aborda a questão geracional: a próxima geração de filhos de seringueiros sinaliza uma crescente disposição para migrar para centros urbanos, colocando em questão a continuidade dos modos de vida tradicionais e a própria viabilidade demográfica dessas comunidades a longo prazo.

A quarta hipótese refere-se à necessidade de diversificação das estratégias de subsistência: para que a Cazumbá se mantenha habitada nos próximos anos, torna-se fundamental a elaboração de novas formas de sustento que articulem a preservação dos saberes tradicionais com a incorporação de tecnologias e conhecimentos contemporâneos.

Essas hipóteses convergem para a questão central desta pesquisa: como a Cazumbá está negociando sua identidade e práticas tradicionais diante dos desafios contemporâneos,

e que caminhos podem ser traçados para garantir um futuro sustentável que integre desenvolvimento socioeconômico, preservação cultural e conservação ambiental? Esta pergunta implica o reconhecimento de que as comunidades extrativistas não são entidades estáticas, mas grupos sociais dinâmicos que elaboram respostas criativas aos desafios impostos por contextos em transformação.

Posto isso, cabe aqui relembrar os objetivos geral e específicos que este trabalho se propôs a investigar: Compreender as diferentes ameaças ambientais, políticas, de invasores e da não permanência das gerações futuras, que oportunidades e constrangimentos se configuram num futuro próximo para a Cazumbá, como objetivo geral. E os objetivos específicos: 1. Analisar as formas de sustentação das comunidades de seringueiros e como estes pretendem construir o seu futuro; 2. Investigar o que ambicionam os filhos dos seringueiros, seus projetos de vida e se incorporaram, no seu imaginário, que as cidades são melhores para viver e 3. Perceber as eventuais consequências para a Cazumbá, caso os jovens optem por viver fora.

2. Enquadramento Teórico: Diálogos Interdisciplinares na Antropologia Ambiental

O enquadramento teórico-conceitual desta dissertação articula contribuições de diferentes campos disciplinares, privilegiando abordagens que permitem compreender as complexas relações entre sociedade, cultura e ambiente que caracterizam os territórios extrativistas amazônicos. O diálogo estabelecido com antropólogos e outros autores, reflete a necessidade de construir um arcabouço conceitual capaz de dar conta da multidimensionalidade dos fenômenos estudados.

A perspectiva de Philippe Descola (2021) sobre as relações de simbiose e mutualismo entre humanos e não-humanos oferece ferramentas conceituais fundamentais para compreender os modos de vida dos seringueiros da Cazumbá. Sua crítica à separação moderna entre natureza e cultura permite abordar essas comunidades a partir de uma perspectiva que reconhece a agência dos seres não-humanos e a importância das relações ecológicas na estruturação da vida social. Essa abordagem é complementada pelas contribuições de Tim Ingold (2022) sobre o "habitar o ambiente", conceito que permite compreender como os conhecimentos tradicionais emergem da experiência prática e da interação cotidiana com o meio ambiente.

As reflexões de Marshall Sahlins (1972) sobre reciprocidade e interdependência fornecem elementos para analisar as formas de organização social que caracterizam essas comunidades, enquanto a perspectiva da *Deep Ecology* de Arne Naess (2005) oferece um horizonte ético e político para pensar alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico. As contribuições de Mary Allegretti (2002) sobre a defesa ambiental e o uso sustentável de recursos naturais permitem situar historicamente as lutas dos povos da floresta, enquanto Anna Tsing (2015) oferece ferramentas conceituais para compreender os processos de precariedade e sobrevivência que caracterizam a experiência contemporânea desses grupos.

A compreensão antropológica da Cazumbá exige o reconhecimento de que a Amazônia constitui um espaço social historicamente habitado, onde se entrelaçam múltiplas temporalidades e formas de ocupação territorial (Roosevelt, 1996).

Contrariamente às representações coloniais que a concebiam como um "vazio demográfico" ou uma "natureza intocada", as evidências arqueológicas, linguísticas e etno-históricas demonstram que a região abriga uma presença humana contínua há pelo menos 11.200 anos, conforme revelam os estudos realizados na Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre, Pará (Roosevelt, 1996). Essa profundidade temporal da ocupação humana amazônica (Fig.3) constitui um elemento fundamental para a compreensão antropológica dos territórios extrativistas contemporâneos. As estimativas demográficas pré-colombianas, que situam a população amazônica entre um milhão e dez milhões de pessoas (Mann, 2005), evidenciam a existência de complexos sistemas sociais que desenvolveram formas sofisticadas de manejo ambiental e organização territorial. Esses sistemas foram drasticamente impactados pelos processos de colonização europeia, mas deixaram marcas duradouras na paisagem e nos saberes das populações que posteriormente ocuparam a região.



Figura 3: O LIDAR, Light Detection and Ranging comprova que a Amazônia é habitada há milhares de anos. Fonte: Revista Science/2024 e Revista Fapesp/27/maio/2025)

A configuração demográfica contemporânea da *Amazônia Legal*⁵, que abriga cerca de 28 milhões de habitantes, dos quais 8,7 milhões vivem em áreas rurais (IBGE, 2022), reflete processos históricos de reocupação e transformação territorial, que envolveu processos de encontro, conflito e síntese entre diferentes grupos sociais, cada um portador de conhecimentos, práticas e cosmologias específicas.

A perspectiva antropológica adotada nesta dissertação reconhece que os territórios extrativistas contemporâneos são produtos dessas múltiplas temporalidades e encontros culturais. Os seringueiros da Cazumbá não são simplesmente migrantes nordestinos que se adaptaram ao ambiente amazônico, mas constituem um grupo social específico que emergiu da síntese entre tradições culturais diversas - nordestinas, indígenas, ribeirinhas - em um contexto ecológico particular. Essa síntese cultural, que William Balée (1993) caracterizaria como um processo de coevolução entre sociedades humanas e ecossistemas florestais, resulta em formas específicas de conhecimento, organização social e manejo ambiental que não podem ser compreendidas sem referência a essa profundidade histórica.

A formação histórica do estado do Acre oferece um caso paradigmático para compreender os processos de territorialização que caracterizam a Amazônia contemporânea (Almeida, 2004). Originalmente território boliviano, a região tornou-se objeto de disputa internacional devido à riqueza de seus seringais nativos, atraindo migrantes brasileiros, bolivianos e peruanos em um contexto de expansão da economia mundial da borracha. Os conflitos resultantes entre seringueiros brasileiros e o governo boliviano, que impunha altos impostos sobre a extração, culminaram na Proclamação da República Independente do Acre (1899) e na posterior incorporação ao Brasil através do Tratado de Petrópolis (1903).

⁵ Criada em 1953, a Amazônia Legal é uma região brasileira de aproximadamente 5 milhões km², composta por 9 estados: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso (parte norte), Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. Seu objetivo é promover o desenvolvimento social e econômico.

Esse processo de territorialização evidencia como a ocupação territorial na Amazônia esteve historicamente vinculada à exploração de recursos naturais, criando formas de organização social e espacial adaptadas às características ecológicas regionais. Em segundo lugar, demonstra como esses processos de territorialização envolveram desde o início múltiplos atores sociais - populações locais, migrantes, Estados nacionais, empresas internacionais - cujos interesses nem sempre convergiam, gerando conflitos que se perpetuam até o presente (Little, 2002).

A economia da borracha que se desenvolveu no Acre durante o final do século XIX e início do XX criou um sistema social específico baseado no *aviamento*⁶, que estabeleceu padrões de ocupação territorial e manejo ambiental que influenciaram a formação cultural dos grupos extrativistas. O conhecimento íntimo da floresta, as técnicas de extração sustentável, as formas de organização do trabalho e os padrões de sociabilidade que caracterizam as comunidades extrativistas contemporâneas tem suas raízes nesse período formativo (Almeida, 2004).

A migração de nordestinos para a Amazônia, intensificada durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e conhecida como o movimento dos "soldados da borracha", constitui um processo fundamental para compreender a formação social dos grupos extrativistas (Fig. 4 e 5) (Santos, 2002). Motivados por incentivos governamentais e pela perspectiva de escapar da extrema pobreza, esses migrantes se viram diante da necessidade de adaptar-se a um ambiente ecológico e cultural radicalmente diferente daquele de origem. Essa adaptação envolveu complexas negociações com os saberes indígenas e ribeirinhos preexistentes, resultando na emergência de uma identidade cultural singular que fusiona tradições nordestinas com realidades amazônicas.

⁶ Relações de comércio entre o patrão e o seringueiro, onde o patrão estabelecia, tanto o preço dos produtos que o seringueiro comprava, quanto o preço da borracha que o seringueiro vendia, em uma relação onde o seringueiro estava sempre em dívida com o patrão.



Figura 5: O transporte da borracha (I), iniciado em 1879. Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinho.



Figura 4: O transporte da borracha (II) Fonte: Arquivo pessoal de Nenzinho.

O declínio da economia da borracha, a partir da década de 1890, teve impactos profundos sobre as comunidades extrativistas (Weinstein, 1993). O colapso dos preços internacionais da borracha natural levou à marginalização econômica dessas populações e à desarticulação parcial dos sistemas sociais que haviam se desenvolvido em torno dessa atividade (Weinstein, 1993). Essa marginalização criou as condições para os conflitos fundiários que caracterizaram as décadas seguintes, quando os seringais foram vendidos para empresas agropecuárias interessadas na conversão de áreas florestais em pastagens (Diegues, 1999).

A partir de 1967, a implementação de políticas desenvolvimentistas pela ditadura empresarial-militar brasileira transformou o contexto social e ambiental da Amazônia (Brum, 2021). O modelo baseado em incentivos fiscais para atrair investidores do Centro-Sul do país promoveu a conversão de seringais em fazendas agropecuárias, processo que os movimentos sociais locais denominaram criticamente de "*bovinização*"⁷ da Amazônia (Portela, 2009). Essas políticas, que visavam integrar a região à economia nacional através da expansão da fronteira agropastoril, resultaram na expulsão violenta de comunidades tradicionais e na destruição de extensas áreas florestais.

A resistência organizada pelos seringueiros a esse processo de expropriação territorial constitui um momento fundamental na história dos movimentos sociais amazônicos e oferece elementos cruciais para compreender as formas contemporâneas de organização política das populações extrativistas. Com apoio da Igreja Católica e das *Comunidades Eclesiais de Base*⁸, os seringueiros criaram os primeiros Sindicatos de Trabalhadores Rurais em 1975 (Allegretti, 2008), estabelecendo as bases organizacionais para a resistência coletiva.

A estratégia dos "*empates*"⁹, iniciada em 1976, representa uma inovação política de extraordinária importância para a compreensão das formas de ação coletiva desenvolvidas pelos povos da floresta, transcende a dimensão meramente instrumental da luta política para assumir características rituais e simbólicas que expressam uma cosmologia específica sobre as relações entre humanos e não-humanos (Allegretti, 2008).

⁷ Bovinização: Eliminação dos seringais e da economia da borracha, deslocamento das populações extrativistas e abandono das práticas sustentáveis de manejo florestal, convertendo grandes áreas florestais em pastagens.

⁸ As CEBs surgiram na década de 1960 no Brasil, influenciadas pelo contexto político e pelo Vaticano II, buscando renovar a Igreja. São comunidades territoriais, colegiadas, centradas na Bíblia e na vivência comunitária, com forte ênfase na relação fé-vida e na ação social. Foram fundamentais para a formação de lideranças sociais e religiosas, e continuam atuantes, contribuindo para movimentos sociais e a ética na sociedade.

⁹ Tática de resistência, que consistia em impedir fisicamente o desmatamento através da interposição dos corpos dos manifestantes entre os motosserras e as árvores.

Do ponto de vista antropológico, os empates podem ser interpretados como uma forma de ação coletiva que articula elementos tradicionais da cultura extrativista com repertórios modernos de mobilização política (Allegretti, 2008). A utilização do corpo como instrumento de resistência evoca práticas ancestrais de proteção territorial, ao mesmo tempo em que se insere em tradições contemporâneas de ação política não-violenta. Essa síntese entre tradição e modernidade reflete a capacidade dos movimentos sociais amazônicos de elaborar respostas criativas aos desafios impostos por contextos de transformação acelerada (Allegretti, 2008).

Com os Sindicatos, emerge Francisco "Chico" Mendes (1944-1988) (Fig.6), como uma das principais lideranças desse movimento de resistência, personificando a capacidade dos seringueiros de articular lutas locais com questões de relevância global. Ele representou um momento crucial de politização que introduziu uma perspectiva crítica sobre as relações sociais que caracterizavam o sistema de aviação (Allegretti, 2008) (Fig.7).

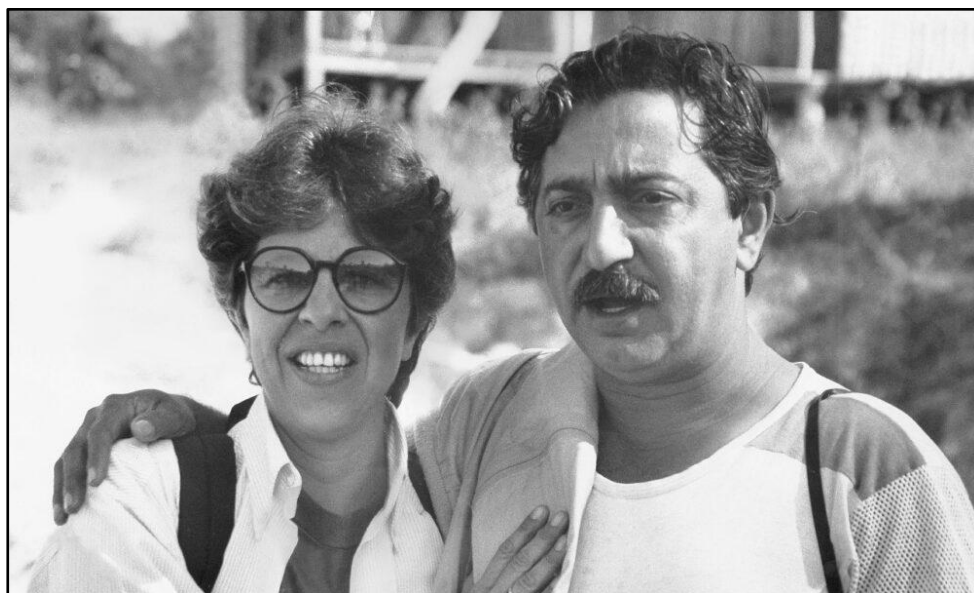


Figura 6: Mary Allegretti e Chico Mendes. Fonte: Arquivo pessoal – dezembro/2023.



Figura 7: Cartaz no alojamento do ICMBio – sede local alusivo à luta de Chico Mendes. Fonte: Arquivo pessoal – dezembro/2023.

Sua contribuição mais significativa para o pensamento socioambiental foi a articulação da "União dos Povos da Floresta", uma aliança estratégica entre diferentes grupos tradicionais amazônicos que transcendeu as divisões étnicas e culturais para construir uma identidade política comum baseada na relação compartilhada com o ecossistema florestal. Essa iniciativa, formalizada durante o 1º Encontro Nacional de Seringueiros em 1985, representa um marco na história dos movimentos sociais brasileiros por sua capacidade de articular diversidade cultural com projeto político unificado (Allegretti, 2008).

A criação das reservas extrativistas em 1985, constitui uma das mais importantes inovações conceituais no campo das políticas ambientais brasileiras (Allegretti, 2008). Inspirado no modelo das reservas indígenas, esse modelo territorial articula de forma pioneira as dimensões: social, ambiental e econômica do desenvolvimento sustentável, propondo uma alternativa concreta ao dilema aparente entre conservação ambiental e justiça social. As reservas extrativistas podem ser compreendidas antropologicamente como uma forma de territorialização que reconhece e institucionaliza modos tradicionais de ocupação e uso do espaço, diferentemente das unidades de conservação convencionais que pressupõem a separação entre natureza e cultura. As Resex partem do reconhecimento de que certas formas

de presença humana são não apenas compatíveis com a conservação da biodiversidade, mas fundamentais para sua manutenção.

O assassinato de Chico Mendes em 1988, executado por fazendeiros que se opunham às suas atividades, representa não apenas a eliminação física de uma liderança, mas também uma tentativa de interromper um processo de transformação social e política que ameaçava interesses econômicos consolidados (Allegretti, 2008). A repercussão internacional de sua morte transformou-o em símbolo global da luta pela preservação da Amazônia, evidenciando como eventos locais podem adquirir significados universais quando inseridos em narrativas mais amplas sobre questões de interesse planetário.

A análise antropológica da Cazumbá permite compreender como os modelos territoriais inovadores se materializam em contextos sociais específicos, revelando tanto suas potencialidades quanto seus limites (Almeida, 2004), garantindo seus direitos territoriais e criando condições para a reprodução de seus modos de vida tradicionais. Por outro lado, a implementação efetiva desses direitos enfrenta múltiplos desafios relacionados à precariedade das políticas públicas, às pressões econômicas exercidas pelos baixos preços dos produtos florestais e aos conflitos com agentes externos interessados na exploração predatória dos recursos naturais.

Por outro lado, a compreensão dos modos de vida dos seringueiros da Cazumbá exige o desenvolvimento de ferramentas conceituais capazes de transcender as dicotomias modernas entre natureza e cultura, humanos e não-humanos, sociedade e ambiente. Nesse sentido, as contribuições de Philippe Descola (2021) sobre as relações de simbiose e mutualismo oferecem elementos fundamentais para abordar essas comunidades a partir de uma perspectiva que reconhece a agência dos seres não-humanos e a importância das relações ecológicas na estruturação da vida social.

Descola (2013) enfatiza que as relações simbióticas são comuns em muitas culturas e constituem elementos fundamentais para a compreensão da vida entre múltiplas espécies.

Sua abordagem permite explorar como diferentes culturas e sociedades percebem e se engajam com a natureza e o mundo ao seu redor, evidenciando que as relações entre humanos e não-humanos podem ser concebidas como simbioses que desafiam as categorias tradicionais de separação entre espécies. Essa perspectiva teórica mostra-se particularmente relevante para compreender os modos de vida dos povos da floresta, que desenvolveram formas sofisticadas de coexistência com os ecossistemas amazônicos.

Também a perspectiva teórica de Tim Ingold (2022) sobre o "habitar o ambiente" oferece ferramentas conceituais fundamentais para compreender como os seringueiros da Cazumbá desenvolvem e transmitem seus conhecimentos sobre a floresta. Ingold defende que todas as atividades humanas são moldadas e definidas por linhas de movimento, conexão e relacionamento, sendo a relação entre os seres humanos e seu ambiente marcada por processos de mudança e movimentos contínuos. Para esse antropólogo, o ato de habitar um ambiente envolve não apenas a percepção sensorial do mundo, mas também o envolvimento ativo e participativo nele e com ele.

Essa abordagem teórica mostra-se particularmente relevante para compreender os processos de aprendizado e transmissão de conhecimentos que caracterizam as comunidades extrativistas. Ingold (2022) destaca assim a importância de uma abordagem sensível e imersiva que considere a interação entre os seres humanos e o ambiente como uma experiência enraizada na prática e na ação. O conhecimento sobre o mundo não é algo separado das práticas e experiências cotidianas, mas emerge da interação e da vivência do ambiente no dia a dia.

A ideia de "habitar" é entendida como um modo de ser e de agir no mundo que se manifesta através de práticas e experiências em constante evolução. Essa perspectiva permite compreender como os seringueiros da Cazumbá desenvolveram um conhecimento prático e empírico sobre animais e plantas da região, adquirido através da observação direta e da experiência cotidiana na floresta. Trata-se de um conhecimento essencial para a identificação de espécies, comportamentos, ciclos naturais e técnicas de manejo sustentável que não pode

ser reduzido a informações abstratas, mas constitui uma forma de saber incorporado que emerge da experiência vivida. A abordagem de Tim Ingold sobre a interdependência entre seres humanos, não-humanos e a natureza circundante, conecta-se de maneira significativa com a vivência dos seringueiros da Cazumbá, que reconhecem a importância de manter um equilíbrio harmonioso para garantir a sobrevivência e o bem-estar de todas as espécies que habitam a floresta.

A organização social destas comunidades baseia-se no que Marshall Sahlins (1972) identificou como fundamentais para a compreensão das sociedades tradicionais. No livro "*Economia da Idade da Pedra*" (1972), Sahlins argumenta que as relações e trocas entre parentescos são fundamentais para a compreensão das sociedades antigas, destacando a importância da reciprocidade nas transações econômicas e sociais e enfatizando que a troca de bens e serviços entre parentes e amigos é caracterizada por um forte senso de obrigação e generosidade. O autor discute diferentes tipos de reciprocidade, como a reciprocidade geral (baseada em relações íntimas de parentesco e amizade) e a reciprocidade equilibrada (que envolve a preocupação com a equivalência e a pontualidade na troca). Suas ideias contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e econômicas nas sociedades tradicionais, oferecendo ferramentas conceituais para analisar as formas de organização social que caracterizam as comunidades extrativistas.

Anna Tsing (2015) também aborda o tema da colaboração, definindo-a como "o trabalho que atravessa as diferenças" (p.74). Para ela, "a sobrevivência colaborativa exige coordenação entre as espécies" (p.229), perspectiva que se mostra particularmente relevante para compreender as relações que os moradores da Cazumbá estabelecem com os múltiplos seres que habitam a floresta. Por outro lado, as alterações ambientais observadas nas últimas décadas aumentaram de maneira inédita a desigualdade entre as classes sociais, separando ainda mais ricos e pobres (PNUD, 2011) e colocando no centro dessa crise o ser humano como animal cultural que transformou radicalmente a face do planeta através de sua relação com o ambiente natural. Vivemos uma crise civilizatória de natureza ecológica, econômica, social,

política e educacional cujas incalculáveis e imprevisíveis consequências põem em risco a sobrevivência humana. Tais crises são expressões de processos complexos provocados por um paradigma civilizatório baseado na ganância, no individualismo, no paternalismo, no consumo desenfreado de recursos materiais, na depredação de bens naturais, na violência, no autoritarismo e na marginalização social (Moraes & Almeida, 2010). Nesse contexto, a sustentabilidade representa um caminho alternativo ao modelo capitalista dominante, um novo sistema mundial centrado em uma consciência ecológica profunda e no respeito à vida, conduzindo ao surgimento de um novo paradigma: a ecologia profunda (Deep Ecology).

O movimento do desenvolvimento sustentável compreende três compromissos básicos: manter o desenvolvimento e o crescimento econômico, evoluir para uma sociedade mais igualitária e justa, além de respeitar os limites naturais do meio ambiente. Este último tem sido explorado de forma irresponsável, resultando em exaustão de recursos naturais, ameaças de extinção de espécies, alterações na atmosfera e nos oceanos, aquecimento global, mudanças climáticas e desertificação. A Ecologia surge como ciência em torno de uma noção central: o ecossistema. Representa a união entre o conhecimento científico e a tomada de consciência geral sobre as degradações do meio ambiente que afetam a produção de alimentos, os recursos disponíveis, a saúde e o próprio psiquismo humano. Esse movimento levou a uma consciência ecológica mais abrangente (Morin, 1996).

Com essa visão do ser humano em simbiose com seu ambiente, a Ecologia acabou interagindo com a Antropologia, ressuscitando o diálogo e a confrontação entre humano e natureza, colaborando com a construção de uma nova cultura ambientalmente responsável. Essa convergência disciplinar mostra-se particularmente relevante para compreender as experiências das comunidades extrativistas, que desenvolveram historicamente formas de organização social baseadas em princípios de sustentabilidade e respeito aos ciclos naturais.

O ambientalista norueguês Arne Naess, um dos criadores do termo Deep Ecology, defende um aprofundamento do movimento do desenvolvimento sustentável, questionando políticas econômicas e modos de produção e consumo humanos. Para Naess (2005, p. 9), "é

essencial que a conservação seja vista como central para os interesses e aspirações humanas". Sua perspectiva filosófica estabelece que a Terra não pertence aos seres humanos, que não têm o direito de reduzir a riqueza e diversidade de formas de vida, exceto para satisfazer necessidades vitais.

Os princípios da Deep Ecology propostos por Naess incluem várias diretrizes que se mostram particularmente relevantes para compreender os modos de vida das comunidades extrativistas. A redução populacional deve ter alta prioridade, reconhecendo que a interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva. Os processos ecológicos no planeta devem, em sua totalidade, permanecer intactos, sendo a complexidade e a simbiose condições para maximizar a diversidade. É urgente combater as causas profundas da poluição, não apenas os efeitos superficiais e de curto prazo.

A educação deve se concentrar em uma sensibilidade aumentada aos bens não consumíveis e consumíveis, dos quais temos o suficiente para todos, desde que sejam adotadas políticas ecológicas sãs. "Nenhum objeto natural é concebido unicamente como um recurso" (Naess, 2005, p.7). Essa perspectiva contrasta radicalmente com as lógicas de mercantilização da natureza que caracterizam o modelo de desenvolvimento hegemônico, oferecendo elementos para pensar alternativas baseadas no reconhecimento do valor intrínseco dos seres não-humanos.

A luta para preservar e ampliar áreas selvagens ou quase selvagens deve continuar e deve se concentrar nas funções ecológicas gerais dessas áreas. Uma dessas funções é que grandes áreas selvagens são necessárias na biosfera para permitir a especiação evolutiva contínua de animais e plantas (Fig. 8). A maioria das áreas atualmente designadas como áreas selvagens e reservas de caça não são grandes o suficiente para permitir tal especiação. "A natureza sabe melhor" (Naess, 2005, p. 5). Essa perspectiva da Deep Ecology oferece elementos teóricos fundamentais para compreender a importância das reservas extrativistas como modelos alternativos de conservação que articulam presença humana com preservação ambiental.

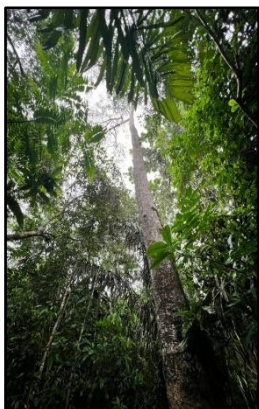


Figura 8: A seringueira (*Hevea brasiliensis* L.) no meio da floresta. Fonte: Arquivo pessoal, janeiro/2025.

3. Opções Metodológicas: Etnografia e Produção de Conhecimento Situado

A abordagem metodológica qualitativa adotada nesta pesquisa fundamenta-se na compreensão da etnografia e do seu método como forma privilegiada de produção de conhecimento antropológico, reconhecendo que o trabalho de campo constitui um processo dialógico de construção de saberes que emerge do encontro entre diferentes perspectivas sobre a realidade social (Hammersley & Atkinson, 2019). Essa abordagem metodológica inspira-se na tradição antropológica que valoriza a experiência vivida como fonte de conhecimento, seguindo a perspectiva de autores como Tim Ingold sobre a importância do "habitar" como forma de compreensão das relações entre humanos e não-humanos.

As duas imersões etnográficas realizadas em novembro de 2023 e janeiro de 2025 permitiram uma observação imersiva das transformações em curso na Cazumbá, possibilitando captar não apenas as dinâmicas sincrônicas que caracterizam a vida comunitária, mas também os processos diacrônicos de mudança social que se desenvolvem em temporalidades mais amplas. O intervalo de aproximadamente um ano entre as duas incursões de campo mostrou-se fundamental para observar a evolução de processos sociais específicos e aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas temporais que caracterizam essas comunidades.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores da Cazumbá foram complementadas por observação participante nas atividades cotidianas, assembleias comunitárias e práticas extrativistas. Essa metodologia permitiu captar os discursos explícitos sobre as transformações em curso, as práticas, gestos e silêncios que revelam dimensões menos evidentes da experiência social. O contato remoto mantido com diversos moradores durante o período entre as duas imersões etnográficas possibilitou acompanhar a evolução de processos sociais específicos e manter o diálogo com os interlocutores de pesquisa.

A abordagem metodológica adotada reconhece a importância dos saberes nativos como formas legítimas de compreensão da realidade social, buscando estabelecer relações de reciprocidade cognitiva que transcendam as hierarquias tradicionais entre conhecimento científico e conhecimento tradicional. Essa perspectiva alinha-se com debates contemporâneos sobre descolonização da pesquisa e simetria entre diferentes formas de saber, reconhecendo que as comunidades estudadas são produtoras de conhecimento e não apenas objetos de investigação (Dupuis, Puertas & Intriago, 2024).

A análise dos dados coletados durante o trabalho de campo através de uma análise temática de conteúdo (Bernard, 2017) foi complementada por uma extensa revisão bibliográfica que dialogou com contribuições de diferentes campos disciplinares, privilegiando abordagens que permitem compreender as complexas relações entre sociedade, cultura e ambiente. Essa triangulação e diálogo interdisciplinar mostrou-se fundamental para desenvolver um arcabouço conceitual capaz de dar conta da multidimensionalidade dos fenômenos estudados, articulando perspectivas da antropologia ambiental, dos estudos sobre povos tradicionais, da ecologia política e da filosofia ambiental.

Durante os dois anos de pesquisa, foram igualmente consultados inúmeros autores e veículos de imprensa, plataformas e redes sociais para proporcionar maior contextualização e atualidade ao trabalho, reconhecendo que temas como: Amazônia, alterações climáticas, devastação florestal, queimadas, secas, invasões de terras e garimpo frequentam

assiduamente as mídias contemporâneas e influenciam as percepções públicas sobre essas questões.

3.1. Caracterização da Área de Estudo: A Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema

A criação da Cazumbá (Fig. 9), em 2002, insere-se no contexto mais amplo de reconhecimento de direitos territoriais das populações extrativistas tal como mencionado na secção do enquadramento teórico-conceptual. Localizada no município de Sena Madureira, no estado do Acre, essa reserva abriga aproximadamente 470 famílias distribuídas em 13 núcleos comunitários, em uma área de 750.795 hectares, constituindo um universo social de extraordinária complexidade onde se articulam questões de territorialidade, identidade, sustentabilidade e organização política.



Figura 9: Painel na entrada da reserva. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

O trabalho de campo foi realizado em duas fases: dezembro de 2023 e janeiro de 2024, permitindo-me compreender que os habitantes da Cazumbá preservam o ambiente onde habitam e utilizam exclusivamente os recursos que colhem na mata ou que cultivam em seus

roçados para autoconsumo alimentar. A diversidade de *espécies manejadas*¹⁰ evidencia um conhecimento sofisticado sobre a biodiversidade local e suas potencialidades alimentares e medicinais. Essa prática de manejo diversificado reflete uma compreensão ecológica que reconhece a importância da manutenção da diversidade biológica para a estabilidade dos sistemas produtivos. Os seringueiros adquirem “na cidade” apenas aquilo que não conseguem produzir localmente - azeite, açúcar, combustível para embarcações, armas, ferramentas e utensílios (Fig. 10) - demonstrando um grau elevado de autonomia alimentar e uma inserção seletiva nos circuitos mercantis regionais, o que constitui um elemento fundamental para a compreensão das estratégias de resistência cultural desenvolvidas por essas comunidades.



Figura 10: Os produtos comprados na cidade. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

Importante ressaltar a “aberração” que constatei na escola: a Secretaria de Educação de Sena Madureira, responsável por comprar os alimentos para as crianças que estudam na Cazumbá, envia alimentos enlatados, como almondegas e seleta de legumes (Fig. 11), além de

¹⁰ Das quais se podem destacar: açaí, araçá, araticum, babaçu, bacaba, bacuri, biribá, buriti, buritirana, cacau, caju, camu-camu, cupuaçu, graviola, jambo, jenipapo, mamorana, mangaba, murici, pequi, pitanga, pupunha, sapota, taperebá, umbu, uxi, banana, milho e mandioca, entre outras.

biscoitos, em vez de adquirir alimentos saudáveis que são produzidos na Cazumbá. Isso já provocou protestos dos pais dos estudantes, mas nada havia sido alterado até o momento em que estive lá.



Figura 11: Enlatados que a Secretaria de Educação envia à escola local da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).

Por outro lado, a prática constante de plantio de árvores observada durante o trabalho de campo é exemplo das relações simbióticas que caracterizam o modo de vida na Cazumbá. Durante as caminhadas realizadas com Nenzinho (um dos meus principais interlocutores e principal liderança local), foi possível observar que muitas das grandes árvores encontradas pelo caminho haviam sido plantadas por ele ao longo de décadas, além da existência de um viveiro de mudas, evidenciando uma perspectiva temporal de longo prazo que contrasta radicalmente com as lógicas de exploração predatória que caracterizam outros modelos de ocupação territorial. Essa prática de enriquecimento florestal reflete uma compreensão sofisticada dos processos ecológicos que William Balée (1993) caracteriza como florestas antropogênicas. Segundo essa perspectiva, a biodiversidade amazônica é em grande medida produto das práticas de agricultura itinerante de coivara orientadas pelo jogo entre ocupar espaços de vegetação madura, que são derrubados, queimados e resfriados pelas chuvas, para então serem ocupados com distintos cultivares que se entrelaçam formando roçados hiper diversos (Diegues, 1999). Ao final das colheitas, esses roçados deixam de ser cuidados pelos

humanos e passam a ser gradualmente retomados pela floresta e seus habitantes, resultando em paisagens que combinam elementos "naturais" e "culturais" de forma indissociável.

As vivências e interações observadas durante o trabalho de campo - na coleta de alimentos, na pesca ou no manejo de atividades agrárias e florestais - demonstram uma familiaridade, cuidado e profundo respeito com a fauna e a flora locais, o que reflete o reconhecimento de sua importância para a manutenção do ecossistema e para a sustentabilidade das práticas de subsistência. Essa valorização da diversidade biológica e a promoção da conservação e preservação da vida selvagem constituem saberes aprendidos com os antepassados, que por sua vez os aprenderam com os indígenas, evidenciando a continuidade de tradições de conhecimento que atravessam gerações e grupos culturais distintos. Uma prática que vi acontecer e ilustra essa interdependência é a divisão dos custos de combustível para transportar castanhas e famílias até a "cidade". Esse compartilhamento de recursos reflete uma lógica econômica baseada na reciprocidade e na cooperação que contrasta com os princípios individualistas que caracterizam a economia de mercado.

A vida comunitária na Cazumbá é essencial para a subsistência de seus habitantes, pelo afastamento dos centros urbanos e também pelas múltiplas dificuldades que enfrentam.



Como por exemplo a inexistência de médicos na Cazumbá. O hospital mais próximo localiza-se a 3 horas de barco, e o único Posto de Saúde existente no local (Fig. 12) só abre três vezes por ano.

Figura 12: O posto médico que só abre três vezes por ano na Cazumbá. Fonte: arquivo pessoal (dezembro/2023).

Através da observação etnográfica percebi também que as casas na Cazumbá são distantes umas das outras, porque os seringueiros preservam a sua privacidade. Como explica Mary Allegretti em comunicação pessoal:

A floresta é cheia de gente. É ocupada. Só que não é densa, porque os recursos são extraídos da natureza. Se juntar muita gente dentro da floresta, não tem recursos para todo mundo. Por isso as famílias vivem distantes umas das outras.

Essa observação evidencia uma compreensão ecológica sofisticada sobre a capacidade de suporte dos ecossistemas florestais e a necessidade de adequar a densidade populacional às disponibilidades de recursos naturais. O padrão de ocupação dispersa não reflete o isolamento social, mas constitui uma estratégia adaptativa que permite a manutenção de modos de vida baseados na extração sustentável de recursos florestais. Para se perceber melhor este padrão invoco aqui um depoimento de Francisca Feitosa Gadelha, (Fig. 13) de 52 anos, viúva e mãe de dez filhos que ilustra esse pensamento dos seringueiros. Todos os seus filhos moram próximos e residem no núcleo Bom Futuro, distante duas horas do núcleo central da Cazumbá, acessível através de trilhas percorridas a pé, a cavalo ou de quadriciclo (que usamos).

Eu gosto muito da mata, porque a minha descendência é de índio. Eu nasci e me criei na reserva, minha avó era índia, a minha bisavó foi pegada dentro do rio Chandless. Minha avó dizia que era da tribo Montinelli. Eu sou apaixonada pelas florestas, pela mata. Eu gosto muito de observar a mata. E os filhos, é, deram isso de gostar da mata. Eu gosto muito de andar. Levo quatro horas a pé pra ir na missa. já estou acostumada, eu não acho assim tão difícil. Porque realmente a gente, nós seres humanos, muitas vezes nós só damos valor às coisas que quando realmente a gente luta. Eu acredito que nenhum dos meus filhos tem aquele pensamento de sair e ir embora para outro canto. Todo mundo já casou, todo mundo já tem as casas aí nesse ramal¹¹.



Figura 13: Francisca, esperando os moradores para a eleição Fonte: Arquivo Pessoal (janeiro/2025).

Este depoimento revela também múltiplas dimensões da experiência social dos seringueiros que merecem uma análise antropológica mais aprofundada. Evidencia a importância da ancestralidade indígena na construção da identidade cultural dessas comunidades, demonstrando como a memória genealógica serve como fonte de legitimação da relação especial com a floresta. Expressa uma forma específica de conhecimento e apreciação estética da natureza que emerge da experiência vivida e da observação cotidiana.

¹¹ Trilha, caminho secundário aberto na floresta que se ramifica a partir de uma estrada principal, geralmente de terra batida, conectam o barracão central aos locais de extração do látex.

Articula elementos da cosmologia cristã com práticas e saberes tradicionais, evidenciando os processos de síntese cultural que caracterizam essas comunidades.

3.1.1. A Sazonalidade e as Implicações Epistemológicas da Distância

A materialidade do acesso à Cazumbá é profundamente moldada pelas injunções climáticas e geográficas da Amazônia acreana, impondo não apenas desafios logísticos (Fig. 14), mas também reflexões metodológicas substantivas à prática etnográfica. O regime equatorial, com sua alternância entre um período de intensas chuvas – de dezembro a março – e uma estação de estiagem – de junho a setembro –, dita os ritmos da vida local. Durante a estação chuvosa, quando os rios Caeté e Macauã se avolumam, a navegação fluvial em *voadeiras*¹² emerge como a via quase exclusiva de penetração no território. Em contrapartida,

o período de estiagem, com a redução do volume dos rios, permite o acesso terrestre através de *ramais*, como o 16 (30 km) e o do Narcélio (126 km) (Fig. 15).

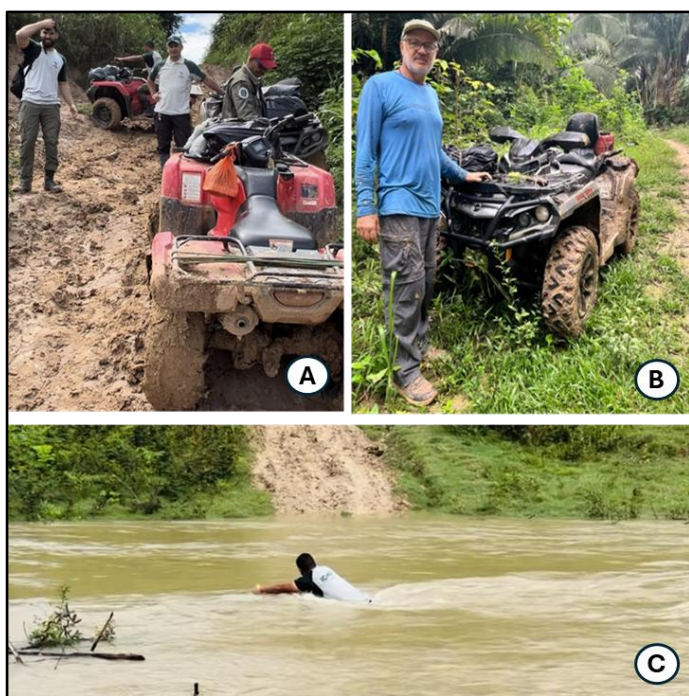


Figura 14: A) Trilhas da Cazumbá. B) Locomoção em quadriciclos e C) Ponte que desapareceu. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

¹² Canoas estreitas motorizadas.



Figura 15: O Rio Iaco, transporte seguro para a Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

Tais condicionantes de acesso transcendem a mera esfera operacional da pesquisa, influenciando o cronograma e as estratégias de campo. Mais profundamente, elas se imiscuem na própria experiência etnográfica, propiciando uma apreensão corporificada e visceral do isolamento geográfico – uma categoria que se revelaria central tanto na vida cotidiana dos moradores quanto na análise antropológica subsequente. As dificuldades de deslocamento, que isolam comunidades, restringem o contato com centros urbanos e transformam viagens em verdadeiras jornadas, são constitutivas da experiência de "estar lá".

Minha própria trajetória, como pesquisador, desde Lisboa até o coração da Cazumbá, ilustra essa complexidade logística: Lisboa-São Paulo, (10h05min de voo); São Paulo-Brasília, (1h45min de voo); Brasília-Rio Branco, (3h20min de voo), seguido por um trecho terrestre de Rio Branco a Sena Madureira (2 horas), culminando na navegação fluvial (2-3 horas) (Fig. 15). Essa dificuldade de acesso converteu-se em um dado etnográfico primordial. Ofereceu uma compreensão vivencial das condições de isolamento que permeiam a existência na reserva, uma dimensão que ressoou fortemente nas narrativas dos interlocutores e se consolidou como uma categoria analítica fundamental para esta investigação.

3.1.2. As Configurações Socioespaciais e a Toponímia

A Cazumbá estrutura-se através de uma organização territorial distribuída por treze núcleos de base, que abrigam aproximadamente 470 unidades familiares. Com uma média de cinco membros por família, a população total estimada alcança cerca de 2.350 habitantes (IBGE, 2022). A *demografia interna*¹³ da Cazumbá, contudo, não é homogênea. As distâncias entre os núcleos são consideráveis e o acesso entre eles apresenta dificuldades significativas, sendo possível apenas por via fluvial em alguns casos, a pé ou a cavalo em outros, e raramente por veículos motorizados.

Diante de tal configuração socioespacial, a estratégia etnográfica adotada implicou uma concentração da pesquisa em três núcleos de base selecionados: *Cazumbá*, o núcleo principal e centro administrativo; *Bom Futuro* (deslocamento de duas horas em quadriciclo); e *Seguro*, uma hora e meia de barco a motor). Esta amostragem por conveniência, foi concebida para prover acesso a uma diversidade de contextos socioespaciais no interior da Cazumbá. Tal diversidade permitiu a apreensão tanto de padrões recorrentes quanto de especificidades locais, enriquecendo a análise comparativa.

Neste ponto, emerge uma dimensão analítica particularmente reveladora: os nomes atribuídos a esses lugares – como "Redenção", "Irmãos", "Tiozinho", "Bom Futuro", "Esperança", "Seguro", "Cuidado" – transcendem sua função meramente designativa. Quando analisados em conjunto, eles configuram um sistema simbólico denso e coerente, que não apenas reflete, mas ativamente orienta e expressa a experiência seringueira em sua historicidade e em suas projeções. Esses topônimos articulam uma identidade coletiva forjada na esteira de lutas históricas ("Redenção"), alicerçada nos laços de solidariedade e parentesco

¹³ Distribuição populacional entre os núcleos: Cazumbá (80 famílias), Seguro (52 famílias), Guarani (51 famílias), Cuidado (41 famílias), Irmãos (32 famílias), Redenção (30 famílias), Alto Caeté (28 famílias), Esperança (26 famílias), Tiozinho (25 famílias), Iracema (24 famílias), Doca (20 famílias), Cachoeira (18 famílias) e Jacareúba (17 famílias).

("Irmãos", "Tiozinho"), e impulsionada por um horizonte de futuro desejado ("Bom Futuro", "Esperança"). Simultaneamente, eles enunciam uma consciência das vulnerabilidades inerentes à vida na floresta e da premente necessidade de proteção, vigilância e cuidado mútuo ("Seguro", "Cuidado"). Portanto, esses nomes são declarações performativas sobre valores éticos, anseios coletivos, temores existenciais e, em última instância, sobre a própria condição humana tal como vivida e significada naquele particular contexto socioambiental. Funcionam como testemunhos eloquentes da capacidade humana de inscrever sentido no mundo, de territorializar a existência e de cultivar a esperança mesmo diante de circunstâncias adversas, transformando a floresta – tantas vezes percebida de fora como espaço selvagem e hostil – em um lar, um território de vida, de memória e de contínua resistência.

3.1.3. Contextos Históricos e Socioculturais Relevantes da Cazumbá

A investigação etnográfica identificou a significativa influência da Igreja Católica na história e formação da Cazumbá, particularmente através do Padre Paulino Baltassari (Fig. 16) e de Adelino da Silva Almeida. Dois depoimentos esclarecem:

A Cazumbá nasceu de um movimento religioso. O padre Paulino pegou as pessoas que não sabiam ler, pegou algumas figuras que sabiam ler um pouquinho e incentivou elas a criar grupos de educação. Ele formava comunidades que se reuniam em torno da palavra de Deus, baseado nas orientações da *Teologia da Libertação*¹⁴. [...] Quando o Adelino saiu da SUCAM, recebeu uma boa indenização. Pegou todo o dinheiro e investiu na Cazumbá. Construiu a igreja, a escola, um espaço de reuniões. Fez um trabalho lindíssimo. Ele vinha de lá até aqui na minha casa, reunia todo mundo, conversava e organizava. Algumas lideranças continuaram

¹⁴ Teologia da libertação: Corrente teológica cristã que prioriza a libertação dos oprimidos, com foco em análises socioeconômicas. Coloca os pobres e a pobreza no centro da ação histórica, transformando o paradigma teológico. Busca interpretar o Deus de Jesus no contexto do mundo atual.

a discussão. Foi aí que surgiu a ideia de o Nenzinho assumir a comunidade e foi caminhando para o lado da defesa do meio ambiente.

Desde 1984 havia uma organização informal, a Comunidade do Cazumbá com um Grupo de Evangelização, tendo Padre Paulino como líder maior. Vem o nascimento das Cooperativas e Associações de Moradores. Foi aí que eu e mais 18 extrativistas criamos a Associação dos Seringueiros do Cazumbá em 1990.



Figura 16: Padre Paulino (Esq.) e Nenzinho (Dta). Fonte: Arquivo ICMBio.

Nenzinho (Fig. 17) descreve os desafios iniciais da organização comunitária em entrevista realizada em novembro de 2023:

Trabalhei muito para fazer a conscientização das famílias, o que foi muito difícil. Fomos a primeira Associação de Sena Madureira, criada para defender os interesses dos seringueiros. Andei a pé, da comunidade para a cidade, indo nos órgãos públicos para conseguir que as coisas acontecessem.

A influência religiosa na Cazumbá não se limita ao catolicismo. A pesquisa identificou a presença significativa de denominações evangélicas, cuja adesão frequentemente relaciona-se a questões familiares e comportamentais, como ilustra o relato sobre a conversão de uma

família devido ao alcoolismo do patriarca, que foi "enquadrado" pelo bispo evangélico, enquanto "o padre católico não dizia nada sobre isso".¹⁵



Figura 17: Nenzinho na floresta, caminhando sobre a serrapilheira. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).

3.1.4. Vida Cotidiana, Vulnerabilidades, Resistências e Ameaças

A investigação etnográfica proporcionou uma compreensão aprofundada das dinâmicas cotidianas e das vulnerabilidades enfrentadas pelos seringueiros. Nenzinho mostra as condições de vida dos primeiros seringueiros na região:

As grandes dificuldades de locomoção pela distância, por falta de transporte, fizeram o homem tão sofrido não temer mais os problemas. Estava tão desinformado que não mais se importava com as dificuldades. Sua vida já era uma. Aquele homem foi domado para

¹⁵ Omiti o nome do entrevistado por razões éticas.

trabalhar e muitas vezes o cansaço do corpo superava as dores e a solidão.

Esta narrativa encontra ressonâncias nas condições contemporâneas observadas durante o trabalho de campo em janeiro de 2025. Os habitantes da Cazumbá acordam por volta das cinco horas, tomam café (Fig. 18) e vão para a floresta colher castanhas ou cortar seringa. Nos outros dias, limpam o roçado de três em três meses, para o mato não tomar conta (Diário de campo, janeiro de 2025).

A entrevista realizada com Antonio dos Santos e sua esposa Cleonice Fortunato dos Santos, deram um exemplo valioso sobre as práticas alimentares das famílias da Cazumbá (Fig. 19):

No *quebra-jejum*¹⁶, a gente come mingau de banana, macaxeira, tapioca, pão de milho, batata, café ou chá e ovo. Nós criamos galinhas, produzimos um pouco de feijão, farinha, maxixe, jerimum, cebola palha, couve, batata e melancia. E compramos na cidade: frango de granja, carne de boi, arroz, macarrão, açúcar, café, óleo e leite. A gente colhe tudo da natureza, até água. Não gosto de ir à cidade. Lá tudo o que se quer, tem que comprar. Aqui não! (Cleonice, dezembro 2025)



Figura 18: Meu café da manhã. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

¹⁶ Café da manhã.



Figura 19: Preparando o almoço na casa de Francisca. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

Antonio complementa:

Eu gosto de caçar e pescar. Mato veado, porquinho, queixada, paca e cotia. Cortei seringa em maio. Saio às quatro horas, senão não dou conta. Tenho nove estradas. Só corto em duas. As outras ficam soltas na natureza, ninguém corta.

A pesquisa etnográfica identificou também formas de vulnerabilidade e ameaças enfrentadas pelos habitantes da Cazumbá. Particularmente significativo é o relato de ameaças que Nenzinho enfrentou em decorrência de seu ativismo ambiental e social:

Fui ameaçado de morte por três vezes. A primeira, em 1984, por denunciar um Delegado de Polícia e um Tenente da Polícia Militar por tráfico de animais silvestres. Quem mandava no Acre era o Esquadrão da Morte. Tenho muito medo de ser morto. Na última vez que me ameaçaram, tive que ficar um ano e meio escondido no mato. O meu dia era chocante. Não tinha o que fazer. Comecei a fazer mudas de plantas frutíferas. Toda semente que encontrava na floresta, eu pegava e plantava. Também fiz um roçado de bananas. Caçava e pescava num igarapé e preparava pra minha esposa e meu filho de 14 anos. Fomos acolhidos na casa de um casal. Meditava na floresta. Fazia minhas orações ao lado das seringueiras e castanheiras. E caminhava pelas águas do igarapé, para lavar minhas angústias. O dia não passava. Caí num sistema depressivo profundo. Outra coisa que eu fiz muito foi chorar. O líquido mais precioso que existe é a lágrima. Dizem que 1%

dela é água e 99% é sentimento. Eu gosto de chorar, porque através do choro expresso todo o sentimento que não sei expressar com palavras. O coração não pode falar, mas ele se expressa pelas lágrimas que derramamos. Me faz muito bem quando eu choro.

3.2. A imersão no terreno

A incursão etnográfica estabeleceu-se como seu objetivo primordial a análise aprofundada das oportunidades e constrangimentos que se perfilaram no horizonte imediato da Cazumbá. Esta análise foi conduzida à luz de um complexo mosaico de ameaças – de ordem ambiental, política, territorial e demográfica – que incidiu sobre este território e seus habitantes. Uma ênfase particular recaiu sobre as perspectivas de permanência das gerações vindouras na reserva.

Esta investigação não se esgota na produção de conhecimento acadêmico *per se*. Ela está imbuída de um compromisso ético e político de gerar subsídios analíticos que possam ser relevantes e acionáveis tanto para a comunidade da Cazumbá, em seus processos de auto-organização e luta por direitos, quanto para os formuladores de políticas públicas. Busca-se, assim, contribuir para a amplificação das vozes e das demandas daqueles que tecem seu cotidiano na floresta, cujas necessidades e saberes frequentemente permanecem à margem dos canais hegemônicos de repercussão social e de tomada de decisão política, ecoando a preocupação de Allegretti (2008) com a construção social de políticas públicas que partam das realidades locais.

A estratégia metodológica central desta pesquisa repousou sobre o princípio da imersão etnográfica prolongada, um mergulho profundo e continuado no universo social da Cazumbá. A base física para esta imersão foi o Alojamento situado no Núcleo de Base, uma estrutura contígua à residência de Nenzinho, presidente da Associação dos Seringueiros e principal liderança local. Este alojamento, raramente acolhe visitantes externos. É composto por dois quartos com beliches, dois banheiros, uma sala, uma cozinha e um escritório.

Durante a primeira incursão em campo, em novembro/dezembro de 2023, a partilha deste espaço com agentes do ICMBio proporcionou maior aproximação. Aspectos como o uso da água fria nos banhos, a responsabilidade individual pela organização da cama e a convivência com moradores locais que, ocasionalmente, pernoitavam em redes armadas na varanda externa, transcenderam a condição de meros detalhes logísticos (Fig. 20). Tais experiências de convívio converteram-se em elementos metodológicos de primeira ordem.



Figura 20: O alojamento para visitantes locais. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

Elas foram cruciais para fomentar uma compreensão, sentida na pele, das condições de vida na reserva. Essa partilha do cotidiano revelou-se fundamental para a gradual construção de relações de confiança e *rapport* com os interlocutores locais, um pilar essencial para a pesquisa etnográfica. Como observa Clifford (2008), a experiência de "estar lá" (*being there*) não se constitui apenas como um artifício retórico para legitimar a autoridade do etnógrafo. Antes, ela se apresenta como uma condição epistemológica fundamental, um requisito para a possibilidade de uma compreensão densa das realidades sociais, permitindo que eu me tornasse um instrumento sensível de apreensão do mundo dos seringueiros. Essa presença propiciou que, durante o período em que não estava mais lá, pudesse continuar entrevistando e esclarecendo dúvidas online.

A investigação etnográfica incorporou instrumentos metodológicos complementares que enriqueceram a compreensão das dinâmicas socioecológicas da Cazumbá. Além das técnicas convencionais de observação participante, entrevistas semiestruturadas e registro

em Diário de Campo, foram utilizadas abordagens específicas para captar dimensões particulares da realidade estudada.

A documentação audiovisual, incluindo fotografias, constituiu recurso metodológico significativo, particularmente para o registro de práticas materiais e conhecimentos ecológicos que se expressam primordialmente através de demonstrações práticas.

A atenção às transformações identitárias e às reconfigurações das práticas produtivas tradicionais orientou a investigação para a compreensão dos processos através dos quais “os seringueiros não são mais só seringueiros. Pela necessidade de sobrevivência eles são também seringueiros. Mas hoje são mais, pequenos agricultores” (Nenzinho, comunicação pessoal, janeiro de 2025). Esta perspectiva processual e dinâmica das identidades sociais permitiu evitar essencialismos e representações estáticas das populações tradicionais, reconhecendo sua capacidade de adaptação e transformação em resposta às mudanças nas condições ecológicas, econômicas e políticas.

3.3. O isolamento e a vivência etnográfica

O “isolamento” emergiu com notável proeminência ao longo desta investigação, não apenas como uma condição geográfica objetiva que define a vida na Cazumbá, mas também como um elemento constitutivo das relações sociais e das cosmologias locais. Os habitantes locais experienciam um isolamento geográfico significativo. O deslocamento até Sena Madureira, o centro urbano mais próximo, consome mais de duas horas de navegação fluvial, implicando um custo de combustível que pode atingir R\$600,00 (aproximadamente 100 euros) – um dispêndio considerável dentro da economia local. Esta realidade material impõe aos moradores a necessidade de um planejamento meticuloso para enfrentar períodos prolongados de desconexão com os núcleos urbanos, especialmente durante as estações em que a baixa dos rios impede a navegação ou quando as chuvas torrenciais tornam as estradas de acesso terrestre intransitáveis. Este isolamento geográfico não se restringe à relação da reserva com o “exterior”; ele se manifesta também internamente, nas próprias práticas de

ocupação do território. Observa-se uma preferência por um padrão de assentamento disperso, com as unidades residenciais mantendo um considerável distanciamento entre si (Fig. 21). Tal preferência é expressa no depoimento de Luzia Soares Siqueira, 57 anos, viúva há 24 anos, com sete filhos, escolheu morar sozinha:

Gosto de ficar sozinha. Até porque ninguém desarruma a casa! Tenho muita coisa pra fazer todos os dias. Cuidar da casa e dos meus bichos, ir pra roça plantar ou colher macaxeira, bananas, jerimum e milho pras galinhas.



Figura 21: As casas dispersas, ocupação territorial com distanciamento entre unidades domésticas. Fonte: Arquivo pessoal.

Esta valorização de uma certa solitude residencial pode ser interpretada à luz do contexto histórico (Fig. 22) da formação dos seringais no Acre, como sugere Nenzinho, transmitida por seus avós:

Nunca alguém foi tão solitário na Amazônia como o seringueiro. Ele foi largado no meio da selva Amazônica. A extração nos seringais era feita com a contratação de trabalhadores da Região Nordeste. As técnicas usadas eram dos indígenas. Eles construíam as taperas para se abrigar e dividiam espaços com os animais selvagens, como onças, cobras, além das doenças da região. Foi uma adaptação brusca, tendo em vista que estavam vindo de uma região bem diferente da Amazônia. Todos eram nordestinos e tinham duas opções: ir para a guerra ou para a Amazônia.



Figura 22: As primeiras casas. Fonte: Arquivo pessoal Nenzinho.

Este padrão de ocupação territorial dispersa, ecoando a solidão histórica do seringueiro, encontra expressão contemporânea nos casos de Francisca e de Luzia (Fig. 23).



Figura 23: Luzia, dia de pouco peixe. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

Hoje a Reserva é ocupada em grande parte por filhos dos “Soldados da Borracha”, restando poucos que vieram na época da guerra; a maioria nasceu no seringal (Santos, 2002). Um exemplo emblemático desta dinâmica é Francisco Siqueira Barros (Fig. 24), um dos últimos “Soldados da Borracha” ainda vivo, que celebrou seu centenário em 25 de abril de 2025 e reside sozinho. Sua filha, Socorro Siqueira, religiosa da Congregação Serva de Maria Reparadora, após vivências missionárias em Portugal e nas Filipinas, retornou temporariamente à Cazumbá para estar próxima ao pai, assumindo a direção da escola no

Núcleo de Base Seguro. Através dela, consegui um depoimento de seu pai. Aos 100 anos, ele se mostra apreensivo com o futuro da floresta:

Percebo muitas mudanças climáticas. A elevação da temperatura, grandes inundações com mais frequência, longas secas, que não me recordo que tenha acontecido antes. Isso é fruto da ação humana, dos grandes desmatamentos, praticado sobretudo pelos mais ricos. Até o início dos anos 70 o Acre era um paraíso ecológico, habitado apenas pelos seringueiros e os indígenas. Eram tempos difíceis em consequência do isolamento, mais toda a natureza era preservada, tinha muita caça, muito peixe. Na casa dos seringueiros tinha fartura, ninguém passava necessidade. Hoje é difícil, tanto a caça como os peixes. Mais nós precisamos continuar preservando para garantir a nossa sobrevivência.



Figura 24: Francisco, o mais antigo soldado da borracha da região. Fonte: Arquivo pessoal Socorro.

3.4. Para Além do Quintal Demarcado, as Estradas de Seringa como Espacialidade

A relação que os extrativistas da Cazumbá estabelecem com seu território transcende as concepções ocidentais e urbanas de propriedade privada, caracterizadas pela delimitação precisa e pela exclusividade do uso de espaços rigidamente demarcados. A pesquisa etnográfica revelou que o extrativista não concebe seu espaço de vida e trabalho a partir da noção de um "quintal demarcado" nos moldes de uma propriedade fundiária convencional.

Sua espacialidade é definida e organizada pelas "estradas de seringa" – as trilhas que serpenteiam pela floresta, estabelecendo os circuitos de extração, circulação e conhecimento do ambiente.

Esta configuração territorial singular, onde as estradas de seringa funcionam como eixos estruturantes da paisagem, constitui um elemento central na organização socioespacial da Cazumbá. Ela reflete uma cosmologia particular, uma forma de ver e interagir com o mundo que não opera uma cisão radical entre os espaços de habitação, de trabalho e de sociabilidade. Como foi possível observar no trabalho de campo, esta relação com o território se manifesta em práticas cotidianas. Áreas de extração da borracha e da castanha, roçados para cultivo de subsistência, locais de caça e pesca não são percebidos como compartimentos estanques, mas como partes articuladas de um sistema complexo e dinâmico, onde a vida humana se entrelaça com os ciclos e os seres da floresta.

Corroborando esta perspectiva, Callegare et al. (2014, p.4) definem os povos tradicionais, categoria na qual os seringueiros se inserem, como aqueles que possuem "saberes tradicionais, expressos com práticas históricas, uso/manejo de recursos naturais que refletem níveis de sustentabilidade". Esta definição ressalta a interconexão entre conhecimento, prática e território, que se materializam na forma como as estradas de seringa não são apenas caminhos físicos, mas também repositórios de memória, de conhecimento ecológico e de identidade social.

3.5. Posicionalidade e o Processo de "Amazonização"

A experiência etnográfica na Cazumbá exigiu um processo de adaptação e aprendizado, que os moradores locais denominam "amazonização", termo que designa a transformação necessária para compreender e se adaptar às especificidades da vida na floresta. Essa experiência de campo revelou-se fundamental não apenas para a coleta de

dados empíricos, mas também para a compreensão das dimensões sensíveis e corporais do conhecimento que caracterizam os saberes tradicionais. “Quem entra na floresta pela primeira vez não sabe o que fazer com os sentidos que sente, com as partes do corpo que desconhecia e que de repente nunca mais a deixará” (Brum, 2021, p.6)

A chegada na Cazumbá, na minha primeira incursão enquanto homem branco urbano em terras acreanas, provocou uma mistura de sentimentos que revelaram os preconceitos e expectativas que orientavam o meu olhar inicial, como pesquisador. O primeiro desconforto emergiu durante o trajeto com o *ICMBio*¹⁷, ao observar muitas fazendas com gado, pastando onde eu esperava encontrar floresta (Fig. 25). Essa observação evidenciou a complexidade da paisagem amazônica contemporânea, onde se entrelaçam diferentes modelos de ocupação territorial e formas de uso da terra.



Figura 25: A transformação da paisagem natural em pastagens. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

¹⁷ ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

O segundo estranhamento ocorreu durante a reunião de moradores do Núcleo Seguro. Eles queriam autorização do ICMBio para desmatar mais, para aumentar os roçados ou mesmo para criar gado para subsistência.

Essa constatação inicial me levou a uma avaliação precipitada sobre a "baixa consciência ambiental" dos moradores, que foi sendo revista à medida que eu aprofundava a compreensão sobre as pressões econômicas e sociais que enfrentam (Fig. 26).



Figura 26: A reunião com o ICMBio: os limites dos roçados. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

O controle exercido pelo ICMBio através de monitoramento por satélite sobre o desmatamento na reserva evidencia as tensões entre as necessidades imediatas das comunidades e as exigências da conservação ambiental. Como observou Nenzinho: "segurar que não desmatem, está cada vez mais difícil", revelando os desafios enfrentados pelas lideranças comunitárias para equilibrar as demandas de subsistência com as restrições ambientais. A experiência etnográfica me oportunizou conhecer "a grande batalha deste século" Brum (2021, p. 24). O trabalho de campo revelou um lugar onde "não há pressa em nada" e onde as pessoas "são donas de seu tempo", evidenciando formas alternativas de temporalidade que contrastam com os ritmos acelerados da vida urbana. Como disse o escritor Mário de Andrade, ao ir pela primeira vez à Amazônia, em 1927: "A Amazônia é um infinito que deve ser dosado, aos poucos, lentamente" (p.37). Essa experiência de

"amazonização" constituiu um processo de aprendizado, de adaptação aos ritmos da floresta, aos sons noturnos, aos insetos, ao calor úmido, aos mosquitos, ao barro, à comida, às distâncias, aos meios de transporte e às formas locais de sociabilidade, que exigiu uma reorganização das percepções e expectativas que orientavam inicialmente minha experiência de campo. E ao deslumbramento com a imensidão da floresta, a abundância das águas, a sabedoria e simplicidade do povo e a convivência harmônica entre humanos e não-humanos.

3.6. Os Cuidados Éticos

A pesquisa etnográfica demandou atenção a questões éticas relacionadas à proteção dos interlocutores diante de potenciais repercussões negativas de suas declarações. Foram obtidos consentimentos, escritos e gravados, livres e esclarecidos para uso de textos e fotos. Em alguns casos, foi necessário omitir trechos de entrevistas que continham críticas contundentes a autoridades ou que poderiam gerar conflitos internos na comunidade. Esta preocupação ética fundamenta-se no reconhecimento da vulnerabilidade das populações tradicionais em contextos de disputas territoriais e políticas, especialmente considerando o histórico recente de hostilidade governamental às unidades de conservação durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), período em que "órgãos ligados ao meio ambiente foram extintos, as verbas para fiscalização e manutenção foram drasticamente reduzidas, e houve um estímulo explícito à invasão de terras amazônicas". A pesquisa evidenciou também "a excessiva dependência da Cazumbá de políticas governamentais em relação à manutenção da floresta, no plantio de árvores e na preservação do ecossistema, sujeitas a ameaças ambientais cada vez mais *intensas*¹⁸".

Apesar do manifesto isolamento geográfico e de um *ethos* que parece valorizar uma certa reserva individual, os habitantes da Cazumbá demonstraram notável receptividade à

¹⁸ A entrevista foi concedida em dezembro de 2023. A identidade do entrevistado foi preservada.

presença e aos questionamentos etnográficos. Os diálogos estabelecidos foram caracterizados pela abertura e pela franqueza, e nenhum interlocutor solicitou anonimato ou o uso de pseudônimos, gesto que pode ser interpretado como uma expressão de confiança e uma disposição para o compartilhamento de suas experiências e visões de mundo. É importante ressaltar novamente a disponibilidade de todos os interlocutores para darem informações, entrevistas e serem fotografados. Nenhum convite foi recusado. E todas as entrevistas foram gravadas em áudio com a sua expressa autorização. As entrevistas do Nenzinho também foram gravadas em vídeo (*vide* Apêndices). Todos os entrevistados autorizaram formalmente (*vide* Anexos) a utilização de suas imagens pessoais e informações (alguns gravaram em áudio conferindo essa autorização).

4. Cosmopolíticas Amazônicas: Entre Ontologias Relacionais e a Mercantilização da Floresta

A Amazônia contemporânea emerge no imaginário global frequentemente aprisionada em narrativas dicotômicas que ora a representam como "inferno verde" indomável, ora como "paraíso perdido" intocado (Salles, 2022). Tais representações, contudo, obscurecem a profunda historicidade das interações entre as diversas coletividades humanas e o multifacetado ecossistema amazônico. Este capítulo propõe uma imersão antropológica nas configurações que caracterizam a Amazônia, explorando as tensões e confluências entre as ontologias relacionais dos povos da floresta.

A compreensão antropológica deste território exige o reconhecimento de que a Amazônia constitui um campo de disputas onde diferentes mundos e projetos de futuro se confrontam. De um lado, encontram-se as cosmologias indígenas e das populações tradicionais, que concebem a floresta como uma "obra coletiva" resultado de interações entre humanos e não-humanos (Fausto, 2022). De outro, operam as lógicas desenvolvimentistas que reduzem a complexidade dos ecossistemas florestais a recursos econômicos passíveis de exploração, transformando territórios sagrados em mercadorias.

A desconstrução da narrativa da Amazônia como espaço intocado revela-se fundamental para compreender as dinâmicas contemporâneas da região. Em 2013, um consórcio de 121 pesquisadores ligados a instituições ao redor do mundo publicou na revista *Science* um estudo de grande impacto sobre a diversidade das espécies arbóreas da floresta amazônica, estimando que a Amazônia abriga 390 bilhões de árvores nascidas de aproximadamente 16 mil espécies (Salles, 2022). Esta biodiversidade extraordinária, longe de constituir um fenômeno puramente "natural", resulta de milênios de interação entre sociedades humanas e ecossistemas florestais.

Como argumenta o pesquisador da USP Eduardo Goes Neves, a "inteligência ecológica" dos povos amazônicos manifestou-se na "manipulação de espécies vegetais, domesticação de plantas que atualmente são consumidas em diferentes partes do planeta" (citado em

Arrabalde, Salles, 2022, p. 294). O antropólogo americano Michael J. Heckenberger identifica 83 plantas domesticadas na região amazônica, incluindo culturas de importância mundial como "abacaxi, amendoim, mamão, mandioca, cacau, pupunha, guaraná e açaí" (citado em Arrabalde, Salles, 2022, p. 294). Estas espécies foram submetidas a processos seculares de seleção artificial e manejo adaptativo, resultando em variedades mais resistentes e dóceis ao cultivo, posicionando a Amazônia como um dos berços da agrobiodiversidade mundial.

Para os povos originários da Amazônia, a separação ontológica entre "natureza" e "pessoas humanas", tão cara ao pensamento ocidental moderno, revela-se inadequada, senão ininteligível. Como articula Davi Kopenawa Yanomami em seu depoimento ao antropólogo Bruce Albert:

A floresta é tudo, o visível e o invisível. [...] Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os xapiri, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol. É tudo o que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca. Os indígenas não estão na floresta, eles são floresta (Kopenawa, 2010, p. 57).

Esta afirmação radical desloca o ser humano de uma posição de exterioridade e domínio para uma de imanência e interdependência. A floresta transcende a concepção de mero recurso ou cenário passivo; ela constitui um complexo de agências, um emaranhado de vidas visíveis e invisíveis com as quais se interage. Esta perspectiva desafia a própria noção de "ecologia" como campo de estudo externo, propondo-a como prática vivida, uma ética relacional intrínseca ao modo de ser no mundo.

Nas cosmologias de inúmeras tradições indígenas, a floresta é concebida como uma "coprodução em que humanos e não humanos se unem em interações complexas e de longo prazo", onde o ser humano "alinha suas ações com as de outros seres – animais, plantas, fungos, líquens – e, dessa parceria, nasce uma floresta específica" (Fausto, 2022). Esta ontologia relacional fundamenta práticas de manejo que buscam maximizar a biodiversidade

e a resiliência ecossistêmica, contrastando radicalmente com a homogeneidade empobrecedora das monoculturas.

A materialização desses conhecimentos ecológicos tradicionais pode ser observada nos quintais agroflorestais de populações tradicionais contemporâneas. Como relata Nenzinho:

Planto tudo misturado. Nem tudo vai sobreviver, mas isso não é um problema. Morreu, perdeu o lugar. Planto outra coisa. As lavouras convivem com a mata. (Comunicação pessoal, janeiro/2025).

Esta abordagem representa a continuidade de práticas ancestrais que anteciparam os princípios da agricultura sustentável contemporânea. O quintal de Nenzinho contém biodiversidade, herdada dos avós, bisavós que, aprenderam com os indígenas, há milhares de anos (comunicação pessoal, dezembro, 2023). E que já haviam desenvolvido o que hoje se chama de *agrofloresta* (Salles, 2022). Esta continuidade contrasta com narrativas que representam a floresta como espaço intocado ou que desconsideram a agência das populações tradicionais na configuração das paisagens amazônicas.

A profundidade temporal da presença humana na região revela não um ambiente estático, mas uma paisagem dinâmica, co-construída ao longo de milênios. Como argumenta Eduardo Góes Neves, "é provável que, ao longo desses milênios, entre 6000 e 1000 a.C., a ocupação humana da Amazônia tenha sido realizada por populações com economia mista, baseada em caça, pesca, coleta e em uma agricultura de baixa intensidade" (citado em Arrabalde, Salles, 2022, p. 43). No momento da invasão europeia, entre 8 e 10 milhões de pessoas habitavam a vasta bacia amazônica, manejando seus ambientes através de sistemas sofisticados de conhecimento ecológico (Salles, 2022).

Particularmente revelador dessa coevolução é o fato de que apenas 6% dos solos da Amazônia são naturalmente férteis, sendo que "todas as terras ricas que excedem esses 6% resultaram de ação humana" (Fausto, 2022).

A investigação etnográfica das práticas econômicas contemporâneas nas reservas extrativistas revela a persistência de calendários produtivos que organizam as atividades ao longo do ano. Na Cazumbá, este calendário estrutura-se em torno do regime pluviométrico. Janeiro marca o início do ciclo anual com a colheita do arroz, seguida pela castanha em fevereiro e março. Abril caracteriza-se pela abertura das estradas de seringa, preparando o terreno para o período de maio a dezembro, dedicado ao corte de seringa e produção da borracha. Julho é momento para preparar a terra ao plantio do roçado, que se realiza em setembro e outubro. Esta organização temporal reflete um conhecimento ecológico sofisticado, desenvolvido ao longo de gerações, que permite a otimização do uso dos recursos naturais em consonância com os ciclos sazonais.

A diversificação das fontes de renda emerge como estratégia fundamental de resiliência econômica. Como relata Nenzinho:

No ano passado, fiz R\$4.000,00 com castanha [Fig. 27, 28 e 29], mas paguei R\$700,00 de transporte pra cidade. Colhi durante duas semanas. Vendi a R\$40 a lata. O extrativismo vale a pena porque você não plantou, você tá só colhendo. Aquilo que você cultiva é mais dispendioso, porque a cada dois meses você vai lá limpar, senão o mato cobre e não dá nada (Comunicação pessoal, janeiro/2025).



Figura 27: A imponência das castanheiras (*Bertholletia excelsa*). Fonte: arquivo pessoal (janeiro/2025).



Figura 28: Os ourios da castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*). Fonte: arquivo pessoal (janeiro/2025).



Figura 29: As castanhas ensacadas. Fonte: arquivo pessoal (janeiro/2025).

Esta narrativa evidencia não apenas considerações econômicas, mas também dimensões subjetivas. Como prossegue Nenzinho:

Eu poderia tá na cidade, com ar-condicionado, mas não taria feliz. Aqui, depois da colheita da castanha, to com as mãos cheias de calo, todo furado de espinhos, mas to feliz. To tirando da natureza, da floresta o meu sustento e da minha família e vivendo do jeito que eu quero (Comunicação pessoal, janeiro/2025).

Esta valorização transcende o retorno financeiro, abarcando a autonomia proporcionada pelas atividades tradicionais. As estratégias de aproveitamento dos recursos sazonais demonstram a sofisticação dos conhecimentos ecológicos locais. Como relata Socorro Siqueira (Fig. 30) sobre o manejo das várzeas:

Quando o rio desce, ele traz tudo. Ficam pequenas praias, ambientes já limpos e a mulherada cai dentro. Aqui é muito comum plantar milho, batata, feijão, macaxeira, quiabo, maxixe, cebola, coentro, couve, todo tipo de verdura, melancia e abóbora. Ficam oito meses nesses espaços. Elas plantam cedo e, antes da água vir de novo, elas já fazem a colheita. E produz na frente das casas. Fica uma riqueza (Comunicação pessoal, janeiro/2025).



Figura 30: A professora Socorro. Fonte: arquivo pessoal (janeiro/2025).

Além das atividades extrativistas e agrícolas, muitas famílias complementam sua subsistência através da caça, pesca, produção de farinha e tapioca, e criação de galinhas, porcos e, em alguns casos, gado. A manutenção dos roçados demanda trabalho constante para controlar o crescimento da vegetação secundária. Estas atividades frequentemente

mobilizam redes de reciprocidade e cooperação, com vizinhos e parentes auxiliando-se mutuamente e compartilhando equipamentos, como a cena que vi no dia 18 janeiro de 2025: às 5h45min, Luzia passou, faceira, com uma roçadeira no ombro. Perguntei o que fazia já àquela hora e ela me disse que ia devolver a roçadeira para seu filho, pois já tinha limpado seu roçado.

Minha participação direta nas atividades produtivas locais constituiu elemento metodológico fundamental desta investigação, proporcionando uma compreensão corporificada das práticas extrativistas e dos conhecimentos. Como conceitua Anna Tsing (2015, p. 14), algo que pode ser caracterizado como “uma polifonia vital e que é a antítese das *plantations* e seu anseio por homogeneidade e unidade”.

Particularmente significativa foi minha experiência na colheita das castanhas:

Sáímos antes das 7h, pois a caminhada dentro da floresta era longa até chegar nas *castanheiras*¹⁹ [Fig. 27], árvores que podem atingir até 60 metros de altura. Eles só colhem depois que os *ouriços*²⁰ [Fig. 28] já caíram. São pesados e caem de grande altura. Se caírem na cabeça, podem matar. Caminhamos em volta das castanheiras, na serrapilheira, onde estão essas bolas, com em torno de 17 castanhas dentro. Vamos atirando, formando um monte [Fig. 29]. Trabalho demorado e cansativo. Quando não há mais ouriços, Nenzinho pega seu facão e parte alguns, para comermos castanhas. A casca é grossa, difícil de partir. Os macacos batem o ouriço contra o tronco das árvores, até quebrar. As cotias conseguem roer a grossa casca, fazendo uma tampa. (Diário de Campo, 15 de janeiro/2025)

Esta experiência me proporcionou insights valiosos sobre as práticas extrativistas, os conhecimentos ecológicos locais e as condições de trabalho na floresta. A observação da

¹⁹ Castanheiras do Pará: *Bertholletia excelsa*.

²⁰ Ouriço: É como chamam o fruto onde se alojam as castanhas

logística de transporte e comercialização da castanha evidenciou a complexidade das cadeias produtivas que conectam a Cazumbá aos mercados externos.

Na volta, Nenzinho vai me indicando as grandes árvores que ele mesmo plantou. Aprendeu com seus antepassados, que aprenderam com os indígenas. Esta transmissão intergeracional de conhecimentos ecológicos e práticas de manejo evidencia a continuidade histórica e cultural das relações entre populações humanas e ecossistemas florestais na Amazônia, contrastando com narrativas que representam a floresta como espaço intocado ou que desconsideram a agência das populações tradicionais na configuração das paisagens amazônicas.

Como observa Anna Tsing (2015, p. 14), estas paisagens onde diversos elementos se emaranham – "serrapilheira, tatus, sumaúmas, castanheiras e mãos coletoras" – podem ser caracterizadas como "uma polifonia vital e que é a antítese das *plantations*²¹ e seu anseio por homogeneidade e unidade". Esta perspectiva multiespécie permite compreender as práticas extrativistas como formas de coexistência que reconhecem e incorporam a agência de múltiplos seres na configuração das paisagens produtivas.

A compreensão antropológica da Amazônia contemporânea exige uma análise crítica dos processos de subalternização que transformaram os povos-floresta em sujeitos marginalizados dentro das lógicas do capitalismo global. Esta transformação não constitui um fenômeno natural ou inevitável, mas representa um projeto político-econômico deliberado que opera através da negação sistemática das ontologias indígenas e da mercantilização progressiva dos territórios florestais. Como denuncia Eliane Brum (2021), a "conversão dos povos-floresta em pobres" constitui um projeto político que visa não apenas a apropriação de seus territórios, mas também a eliminação de suas formas alternativas de conhecimento e

²¹ *Plantations*: Fazenda de grande porte, focada na produção de uma única cultura comercial.

organização social (p. 108). Esta conversão ontológica e material opera através da transformação da floresta de sujeito em objeto, de território sagrado em mercadoria, representando uma forma específica de violência epistêmica que apaga os saberes tradicionais e impõe uma racionalidade instrumental.

O contexto político nacional, com o crescimento da extrema-direita no Brasil e sua defesa da expansão da soja e da pecuária em larga escala sobre áreas florestais, intensificou as vulnerabilidades das populações tradicionais amazônicas. Como revelou um integrante de órgão ambiental do Governo Federal: "Durante o Governo Bolsonaro (2019-2022) houve o desmantelamento de estruturas institucionais de proteção ambiental, com a extinção de órgãos, redução drástica de verbas para fiscalização e manutenção, e estímulo explícito à invasão de terras amazônicas. As delegacias do ICMBio foram diminuídas de 13 para três" (Diário de campo, 2023).

A incompatibilidade intrínseca entre os modelos hegemônicos de produção agropecuária e a conservação florestal é expressa de forma lapidar na constatação de que "o modelo em que a floresta compete com a produção, ela perde sempre" e que "entre a mata e a soja não existe denominador comum" (Salles, 2022, p. 346). Esta dicotomia é palpável sensorialmente: "Quem já esteve no silêncio dos campos de soja, de milho ou de qualquer monocultura sente o imenso contraste que é estar na floresta rica de sons. O alarido é exuberante. Não se tem dúvida da quantidade de vida que existe ali" (Salles, 2022, p. 197).

Paradoxalmente, a perspectiva de um pecuarista da região de Tailândia, no Pará, oferece um testemunho involuntário da resiliência da floresta:

Dizem que a vocação da Amazônia é a produção agropecuária. Mentira. A vocação da Amazônia é a produção de mato. Eu sei o custo danado que tenho pra impedir que a floresta tome conta de tudo. (Mauro Lúcio de Castro Costa, citado em Salles, 2022, p. 201).

Esta fala revela a força vital da floresta.

Mas os dados sobre desmatamento corroboram a centralidade da pecuária como vetor de destruição florestal. Conforme o Relatório de 2021 do banco JPMorgan, intitulado "Grow, Forest, Grow", 80% do desmatamento no bioma amazônico entre 2010 e 2015 ocorreu em áreas destinadas à pecuária (citado por Salles, 2024, p. 358). Para dificultar a fiscalização, ocorre também a "lavagem bovina": nascido e engordado em área irregular, o animal só é transferido para uma propriedade legal meses antes do abate.

Como aponta Salles (2024), "a maior parte do desmatamento ocorreu em terras públicas não destinadas. 42% em tudo o que se derrubou estavam nelas. Os assentamentos vêm em seguida: são responsáveis por um quarto de toda a devastação florestal ocorrida na Amazônia Legal" (p. 190). Significativamente, "as terras indígenas têm os menores índices de desmatamento", evidenciando a eficácia dos modelos de governança comunitária na conservação florestal.

O Estado brasileiro tem historicamente financiado o atraso: entre 2001 e 2012, cerca de 70% do que o *PRONAF* ²²destinou para a Amazônia Legal foi para financiar a pecuária. Para o quinquênio 2015-2020, a pecuária representou 70% de todo o financiamento. Paradoxalmente, 25% de tudo o que foi destruído na Amazônia encontra-se abandonado, revelando a irracionalidade econômica do modelo predatório (Salles, 2024).

A questão da criação de gado emerge como ponto de tensão significativo mesmo dentro das reservas extrativistas. Como observa Nenzinho:

É preciso estudar como resolver o conflito do gado na Cazumbá. Deixar como está não ajuda ninguém. Só empurra para frente problemas que vão crescendo" (Comunicação pessoal, janeiro/2025).

²² PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

Esta tensão reflete as pressões econômicas que incidem sobre as populações tradicionais e os desafios de manutenção dos modelos de uso sustentável dos recursos florestais.

4.1. Necropolítica Ambiental e Resistências

A compreensão antropológica da violência que caracteriza a Amazônia contemporânea exige o reconhecimento de que esta não constitui um fenômeno aleatório, mas opera segundo uma lógica sistemática que Achille Mbembe (2018) caracterizaria como necropolítica – o poder de determinar quem deve viver e quem deve morrer. Como denuncia Eliane Brum (2021), não é por acaso que o "Brasil acumula o título de país do mundo com o maior número de assassinatos de defensores do meio ambiente, o que significa uma execução sistemática de humanos que são natureza" (p. 22).

A categoria "humanes que são natureza", proposta por Brum, transcende as dicotomias modernas entre natureza e cultura para reconhecer a existência de sujeitos que incorporam em sua própria constituição ontológica a floresta e seus ciclos vitais.

A ditadura empresarial-militar que oprimiu o Brasil de 1964 a 1985 consumou o primeiro grande projeto de destruição massiva da floresta, servindo-se amplamente da falsificação da realidade amazônica. Slogans como "Amazônia, terra sem homens para homens sem terra" mascaravam a presença milenar de povos indígenas e comunidades tradicionais, legitimando a expropriação de seus territórios e a imposição de um modelo de desenvolvimento exógeno e predatório (Brum, 2022).

A campanha de ocupação promovida pelo governo militar com o apoio do Banco da Amazônia e do Ministério do Interior, sob o lema "Chega de lendas, vamos faturar!", explicitava a lógica utilitarista e antiecológica que orientava as políticas estatais para a região (Salles, 2022, p. 183) (Fig. 31 e 32).

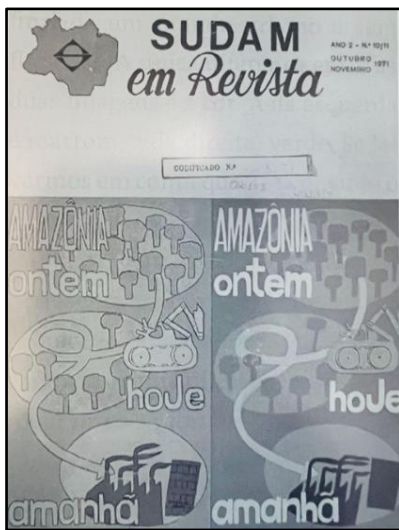


Figura 31: Capa da revista da SUDAM. Fonte: SUDAM em Revista (1971), publicada em Arrabalde, p.348.

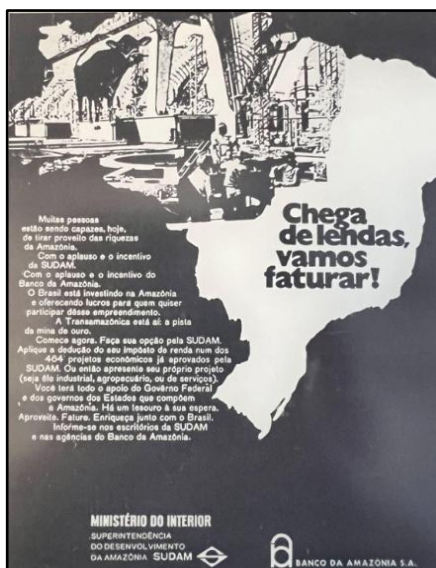


Figura 32: Anúncio do Banco da Amazônia (1972), durante a Ditadura Cívico-Militar [1964–1985]. Fonte: Banco da Amazônia publicado em Arrabalde, p.334.

As políticas recentes representaram uma intensificação dessa lógica predatória. Como observa Naomi Klein (2021), o governo Bolsonaro "fez com que a abertura da Amazônia a um desenvolvimento irrestrito se tornasse uma prioridade máxima e atacou os direitos à terra indígena, declarando em tom ameaçador que 'vamos dar uma espingarda e uma licença de porte de armas para todos os agricultores'" (p. 254). Esta retórica representa uma ameaça direta à sobrevivência dos povos da floresta e à integridade do ecossistema amazônico.

A escalada da violência na região amazônica não pode ser compreendida como fenômeno isolado, mas se situa no contexto das transformações econômicas e sociais que caracterizam a inserção da Amazônia nos circuitos globais de acumulação capitalista. Como aponta Salles (2022), "se fosse um país, em 2017 a Amazônia ocuparia a 4ª posição entre as taxas de homicídio mais altas do mundo, ficando atrás somente de El Salvador, Venezuela e Honduras" (p. 354).

Contudo, a persistência de sistemas tradicionais de reciprocidade e a resistência às pressões migratórias evidenciam que esses grupos sociais não são vítimas passivas dos processos de modernização, mas sujeitos ativos que elaboram estratégias de resistência e

adaptação. Como observa Mary Allegretti: "existem situações específicas de precariedade (mulheres sozinhas com filhos, idosos, deficientes)", mas "dentro da floresta elas vivem bem. Existem pessoas pobres e vulneráveis, mas todos são muito solidários. Se morre um chefe de família, as pessoas se juntam e cuidam daquela família" (comunicação pessoal, 2023).

A experiência social das comunidades amazônicas oferece elementos empíricos para uma crítica antropológica aos modelos hegemônicos de desenvolvimento baseados no consumo ilimitado de recursos naturais. Como destaca Allegretti:

Na Amazônia você pode viver anos sem consumir além do que você precisa para viver. É um outro modelo de sociedade. As pessoas vivem bem assim, o que não significa que não queiram conforto e bem-estar, como infraestrutura de saneamento, transporte, comunicação, atendimento à saúde e escola (comunicação pessoal, 2023).

Esta perspectiva revela a existência de modelos alternativos de sociabilidade que articulam sustentabilidade ambiental com qualidade de vida, desafiando as premissas do desenvolvimento capitalista que associam bem-estar social com consumo crescente de mercadorias. A distinção estabelecida entre necessidades básicas e desejos de conforto evidencia uma compreensão sofisticada sobre as diferentes dimensões do bem-estar humano que transcende a lógica mercantil.

4.2 Infraestruturas Vivas e Conhecimentos Ancestrais

A perspectiva arqueológica oferece elementos fundamentais para repensar as relações entre cultura e natureza na Amazônia, desafiando as concepções ocidentais que separam rigidamente estes domínios. Como argumenta o arqueólogo Eduardo Góes Neves, a "infraestrutura de um povo não é só potes de barro ou vasilhas cerâmicas, mas também tudo aquilo que é vivo. Como as árvores" (citado em Brum, 2021). Esta perspectiva revoluciona a compreensão antropológica sobre a cultura material, reconhecendo que os artefatos culturais incluem não apenas objetos inanimados, mas também seres vivos que são cultivados, manejados e incorporados aos sistemas socioculturais.

A noção de "infraestruturas vivas" desafia fundamentalmente a concepção ocidental de infraestrutura como algo puramente artefactual e inerte, reconhecendo a agência e a vitalidade dos elementos da floresta como componentes essenciais dos sistemas socioculturais amazônicos. Esta perspectiva permite compreender que as árvores, plantas medicinais, animais domesticados e ecossistemas manejados constituem tecnologias sociais sofisticadas que sustentam a reprodução material e simbólica das comunidades tradicionais.

Como referenda Dráuzio Varella (2025):

Nas clareiras abertas pelos indígenas para plantio de mandioca, a destruição é irrelevante, já que as áreas abertas têm em média de meio a um hectare. Seu uso acontece em períodos curtos de cinco a dez anos no máximo. Como nos cinco anos finais a roça é deixada para formar capoeiras, o reflorestamento é rápido e favorece a diversificação das espécies.

Esta prática ancestral demonstra a sofisticação dos sistemas de manejo que permitem a produção agrícola sem comprometer a integridade dos ecossistemas florestais.

A destruição da floresta representa, portanto, muito mais do que a eliminação de recursos naturais: constitui a destruição de uma infraestrutura viva, de uma biblioteca de saberes acumulados ao longo de milênios e de um complexo sistema de relações que articula humanos e não-humanos em configurações socioecológicas específicas. Também apagam tecnologias sociais, conhecimentos ancestrais e formas alternativas de organização social.

A crise climática, exacerbada pela destruição da Amazônia, manifesta-se de formas cada vez mais extremas e interconectadas. Como observa Naomi Klein (2021), vivemos em um "mundo extremo, em que os extremos naturais estão páreo a páreo com os extremos sociais, raciais e econômicos" (p. 257). A penetração cada vez mais profunda da indústria em novos territórios, impulsionada pela busca incessante por recursos e lucros, agrava a crise socioambiental, e as comunidades que se opõem a esses projetos extrativistas "encontram-se progressivamente na linha de fogo da segurança privada das empresas, das forças estatais e de um mercado próspero para assassinos de aluguel" (Klein, 2021, p. 251).

Mesmo nas áreas protegidas, o desmatamento cresce, como mostra o gráfico abaixo (Fig. 33):

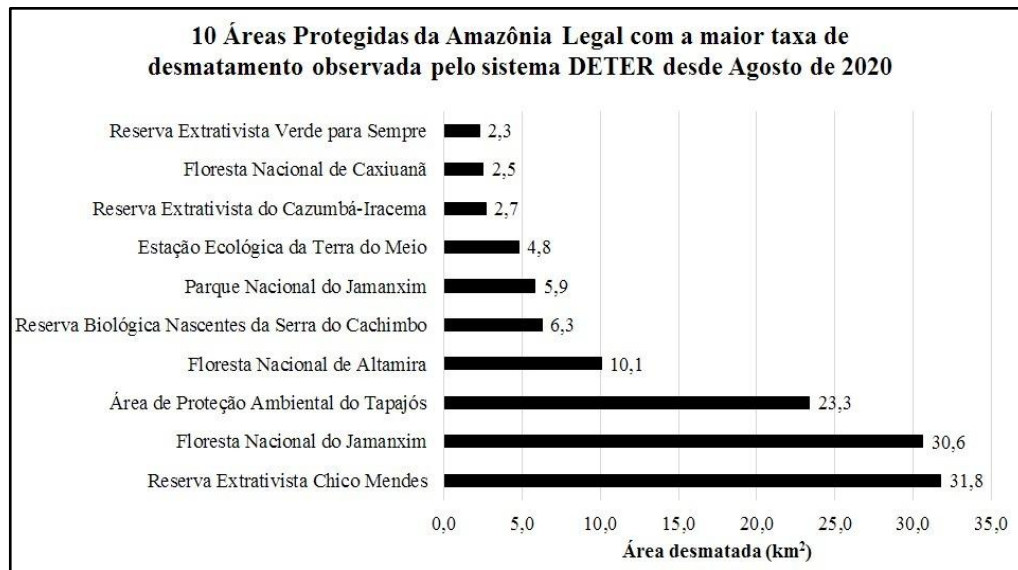


Figura 33: A Cazumbá em 8º. Lugar no desmatamento. Fonte: <https://sosamazonia.org.br/tpost/i1daeci3g1-reserva-extrativista-chico-mendes-lidera>

na região amazônica que ainda restam grandes florestas do Brasil, conforme mostra o mapa abaixo (Fig. 34):



Figura 34: Concentração florestal do Brasil. Fonte: SFB, 2020.

A valorização dos conhecimentos tradicionais, articulada a mecanismos econômicos que reconheçam o valor da floresta em pé e a políticas educacionais contextualizadas e culturalmente pertinentes, constitui a base para a construção de estratégias mais eficazes e justas de conservação e desenvolvimento sustentável da Amazônia. Como adverte Aécio, do ICMBio:

Enquanto uma parcela expressiva dos moradores da região amazônica não estiver convencida de que a floresta é seu maior patrimônio, o risco de degradação continuará elevado. Sem a adesão local, as conquistas ambientais permanecem frágeis (Comunicação pessoal, janeiro de 2025).

A superação da crise socioambiental amazônica demanda uma profunda reorientação epistêmica e política, que reconheça a floresta e seus povos como sujeitos de direitos e protagonistas na construção de alternativas sustentáveis e plurais. Os processos de marginalização social e degradação ambiental se articulam de forma indissociável. É na Amazônia onde se concentra a renda per capita mais baixa do Brasil, (Fig. 35) exigindo abordagens integradas que reconheçam a interdependência entre justiça social e sustentabilidade ecológica.

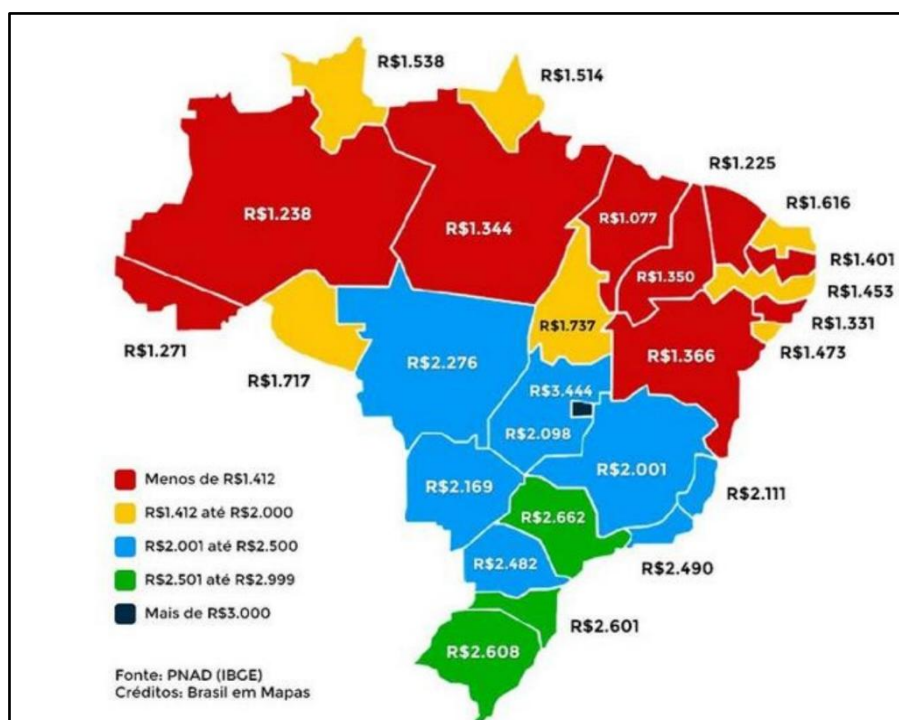


Figura 35: Renda mensal brasileira *per capita* por estado. Fonte: PNAD 2023.

5. Gênero, Agência e Territorialidade: A Centralidade Feminina na Construção Sociocultural

A narrativa sobre as mulheres amazônicas frequentemente evoca a Lenda das Amazonas, guerreiras míticas descritas por cronistas como Frei Gaspar de Carvajal no século XVI. Conhecidas por sua força e habilidade em batalha, não permitiam a presença de homens, mas recebiam-nos uma vez por ano para procriar. Expedicionários também encontraram mulheres guerreiras semelhantes na Amazônia, descritas como altas, musculosas e de pele clara. Embora desprovida de comprovação histórica factual, a persistência desse imaginário

pode ser interpretada antropologicamente como um reconhecimento simbólico da força, autonomia e centralidade feminina em muitas cosmologias e organizações sociais da região. Para além do mito, a etnografia da Cazumbá revela uma história concreta e contínua de protagonismo feminino, fundamental para a própria constituição e reprodução sociocultural deste território.

A história oral oferece um acesso privilegiado à compreensão dos papéis de gênero e da transmissão de saberes ao longo das gerações. O relato de Nenzinho sobre sua linhagem feminina é emblemático. Sua bisavó, descendente de africanos trazidos durante o ciclo da borracha, e sua avó Júlia, filha de uma cozinheira de *barracão*²³ e vítima de violência doméstica e racismo, não foram figuras passivas. Pelo contrário, Júlia assumiu tarefas tradicionalmente associadas ao universo masculino no contexto extrativista: “era ela quem cortava seringa, caçava, pescava e levava as filhas junto com ela em todos os trabalhos”. Essa descrição ilustra não apenas a dureza das condições de vida, mas também uma flexibilidade na divisão sexual do trabalho imposta pelas circunstâncias e, crucialmente, a transmissão matrifocal de conhecimentos e resiliência. A mãe de Nenzinho, Dona Joventina, herdou essa força e a capacidade de trabalho, gerenciando uma prole numerosa (doze filhos) e múltiplas tarefas produtivas e reprodutivas. Sua atuação transcende o espaço doméstico: alfabetizada pelo avô, tornou-se uma agente educadora, ensinando o catecismo e atuando como professora do *MOBRAL*²⁴, inclusive deslocando-se para ensinar vizinhas. Sua posterior adesão às Comunidades Eclesiais de Base como “pregadora da palavra de Deus” consolida sua imagem como líder comunitária, um “poço de sabedoria”, como descreve Nenzinho, ressaltando uma agência feminina notável em um contexto frequentemente descrito como

²³ Barracão: Era a sede do seringal tradicional onde ficava o “guarda-livros” que cuidava da contabilidade do seringal. Também era onde ficava o armazém principal que abastecia todo o seringal.

²⁴ MOBRAL: Movimento Brasileiro pela Alfabetização, extinto em 1985

patriarcal. Joventina também atuava como seringueira. E foi na floresta, enquanto cortava seringa, que se feriu mortalmente, deixando 12 filhos menores de idade.

A dinâmica tradicional do seringal frequentemente implicava longas ausências masculinas, com homens embrenhando-se na mata para atividades extrativistas ou caça. Nesse cenário, como aponta Socorro, as mulheres não apenas “seguravam a casa”, garantindo a reprodução social no espaço doméstico, mas também assumiam papéis cruciais na esfera pública. Esta capacidade de ocupar espaços e garantir a continuidade da vida comunitária demonstra a agência feminina para além das expectativas normativas de gênero. Como relata Anna Tsing no seu livro *O Cogumelo no Fim do Mundo*: (2015), coletar cogumelos foi uma das formas que alguns Mien, etnia do Sudeste Asiático, encontraram para não se sujeitar aos subempregos destinados aos imigrantes nos Estados Unidos, o que os aproximava de uma experiência de liberdade. Na Cazumbá, mulheres, como Francisca preferem a sua liberdade de viver no meio da floresta a se sujeitarem, a ter subempregos nas cidades. Mesmo que, para isso, passem por grandes dificuldades. A anedota contada por Lázaro Siqueira Moura sobre a criança que não reconhece o próprio pai: “mãe, tem um homem estranho dentro de casa!” devido às suas longas e constantes ausências impostas pelo ritmo do trabalho no seringal e na caça, ilustra de forma contundente as consequências dessa divisão sexual do trabalho. Revela a centralidade da figura materna e do núcleo mãe-filhos na socialização primária e na própria percepção infantil do espaço doméstico e familiar, reforçando a importância do papel feminino na manutenção dos laços sociais e afetivos cotidianos.

No presente, a contribuição feminina permanece vital, adaptando-se a novas realidades. Socorro destaca a importância das mulheres na gestão dos recursos advindos de programas sociais como o Bolsa Família e o Bolsa Verde. Sua observação de que elas “administram o pouco que tem, bem administrado” e “aproveitam as coisas com muito mais cuidado e sensibilidade” aponta para uma economia onde a prudência e a responsabilidade com o bem-estar familiar orientam as práticas econômicas. Um indicador significativo da crescente agência feminina é a ocupação de espaços formais de poder. Hoje,

quatro dos treze núcleos da Cazumbá já são presididos por mulheres. Contudo, é na organização coletiva para fins econômicos que essa agência se manifesta de forma mais promissora para o futuro.

A estruturação da primeira Cooperativa de Mulheres na Cazumbá, liderada por Socorro Siqueira e Aurelice Vasconcelos, com o sugestivo nome “Mulheres com as Mãos na Terra”, representa um projeto de etnodesenvolvimento centrado nas mulheres. A iniciativa visa organizar a produção diversificada (farinha, feijão, arroz, hortaliças, produtos derivados de animais) para acessar mercados institucionais, como o PNAE²⁵, que obriga as escolas públicas à compra de percentuais da agricultura familiar. O projeto vai além da geração de renda, incorporando dimensões de segurança alimentar, capacitação técnica (“produzir o alimento de maneira adequada”), conscientização sobre o papel social da mulher, educação dos filhos e preservação ambiental. Essa iniciativa busca revalorizar o trabalho feminino e os saberes associados à produção de alimentos e ao aproveitamento integral dos recursos (“Quem mata um porco, também faz o sabão”), promovendo não uma ruptura com as práticas alimentares locais, mas sua melhoria e valorização. A Cooperativa emerge, assim, como um espaço potencial de empoderamento econômico, social e político para as mulheres da Cazumbá.

As mulheres da Cazumbá demonstram uma capacidade contínua de agência, trabalho e resiliência. Elas foram e continuam sendo pilares na sustentação econômica, na reprodução social, na transmissão cultural, educacional e na própria manutenção da territorialidade extrativista. Suas trajetórias, marcadas por desafios históricos e sobrecarga de trabalho, revelam também uma força transformadora que agora se organiza coletivamente, apontando para um futuro em que a contribuição feminina não é apenas reconhecida, mas ativamente

²⁵ PNAE: Programa Nacional de Alimentação Escolar

mobilizada como eixo central para o desenvolvimento sustentável e a vitalidade cultural da Cazumbá.

6. Educação, Etnodesenvolvimento e Agência Comunitária: Disputas e Horizontes

Nos discursos dos moradores e gestores ligados à Cazumbá, a educação emerge de forma unânime como um campo crucial, depositário de esperanças e alvo de profundas críticas. Para além de sua função formal de instrução, a escola na Cazumbá é percebida como uma arena central onde se negociam identidades, se disputam modelos de desenvolvimento e se projeta o futuro da comunidade e do território. A insatisfação generalizada com o modelo educacional vigente, considerado precário e descontextualizado, impulsiona a busca por alternativas que dialoguem com a realidade sociocultural e ambiental extrativista, configurando um clamor por uma educação diferenciada.

As vozes coletadas na pesquisa etnográfica convergem na identificação de múltiplas fraturas no sistema educacional oferecido. A professora Algecida aponta a insuficiência crônica da formação continuada – “três dias por ano” contra a necessidade percebida de “um mês” – e a desvalorização docente, refletindo um problema estrutural que transcende a localidade. A precariedade da infraestrutura é outro ponto nevrálgico, mencionado por Aécio dos Santos e implícito na falta de recursos básicos. A falta de professores, resultando em salas multisseriadas (uma professora para três turmas, segundo Algecida), agrava o quadro, dificultando um ensino de qualidade. Do ponto de vista antropológico, a crítica mais contundente reside na inadequação do currículo e das práticas pedagógicas à realidade local. Socorro lamenta a ausência de um “acompanhamento pedagógico” e de “material adequado”, especialmente para trabalhar os “valores culturais” e a “conscientização da importância da sua cultura”. Sua comparação com a educação indígena, que possui conteúdos específicos, evidencia a percepção de que a escola na Cazumbá opera sob um regime de políticas educacionais homogeneizantes, que falham em reconhecer e incorporar o etnoconhecimento local.

A questão da merenda escolar, que “vem da rua” em vez de ser adquirida da produção local (apesar das diretrizes do PNAE), simboliza esse desencontro entre as políticas públicas e

as potencialidades do território, minando oportunidades de fortalecer a economia local e a segurança alimentar através da escola. Essa falta de diálogo intercultural resulta em uma educação que, segundo os entrevistados, não prepara os jovens nem para a continuidade dos modos de vida tradicionais, nem para uma inserção qualificada em outros contextos. A ausência de opções de cursos técnicos ou superiores adaptados à realidade local, como apontado por Nenzinho, contribui para o dilema juvenil entre permanecer sem perspectivas ou sair despreparado.

Frente a esse cenário, emerge com força a agência comunitária, manifesta em propostas concretas para a construção de um modelo educacional alinhado aos princípios do etnodesenvolvimento – um desenvolvimento pensado a partir da lógica cultural e das necessidades da própria comunidade. As propostas, embora variadas, compartilham um núcleo comum: a necessidade de uma educação que fortaleça a identidade extrativista, valorize os saberes locais e ofereça ferramentas para a gestão sustentável do território e para a melhoria da qualidade de vida. Nenzinho apresenta um plano abrangente, que articula diferentes níveis: formação de professores com perfil extrativista (Pedagogia da Floresta), cotas e bolsas para acesso e permanência de jovens da Cazumbá em universidades, oferta de cursos técnicos relevantes para a realidade local (não apenas ligados ao extrativismo, mas também serviços como estética, mecânica, eletricidade), um sistema de saúde específico (Medicina da Floresta) e um modelo de escola próprio, baseado na alternância e focado na produção e manejo. Essas propostas visam criar um ciclo virtuoso, onde a educação fortalece a comunidade e a comunidade informa a educação. Algecida sonha com uma “escola família agroextrativista”, gerida pela própria Associação comunitária, com forte viés prático e de responsabilização dos estudantes na produção e manutenção. Socorro Siqueira enfatiza a necessidade de trabalhar os “valores da família” e “culturais” na escola, buscando parcerias

(como com o ICMBio e a UFAC²⁶) para produzir material didático específico que valorize o meio ambiente e a cultura tradicional. Essas visões apontam para uma escola que transcende



a mera instrução, tornando-se um centro de produção e reprodução cultural, social e econômica (Fig. 36 e 37).

Figura 36: A chegada das crianças na escola da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).

²⁶ UFAC: Universidade Federal do Acre (pública).



Figura 37: As crianças na escola da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).

A concretização dessas propostas esbarra em desafios estruturais significativos. A dependência de recursos externos, a necessidade de qualificação docente, a precariedade da infraestrutura (apesar de iniciativas como a compra de antenas de internet pelo ICMBio, mencionada por Aécio) e a rigidez das estruturas burocráticas e das políticas educacionais são obstáculos reais.

Tiago Juruá, com uma visão a partir da gestão federal, reconhece a criticidade da situação e a necessidade de investimentos massivos em formação, estrutura e recursos. Nesse contexto, a comunidade mobiliza seu capital social e busca construir redes de colaboração. As conversas iniciadas com a UFAC para levar cursos de extensão, técnicos e, futuramente, de graduação (inicialmente licenciaturas) para a Cazumbá, mencionadas por Socorro, exemplificam essa estratégia. A busca por parcerias com o ICMBio para orientação pedagógica na área ambiental é outro exemplo. Essas iniciativas demonstram a capacidade de articulação da comunidade na busca por soluções que o poder público formal muitas vezes não oferece ou o faz de forma inadequada.

Os caminhos da educação na Cazumbá estão em disputa. De um lado, a persistência de um modelo educacional padronizado, que ignora as especificidades locais e contribui para

a desvalorização cultural e o êxodo juvenil. De outro, a emergência de projetos educativos endógenos, ancorados na agência comunitária e nos princípios do etnodesenvolvimento, que veem na educação uma ferramenta para fortalecer a identidade, garantir a transmissão intergeracional de conhecimentos (incluindo o etnoconhecimento) e construir um futuro sustentável no território. A luta por uma educação de qualidade e culturalmente relevante na Cazumbá transcende a esfera pedagógica, configurando-se como um projeto político fundamental para a garantia de direitos e para a autodeterminação da comunidade. As propostas e críticas aqui analisadas não são apenas diagnósticos locais, mas ecoam debates mais amplos sobre interculturalidade, justiça social e modelos de desenvolvimento na Amazônia e em outros contextos de diversidade sociocultural.

7. Juventude e Territorialidade: Transformações Socioculturais e Perspectivas Geracionais

A territorialidade, para as comunidades tradicionais amazônicas, representa muito mais do que a simples ocupação de um espaço geográfico. Conforme aponta Paul Little (2002), ela se constitui como um complexo sistema de relações socioespaciais, intrinsecamente ligado à construção de identidades coletivas, à reprodução sociocultural e à própria cosmologia desses grupos. Na Cazumbá, observamos um processo dinâmico de reconfiguração dessa territorialidade, particularmente evidente entre as gerações mais jovens, que se encontram em uma posição de liminaridade (Turner, 1969), transitando entre o universo sociocultural do extrativismo tradicional e as crescentes influências da modernidade urbana e globalizada.

Este capítulo, fundamentado em incursões etnográficas realizadas em novembro de 2023 e janeiro de 2025, busca analisar as múltiplas dimensões desse processo de transformação, focando nas tensões, negociações e novas configurações identitárias e

territoriais que emergem nesse contexto. A investigação identificou a migração dos jovens como uma questão central que permeia as discussões sobre o futuro da reserva, suscitando perspectivas distintas e, por vezes, conflitantes entre os diferentes atores sociais envolvidos. Em conversas realizadas durante o trabalho de campo, muitos filhos de seringueiros expressaram o desejo de seguir profissões incompatíveis com a permanência na reserva, evidenciando um processo complexo de transformação cultural que coloca em questão a própria continuidade do modo de vida extrativista.

As questões que emergem como inquietações centrais nas narrativas dos interlocutores - "Ficar ou sair?", "O que ser?", "Onde fazer?" e "Qual o futuro da unidade familiar?" - revelam as múltiplas dimensões desse processo de reconfiguração territorial e identitária. Estes indícios de mudança cultural sugerem que a permanência das novas gerações na Cazumbá pode estar comprometida, configurando um cenário de incertezas que demanda uma análise antropológica cuidadosa das dinâmicas socioculturais em curso.

Em conversas na Cazumbá, em dezembro de 2023, a antropóloga Mary Allegretti, com vasta experiência junto aos seringueiros acreanos, me expressa uma preocupação central que permeia as discussões sobre o futuro das RESEX: o risco da desterritorialização. Sua apreensão - "tenho medo de que os jovens saiam para viver nas cidades e essas enormes quantidades de terras fiquem ainda mais desprotegidas e sujeitas a invasões e desmatamentos" - ecoa os debates sobre os processos de desterritorialização analisados por geógrafos como Rogério Haesbaert (2004). A saída dos jovens não representa apenas um potencial perda demográfica, mas também um enfraquecimento dos laços simbólicos e práticos com o território, comprometendo a transmissão do etnoconhecimento e a capacidade de defesa socioambiental da Cazumbá frente a pressões externas, como o desmatamento e a grilagem.

Esta preocupação encontra eco nas observações de campo realizadas em 2023, onde se evidenciou que a cidade, apesar dos relatos de violência urbana e das dificuldades de adaptação para quem provém da floresta, ainda é frequentemente percebida como espaço de oportunidades, lazer e facilidades. A mídia desempenha papel crucial na construção desta

imagem idealizada dos centros urbanos, tecendo uma rede imaginária que conecta lugares e vidas distantes, influenciando significativamente as aspirações das gerações mais jovens. Esse processo de construção de imaginários urbanos opera através de uma compressão espaço-temporal (Harvey, 1989) que aproxima simbolicamente os jovens do universo urbano, alterando suas percepções sobre as possibilidades de vida e trabalho.

As perspectivas dos moradores da Cazumbá sobre o futuro das novas gerações revelam posições distintas que refletem diferentes leituras dos processos em curso. Francisca Feitosa Gadelha manifesta uma confiança absoluta na permanência, afirmando que seus filhos e netos jamais vão sair de lá. Em contrapartida, Nenzinho e Aécio acreditam que pode sair muito mais gente do que ficar e, se não forem criadas condições de mais qualidade de vida e oportunidades de trabalho, essa fuga pode ocorrer de forma ainda mais intensa. Já Socorro Siqueira apresenta uma perspectiva mais otimista baseada em dados demográficos recentes, questionando a narrativa do esvaziamento:

Algum risco existe. Mas se você vir, é uma questão relativa. Tu sabes quantas crianças estão nascendo agora em um prazo de três meses aqui, ao redorzinho da minha casa? Doze criancinhas. Doze. Imagina. É uma construção. Eu acredito que vai ser necessário sair, porque senão não vai suportar, porque é uma questão que o jovem que casa quer dois, três filhos só. Pelo menos, não é mais 10 ou 15 como eram antigamente. Mas ele vai querer dois, três filhos. Mas são muitos, a população é grande.

Esta observação de Socorro revela uma transformação demográfica significativa, onde as famílias contemporâneas optam por menos filhos (dois a três) em comparação com as gerações anteriores (dez a quinze), mas ainda assim mantêm um crescimento populacional considerável. Essa mudança nos padrões reprodutivos reflete transformações culturais mais amplas, influenciadas por fatores como acesso à educação, mudanças nos papéis de gênero e novas concepções sobre planejamento familiar, aspectos que se articulam com as dinâmicas de modernização que atravessam a reserva (Fig. 38).



Figura 38: Mães da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

A etnografia realizada no ambiente escolar da Cazumbá revelou um panorama complexo das aspirações juvenis, que vão desde aqueles que não encontram colocação até os que buscam profissões distantes das suas possibilidades. Como observa João Moreira Salles (2021), "É na Amazônia que estão os jovens brasileiros menos propensos a trabalhar ou a buscar emprego. É gente que desistiu" (p. 377). A menção a profissões como policial federal, advogado e jogador de futebol indica uma forte internalização de referenciais urbanos, muitas vezes incompatíveis com a permanência no território extrativista. Este fenômeno, interpretado como uma possível ruptura na transmissão intergeracional de saberes e práticas seringueiras, está diretamente associado ao declínio da economia da borracha.

O relato de Algecida Maia, professora da escola local, é emblemático dessa transição econômica e cultural:

São poucos os que são filhos de seringueiros, porque hoje aqui o seringueiro está acabando. O preço da borracha está diminuindo. E aí o seringueiro deixa de ser seringueiro para ser agricultor, para fazer a farinha, para plantar banana e, uma vez por ano, colher a castanha... E a castanha não tem pra todo mundo.

Essa mudança nos modos de produção, analisada pela antropologia econômica, impacta profundamente a reprodução social e a construção identitária, levando os jovens a buscarem alternativas fora do modelo extrativista tradicional. A transição do extrativismo da borracha para atividades agrícolas diversificadas representa não apenas uma adaptação econômica, mas uma reconfiguração fundamental das relações com o território e dos sistemas de conhecimento que orientam as práticas produtivas.

Neste contexto de transformações, a trajetória de Keven Maia (Fig. 39), 17 anos, neto de Nenzinho, oferece um estudo de caso rico sobre as complexidades da identidade juvenil na Cazumbá. Sua indumentária (camiseta da banda de rock Iron Maiden) e gosto musical eclético (de Pink Floyd, Beatles, Led Zeppelin, a Cássia Eller, Raul Seixas e Cartola) sinalizam a apropriação de elementos da cultura globalizada. Contudo, seu discurso revela um profundo vínculo afetivo e uma consciência crítica em relação ao território:

Aqui é um lugar que já me forneceu alegrias... Me desagrada muito ver pessoas saindo da reserva... A Cazumbá tá perdendo um pouco da essência. O que faz a reserva é o morador.



Figura 39: Keven Maia. Neto de Nenzinho, jovem da Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

Essa coexistência de referenciais globais e locais ilustra processos de hibridização cultural (Canclini, 1995), onde diferentes universos simbólicos se mesclam e se ressignificam. A intenção de Keven de retornar à reserva após concluir o Ensino Médio em Sena Madureira, para cursar Psicologia remotamente e, quem sabe, atuar na escola local, aponta para um possível movimento de desterritorialização (Haesbaert, 2004). Trata-se de um retorno que não nega as experiências e saberes adquiridos fora, mas busca reintegrá-los ao contexto da reserva, reconfigurando sua relação com o território.

A introdução e disseminação das tecnologias de comunicação, especialmente a internet via satélite e os celulares, emergem como um vetor crucial de transformação sociocultural. Socorro Siqueira observa a ambivalência desse processo: por um lado, a "facilidade da comunicação" agiliza contatos e acesso a serviços; por outro, "colocou pessoas totalmente despreparadas... em contato com o mundo", alterando dinâmicas familiares e comunitárias ("Cada um com o celular... acabou com o ambiente familiar"). Essa compressão espaço-temporal, facilitada pelas mídias digitais, aproxima simbolicamente os jovens do universo urbano, influenciando suas aspirações ("muitos veem seu futuro nas cidades") e práticas cotidianas. Em 2023, quando estive lá pela primeira vez, eram poucos os moradores que se aproximavam do alojamento, onde eu estava instalado (sede local do ICMBio), para captar o sinal de internet e usarem seus celulares. Era o único lugar que tinha sinal. Um ano depois, as antenas da Starlink já estão instaladas em diversas casas e muito mais gente passa de cabeça baixa, conectados nas redes sociais. Como Maira Oliveira Chaves, que cuida da limpeza do alojamento. Em qualquer folga da limpeza, lá estava ela lendo mensagens e postando fotos, enquanto seu filho de três anos, circulava por ali, sempre com um saco de alimentos ultraprocessados nas mãos.

A preocupação com a chegada de conteúdos "sem nenhum filtro" (funk, facções) revela tensões intergeracionais sobre controle social e transmissão de valores. As mudanças nos padrões alimentares ("alimentos enlatados, salgadinhos, refrigerantes"), como aponta a antropologia da alimentação (Mintz, 1985; Fischler, 1988), são indicadores materiais dessas transformações culturais mais amplas, refletindo uma alteração na relação com o ambiente e na própria identidade coletiva. Esses novos hábitos alimentares não representam apenas mudanças de consumo, mas transformações nas relações de reciprocidade, nos ritmos de trabalho e nas formas de sociabilidade que tradicionalmente se organizavam em torno da produção e preparo dos alimentos locais. Caminhando pela Cazumbá, é possível encontrar crianças circulando com embalagens de salgadinhos e alimentos ultraprocessados por toda parte, em vez da alimentação natural e saudável produzida localmente (Fig. 40). Enquanto entrevistava o casal Cleonice e Antonio na varanda de sua casa, em frente ao principal local de lazer dos moradores - o campo de futebol - por três vezes fomos interrompidos por crianças e adolescentes que chegaram para comprar sacos de Ruffles, que Cleonice e Antonio vendem. Na cozinha da casa do Nenzinho, presidente da Associação dos Moradores, situada ali perto, por diversas vezes vi seus netos comendo alimentos ultraprocessados, comprados por seus pais, quando se deslocam até a cidade de Sena Madureira para se abastecerem do que não produzem na Cazumbá.



Figura 40: Os alimentos ultraprocessados chegaram com força na Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

A questão da saída dos jovens da Cazumbá suscita perspectivas distintas e, por vezes, conflitantes, evidenciando diferentes concepções sobre mobilidade, direitos e desenvolvimento. A educadora Socorro Siqueira advoga pela necessidade de "fazer a gestão do êxodo rural", alertando para os riscos da migração desestruturada para as periferias urbanas: "Você tirar um jovem de casa hoje com 13, 14 anos e colocar ele numa periferia de uma cidade como Sena Madureira, vai colocar ele na beira do risco". Eliane Brum, em Onkotò, segue o mesmo raciocínio: "Crianças da floresta se tornam adolescentes na periferia da cidade, uma volta para a qual não há volta" (Brum, 2021, p.85).

Esta preocupação com a "zona de risco" evidencia a percepção de vulnerabilidades específicas associadas à migração rural-urbana sem adequada preparação. Na visão de Socorro, porém, não se trata de imobilismo. Ela reconhece o potencial positivo da saída planejada da Cazumbá e o papel de jovens que, "como Leandro Souza, que está na Fiocruz²⁷, fazendo um trabalho excelente na área de saúde, pesquisando essa área nossa aqui e trazendo grandes benefícios para a Cazumbá, retornando como agente de transformação local". Este relato ilustra o que a antropologia do desenvolvimento caracterizaria como processos de agência e mediação cultural (Ortner, 2006), onde indivíduos transitam entre diferentes contextos, apropriando-se de saberes e recursos que posteriormente são mobilizados em benefício de suas comunidades de origem.

Em contrapartida, Salo Coslovsky defende a normalidade e o direito à mobilidade: "Encarar a vontade de muitos jovens que querem sair das RESEX é normal. Assim como nós já fizemos, eles também têm o direito de sair". Essa perspectiva questiona visões que podem estigmatizar a migração e introduz uma dimensão ética fundamental sobre autodeterminação e liberdade de escolha. Tiago Juruá, por sua vez, lamenta a aparente falta de "conhecimento

²⁷ Fundação Oswaldo Cruz: é uma instituição brasileira ligada ao Ministério da Saúde, focada em ciência, tecnologia e inovação em ciências biológicas. Sua atuação é ampla, com destaque para pesquisas em saúde pública e desenvolvimento de soluções para o sistema de saúde.

histórico de luta dos seringueiros" entre os jovens, o que dificultaria o engajamento na defesa do território.

A educação ocupa um lugar central no debate sobre o futuro dos jovens na Cazumbá, funcionando simultaneamente como fator de expulsão e possibilidade de fixação. As deficiências do sistema educacional local - falta de professores, estrutura precária, ausência de opções de ensino superior - são apontadas como um dos principais fatores que impulsionam a migração. Como observa Algecida, professora que já foi por diversas vezes diretora da escola local: "O aluno daqui não tem a opção de escolher o curso que ele gosta. Então ele tem que sair". Esta limitação educacional cria um paradoxo: a educação, que deveria ser um instrumento de empoderamento local, torna-se um fator de expulsão territorial.

Paradoxalmente, a educação é também vista como a principal ferramenta para promover a permanência qualificada dos jovens no território. A iniciativa de buscar parcerias com a UFAC para oferecer cursos de extensão e graduação na própria reserva representa uma estratégia promissora de "reterritorialização do conhecimento", buscando conciliar as aspirações educacionais com a vida na comunidade e formar profissionais capazes de atuar no contexto local. Como afirma Nenzinho: "Se não existir uma política educacional diferenciada, voltada para os filhos dos extrativistas, no sentido de empoderar as pessoas daqui, se não tiverem mais oportunidades, o povo vai mudar sua cultura".

Os casos de Keven, Kairo e Galego ilustram a diversidade de trajetórias e identidades juvenis na Cazumbá, evidenciando que não há um único destino ou identidade para a juventude local, mas múltiplos caminhos sendo negociados individual e coletivamente. Keven representa o hibridismo e a possibilidade de retorno com um novo projeto de vida, articulando formação acadêmica com compromisso territorial. Kairo, com seu sonho de ser jogador de futebol e suas ideias contraditórias sobre turismo, evidencia as tensões entre o desejo de pertencimento local e a atração por referenciais globais, ainda sem uma mediação clara entre esses universos. Galego, já morando na cidade e buscando estabilidade via concurso público, exemplifica a saída em busca de oportunidades, mas também as dificuldades de adaptação ao

ambiente urbano ("Me senti sozinho, um pouco perdido"), embora seu retorno à reserva seja visto apenas como esporádico.

Essas trajetórias diversas mostram que as identidades juvenis na Cazumbá estão em constante processo de construção e negociação, articulando elementos locais e globais, tradicionais e modernos, rurais e urbanos. A agência juvenil se manifesta não apenas na decisão de ficar ou sair, mas nas múltiplas formas de ressignificar e recriar os vínculos territoriais, seja através do retorno qualificado, da manutenção de redes de solidariedade à distância, ou da criação de novos projetos de vida que articulem diferentes escalas espaciais e temporais.

A análise das dinâmicas juvenis na Cazumbá revela um cenário complexo de transformação sociocultural, marcado por tensões entre permanência e mobilidade, tradição e modernidade, territorialização e desterritorialização. Fatores como o declínio da economia extrativista, a precariedade educacional, a influência das tecnologias digitais e a atração por modelos de vida urbanos interagem na configuração das aspirações, identidades e trajetórias dos jovens. Estes processos não podem ser compreendidos de forma linear ou determinística, mas como resultado de múltiplas negociações e mediações que os próprios jovens estabelecem entre diferentes universos de referência.

O futuro da reserva parece depender da capacidade de articular a conservação ambiental e a valorização dos saberes tradicionais com a criação de novas oportunidades econômicas, educacionais e culturais que dialoguem com as expectativas das novas gerações. A "cultura do seringueiro", descrita como "adormecida", necessita ser não apenas resgatada, mas reinventada e ressignificada pelos próprios jovens, em diálogo com os desafios e possibilidades do século XXI. Isso implica reconhecer que as tradições não são estruturas fixas, mas processos dinâmicos que se transformam através das práticas e interpretações de cada geração.

A "gestão do êxodo rural" e a promoção de estratégias de reterritorialização, como a oferta de educação superior na própria reserva, emergem como caminhos promissores, mas que demandam investimentos consistentes e políticas públicas sensíveis às especificidades locais. Essas iniciativas devem considerar não apenas as necessidades econômicas e educacionais, mas também as dimensões simbólicas e afetivas que orientam as escolhas juvenis. A criação de alternativas de permanência qualificada no território requer o desenvolvimento de projetos que articulem conhecimentos tradicionais e científicos, economia solidária e sustentabilidade ambiental, identidade local e inserção global.

As transformações observadas na Cazumbá não são fenômenos isolados, mas parte de processos mais amplos que atravessam as comunidades tradicionais amazônicas no contexto da globalização. A compressão espaço-temporal promovida pelas tecnologias de comunicação, as mudanças nos padrões de consumo e produção, e as novas formas de sociabilidade juvenil configuram um cenário de incertezas e possibilidades que demanda respostas criativas e contextualizadas. Nesse sentido, a experiência da Cazumbá pode oferecer insights importantes para outras comunidades que enfrentam desafios similares.

Compreender as complexas negociações identitárias e territoriais vivenciadas pela juventude da Cazumbá exige um olhar antropológico atento às múltiplas vozes, às contradições e às estratégias criativas mobilizadas por esses jovens na construção de seus projetos de vida, entre a floresta e o mundo. As respostas para os desafios contemporâneos das comunidades tradicionais amazônicas não virão de modelos externos impostos, mas da capacidade de promover diálogos intergeracionais e interculturais que fortaleçam a agência local na definição de futuros possíveis e desejáveis.

A diversidade de perspectivas manifestas pelos moradores da Cazumbá - desde o otimismo demográfico de Socorro até as preocupações de Nenzinho e Aécio sobre o esvaziamento - reflete a complexidade dos processos em curso e a necessidade de abordagens multifacetadas que considerem tanto os riscos quanto as potencialidades do momento atual. O reconhecimento dessa diversidade de visões e experiências é fundamental para a

construção de estratégias de desenvolvimento que sejam verdadeiramente participativas e sustentáveis.

Por fim, a questão juvenil na Cazumbá nos convida a repensar as próprias categorias através das quais compreendemos as relações entre tradição e modernidade, local e global, permanência e mobilidade. Os jovens da reserva não são simplesmente receptores passivos de influências externas, mas agentes ativos na construção de novas sínteses culturais que podem contribuir para a reinvenção do modo de vida extrativista em bases mais sustentáveis e inclusivas. Suas trajetórias, aspirações e dilemas constituem um laboratório privilegiado para compreender os desafios e possibilidades das comunidades tradicionais no século XXI, oferecendo pistas importantes para a construção de futuros que articulem justiça social, sustentabilidade ambiental e diversidade cultural.

8. Liderança, Governança e os Futuros da Cazumbá

A sustentabilidade e o futuro das RESEX na Amazônia estão intrinsecamente ligados aos modelos de governança adotados e à dinâmica das lideranças locais. Na Cazumbá, a análise etnográfica revela um cenário complexo, marcado por tensões entre a autonomia comunitária historicamente reivindicada e as estruturas de gestão impostas ou propostas por agentes estatais. Este capítulo explora as configurações de liderança, os desafios da participação social e os discursos conflitantes sobre o modelo ideal de governança para a Cazumbá, buscando compreender como esses fatores moldam as perspectivas de futuro para a comunidade e o território.

Uma característica marcante observada no campo é a centralidade da figura de Nenzinho, liderança histórica cujo papel permeia a maior parte das decisões locais. Essa concentração de poder, embora fruto de um longo processo de luta e reconhecimento (Little, 2002), coexiste com uma aparente dificuldade na emergência e consolidação de novas

lideranças masculinas, com muitos demonstrando relutância em assumir posições de protagonismo. Em contraste, emerge com força a participação feminina. As mulheres, além de suas responsabilidades tradicionais no âmbito doméstico, familiar e educativo (sendo a maioria das professoras), estão ocupando espaços formais de poder, presidindo 4 dos 13 núcleos de base e organizando uma Cooperativa de Mulheres voltada para a produção de alimentos. Este fenômeno aponta para reconfigurações nas relações de gênero e poder na comunidade, um tema relevante para a antropologia da Amazônia (Harris, 1984; Nugent, 1993).

As visões sobre como a Cazumbá deveria ser gerida divergem significativamente entre a liderança comunitária e os representantes do órgão gestor (ICMBio), refletindo tensões clássicas na relação entre Estado e comunidades tradicionais (Scott, 1998; Almeida, 2004).

Nenzinho articula um discurso fundamentado na história de luta dos seringueiros pela autonomia territorial e pela dignidade. Ele reivindica um modelo de “gestão participativa diferente”, onde a comunidade e suas associações detenham o poder decisório (“escolham o que tem que ser feito, quem faz, avaliem se faz bem ou ruim”), cabendo ao governo apenas o “apoio financeiro, técnico e de estrutura”. Sua fala expressa um sentimento de frustração e desrespeito, percebendo a atuação do ICMBio como uma tutela que transforma a conquista da RESEX em uma “prisão”, onde os moradores são meros “cuidadores de um território do Governo” e os servidores agem como “xerifes”. Ele denuncia o distanciamento e a desvalorização das organizações comunitárias pelo órgão gestor, o que, segundo ele, fragiliza a própria reserva. “Não é com multas que vão conscientizar esse povo para não desmatar”, diz Nenzinho. Em contrapartida, Aécio dos Santos, gestor do ICMBio, apresenta uma visão que questiona a capacidade organizacional da comunidade. Ele atribui a dificuldade de trabalho conjunto a uma suposta falta de “cultura do associativismo” no Acre, contrastando-a com o sul do Brasil – uma generalização que pode ser problematizada à luz da diversidade de formas de organização social na Amazônia (Pacheco de Oliveira, 1999).

Para Aécio, as lideranças atuais estão “envelhecidas de idade e de ideias”, acomodadas pela relativas “paz e fartura” atuais, e as cooperativas locais seriam meros “atravessadores”. Sua perspectiva enfatiza a necessidade de ação coletiva impulsionada externamente e parece minimizar as formas locais de organização. Tiago Juruá, ex-gestor por 10 anos e atual Coordenador das Economias da Sociobiodiversidade do ICMBio, em Brasília, reconhece a existência de políticas voltadas para a gestão compartilhada e a previsão de um novo decreto regulamentador, mas aponta para a “fragilidade atual das organizações sociais” como um desafio de longo prazo, indicando a necessidade de estruturação e capacitação para que assumam responsabilidades de gestão – uma visão que, embora pragmática, pode reforçar a lógica tutelar criticada por Nenzinho.

A questão da participação comunitária é central e complexa. Nenzinho reclama da baixa participação, enquanto Socorro Siqueira atribui essa retração a um sentimento de desvalorização e à percepção de que a Associação não traz benefícios tangíveis (“acham que está impedindo eles de terem condições”).

No dia 18 de janeiro de 2025, acompanhei o processo de eleição do presidente do Núcleo de Base Bom Futuro (Fig. 41). Nenzinho e eu fomos de quadriciclo por trilhas quase intransitáveis, durante duas horas, até chegarmos na casa de Francisca Feitosa Gadelha. Lá, durante três horas presenciei as discussões e o encaminhamento para a eleição do novo presidente, já que o anterior tinha renunciado. O grande problema é que ninguém queria se candidatar. Achavam que era só administrar problemas, que não eram remunerados para isso e que não valia a pena. Perto do meio-dia, a dona da casa lançou como candidata a presidente sua filha Maria e seu marido, como vice-presidente. Foram eleitos na hora.

Socorro defende o fortalecimento das lideranças existentes, como Nenzinho, argumentando que ele esteve “muito só”, sem suporte e orientação adequados. Sua preocupação com a possível saída de Nenzinho da presidência da Associação (“não vejo outra pessoa que vai entender esse processo”) reforça a percepção de um vácuo de liderança. Socorro também aponta para a necessidade de fortalecer o Conselho da Associação,

envolvendo pessoas com “visão mais ampliada”, e de promover discussões nos grupos de base para lidar com frustrações sem “crucificar” as lideranças, reconhecendo que erros e acertos fazem parte de qualquer processo organizacional. A menção a “gente gananciosa” e “ignorantes” dentro da comunidade, e a poucos que entendem a necessidade de preservação, sugere a existência de conflitos internos e diferentes níveis de consciência ambiental, desafiando visões idealizadas de homogeneidade comunitária. Além das questões de governança, emergem desafios socioeconômicos prementes, como a dificuldade de acesso à alimentação devido à escassez de caça e peixe e à falta de incentivos para criações, e a transição de um sistema extrativista para a pecuária como estratégia de sobrevivência, o que pode gerar novas pressões ambientais e conflitos.



Figura 41: Eleição de Maria, a nova presidente do núcleo Bom Futuro. Fonte: Arquivo pessoal (janeiro/2025).

O futuro da governança na Cazumbá se apresenta como um campo de disputas e incertezas. De um lado, a reivindicação por autonomia e gestão comunitária, ancorada na trajetória de luta das lideranças históricas; de outro, a perspectiva estatal que, sob o discurso da necessidade de capacitação e da fragilidade organizacional local, corre o risco de perpetuar relações de tutela. A emergência de lideranças femininas e a reestruturação do Conselho da Associação podem representar caminhos para a renovação das lideranças e o fortalecimento da governança local, mas enfrentam desafios estruturais e culturais significativos. A implementação da gestão compartilhada, prevista legalmente, dependerá da capacidade de construir arranjos institucionais que efetivamente equilibrem o poder entre a comunidade e o Estado, respeitando a autonomia local e garantindo o suporte necessário. Tudo isso está muito distante do que Anna Tsing encontrou nos Mien, etnia do Sudeste Asiático: “Assembleias polifônicas, entrelaçamentos dos modos de vida. [...] performances da habitabilidade. [...] Em seus momentos de articulação mútua, criam situações habitáveis. [...] as agilidades específicas de cada espécie são aperfeiçoadas a partir das articulações das assembleias. (Tsing, 2015, p. 229). [...] Com a ausência do governo, buscam formas alternativas de fazer os seus mundos” (Tsing, 2015, p. 235). A superação da desconfiança mútua e a construção de um diálogo genuíno entre moradores, Associação e ICMBio são cruciais. Como aponta Nenzinho, a desvalorização das organizações comunitárias pelo Estado

não apenas gera descrédito, mas fragiliza a própria reserva, deixando seu futuro em aberto. A análise antropológica da política local na Cazumbá evidencia que a sustentabilidade socioambiental está indissociavelmente ligada à construção de um modelo de governança legítimo, participativo e que reconheça a agência e os direitos das populações que ali vivem.

9. Conclusão

A presente etnografia sobre a Cazumbá desvela a complexidade das relações socioecológicas na Amazônia contemporânea, evidenciando as tensões entre cosmologias tradicionais, políticas conservacionistas e pressões desenvolvimentistas. Observamos a persistência ontológica dos seringueiros que, apesar das adversidades estruturais, continuam a habitar a floresta acreana, permanecendo, como afirma Nenzinho, "largados na selva".

A análise etnográfica revela que as dificuldades enfrentadas pelos habitantes da Cazumbá transcendem questões meramente econômicas ou logísticas, manifestando tensões ontológicas fundamentais entre diferentes concepções de território, desenvolvimento e bem-estar. A condição liminar destes sujeitos sociais – simultaneamente guardiões da floresta e marginalizados pelas políticas públicas – evidencia as contradições do modelo conservacionista implementado na Amazônia brasileira.

A vivência dos seringueiros reflete a ideia de coevolução e coexistência entre seres humanos e não humanos conforme os princípios propostos por Tim Ingold (2022). Esses sujeitos constroem relações baseadas na cooperação e na harmonia com a natureza, reconhecendo que as interações entre as diversas espécies são dinâmicas e complexas e que a sobrevivência de cada uma está intrinsecamente ligada à sobrevivência de todas. Essa perspectiva holística sobre as relações ecológicas constitui um elemento fundamental dos saberes tradicionais que orientam as práticas de manejo ambiental dessas comunidades.

As comunidades extrativistas da Cazumbá desenvolveram historicamente práticas de manejo que se aproximam dos princípios propostos por Naess, demonstrando na prática a viabilidade de formas de organização social baseadas no respeito aos limites ecológicos e no reconhecimento da agência dos seres não-humanos.

A territorialidade na Cazumbá caracteriza-se por uma ambiguidade fundiária significativa: os seringueiros habitam e manejam um espaço que "não lhes pertence de fato".

A propriedade é do Governo Federal, a quem precisam pedir infraestrutura e a quem devem obedecer aos limites traçados". Esta configuração territorial, que visa conciliar conservação ambiental e permanência de populações tradicionais, frequentemente resulta em restrições às práticas produtivas sem a contrapartida de alternativas econômicas viáveis, gerando tensões entre os habitantes e os órgãos gestores. Como observa Marcelo Piedrafita Iglesias, antropólogo que participou da demarcação das terras onde se situa a Cazumbá, "não existem políticas públicas para as Resex. Só projetos pontuais". Esta descontinuidade nas intervenções estatais compromete a eficácia das iniciativas de desenvolvimento sustentável e reforça a percepção de abandono entre os moradores.

A investigação etnográfica desvelou a significativa penetração e influência do imaginário urbano nas dinâmicas socioculturais locais, exercendo um papel particularmente relevante na modelagem das aspirações e perspectivas de futuro das gerações mais jovens. Este fenômeno encontra eco nas reflexões de Butler (2018) acerca do imaginário da marginalidade, que postula a necessidade de "despertar um olhar crítico e uma reavaliação do contexto social, político e histórico" em que os jovens se inserem. Tal processo, que Butler (2018, p. 45) denomina uma "microrrevolução de identificação", detém o potencial de catalisar "um sentimento renovado de conexão com a comunidade, raça ou etnia, promovendo autorrespeito, orgulho e dignidade".

No contexto específico da Cazumbá, observa-se uma complexa interação entre as vivências locais e as representações do mundo "lá fora". A mídia hegemônica, frequentemente controlada por interesses e perspectivas de setores socialmente privilegiados e distantes da realidade amazônica profunda, tende a perpetuar narrativas e imagens que não apenas falham em transmitir com fidelidade as histórias e os modos de vida das populações tradicionais, mas que também contribuem para a construção de representações estigmatizadas ou, inversamente, idealizadas de suas realidades e das alternativas urbanas. Esta matriz de imagens e discursos exerce uma influência considerável

na configuração do imaginário coletivo, sobretudo entre os jovens, moldando suas escolhas, desejos e projeções em relação ao futuro (Butler, 2018).

A tensão palpável entre a permanência na reserva – com seus desafios, mas também com seus valores e saberes ancestrais – e a atração exercida pela migração para os centros urbanos emerge como uma manifestação concreta desta dinâmica. Representações frequentemente idealizadas da vida urbana, veiculadas por diversos canais midiáticos e pelo contato, ainda que esporádico, com o mundo exterior, contrastam com as experiências cotidianas da floresta e com os conhecimentos tradicionais prezados pelas gerações mais velhas. Este embate simbólico e prático constitui um elemento crucial para a compreensão das perspectivas de continuidade dos modos de vida seringueiros na Cazumbá, impactando diretamente as estratégias de reprodução social e as visões sobre o que constitui um "bom futuro" para os jovens da Cazumbá (relatos de Campo, janeiro de 2025).

A etnografia evidencia processos de transformação socioeconômica e identitária entre os habitantes da Cazumbá. Como observado em campo, "cada vez os seringueiros da Cazumbá são menos seringueiros e mais pequenos agricultores", indicando uma reconfiguração das práticas produtivas e das identidades sociais. A dependência crescente de programas governamentais como Bolsa Família e Bolsa Verde revela a insuficiência das atividades extrativistas tradicionais para garantir condições dignas de vida. Paradoxalmente, estes programas de transferência de renda reproduzem relações de dependência que remetem ao sistema de aviamento característico do Ciclo da Borracha: "em vez de deixarem todo o seu dinheiro no Barracão, onde eram espoliados pelos antigos patrões, agora persiste uma espécie de escravidão por dívida" com o comércio de Sena Madureira.

As aspirações da juventude na Cazumbá revelam tensões entre a valorização dos conhecimentos tradicionais e o desejo de mobilidade social através da educação formal. Como observa Nenzinho, "a maioria dos jovens aqui, quando terminam o ensino médio, eles saem. A gente não vê muito, assim, opção para o futuro dos jovens, né?" Contudo, os que saem frequentemente enfrentam dificuldades de adaptação à vida urbana, como ilustra o

depoimento de Galego: "Não gostei da forma de como fui tratado pelas pessoas da cidade. Me senti sozinho, um pouco perdido". Para os jovens que ficam, o sistema educacional na reserva apresenta limitações significativas que comprometem sua capacidade de promover tanto o desenvolvimento do local onde habitam, quanto a valorização dos conhecimentos tradicionais e a inserção qualificada no mundo contemporâneo. A quantidade insuficiente de professores, sua formação restrita e a inadequação dos currículos às realidades locais resultam em taxas significativas de analfabetismo e em aspirações profissionais frequentemente desconectadas das potencialidades do território.

A pesquisa identificou fragilidades nos processos de governança comunitária e participação social na Cazumbá. Apesar da existência formal de uma Associação de Seringueiros, "os processos de decisão são de pouco interesse. O acreano não tem a cultura do associativismo" (Aécio). A observação etnográfica de uma assembleia para eleição de liderança de um núcleo, corrobora esta percepção: "Ninguém se candidatou para suceder o presidente que renunciou. Depois de muita indecisão, dona Francisca sugeriu o nome da sua filha Maria e foi, imediatamente, eleita presidenta". Esta fragilidade organizativa reflete tanto o individualismo crescente quanto o desencanto com as restrições ambientais percebidas como obstáculos ao desenvolvimento econômico. E sinaliza uma dificuldade em renovação de lideranças.

A análise das dinâmicas socioecológicas na Cazumbá sugere a necessidade de abordagens integradas que articulem conservação ambiental, segurança alimentar, educação contextualizada e geração de renda. A coesão social baseada em laços de parentesco constitui um potencial significativo para o fortalecimento da governança comunitária: "A coesão interna entre as famílias é um fator positivo na Cazumbá. Ao contrário de outras reservas, onde as disputas são acirradas, na Cazumbá reina a paz" (Allegretti, comunicação pessoal, Fig. 42). A diversificação das fontes de renda através da valorização dos produtos florestais e do desenvolvimento de sistemas agroflorestais emerge como estratégia promissora. Iniciativas como a "Cooperativa das Mulheres, que está sendo criada, ataca três problemas de uma vez

só: produção de alimentos mais saudáveis para as crianças da escola, geração de renda individual e coletiva e a profissionalização das mulheres". Exemplificam abordagens integradas que podem contribuir para a sustentabilidade socioecológica da reserva. A remuneração pelos serviços ambientais prestados pelas comunidades que conservam a floresta, como observa Coslovsky, pode ser a melhor alternativa. "Achar formas de cobrar caro pelos valiosos serviços ambientais - PSA - que os seringueiros sempre ofereceram de graça. Uma espécie de Bolsa Floresta. Se o Governo Federal quer que fiquem nas áreas protegidas, que pague por isso, como guarda-parques".

Esta etnografia revela a complexidade dos desafios enfrentados pelos moradores da Cazumbá, assim como as demais populações tradicionais na Amazônia contemporânea e a necessidade de abordagens que reconheçam tanto a diversidade cultural quanto a interdependência entre conservação ambiental e bem-estar humano (Fig. 43). "Não existe uma solução única para a Amazônia. Porque são várias as amazônias e, para cada uma, necessita uma abordagem diferente"(Allegretti). Como observa Aécio, "a população local da Amazônia deveria ser muito melhor tratada pelo mundo todo, porque eles estão mantendo de pé a floresta, conservando". A valorização dos conhecimentos tradicionais, o fortalecimento da governança comunitária, a diversificação das fontes de renda através da valorização dos produtos da sociobiodiversidade e a remuneração pelos serviços ambientais emergem como elementos fundamentais para a construção de um futuro sustentável para a Cazumbá. E para toda a Amazônia.



Figura 42: O encontro com a antropóloga Mary Allegretti na Cazumbá. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).



Figura 43: Nenzinho, um grande parceiro. Fonte: Arquivo pessoal (dezembro/2023).

Bibliografia Citada

Allegretti, M. (2012). *Áreas protegidas na Amazônia brasileira*. Fundo Vale.

Allegretti, M. H. (1990). Extractive reserves: An alternative for reconciling development and environmental conservation in Amazonia. In A. B. Anderson (Ed.), *Alternatives to deforestation: Steps toward sustainable use of the Amazon rainforest*. Columbia University Press.

Allegretti, M. H. (2008). A construção social de políticas públicas: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros. *Ed. UFPR*, (18), 39–59.

Almeida, A. W. B. (2004). *Terras tradicionalmente ocupadas: Processos de territorialização e movimentos sociais*. Universidade Federal do Amazonas; CNPq.

Antonacci, M. A. (2012). Cultura, trabalho, meio ambiente: Estratégias de empate no Acre. *Revista de Antropologia - UFP*.

Balée, W. (1993). Biodiversidade e os índios amazônicos. In M. Carneiro da Cunha & E. Viveiros de Castro (Orgs.), *Amazônia: Etnologia e história* (pp. 385–393). FAPESP/USP.

Bernard, H. R. (2017). *Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches*. Bloomsbury Publishing.

BNDES. (2012). *Um olhar territorial para o desenvolvimento: Amazônia*. BNDES.

Brum, E. (2021). *Banzeiro Òkòtó: Uma viagem à Amazônia centro do mundo*. Companhia das Letras.

Butler, U. M. (2018). Da crítica à transformação do imaginário da marginalidade. *Revista Periferias*, 1(1), 40–52.

Calegare, M., Higuchi, M., & Bruno, A. (2014). Povos e comunidades tradicionais: Das áreas protegidas à visibilidade política de grupos sociais portadores de identidade étnica e coletiva. *Ambiente & Sociedade*, 17, 115–134. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300008>

Callegrove, J., Silva, R. A., & Martins, P. (2014). *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Ministério do Meio Ambiente.

Canclini, N. G. (1995). *Hybrid cultures: Strategies for entering and leaving modernity*. University of Minnesota Press.

Carneiro, C. (2005). *As reservas extrativistas na Amazônia*. Instituto de Pesquisas Ambientais da Amazônia.

Clifford, J. (2008). *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Ed. UFRJ.

CNS – Conselho Nacional das Populações Extrativistas. (2022). *Carta ao Presidente da República*. CNS.

Coslowsky, S. (2022). Perspectivas sobre pagamento por serviços ambientais na Amazônia. In J. M. Salles (Org.), *Arrabalde* (pp. 217–221). Companhia das Letras. (Comunicação pessoal em entrevista concedida em janeiro de 2024).

Cunha, E. (2016). *Os Sertões*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1902).

Dean, W. (1987). *Brazil and the struggle for rubber: A study in environmental history*. Cambridge University Press.

Descola, P. (2013). *Beyond nature and culture*. University of Chicago Press.

Descola, F. (2021). *Les formes du visible*. Gallimard.

Diegues, A. C. (Org.). (1999). *Desmatamento e modos de vida na Amazônia*. Ed. Alves.

Dupuits, E., Puertas, C., & Intriago, M. (2024). Decolonizing knowledge. *Debates en Sociología*, 59, 147–172.

Escobar, A. (2008). *Territórios de diferença: Lugar, movimentos, vida, redes*. Envió.

- Fausto, C. (2022). Cosmologias indígenas e relações humano-floresta na Amazônia. In J. M. Salles (Org.), *Arrabalde* (pp. 75–82). Companhia das Letras.
- Fischler, C. (1988). *Food, self and identity*. Sage Publications.
- Fiuza, G. (1965). *Amazônia 20º andar: De Ipanema ao topo do mundo, uma jornada na trilha de Chico Mendes*. Record.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (2019). *Ethnography: Principles in practice*. Routledge.
- Harris, O. (1984). *Households as natural units*. Routledge & Kegan Paul.
- Harvey, D. (1989). *The condition of postmodernity: An enquiry into the origins of cultural change*. Blackwell.
- Heckenberger, M. (2022). Domesticação de plantas na Amazônia pré-colombiana. In J. M. Salles (Org.), *Arrabalde* (pp. 150–160). Companhia das Letras.
- Holanda, S. B. (1936). *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras.
- Homma, A. K. O. (2014). *Extrativismo vegetal na Amazônia: História, ecologia, economia e domesticação*. Embrapa.
- IBAMA. (2020). *Relatório de gestão do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais*. Ministério do Meio Ambiente.
- IBGE. (2022). *Censo demográfico 2022*. IBGE.
- IBGE. (2022). *Relatório socioeconômico da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema*. IBGE.
- ICMBio. (2008). *Plano de manejo da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema*. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.
- Ingold, T. (2022). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Routledge.
- Klein, N. (2021). *Em chamas: Uma (ardente) busca por um novo acordo ecológico*. Alta Books.

- Kopenawa, D., & Albert, B. (2010). *A queda do céu*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2023). *Um rio um pássaro*. Ed. Dantes.
- Krenak, A., & Amâncio, O. (1989). *Aliança dos povos da floresta*. CEDI.
- Little, P. E. (2002). *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade* (Série Antropologia, 322, V. 8). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- Macedo, J. N. (2020). *Desenvolvimento e conflitos na Amazônia: Uma análise histórica*. EDUA.
- Mann, C. C. (2005). *1491: New revelations of the Americas before Columbus*. Knopf.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. N-1 Edições.
- Mello, M. (2002). *Seringais e seringueiros: História da luta pela terra na Amazônia*. LCTE.
- Mendes, A., & Mendes, A. (2023). O legado de Chico Mendes: Da aliança dos povos da floresta aos jovens do futuro. *Diálogos Socioambientais*. <http://www.memorialchicomendes.org/reservas-extrativistas/>
- Mintz, S. W. (1985). *Sweetness and power: The place of sugar in modern history*. Viking.
- Moraes, M. C., & Almeida, M. C. M. (2012). *Os sete saberes necessários à educação do presente: Por uma educação transformadora*. Wak.
- Morin, E. (1996). *O método 4: As ideias – habitat, vida, costumes, organização*. Sulina.
- Naess, A. (2005). The deep ecology movement: Some philosophical aspects. In A. Drengson & H. Glasser (Eds.). [Detalhes editoriais não informados].
- Neves, E. (2022). Ocupação humana histórica da Amazônia. In J. M. Salles (Org.), *Arrabalde* (pp. 40–50). Companhia das Letras.
- Nobre, C. F. (2018). Amazon tipping point. *Science Advances*, 4(2).
- Nobre, C. F. (2025). *Estamos perigosamente próximos do ponto de não retorno da Amazônia*. Instituto de Estudos Avançados, USP.

Nugent, S. (1993). *Amazonian caboclo society: An essay on invisibility and peasant economy*. Berg Publishers.

Nunes, J. B. (1996). *Memórias de um seringueiro: Acre*. Ed. Tico-Tico.

Ortner, S. B. (2006). *Anthropology and social theory: Culture, power, and the acting subject*. Duke University Press.

OTCA – Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. (Ano não informado). *Organização do Tratado de Cooperação Amazônica e os seus 40 anos de existência: Retrospectiva e perspectivas como ferramenta de integração regional para a sustentabilidade amazônica* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais.

Pinto, L. F. (1990). *Chico Mendes: A luta pela Amazônia*. Gráfica Planalto.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2011). *Relatório do desenvolvimento humano 2011: Sustentabilidade e equidade – um futuro melhor para todos*. PNUD.

Portela, C. A. (2009). A Amazônia no século XXI: Novas formas de desenvolvimento. *Novos Cadernos NAEA*, 12(1), 83–102.

Romero, V. M. S. (2023). O sistema de aviação na economia da borracha no Brasil: Superexploração do trabalho nos seringais e o surgimento de uma elite urbana na Amazônia. *Sociologias Plurais*, 9(2). <https://doi.org/10.5380/sciplr.v9i2.92009>

Roosevelt, A. (1996). Paleoindian cave dwellers in the Amazon: The peopling of the Americas. *Science*, 5260, 373–384.

Sahlins, M. (1972). *Economia da Idade da Pedra*. Companhia das Letras.

Salles, J. M. (2022). *Arrabalde*. Companhia das Letras.

Santos, N. (2002). *Seringueiros da Amazônia: Sobreviventes da fatura*. Ed. USP.

Santos, R. (2002). *História econômica da Amazônia: 1800–1920*. T. A. Queirós.

Science. (2013). Estudo sobre a variedade das espécies arbóreas da floresta amazônica. *Science*, 342(6156), 1243092. <https://doi.org/10.1126/science.1243092>

SFB – Serviço Florestal Brasileiro. (2020). *Inventário florestal nacional: Principais resultados*. Ministério do Meio Ambiente.

Silva, A. (2022). *Ethos seringueiro: Cenários dos jovens da Reserva Extrativista Chico Mendes*. Aya Editora.

Tsing, A. (2015–2022). *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. IH Edições.

Turner, V. W. (1969). *The ritual process: Structure and anti-structure*. Aldine.

Udi, U. M. (2018). Da crítica à transformação do imaginário da marginalidade: Algumas experiências do Rio de Janeiro. *Periferias/Revista*. <https://revistaperiferias.org/materia/da-critica-a-transformacao-do-imaginario-da-marginalidade-algumas-experiencias-do-rio-de-janeiro/>

Varella, D. (2025). *O sentido das águas: Histórias do rio Negro*. Companhia das Letras.

Waddington, M. (Ano não informado). Redes de comercialização “nordestinas” e os seringueiros na Amazônia. *Revista Antropológica*. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/download/2154/2450>

Weinstein, B. (1993). *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850–1920)*. Hucitec; EDUSP.

Zandonadi, V. (2024). O grileiro, esse velho personagem que molda o mapa do Brasil a sangue e destruição. *Sumaúma*. <https://sumauma.com/o-grileiro-esse-velho-personagem-que-molda-o-mapa-do-brasil-a-sangue-e-destruicao>

Glossário

Amazônia Legal

Região administrativa definida pelo governo brasileiro em 1953, abrangendo parte do território de nove estados: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, e parte do Maranhão, que corresponde a cerca de 59% do território brasileiro.

Aviamento/aviação

O sistema de intercâmbio, o aviamento, mais do que um sistema de troca, eram relações socialmente coercitivas, de sujeição do trabalhador ao dono do seringal. Não existia moeda física na maioria das operações. As dívidas dos seringueiros eram utilizadas como instrumento de acumulação capitalista e de retenção de mão de obra, transformando o trabalhador considerado “livre” num servo cativo.

Barracão

Estabelecimento onde o seringueiro trocava borracha, castanha, farinha, entre outros produtos, por ferramentas, remédios, comida. Os donos dos barracões, os seringalistas, sempre elevavam os preços das mercadorias a fim de aumentar a dependência desses trabalhadores. Era um sistema onde o seringueiro era induzido ao consumo para sobreviver na selva, o que tornava o trabalhador cativo do seringalista.

Bolsa Família

Programa de transferência de renda do Brasil que visa combater a pobreza através da transferência direta e indireta de renda, integrando benefícios de assistência social e saúde.

Bolsa Verde

Programa que beneficia famílias em situação de pobreza que se dedicam à conservação ambiental, atuando em áreas como Florestas Nacionais e Reservas Extrativistas.

Brocar

Cortar matas, derrubar, desmatar.

Cernambi

É um subproduto da borracha, o leite da borracha que coagulou dentro de uma lata, antes do seringueiro levar para casa. Não dá para fazer borracha com ele.

Colocação

É a localidade em que as famílias moram, uma área de terra que tem, em média, 300 hectares. A casa do extrativista e as plantações de subsistência ficam no centro, rodeadas pela floresta. Cada colocação é formada por no mínimo três estradas de seringa.

Comunidades tradicionais/ povos da floresta

São diversos grupos étnicos e sociais que habitam a região há séculos, com modos de vida e saberes específicos que se baseiam na interação com o ambiente amazônico. Incluem indígenas, seringueiros, castanheiros, quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais e agricultores familiares.

Coronéis de barranco

Eram os donos das localidades onde tinham um armazém grande que fazia o abastecimento de toda a região e compravam toda a borracha. Estavam situados na margem dos rios.

Empates

Táticas de contraposição aos desmatamentos. Ações organizadas nas áreas de conflito pelos seringueiros e suas famílias, que ficavam entre a floresta e os motosserras para impedir, ou “empatar”, a derrubada da mata para formação de pastos.

Estradas de seringa

Trilha de seringueiras, que começa e termina no mesmo ponto, das quais se extrai o látex. Cada estrada tem em média 160 seringueiras em uma área aproximada de 100 hectares, com diversas outras espécies de plantas e animais.

Faia

Espécie de remo comprido, que usavam antigamente para viajar em canoa pelos rios.

Fazer quarto

Acompanhar

Igarapé

Curso de água estreito, raso e navegável por pequenas embarcações.

Inverno/Verão

Os extrativistas associam o inverno às chuvas, que vão de dezembro a meados de abril. O verão corresponde à época de estio, que começa logo após o inverno.

Mateiros

Homens que abrem caminho por terras inexploradas.

Paleoíndios

São considerados os primeiros habitantes das Américas, tendo migrado da Ásia através do estreito de Bering, que ligava a Sibéria ao Alasca durante a última glaciação.

Paxiúba

Espécie de palmeira

Populações extrativistas

Grupos tradicionais que dependem da exploração de recursos naturais da floresta - castanhas, borracha, pesca, açaí - para sobreviver e se desenvolver. Desempenham um papel crucial na conservação da floresta e na manutenção da biodiversidade, enquanto também enfrentam desafios como a perda de seus territórios e a pressão para o desenvolvimento econômico não sustentável.

Povos tradicionais

Categoria política usada endogenamente por povos indígenas, quilombolas, seringueiros, caiçaras e outros grupos para defender seus direitos territoriais. (Little, P. 2002)

Quebra-jejum

Café da manhã

Ramal

Pequenas estradas (varadouros) alargados para possibilitar o trânsito de carros e tratores.

Ribeirinhos

Comunidades tradicionais que vivem nas margens dos rios da região amazônica, com a pesca, o extrativismo vegetal e a agricultura, como principais atividades de subsistência, adaptando-se aos ciclos naturais do rio.

Seringal nativo

Diversas colocações compõem um seringal. No Acre, como as árvores que fornecem a borracha são naturais da própria floresta, fala-se de seringal nativo, explorado por populações tradicionais.

Sociobioeconomia

Campo interdisciplinar que estuda as interações complexas entre fatores sociais, biológicos e econômicos. Une o desenvolvimento econômico à preservação ambiental.

Seringa

Na Amazônia, "seringa" ou "seringueira" (*Hevea brasiliensis*) refere-se à árvore da borracha, que fornece látex, a matéria-prima da borracha natural. O látex é extraído da casca da árvore.

Seringais

Referem-se a áreas onde a seringueira cresce em abundância.

Seringais de barranco

Os seringais de barranco na Amazônia são propriedades, frequentemente localizadas às margens dos rios, onde a exploração da seringueira (*Hevea brasiliensis*) era comum. A expressão "coronéis de barranco" denota as relações sociais e de poder que permeavam esses seringais. A madeira da seringueira é leve e branca. Estes seringais eram importantes na economia da Amazônia, associados à extração do látex. A sua localização ribeirinha reflete a importância dos rios como vias de transporte e comunicação na região.

Seringalista

É o proprietário do seringal.

Seringueiro

Personagem típico da região dos seringais, é quem extrai o látex das seringueiras e viabiliza sua transformação em borracha natural.

Seringueira/Seringa

É uma planta brasileira (*Hevea Brasiliensis*) da família das euforbiáceas, originária da Amazônia. A árvore atinge até 50 metros de altura, de cujo caule, através de incisões oblíquas na casca, escorre um látex com que se produz borracha. Suas sementes contêm uma amêndoa de onde se extrai um óleo amarelado, utilizado na indústria de vernizes e tintas.

Sociobiodiversidade

Conjunto de bens e serviços gerados por meio da conexão entre a diversidade biológica, a prática de atividades sustentáveis e o manejo desses recursos por meio do conhecimento cultural e ancestral das populações tradicionais.

Soldados da Borracha

Brasileiros que, entre 1943 e 1945, foram recrutados pelo governo brasileiro, especialmente na Região Nordeste do Brasil, alistados e transportados para a Amazônia, com o objetivo de extrair látex durante a 2ª Guerra Mundial.

Tapera

Casa provisória, sem paredes, coberta de palha, para se abrigar de chuva, descansar ou para botar o material de trabalho quando está no roçado.

Tapiri

Choupana coberta de palhas de jaci, jarina ou uricuri.

Taperi no aceiro

Palhoça provisória, em que se abrigam os seringueiros, em faixas de terra, limpa de vegetação, que atravessa ou rodeia propriedades. Separam áreas de mata espessa, para evitar a propagação de incêndios e facilitar as comunicações.

Teologia da Libertação

Abordagem teológica cristã que surgiu na América Latina na década de 1960, que busca analisar a realidade social e econômica à luz do Evangelho, com o objetivo de defender os direitos dos pobres e oprimidos. Se preocupa com a justiça social, a libertação política e a transformação das estruturas que perpetuam a desigualdade.

Terçado

Uma espada reta, curta e larga ou facão, utilizado em atividades na floresta.

Varadouro

Pequeno caminho aberto na mata por onde circulam apenas homens e animais.

ANEXO A – CARTA DO CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS – CNS DOCUMENTO PARA LULA SOBRE O PRESENTE E O FUTURO DAS RESERVAS EXTRATIVISTAS

Carta para Presidente Lula

Há 32 anos, em março de 1990, dois anos após o assassinato de Chico Mendes, foram criadas as primeiras Reservas Extrativistas (Resex) na Amazônia concretizando um sonho dele, de Wilson Pinheiro e de centenas de seringueiros, mulheres, seus filhos e filhas, que lutaram nos empates para impedir a destruição da floresta amazônica. Os sonhos e o legado de Chico Mendes foram confirmados na Rio 92 com o reconhecimento das populações extrativistas como protagonistas da conservação da biodiversidade e essenciais à proteção do meio ambiente. Um momento significativo de avanço e compromisso do Brasil com a agenda socioambiental do desenvolvimento. Atualmente somos mais de 80 mil famílias que vivem em 25 milhões de hectares em 153 Unidades de Conservação. São 66 Resex federais, 47 Resex estaduais, 19 Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), 21 Florestas Nacionais (Flonas) e mais de 50 mil famílias que vivem em 9 milhões de hectares de Projetos de Assentamento Extrativista (PAEs). A regularização dos direitos sociais de populações extrativistas aos territórios onde residem por gerações, tem como efeito direto e imediato a proteção e conservação dos recursos naturais ali existentes. Também representa a democratização do acesso à terra e a estabilidade das futuras gerações na floresta, pelo reconhecimento dos direitos de posse através da Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU).

A comprovação desses benefícios se verifica com a baixíssima taxa de evasão populacional nas Resex (menos de 3%), não comparável com o que ocorre nos projetos de assentamento convencionais. A Reserva Extrativista é o símbolo revolucionário do legado de Chico Mendes na Amazônia. Um modelo inovador de reforma agrária ecológica que combina uso da terra, proteção ambiental, com sustentabilidade e garantia de direitos. Uma conquista da geração de Chico Mendes que hoje possibilita às novas gerações garantia de território protegido para resistir às atuais formas de violações de direitos humanos. Na década de 1990 novas áreas foram sendo criadas e o modelo de gestão institucional concebido pelas

comunidades foi sendo implementado pelo Centro Nacional das Populações Tradicionais – CNPT, dentro do IBAMA, de 1992 até a criação do ICMBio em 2007. Esse modelo tem como base a gestão compartilhada entre comunidades e Estado regida pelo Contrato de Concessão de Direito Real de Uso coletivo – CCDRU que estrutura a governança territorial, a autonomia política e a participação das organizações comunitárias nas decisões coletivas para o bem-estar dos extrativistas. Há uma luta histórica pela consolidação dos territórios coletivos na Amazônia e em outras regiões do Brasil. Áreas estratégicas vêm sendo protegidas por comunidades que prestam um serviço ecossistêmico ao Estado, à sociedade brasileira e ao Planeta, recebendo muito pouco em troca. A regularização fundiária das Resex é lenta, processos de indenizações não foram concluídos, concessões de uso da terra não foram assinadas, políticas públicas para produção, educação, saúde, saneamento, acesso à água potável e energia não foram implantadas ou resultaram de esforços das nossas comunidades.

As famílias vivem à margem da lei e sem a proteção do Estado, vulneráveis a todos os tipos de pressões: desmatamentos, queimadas, invasões de terras públicas, vendas ilegais de terras e de madeira e ameaças aos líderes extrativistas. As Resex continuam existindo porque nós, moradores, asseguramos que isso aconteça à revelia dos esforços para destruí-las. Mas não cumprem o potencial dos objetivos para os quais foram criadas, frustrando as expectativas dos moradores. Para garantir a permanência das novas gerações - a juventude extrativista - nas Resex, mais que a existência da floresta é preciso infraestrutura social (saúde, educação e tecnologia) e produtiva. Não há nenhuma dúvida que os adultos de hoje serão os últimos moradores das Resex se não houver mudança nessa realidade. Os territórios serão perdidos para a grilagem e a especulação fundiária. Depois de 15 anos de criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, percebe-se uma descaracterização e desvirtuamento do modelo de gestão das Reservas Extrativistas. A cogestão deixa de existir para dar lugar à tutela do Estado tirando a autonomia das comunidades sobre o território, e estimulando a fragmentação das ações, dependência e subordinação a chefes de Unidades de Conservação. Nós, populações extrativistas tradicionais queremos continuar morando nas Resex. Para isso é preciso que o Estado cumpra seu papel de proteção dos territórios e

garantia de direitos pela implementação de políticas públicas que assegurem bem-estar social e sustentabilidade das gerações atuais e futuras. Valorizamos nosso modo tradicional de viver, mas queremos incorporar tecnologia à produção e infraestrutura à qualidade de vida.

Para que as mudanças aconteçam solicitamos ao Presidente Lula:

1. Implementação de um plano de regularização socioambiental e fundiária para todas as Reservas Extrativistas.

2. Políticas públicas para o desenvolvimento da economia da sociobiodiversidade e florestal e para Pagamento de Serviços Ambientais - PSA prestados pelos moradores das Unidades de Conservação.

3. Políticas públicas sociais e ambientais em todos os níveis: educação, energia, internet, infraestrutura, atendimento à saúde, cultura e conhecimento tecnológico.

4. Reestruturação institucional com a criação de um órgão estatal especificamente voltado para a criação, implementação, desenvolvimento e gestão das Reservas Extrativistas. Júlio Barbosa de Aquino Presidente do Conselho Nacional das Populações Extrativistas – CNS.

APÊNDICE B - ENTREVISTAS

Entrevista com Socorro Siqueira, educadora SOCORRO SIQUEIRA

(Membro da Congregação Serva de Maria Reparadora)

Concedida em duas etapas:

1a. entrevista, rápida, na escola da comunidade, na Cazumbá, núcleo de base Seguro, em 19/jan/25.

2a. parte, durante duas horas, remotamente, desde Lisboa, em 18/março/2025.

Ela é prima do Nenzinho, tem 56 anos, fala filipino bisaiá, inglês, italiano e português, pois morou em vários países. Inclusive em Fátima, Portugal.

1a. Entrevista rápida, pois tínhamos ido até o Núcleo Seguro para o ICMBio explicar aos seringueiros o que podiam desmatar e o que não podiam desmatar, para fazer seus roçados. Conheci a Socorro sem saber da sua existência. Por isso, não foi uma entrevista planejada.:

P: O que é a Congregação Serva de Maria Reparadora?

R: A Congregação surgiu em 1.900 e no Brasil em 1921. Cada congregação surgiu a partir de uma necessidade. Tinham como missão, ou a saúde, pra cuidar dos feridos de guerra, ou a educação, pra educar os filhos dos soldados. Fundaram os melhores hospitais e escolas do Acre, até 1990.

P: Onde moras?

R: Moro, temporariamente, no Núcleo de Base Seguro, aqui na Cazumbá.

Meu pai vai fazer 100 anos. É um dos únicos “*soldados da borracha*” ainda vivo.

P: Qual tua visão sobre o futuro da Cazumbá?

R: Tenho duas visões sobre o futuro da Cazumbá. Uma otimista e outra pessimista.

A otimista: Pessoas mais instruídas e menos sentido de comunidade. Ou seja, mais individualistas, formando o seu ambiente. Conhecendo mais amplamente a importância da preservação, porque não passaram por um sistema de educação, mas de imposição (multas). A visão pessimista: Aqui existe escassez de alimentos naturais. As pessoas não têm perspectiva de vida otimista. É tudo Governo. Dependem de benefícios do Governo, que pouco resolve. Os valores da comunidade foram rompidos: alimentos enlatados, salgadinhos, refrigerantes. Não há perspectivas de desenvolvimento para os jovens se manterem, nem preocupação com a cultura deles. Todos os males da cidade chegam rápido aqui. Com o satélite, ainda mais rápido. Todos de celular na mão. Se houver preocupação com a comunidade, para romper as resistências, ainda é reversível. A cultura do seringueiro está adormecida. Não está sendo vista por gerações novas. Estão sobrevivendo, lutando para superar desafios.

P: **E a educação?**

R: A transformação vem pela educação, pelo trabalho de formação do professor. Um professor na sala de aula pode muito! Precisamos investir mais na formação dos professores. Os políticos não se interessam por educação. Não avançam. Não são conscientes da importância da educação. A preocupação deles não é formar pessoas conscientes.

P: Tens alguma história interessante para contar?

R: Meu irmão pode te contar uma boa.

Há mais ou menos 30 anos, existiam, entre os seringueiros, crianças (hoje adolescentes ou adultos), que não conheceram seu pai. O seringueiro saía de casa tão cedo, de segunda a sábado, que os filhos estavam dormindo. Quando voltava, elas estavam dormindo de novo. E muitos fins de semana o pai saía para caçar. Nos poucos momentos em que estavam em casa, os filhos estranhavam e até choravam com aquele estranho que aparecia ali, de vez em quando. Teve um caso de uma criança que, em determinado dia, saiu correndo pela casa, gritando: “Mamãe, mamãe, tem um homem estranho aqui dentro!” Era seu pai...

Entrevista, online, dia 18/mar/25

P: Por que te deram o nome de Socorro?

R: Tem a ver com os movimentos religiosos que vieram para a Amazônia. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tinham que ter três Marias em casa. Daí meus pais colocaram: Maria do Socorro, Maria José e Maria da Conceição. Foi paixão pelo trabalho que as servas de Maria representavam que escolhi seguir a vida religiosa. Organizar as escolas com o padre Paulino Baltassari, religioso italiano, de Módena, foi uma bênção.

P: Como nasceu a Cazumbá?

R: A RESEX nasceu de um movimento religioso. O padre pegou quem não sabia ler e incentivou a criar grupos de educação, o Mobral. Era um serviço comunitário. Teologia da Libertação. Colocou a mãe do Nenzinho, que era líder nata, como professora.

Adelino da Silva Almeida, primo segundo do Nenzinho, também foi uma figura muito importante. Organizou todo mundo. Algumas lideranças continuaram. Depois veio a discussão de conservação. Os moradores não acompanharam as discussões da criação, sem a consciência do que ia acontecer.

P: Fiquei sabendo que o teu pai vai fazer 100 anos e é um dos últimos Soldados da Borracha que ainda está vivo. Podes falar sobre ele?

R: Ele se chama Francisco Siqueira Barros. No dia 25/abril, faz 100 anos. E mora sozinho. Está tendo crises de falta de ar. Vou levar ele para o hospital. Era sadio, não tinha problemas de falta de ar. Até 1980 tinha só cinco pessoas na Cazumbá que sabiam ler fluentemente. Ele foi

um dos poucos. Único da família que aprendeu a interpretar. Trabalhou para os patrões, os coronéis de barranco: eram os donos dos seringais. Tinha um que tinha até pista de pouso. Foi um dos “soldados da borracha”. Papai fazia o papel de secretário deles (guarda-livros).

P: Qual o papel das mulheres na Cazumbá?

R: Papel muito importante, enfrentam serviço pesado mesmo. Com o Bolsa Família e o Bolsa Verde, é mais fácil construir com elas. São mais fáceis de serem educadas por viverem numa reserva do que os maridos. Aproveitam as coisas, administram o pouco bem administrado. Mulheres que trazem as marcas, do período da seringa, a mãe é quem segurava a casa. Foi passado de mãe para filha. São muito limpas, cuidadosas, cuidam para que os filhos não adoçam. As mulheres estão assumindo papéis de liderança.

P: O que se ensina na escola?

R: Trabalhamos com livros nacionais, da FTD, editoras que circulam no BR. Não tem material adequado, só em Português e Matemática. Os alunos que vivem em uma RESEX não tem nenhum material específico da região. Não é suficiente. Estamos tentando com ICMBio orientar professores para produzir material específico. Precisamos equiparar ao que fazem os indígenas. Acrescentar, aproveitar espaços que podem incluir datas comemorativas. As Secretarias de Educação não conseguem fazer isso, porque muda tudo de 4 em 4 anos, com as eleições. Tem que incluir conteúdos tradicionais. Faltam técnicos na área pra RESEX inteira. Eixo transversal. Garante a cultura. Tô ficando mais tempo por aqui e estou tentando fazer isso.

P: E a merenda escolar?

R: Este ano fomos beneficiados com a lei do FNDE que garante que 30% da alimentação escolar venha do local onde vivem as crianças. Estamos criando uma cooperativa de mulheres, com o objetivo de todas produzirem algo, feijão, farinha, para vender os produtos para a Secretaria de Educação de Sena Madureira, que agora já é obrigada a comprar. A comunidade produzindo pode reivindicar até a totalidade dos alimentos. Talvez uma Associação-mãe. Precisamos de um CNPJ. Queremos produzir verduras, ter uma horta coletiva, um galpão, chamar as mulheres que venham com seus filhos. Temos oito meses das margens do rio, quando ele baixa, fica tudo limpo, com praias, tudo adubado. Dá pra plantar melancia, feijão, milho, quiabo, maxixe, cebola, coentro, couve. Antes do rio encher de novo, já colheram. É quando a fartura chega. Vamos buscar emendas parlamentares pra fazer isso. Nosso primeiro impulso é que a cooperativa tem que se sustentar. Vai modificar muito por aqui com a cooperativa funcionando. Primeiro, cursos para produzir alimentos de maneira adequada. Esse é o futuro. Vai se chamar “Mulheres com as mãos na terra”, que geram frutos. Quem mata um porco e faz sabão. Temos objetivos de revalorização das mulheres e de melhorar a alimentação. Pode ter artesanato, horto medicinal. Queremos mais coisas: graduação na área

de educação, curso de engenharia etc. Graduação e pedagogia, presenciais. Estamos estudando a viabilidade do projeto com professores da UFAC, a Universidade do Acre.

P: E o que fazer com a saída de jovens para a cidade?

R: Temos que fazer a gestão de êxodo rural. A saída depois, de estruturados, vai fazer bem. Sem isso, vai estar na zona de risco. É preciso manter o jovem mais informado, com os valores, com sua cultura. O risco de jovens irem embora é real. Em alguns casos vai ser necessário sair. O jovem que casa quer ter $\frac{3}{4}$ filhos. E são muitos. Aqui em volta da minha casa nasceram 12 crianças. Acho que a população vai se manter ou até crescer. Mas se cuidar dos jovens não for preocupação de todos, num prazo curto pode acontecer de ficar só com idosos.

P: E como é a qualidade do ensino?

R: O ensino tem deficiências: não se discute a realidade, o professor não tem material, não tem data show. O professor tem que ter orientação didática.

P: E com a chegada da internet, o que mudou?

R: O ganho foi a facilidade de comunicação, que se ampliou. Podemos comprar remédio, tudo rápido. A perda é que as pessoas não estão preparadas para o contato com o mundo. Jovens e crianças vivem dentro de um contexto de simplicidade. A escola não se preparou. A questão das fofocas ainda não chegou. Mas não tem mais a conversa com pai, família. Tá cada um com **celular**. A mesma cultura da cidade, cada um com celular, usando programas diferentes, acabou com a reunião de família. Toda essa cultura funk, rock, facções, chega tudo aqui. O que combate tudo isso é fortalecer valores da família, culturais, trabalho na escola para que o aluno possa valorizar sua cultura.

P: Na reunião, vi que alguns moradores querem desmatar mais, para aumentar seus roçados e até para criar gado. Como é a mentalidade deles em relação à preservação da floresta?

R: O sentimento oposto à preservação é de ganância e ignorância. O que vai favorecer a conscientização e preservação é pessoas conscientes e boa qualidade de vida. O que precisa: criar rodas de conversa sobre as consequências de desmatar. E também abrir para outras áreas de produção: avicultura, piscicultura, coisas que não são tão agressivas como criação de boi. Saber como aproveitar melhor a terra que já está desmatada. Em 10 anos a terra perde seus nutrientes. Daí querem brocar (cortar matas, derrubar, desmatar). Saiu da seringa, foi pro boi.

P: O que querem os jovens, o que pensam? Como imaginam seu futuro? Querem sair? Vão para a cidade? Que perspectivas de futuro vê para a Cazumbá?

R: Tenho duas visões, uma otimista e outra pessimista.

A visão otimista: Precisamos conectar todos da rede, pensando, refletindo, construindo. Reestruturar a educação em todos os níveis, trabalhar valores, rede de pensamento, conectar pessoas, voltadas para valorizar a cultura local, fortalecendo.

A visão pessimista: deixar tudo como está. Não se articular na educação. Só só trazem proibições e multas. Estamos puxando o Aécio, que está começando a perceber que tem espaço grande pra ele. Tem anos que muitos moradores não concordam com jeito que o Nenzinho trabalha. Vem, traz um recurso com ele. Existe um sentimento de rejeição pela proposta extrativista. Não se sentem valorizados, confortáveis. Não estavam mais participando das reuniões. Mudança pode ser de uma articulação mais envolvente. Não tem mais caça, índios moram mais em cima, no rio não tem mais peixes, não têm incentivos para criação de porcos. A liderança ficou muito tempo sozinha. Nenzinho é flexível, tava muito só. Precisamos fortalecer o Conselho, as ideias que eram do início. Nenzinho disse que em setembro disse que saiu da Associação. Quando uma coisa não dá certo, sobra muito pra cima da liderança. Muita reclamação com os processos decisórios. Isso impede que eu avance na conciliação. Precisamos de um Conselho da Associação com pessoas da sociedade civil. Ajudar a pensar no desenvolvimento da unidade de conservação. Tudo está sendo refeito. Muitos não queriam mais.

SEGUNDA Entrevista com SOCORRO SIQUEIRA

Data: 2025-03-18 11:50:46

P: Olá! Depois que saí lá do teu núcleo de base, fiquei me penitenciando. Vou usar essa expressão, tá?

R: Meu Deus, por quê?

P: Por que é que eu não fiquei mais tempo lá? Eu podia ter...

R: Sim, podia ter ficado, né?

P: Claro! Eu fiquei ocupado com a questão de ter que voltar com o mesmo barco que vim, do ICMBio. Não sabia se teria como voltar. Eu devia ter perguntado...

R: É verdade.

P: Eu podia ter ficado até o dia inteiro por lá.

R: Sim, ter dormido aqui, ter voltado no dia seguinte, né?

P: Eu contraria alguém que fosse me levar...

R: Aqui nós temos conduções, a gente vai sempre.

P: Me incomodou. Perdi a oportunidade de conhecer mais esse núcleo, outras pessoas. De conhecer até teu pai.

R: Sim, ele está aqui, num cantinho aqui, deitado.

P: Como ele está de saúde?

R: É por isso que eu marquei tanto com você, porque... Começou as chuvas, começou a mudar o clima. E ele começou a ter crises de falta de ar. Eu acho que ele gripou. Aí, meu Deus, a vida dele foi totalmente alterada, né? E a nossa também, né? Nós tivemos que levar para o hospital, tivemos que ficar com ele um dia na cidade, tratando dele, até trazer. Está aqui, nós trouxemos até bala de oxigênio, tudo, porque as crises ainda estão em risco de retornar, né?

P: Ele não tinha antes isso?

R: Tinha não. Ele era sadio, né? A gente nunca tinha tido problema de falta de ar. A gente não tinha esse tipo de suporte para ele, mas agora a gente já procurou, já compramos, já recebemos do Estado algum, porque o Estado oferece uma bala, mas a gente precisa de duas ou três, então já providenciou.

P: A bala que você chama é o tubo de oxigênio?

R: É o tubo. A gente chama bala aqui.

P: Como é o nome dele?

R: É Francisco Siqueira Barros.

P: E ele está falando normalmente?

R: Nesses dias ele não está falando normalmente, porque quando começa a falar, aí vem falta de ar, né?

P: Ele já fez 100 anos?

R: Ele vai completar 100 anos agora, dia 25 de abril.

P: 25 de abril é uma data muito importante aqui em Portugal.

R: Aqui na reserva, até os anos 80, acho que tinham umas cinco pessoas que sabiam ler fluente, que tinham conhecimento de literatura, que tinham potencial de leitura capaz de compreender, de fazer uma leitura mais compreensiva. E ele foi um dos poucos. Teve a sorte

que, quando os pais dele vieram pro Acre, vieram de Mossoró, ali da parte do Nordeste, ficou um irmão dele em um Convento Franciscano. E esse irmão do pai dele se formou em padre e depois de anos largou tudo e veio morar com a família.

P: Então já tinha um religioso na família.

R: É, sim. Então meu avô, quando tinha cinco filhos, ficou viúvo, porque a mãe do meu pai faleceu. E aí, esse meu tio se dedicou à educação do meu pai. Ele formou o meu pai. O único da família dele que aprendeu a ler fluente. A interpretar, ter amplo conhecimento da gramática. O papai escreve muito bem, matemática e tudo. E depois, o meu pai ensinou a minha tia, que foi uma que faleceu esses dias. Ela se tornou professora, e aí, ela educou os sobrinhos. Foi uma cadeia de família, acredita? Quando meu pai já era adulto, né, aí o meu avô foi e disse: "Bom, você agora aprendeu, você agora vai ensinar a sua irmã". E aí, o meu pai foi e ensinou a minha tia. Aí a minha tia, com pouco conhecimento, foi nomeada professora da região. E aí, nos anos 80, a minha tia alfabetizou nós todos. Todos os filhos do meu pai. E os outros sobrinhos.

P: Tu acha viável gravar alguma fala dele pra mim, com o teu celular?

R: Eu tenho que procurar um momentinho que o sol esteja bem quente. E aí eu peço pra ele... Ele já tá rouco, tu vai entender bem ruim, tá? Mas eu gravo.

P: É um registro histórico isso. Com 100 anos. Tu disse que ele é o único soldado da borracha ainda vivo.

R: Hoje ele é o único dessa região aqui. Não, tem um irmão da minha mãe ali embaixo, mas é bem mais novo, né?

P: Ele podia te contar algum fato que aconteceu, uma história curiosa, que vai ficar registrado na Universidade de Lisboa, porque eu vou botar esses anexos todos no trabalho.

R: Meu Deus, ele vai ficar todo...Ele é orgulhoso, ele é cheio de orgulho, sabe? E aí, deixa eu te falar outra coisa que ele fazia. O trabalho dele, pra criar nós todos, ele era um personagem que tinha aqui, ele era uma figura aqui na região, quando, antes da reserva, né, aqui eram dominados por grandes seringalistas. Você já ouviu falar em seringalista? Ouvi, sim. Então, ele era dos coronéis de barranco, só que os coronéis de barranco também tinham pouca leitura. E ele era o secretário dos seringais de barranco dessa região todinha.

P: Essa expressão "seringais de barranco" eu não tinha ouvido ainda. O que é exatamente?

R: Os patrões, né, porque tinha os coronéis. É porque aqui no Acre, eles

funcionavam como coronéis. Assim como o soldado da borracha. Os coronéis eram os donos das localidades onde eles tinham um armazém grande e eles faziam o abastecimento de toda aquela região e comprava toda a borracha, entendeu? Mas eles davam ordem de coronel, entendeu? Ninguém tinha que contestar.

P: Eles eram os donos dos seringais, então?

R: Os donos dos seringais.

P: Tu usou a expressão "coroneis de barranco"?

R: É barranco, porque era na margem do rio, né? Na história do Acre, eles são denominados assim, entendeu?

P: Entendi. Tudo expressões bem militares.

R: É, são expressões bem regionalizadas, né? Porque começou com aqueles que vinham de fora, do Rio de Janeiro, da França, do Rio Grande do Sul, né? Então, eles vinham com muito dinheiro, faziam uma sede muito bonita. Tinha um aqui, meu vizinho, que tinha até pista de pouso, entendeu? Abaixo da minha casa, 20 minutos. Tinha uma sede bem organizada, com pista de pouso e tudo. E papai fazia o trabalho de secretário deles. Anotava nos livros tudo que os seringueiros compravam, colocava os valores. No final do ano somava tudo, pesava borracha, fazia o valor da borracha e colocava... E era o secretário. Então, essa reserva, ela já passou por muitas experiências, né?

P: Eu queria voltar um pouquinho. Esse teu nome, Socorro, vem da onde?

R: Ah, esse meu nome tem a ver com os movimentos religiosos que vieram pra Amazônia. Vieram os padres redentoristas. E daí, na orientação que eles recebiam desses religiosos, tinham que ter três Marias numa casa. E aí, nós somos três Marias. É a Maria do Socorro, a Maria José e a Maria da Conceição. Aí, a outra já muda o nome, não pode ser mais Maria. As famílias tinham que ter um religioso na família. Tinha toda essa orientação antigamente. Era bom ter alguém dedicado à igreja.

P: E no teu caso, o que que fez tu escolher a vida religiosa?

R: Ah, foi uma paixão pelo trabalho que as Servas de Maria representavam aqui, né? Elas faziam o trabalho de incentivar as escolas, organizadas com o Padre Paulino, que é a figura de maior destaque dentro do contexto religioso daqui da Amazônia. É o Padre Paulino Maria Baltassari. É um religioso, missionário italiano, que ficou aqui 60 anos. Ele é de Modena, da Itália, da região ali de... como é que eu posso te dizer? A cidade dele, fica bem na parte norte da Itália, né?

P: Sim, eu sei onde fica a cidade. Modena é famosa, se não me engano, porque é a origem da Ferrari. Acho que a Ferrari nasceu lá.

R: É a origem da Ferrari. Eu conheço ali, porque eu fui visitar a família dele, né, e fiquei. Eu passei na Ferrari, fiz foto, entrei lá com os amigos que moram ali perto. Enfim, então esse religioso, ele veio fazer um trabalho aqui no Acre, né? Ele chegou bem num período que era considerado como escravidão. Era isso que eu queria te colocar, porque a reserva Cazumbá-Iracema nasceu de um movimento religioso. Esse padre pegou essas pessoas que não sabiam ler, ele pegou algumas figuras que sabiam ler um pouquinho e incentivou elas a criar grupos de educação. Aí tinha um programa chamado Mobral. E esse Mobral era quase que um serviço voluntário. E aí ele formava comunidades que se reuniam em torno da palavra de Deus, baseado um pouco nas orientações da teologia da libertação, que discute os problemas, entende?

P: Conheço.

R: Que faz uma análise da realidade, né? Você conhece muito bem, porque todos os jornalistas acompanharam aquele problema. E dentro desse contexto, ao reunir essas pessoas, elas identificavam os problemas, conversavam, buscavam estratégias juntos. E aí ele colocou a mãe do Nenzinho como uma dessas professoras, entendeu? E a mãe do Nenzinho era uma líder nata, prima do meu pai. E colocou a minha tia ali no Cuidado e colocou o meu pai aqui nessa região. Então, nós tínhamos um centro de comunidade. Depois, nós tivemos um primo nosso, que é o Adelino. Você conheceu o Adelino?

P: Acho que não.

R: Meu Deus. É a pessoa mais importante dali. O Adelino, ele era um funcionário da SUCAM. Conheceu a SUCAM?

P: A Superintendência da Amazônia.

R: Isso. Então, ele fazia um serviço de combate à malária que dava nessa área. Era um órgão ligado à saúde. Ele se aposentou e foi morar ali no Cazumbá. Para orientar as famílias, as comunidades. Era um religioso. Mas nunca foi casado. Ele era uma pessoa livre, não? E ele é, aliás. E ele foi, pegou todo o dinheiro que ele recebeu de indenização, porque era um órgão que era serviço de risco, né? E ele investiu ali na Cazumbá. Ele fez a igreja, ele fez uma escola, ele fez um centro. E motivou.

P: Repete o nome dele?

R: Adelino da Silva Almeida.

P: Ele era o quê do Nenzinho?

R: Primo segundo. Ele pegou e fez um trabalho lindíssimo. Ele vinha de lá até aqui na minha casa, reunia todo mundo, conversava e organizava. Dentro dessa organização, algumas lideranças continuaram a discussão. Foi aí que surgiu a ideia do Nenzinho assumir a comunidade e posteriormente foi caminhando para o lado mais da defesa do meio ambiente como discussão. E aí o Ibama, antes de criar o ICMBio, trouxe a ideia da criação de reservas de unidade de conservação, que são as reservas extrativistas. Eu não vou falar mais desse detalhe porque você acompanhou um pouco a discussão que foi feita para a criação dessas unidades de conservação. Os moradores no geral, eles não acompanharam esse processo da criação das unidades com a consciência do que iria acontecer dentro, entendeu? Eles acompanharam que iria crescer, assinaram, mas assinaram, muitos botaram o dedo, como você viu, mas eles não entenderam como isso iria caminhar. Por isso que, quando você senta ali com eles, você vê que tem uns que não estão sabendo direito como é que é... Qual é o papel, qual é a finalidade. Paz, né? Esse é o maior entrave. E depois, assim, uma coisa que eu acho, a gente, depois que você veio, foi muito bom você ter vindo, porque cada um que vem aqui deixa um legado, né? O seu legado foi a gente levantar questionamentos mais fundamentados a respeito dos modelos de educação que a gente tem aqui.

P: Vamos falar um pouco sobre educação e depois eu gostaria de falar sobre o papel das mulheres, futuro, lideranças?

R: É imprevisível a gente... pensar num ambiente, uma organização como essa, se você não desperta no jovem, não trabalha com essas crianças os valores que eles possam dar continuidade nesse processo, né? Então, o que nós questionamos da educação? Além das dificuldades que o professor tem de desenvolver um trabalho, sem um acompanhamento pedagógico, sem o material adequado, em salas multisseriadas, crianças com a proposta de inclusão, né? Que é a criança com deficiência junto com os outros, né? Os professores têm um papel, meu Deus!

Muito importante! Uma missão árdua demais, porque não tem suporte, tem que ter a inclusão, né, sem o acompanhamento devido, sem a assistência devida a essa criança, sem o material adequado, sem nenhum tipo de suporte.

P: Então me explica o que a escola ensina hoje e o que ela deveria ensinar?

R: A escola hoje trabalha com livros didáticos de nível nacional, entendeu? Os livros são livros didáticos nacionais, da FTD, das editoras que circulam no Rio Grande do Sul, em Brasília e aqui. Não tem um material que sinaliza a importância do meio ambiente. Não é o suficiente para

um professor desenvolver um trabalho orientado com as crianças para a valorização desse contexto específico.

Agora nós estamos tentando ver que isso aí já é futuro, né? Organizar com uma liderança do ICMBio, para ver se ela disponibiliza uma pessoa para orientar os professores, produzir material específico para os professores poderem trabalhar essa questão de valorização do meio ambiente, valorização do espaço de cultura tradicional, né? Não tem isso ainda. Incrível isso, né? Está no meio do mato, aprendendo uma coisa que...

P: Desconectada.

R: Exatamente.

P: Mas quem regula isso não é a Secretaria de Educação do município?

R: Sim, mas quando se trata de uma comunidade específica, como é essa região, ela se enquadra quase dentro de um mesmo patamar que é uma comunidade indígena. Os indígenas trabalham com conteúdos específicos.

P: Vocês querem uma equiparação com o que os indígenas já fazem? Manter o currículo todo, integral, e acrescentar conteúdos?

R: No caso nosso precisa ter um trabalho técnico muito bem feito para saber aonde incluir esses conhecimentos sem tirar a possibilidade dos alunos terem os conhecimentos nacionais, né? Acrescentar, aproveitar os espaços que podem incluir essas questões, trabalhar as datas comemorativas voltadas para o contexto, né

Tudo isso. As Secretarias, elas não conseguem fazer isso, porque muda de quatro em quatro anos, entendeu? Esse é um trabalho de articulação que tem que sair da base, da unidade, e a Secretaria tem que ter esse conhecimento.

P: E consegue implantar isso?

R: Sim, porque as secretarias podem não ter vontade disso, né? Dentro da própria legislação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), eles trabalham os conteúdos específicos, né? Eles têm que respeitar, tem que incluir os conteúdos tradicionais, né? Só precisa de um técnico que elabore essas questões, que leve ao Conselho Estadual, para aprovar.

P: E não foi feito isso até hoje, por quê?

R: Não há técnicos na área que tenham essa sensibilidade.

P: E tu está fazendo isso?

R: Ainda não. Não estava, porque eu tinha pedido permissão para ficar um ano aqui. E agora, com a dificuldade que meu pai está tendo de saúde, eu já estou revendo essa situação. E aí foi o que está sendo conversado. Se eu fico aqui e permaneço por mais um tempo, eles vão me pedir para trabalhar nessa área um pouco.

P: Ótimo. Então, tu não tens data para ficar aí. O que isso implica?

R: Porque se essa criança vai... tendo essa sensibilidade, se esse adolescente vai tendo esse convívio, a liderança vem em consequência do conhecimento que a criança, o morador tem.

P: Quando tu fala nesses conteúdos, é pra esse núcleo ou é pra Cazumbá como um todo?

R: É pra unidade toda. Pra reserva inteira.

P: Ah, que bom.

R: Esses conteúdos passam como um eixo transversal.

P: Entendi. Esse trabalho é muito importante, hein, Socorro?

R: É, porque mantém, garante a cultura, né? O professor vai se educando no próprio instante que ele começa a trabalhar isso com os alunos. Então, dentro desse contexto, tem que ser um trabalho que ele vai modificando esse sentimento. Ele vai trabalhando esse sentimento, entendeu? A coisa tem que ser muito bem pensada.

P: E nesse teu trabalho de conscientização, de modificação, entra também a questão da alimentação?

R: Sim! Esse ano, nós fomos beneficiados com a lei que foi aprovada pelo FNDE, Ministério da Educação, que garante que 30% da alimentação escolar já pode entrar este ano, com toda uma organização, um cartão de crédito que é colocado na mão do diretor da escola, orientado pelo MEC. Nós temos a Aurelice, que é aquela amiga que você falou com ela, né? Ela acompanhou todo o processo. Ela esteve aqui semana passada aqui comigo, e estamos elaborando nós duas, a primeira Cooperativa de mulher aqui no núcleo.

P: Já quero falar sobre mulheres, tá? Segura um pouquinho isso que eu quero terminar a questão da educação. Tem uma coisa que me chocou, que eu vi lá no núcleo da Cazumbá. Os alunos recebem comida enlatada, comida que não tem nada a ver com eles. E nesse trabalho que você está fazendo, inclui isso, que vocês possam decidir o que as crianças vão comer? Ou seja, comprar produtos naturais, feitos aí, produzidos aí?

R: É esse o objetivo do nosso trabalho. Eu com a Aurelice aqui, apoiada pelo Aécio, que é o gestor da reserva. Então, o que nós propomos? Nós estamos criando uma Cooperativa de mulheres, porque aqui todas as pessoas produzem algo diferente. Um produz a farinha, o outro o feijão, o outro... o arroz. Então, nós já estamos organizando a Cooperativa, para que possamos vender esses produtos para a Secretaria (de Educação). E agora a Secretaria já é obrigada a comprar, né? No início, a gente vai ter apenas 30%.. Mas o FNDE deixa claro que a comunidade produzindo, a comunidade pode ir na Secretaria e reivindicar até a totalidade da merenda consumida da própria região que produz.

P: Muito bom!

R: Só que nós estamos num processo, meu amigo, se tiver algum patrocinador, ajuda a gente.

P: O que precisa?

R: Nós estamos tentando agora todo e qualquer recurso para a gente estruturar a cooperativa.

P: Que valor é isso?

R: Ah, o que vier, do pequeno, de centavo em centavo, a gente vai...

P: A “moeda que vier” eu não conheço. Conheço a moeda Real.

R: Nesse sentido nós estamos criando, tentando os primeiros recursos que a gente pode lidar com isso, recursos de doações. A gente estrutura uma associação-mãe, que vai acolher isso, entendeu? Nós temos que conversar com o Aécio para o primeiro recurso cair lá, porque até o momento nós ainda não temos o CNPJ da associação. Nós estamos criando para destinar o primeiro galpão de verduras, que tem que ser feita em uma horta coletiva, no ambiente da escola, pra poder chamar as mulheres que vêm com seus filhos, deixam na escola, e já vão regando, já vão plantando, né? Nós estamos correndo atrás de emendas parlamentares, pra poder segurar o primeiro momento, porque o objetivo é a própria Cooperativa se autossustentar.

P: Ótimo.

R: Mas a primeira estrutura a gente tem que montar, né? Que é a primeira construção da horta. O trabalho é maravilhoso, tu imagina, Alfredo. Gera trabalho e renda. Vai modificar muito, né? Os primeiros cursos de capacitação, pra poder produzir o alimento de maneira adequada, porque senão a gente planta, faz tudo, mas aí na hora de fazer o alimento, faz de maneira que não aproveita todas as riquezas que o alimento tem, né? Esse é o futuro que nós estamos pensando. Então, isso aí já faz parte daquele tema de futuro aí, né? Isso, isso. E dentro dessa organização, nós

pretendemos ir trabalhando essas mulheres, a conscientização do papel delas na sociedade, na alimentação dos filhos, na educação dos filhos, na preservação do meio, né? Porque a gente até já pensou colocar um nome assim bem articulado: Mulheres com as Mãos na Terra. As mãos que geram frutos das mulheres. E depois vendemos todos os produtos que elas produzem. Por exemplo: quem mata um porco, como faz o sabão. Então, quando elas fazem o maior aproveitamento daquilo que chega na cozinha da mulher, pra ela cozinhar, pra ela preparar, essa questão toda vai passar por uma revalorização. Ou seja, não é incluir outra maneira de se alimentar, mas é melhorar.

P: Não, estou te dizendo, esse processo todo visa tirar os métodos de alimentação tradicional, mas melhorar, incluir outros elementos.

P: Sim, porque pelo que eu vi lá, chegam muitos produtos enlatados, biscoitos e coisas desse tipo, que vão descaracterizando os hábitos locais, além de ser uma alimentação nada natural. E vão ocupando espaço do que poderia ser produzido aí.

R: Então, como é que elas vão aprender a fazer um doce de goiaba, um cacau natural? Essa questão toda nós vamos trazendo como reflexão, porque não se faz mais doce de goiaba, doce de castanha, doce de cupuaçu. Compram todos os tipos de bombons, de chocolates...

P: E vocês estão pensando, num segundo momento, vender na cidade também?

R: Não, eu acho que o primeiro momento é pensar aqui, Alfredo, né? Posteriormente, se houver uma produção maior, aí já é a reflexão que será feita pelo próprio grupo. Nós, no primeiro momento, estamos pensando que só o que é consumido aqui já dá uma ajuda muito grande, porque eles já vendem produtos na cidade.

P: E o foco dessa Cooperativa envolveria também odo artesanato?

R: A questão de artesanato pode entrar dentro da Cooperativa, mas a gente precisa primeiro qualificar a produção de guardanapos, a produção de várias coisas.

P: Sabe que na primeira vez que eu fui aí, comprei um bichinho feito de látex pelo Gilberto.

R: Pois é, e o Gilberto tem que passar essa técnica pra outros, pra gente não perder, né?

P: Fui lá na casa dele, tinha só um pronto. N. Quando cheguei em Rio Branco fui em um prédio da Secretaria de Turismo do Estado do Acre, que vende artesanato de todo o Acre. Tinha os bichos feitos pelo Gilberto e as folhas de látex. Comprei um sapo. Os produtos da Cazumbá vendem muito bem lá. Podem gerar uma renda importante para a comunidade e para cada um individualmente precisa ter continuidade de produção. Me contaram que as pessoas, se disser que foi feito na Amazônia

R: Com certeza. E essa ideia de ter mais pessoas fabricando, de produzir mais esse tipo de animais, vai trazer ecos pra realidade, contexto, né?

P: E o Gilberto poderia ter uma casa melhor...

R: Eu, este ano, já planejei fazer uma casa pro meu pai, porque os meus irmãos, eles fizeram as casas deles boas, dentro, né? Casas regionalizadas. Mas, pro meu pai, eles não queriam construir. Disseram: “Ah, como é que eu vou construir uma casa pra um senhorzinho sozinho, de 100 anos?”

P: Teu pai mora sozinho?

R: É, meu pai mora só. Sou eu e a minha irmã que fica aqui com ele, né? Então, agora, eu vou ter que fazer uma casa aqui pra poder deixá-lo concluir o resto dos dias dele numa casa mais confortável.

P: Da primeira vez que eu fui à Cazumbá, em 2023, para essa segunda ida um ano depois, vi muito mais gente com telefone celular na mão, em redes sociais. O que a comunidade ganha e o que perde, em termos culturais, com isso?

R: O ganho é a facilidade da comunicação, que ampliou. Os ambientes se conectam todos aqui. Graças a Deus, assim, tem facilidade nesse sentido. Você precisa de um remédio, precisa de uma coisa. Tudo é muito rápido. Agora, a perda é que você colocou pessoas totalmente despreparadas, desqualificadas, em contato com o mundo. Sobretudo os jovens e as crianças. Dentro de um contexto de simplicidade, como é uma zona como essa que a gente vive, eles têm acesso a todas as informações, a todos os programas. Não houve uma preparação. A escola não alcançou isso. Não trabalhou isso. A internet chegou, todo mundo entrou num... Mas, graças a Deus, uma coisa boa que é que não tem, não tem ainda, não teve uma questão de fofoca, de intrigas, né? Isso foi bom, né? Não entrou isso, entendeu?

P: Ainda. Eu digo ainda por que isso é inevitável. As redes trabalham isso.

R: É, de dentro do local mesmo não ocorreu, assim, de uma casa para outra, de uma família para outra, não está tendo, ainda não teve esse meio, ainda não proporcionou essa realidade. Mas a gente trabalha isso nas comunidades para não ocorrer, né?

P: Tu sabe que em muitos lugares, em muitos países, o telefone celular está completamente proibido nas escolas, né? Até no intervalo.

R: No Brasil também.

P: Então, dentro da escola eles não podem usar?

R: A partir desse ano. Pode usar só orientado pelo professor, em horários de trabalho e pesquisa.

P: Isso já é bom. E o que tu acha que vai se perder mais?

R: O que vai perder mais é que hoje não tem mais aquela conversa que tinha do pai, do filho, da família, de contar histórias de como trouxe o produto pra mesa. Entendeu? É cada um com o celular. Criou a mesma cultura da cidade. Cada um com o celular, pesquisando coisas diferentes, olhando o programa que quer, né? E acabou com o ambiente familiar, nesse sentido. Esse efeito ela causou mesmo de lá. Cada um no seu ambientezinho com seu celular procurando sua pesquisa

P: E o que que acontece com outras coisas, como na música? Eu vi um rapaz lá na Cazumbá com uma camiseta de uma banda de rock and roll metaleiro.

R: Ah, essa cultura toda chega aqui sem nenhum filtro. A dos funk, a dos roqueiros a das facções chega tudo.

P: Facções, inclusive?

R: Inclusive, sim.

P: E o que projetas em termos de futuro?

R: Uma educação mais direcionada para fortalecer os valores da família, os valores culturais, né? Fortalecer isso trabalhando na escola, para que a escola possa, o aluno possa desenvolver a conscientização da importância da sua cultura.

P: E como está essa questão de alguns querendo ir embora, sair para estudar fora e depois ir ficando?

R: A questão é que o aluno daqui não tem a opção de escolher o curso que ele gosta, não tem a opção de fazer uma universidade. O ensino médio ficou aqui. Então ele tem que sair. Este ano, o Aécio já começou a conversar... a gente já começou a conversar com a Universidade Federal para trazer, primeiro, cursos de extensão e cursos técnicos. E, posteriormente, cursos de graduação na área da educação. Mas a gente sabe que aqui vai ter que ter cursos de engenharia, cursos que eles trabalham. Mas o diálogo iniciou pelos cursos de curta duração, que serão os cursos de extensão da UFAC. Posteriormente, a gente vai trazer os de graduação na área de licenciaturas: Pedagogia, Geografia, para dentro do núcleo. Só que para tirar o curso da UFAC para um contexto como este, a gente precisa de um recurso bem maior, deslocar professores...

P: Seria presencial?

R: Tem que ser presencial dentro de uma modalidade que o aluno consegue se manter, né. Nós estamos tentando articular um projeto que já existe no Acre, ali na área de Epitaciolândia. É um projeto chamado RECA, tipo Borden House, entende, aquelas casas coletivas, tipo de alojamento, na Nova Califórnia, onde jovens vivem juntos, os meninos e as meninas e os professores... Os professores também junto. A gente está estudando a viabilidade de um projeto como esse.

P: Mas quem está estudando isso?

R: É um grupo de professores da UFAC que nós articulamos... ver se a gente consegue trabalhar outros cursos que seriam as vocações específicas dos meninos, como engenharia, como matemática, ou como fazer a gestão de êxodo rural, nessa questão aqui. E são os cursos mais específicos que trabalham com laboratório, porque não tem como fazer um laboratório em cada núcleo. A gente vai tentar fazer um só para poder centralizar.

P: Tu conhece a Mary Alegretti?

R: Não. A Mary Alegretti é o quê? Uma escritora?

P: Não, ela é antropóloga.

R: E ela trabalha na UFAC?

P: Não. Ela é presidente da ONG mais antiga da Amazônia. Se chama IEA - Instituto de Estudos Amazônicos.

R: Olha que fantástico.

P: Ela é talvez a primeira estudiosa dos seringueiros do Acre.

R: É mesmo? Ela é tua parenta, né? Porque tu é Alegrete, né?

P: Não, eu sou Fedrizzi.

R: Ah, Fedrizzi.

P: Eu a conheci na Cazumbá inclusive fiz uma entrevista com ela, que foi publicada em três páginas num jornal do Sul. Ela já escreveu vários livros, ela foi professora em Harvard, foi professora em vários lugares. E ela se dá muito aí com o Nenzinho e conhece muito bem. Ela era amicíssima do Chico Mendes. Eu acho que ela é autora intelectual da ideia de criar

as reservas extrativistas e dos parques nacionais, porque ela estava muito próxima da Marina Silva e do Chico Mendes lá atrás. É uma pessoa muito interessante.

R: Eu não conheço essa professora.

P: Precisa conhecer urgentemente. Ela é muito, muito interessante e eu a convidei para ser a minha co-orientadora.

R: Legal, então você tem o contato dela.

P: Ela está muito envolvida com as coisas todas da Amazônia. E estava agora no Azerbaijão, na COP 29, e vai estar na COP 30.

R: Meu Deus, então é uma figura!

P: Ela mora em Curitiba, no Paraná. É gaúcha, mas a vida inteira morou fora de lá. Foi professora na USP. Muitos livros que eu já li citam ela. E vai, de vez em quando, pra Cazumbá.

R: Que legal. Me passa o contato dela quando puder, por gentileza.

P: Vou passar e vou falar em ti pra ela.

R: Eu vou pedir orientações a ela, porque se ela tem todo esse histórico, ela vai contribuir muito conosco. Porque a gente tá pensando, eu tô eu estou organizando isso com a Aurelice, o Aécio, que é o gestor da reserva, porque nós estamos começando a pensar.

P: O Aécio a conhece. Vou ajudar nesse processo. Olha, quando eu a convidei pra ser minha co-orientadora, ela disse: eu aceito. Mas só se tu topar me ajudar a botar de pé uma universidade da floresta.

R: Meu Deus, então diga pra ela. E vamos unir as mãos.

P: Vocês duas vão adorar trabalhar uma com a outra. Ela precisa de alguém como tu aí dentro da reserva para poder fazer acontecer essas coisas.

R: Olha, eu vou te falar quem são os personagens que estão conosco. Estamos eu, a Aurelice, o Aécio, o professor/ gestor dos cursos de extensão da UFAC, o Carlinhos. Ele fez a universidade em Londres. Fez Mestrado na Itália e Doutorado em Londres. O Mauro Sérgio, que é um ex-servo de Maria também. Tem dois ex-padres. E tem mais uma professora maravilhosa, a Tânia Mara, da UFAC, um ex-Lassalista, professor da UFAC que coordena cursos superiores para a realidade das reservas e também o professor Gilberto Dalmolin. Nós estamos pensando nesse projeto, mas só está mesmo no pensamento. Já fizemos

duas reuniões, não tem nada ainda estruturado. Ela poderia dar um impulso imenso para nós.

P: Ela é uma pessoa super importante, influente, ela tem trânsito total no Ministério, ela é amicíssima da Marina Silva.

R: Meu Deus, e lá ela vai ter acesso a uma pessoa que, com certeza, se ela é amiga da Marina, pode chegar ao Léo de Brito, que é o que pensa os cursos superiores do MEC.

P: Então vou te botar em contato com ela.

R: Por favor, mas você tem que fazer parte dessa equipe também.

P: Participo.

R: Ai, que maravilha! E mesmo em Portugal, pode vir. Eu vi várias vezes, né? Eu vim várias vezes quando eu estava em Portugal. Porque a gente traz as sementes e semeia e retorna e quando vem outra vez já tem alguma colheitazinha, né? E a gente vai crescendo nisso.

P: Certo. Bom, isso aí é assunto pra outra conversa, que é bem longa. Quando falamos aquele dia e te perguntei sobre o futuro da Cazumbá, me disseste que tinhas uma visão pessimista e uma otimista.

R: A visão otimista que eu tenho é a gente conectar essas pessoas todas com uma rede e fazer a diferença, algo pensado, refletido e sistematizado dentro de uma proposta, que não destrói, mas constrói. Essa é a minha visão otimista: construir essa rede.

P: Mas está muito genérico isso: conectar a rede, pensar.. Mas na prática, como constrói isso?

R: A prática é essa que a gente já está construindo. A visão otimista que eu tenho é essa, da gente tentar estruturar algo para a educação, começar desde os pequeninhos e levar até os maiores, né? Trabalhando esses valores, fazendo essa rede de pensamento de pessoas. Conectar essas pessoas, numa grande rede. E trabalhar essa educação voltada para a questão da valorização da cultura local e criar essa cultura local, fortalecer essa cultura local. Essa é a pessimista, né? Aliás, a otimista. A pessimista é deixar como está. O que é isso? Não se articula nada na educação. Só vem, traz a proibição, as multas, a repressão.

P: Deixa eu te interromper. Quem faz isso é o Aécio também, que está envolvido com educação, mas com o órgão que ele dirige que multa, que pune.

R: É por isso que nós estamos puxando o Aécio, porque ele é como um menino ainda, né, que chegou aqui novo, cheio de sonhos, mas ele tá sendo levado pela questão mesmo do sistema do ICMBio, que só utiliza esse critério, né. Mas ele agora tá fazendo projeto pros jovens, ele tá reunindo os jovens. Nesses dias, agora eu estive lá na casa. Ele fez uma reunião com um grupo que vem trazer um CDL - um grupo de jovens em Cristo - é trabalhar a espiritualidade dentro de um contexto de empreendedorismo pros jovens. Ter luz dentro da reserva, esse tipo de conhecimento que ajuda, né? Ele está melhorando um pouquinho, né? Está começando a perceber que ele tem um espaço grande de trabalho nessa área, né? Então, quando eu falo da pessimista, é que já tem anos e anos aqui dentro de um sentimento que as pessoas, elas não concordam muito com esse tipo de trabalho, porque ele vem, traz um benefício no ano, não é um benefício que as pessoas ficam felizes com isso, criticam muito ele, como você viu na reunião, né? Reclamam que não tem uma boa articulação e eu acho que esse sentimento criou uma rejeição pela proposta extrativista, entendeu? Pelas unidades de conservação. Quem mora aqui não se sente valorizado, não se sente confortável aqui no núcleo, por exemplo. Eles não estavam mais querendo participar de reunião, não estavam mais querendo ficar associados, acham que está impedindo eles de terem condições, essas coisas todas. Então, ou vai mudar a moeda para eles se sentirem parte e valorizar, ou não, chega um desgaste. Como? Como muda? A mudança pode ser através de uma articulação bem mais envolvente, entendeu? Como por exemplo: você traz um curso desse para um pai que tem filhos... Os filhos já não saem mais, mas já estão aqui dentro, né? Eles verem a preocupação, né? Trazer uma possibilidade de um desenvolvimento como hoje, a maior dificuldade das pessoas daqui é ter alimentação, porque não tem mais caça, né? A pessoa não pode criar muitas vacas para comer aqui, para consumir aqui. Aqui não tem mercado. Os rios, os indígenas moram ali mais em cima, mas nesse trecho aqui não tem nenhum peixe mais. Não tem projeto de incentivo para a avicultura, não tem projeto de incentivo para criação de porcos, né?

P: E tu acha que precisa mudar a liderança?

R: Não, eu não acho que precisa mudar a liderança. Eu acho que a liderança ficou muito tempo sozinha, né? Muito tempo sem um suporte, sem um aparato, sem uma orientação, sem um nível de discussão que favoreça ela também, porque o Nenzinho é flexível, tu entende? Ele tem boa vontade. Só que ocorre que ele tava muito só. Eu acredito que fortalecendo o Conselho, fortalecendo as ideias que eram do início, ele vai ter luzes pra continuar. Mas parece-me que ele, em setembro, disse que saiu da Associação do Seringueiro, né? Então, se ele saiu da associação, no momento eu não vejo outra pessoa que vai entender esse processo, entendeu? Pode até ser que tenha, porque isso não era discutido, isso não era analisado, né?

P: Como vê as novas lideranças?

R: As lideranças daqui hoje precisam ser fortalecidas, né? Eu vejo assim, nós todos somos mortais. Pode ir amanhã e não ser morto, né? E no momento mesmo, pessoas com as ideias

que ele tem e com a consciência que ele adquiriu da preservação, porque tem erros, mas também tem acertos, né?

P: Fui com o Nenzinho no dia que precisavam eleger o novo presidente do núcleo Bom Futuro. O presidente não queria mais ser e precisava eleger alguém. Fomos em um quadriciclo. Foi duro pra chegar. E acompanhei a reunião toda. Ninguém queria ser. Até que a Francisca, que tem dez filhos, pediu a palavra e, já que ninguém queria ser, indicou sua filha. E como vice, o marido dela. E todo mundo aprovou. Agora parece que são três núcleos que tem mulheres de presidente.

R: E o Nenzinho reclama de pouca participação das pessoas. É isso que nós estamos discutindo no grupo. A Aurelice, o Aécio. É porque, quando alguma coisa não dá certo, costuma-se jogar uma carga muito pesada pra liderança, entendeu? E eu acredito que vai ser necessário fazer uma discussão nos grupos, pra saberem lidar também com as frustrações, sem crucificar as pessoas, né? Porque se você vai condenar todo pai de família que não soube orientar bem os filhos, como é que vai ser? Então, em toda organização, desde o núcleo familiar, tem erros e acertos, né? Nem tudo vai ser acertado 100%.

P: Como vê os processos decisórios?

R: Olha, eu não estava na reserva, né? As histórias que contam não são muito boas, né? Eu não posso responder essa questão porque eu não estava dentro. Mas existem muitos reclamos dos associados, né? No geral. Mas eu não estava.. Eu chego, só participo mesmo dessa discussão de pensar o futuro, de organizar, né? Eu não fiquei muito dentro dos problemas porque isso impede que eu avance, entendeu? Como um personagem conciliador para poder refazer as credibilidades, recuperar o prestígio da liderança, entendeu?

P: Tu tens feito um trabalho nesse sentido, de conciliação?

R: Aqui, sim, um pouco, né, porque quando ele precisa de uma reunião, ele pede para eu reunir a comunidade. Aí, quando tem resistência, eu convenço para vir, né, nesse sentido.

P: Mas tu falasse em Conselho, fortalecer o Conselho. Que Conselho é esse?

R: Ele tem um Conselho da Associação, né, que é feito, parece que tem a participação de pessoas da sociedade civil, né, e esse Conselho, ele ajuda a pensar o desenvolvimento da unidade de conservação como um todo, né, ele ajuda a pensar tudo, todas as realidades que existem dentro que vão ser favoráveis. A manutenção da organização. E agora mesmo esse Conselho está sendo refeito, porque tinha muita gente... Gente que, como você mesmo presenciou, que não queria mais, né? E agora, ele já tem, já está sendo discutido a participação de lideranças da sociedade civil para fazer parte do Conselho com uma visão mais ampliada de pessoas que já conseguem discutir os temas, organizar, pensar.

Ele tinha muitos que eram analfabetos, que ele dizia, vai acontecer assim, e a pessoa não sabia, nem estava entendendo o processo, entendeu? É, ele foi muito sacrificado nesse sentido também, né?

P: E tu participa ou teria interesse em participar desse Conselho?

R: Eu não estou participando do Conselho, mas ele está sendo formado.

P: Mas se alguém te convidasse para participar, aceitarias?

R: Rapaz, acho que nesse momento eu estou mais voltada para a questão da Cooperativa, da educação, mas eu acredito que aquilo que eu já ouvi de alguém que está sendo convidado já são pessoas que vão dar conta do recado.

P: Então, olha que interessante isso que acontece: a gente está falando em pouca participação. Daí, uma das cabeças mais iluminadas daqui diz assim: “É, pois é, eu estou envolvida com outras coisas...”. Se as melhores cabeças daí não estiverem presentes no Conselho, como é que a Cazumbá vai se desenvolver? Vai ficar com analfabetos? Com outras pessoas de pouca visão?

R: É, mas é o que eu estou te dizendo. Essas pessoas que estão vendo a possibilidade do Conselho, é porque tem porcentagens, né?

P: Mas tu fugiu, inteligentemente, da minha pergunta, que foi: E se tu fosse convidada?

R: É isso que eu estou pensando, porque se eu abarcar muitas coisas, não vou conseguir dar conta, né?

P: Mas Conselho é Conselho. O Conselho a gente vai lá, opina, sugere, aprova ou não aprova, e tem outras estruturas que vão executar.

R: Bom, se eu tiver condições, foi pensado o meu nome, né? Aí nós estamos ainda refletindo... Como é que vai ser a demanda do trabalho todo, porque se eu for ficar na equipe que vai organizar a documentação da escola, eu vou ter um empenho bem grande. Você imagina o que é pensar uma proposta com um grupo de professores que ainda não está consciente da importância dessa proposta, né? Que seria de trabalhar os conteúdos transversais da realidade aqui dentro de um currículo, aí vai exigir um empenho grande, né?

P: Sim. Mas as pessoas precisam aprender a pedir ajuda, né?

R: É, isso mesmo que eu estou fazendo. Vamos refletindo.

P: Sobre preservação: eu fiquei mal impressionado com a reunião que fui aí no teu núcleo. E vários ali estão querendo desmatar mais, para ampliar o seu roçado, querem botar gado que, em alguns lugares já tem. Se a ideia for cada vez desmatar mais, daqui a pouco perde o sentido ter uma reserva extrativista que quer sempre desmatar mais.

R: É esse aspecto que é o grande entrave da realidade aqui. Eu acho que o sentimento oposto à preservação é o sentimento de ganância. E aí, a ignorância. O que vai favorecer a conscientização, a preservação, é pessoas conscientes e as pessoas orientadas para poder sobreviver. Qual é o grande objetivo de toda família? Ter uma boa qualidade de vida. As pessoas saíram de um sistema extrativista e começaram a vislumbrar a salvação de suas estruturas através da criação de boi.

P: Sim, que é mais fácil vender gado. E vender o campo também.

R: Para manter o campo, a pessoa precisa colocar veneno. Ela não está consciente que ela está envenenando toda a sua família, todas as águas, eliminando todas as espécies de seres vivos invertebrados que tem no campo. E enfim, o que precisa para mim é criar rodas de conversa, trazer a conscientização através de reflexão sobre as consequências que isso traz. Esse é um processo. O outro processo é abrir, que é o que nós pretendemos com a Cooperativa, abrir para outras áreas de produção. Para isso, a pessoa tem que ter o olhar, o gestor, a Associação. Por exemplo, investir na avicultura, investir na piscicultura, que não é tão agressivo quanto a criação de boi. E começar a organizar, que a pessoa limitou o tanto de boi que cada um tem, é instruir essas pessoas para saber aproveitar essa terra que já está desmatada. Por que o que é que tem aqui? Eles têm um campo. O campo, quando dá três, quatro, dez anos, a terra começa a perder todos os seus nutrientes. Aí eles já querem trocar outra área, já querem desmatar outra área nova. Sem a devida orientação, de como reorganizar essa terra, reaproveitar essa terra que foi desmatada. Nós temos aqui já vários problemas de intoxicação. Brocar.

P: O que significa *brocar*?

R: É cortar as matas, né? É derrubar, é derrubada, né? O desmatamento. Então, eles fazem o desmate, mas aí não tem dinheiro suficiente para manter a área, ou usa venenos, ou usa outros aspectos. Então, para mim, eu acho que hoje, as pessoas daqui têm que ser orientadas para produzir outros elementos, outros meios de sustentação. Para eles mesmos, não para vender. Saiu da seringa e foi para o boi e não tem orientação para outras coisas que começam a fazer., entendeu? Quando nasce um, eles têm que vender. Então, se tem uma produção diferenciada, eles vão, aqui funciona até um mercadinho de trocas, entendeu? Troca a carne do boi pela do porco, troca pela galinha, troca pelo gás, entendeu? Funciona até isso hoje se colocar.

P: Achas que, via educação, consegue mudar esse jeito de pensar, inclusive para os adultos?

R: Eu creio na educação. O poder da educação, para mim, ele é muito grande. Eu já passei por vários sistemas de educação, por várias maneiras de educar, e em cada uma... Eu estudei na Universidade Pública, no Acre, onde um período já mais distante da ditadura, mas bem acentuado na questão de enfrentamento da realidade de uma forma mais agressiva. Eu estudei na PUC Goiás, que já foi um sistema mais reflexivo. Eu tive a oportunidade de estudar na Gregoriana, que era um mundo bem mais fechado, na Pontifícia Universidade Católica do Papa, na Gregoriana do Jesus.

P: Durante 11 anos eu fui professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Jornalismo.

R: São universidades... Que marcam a vida da gente. Depois, Coimbra, me colocou em outro patamar.

P: Pegando o teu exemplo, tu saiu daí. E tem muitos jovens que querem sair. Isso que tu estás propondo é o suficiente para eles não saírem?

R: Eu creio que não sair no sentido de sair para aventurar a vida enquanto não tem uma estrutura. Está entendendo? Porque a saída vai fazer bem. Mas você tirar um jovem de casa hoje com 13, 14 anos e colocar ele numa periferia de uma cidade como Sena Madureira, vai colocar ele na beira do risco. Eu acho que o sair daqui nós temos vários daqui que saíram que, como eu, estão aí trazendo contribuição. Um deles é o Leandro, que está na Fiocruz, fazendo um trabalho excelente na área de saúde, pesquisando essa área nossa aqui e trazendo grandes benefícios para a comunidade. Então, eu acho, eu tenho certeza que você manter o jovem mais orientado, mais informado e com os valores de raízes, porque se eu tivesse saído e não tivesse tido o suporte de valorização cultural que eu recebi no convento, eu não teria desenvolvido nem 10% das habilidades que desenvolvi. Tu acredita?

P: Imagino. Agora, a qualidade do ensino hoje, aí me pareceu bem fraquinha.

R: Exatamente.

P: Eu conversei com um rapaz chamado Kairo, de 15 anos, completamente alienado de tudo e todos. Quer ser jogador de futebol. Ele joga duas vezes por semana. Perguntei: como achas que jogando aqui alguém vai te descobrir? Ele não sabia o que dizer. Ele quer que muitos turistas visitem a Cazumbá. Para ver o que, questionei? Para ver árvores, foi a resposta. Tu achas que não tem outros lugares mais perto onde as pessoas possam ver árvores? Aí ele não sabia o que dizer.

R: Com certeza. A qualidade, eu acho que já fazem muitos anos que não se discute a realidade para o aluno dele dentro da sala de aula. Que, como eu lhe falei, eu já pontuei isso, que é um sistema muito sacrificado, que não tem uma orientação, que não tem um suporte devido, que o material é limitado. O professor não disponibiliza de um data show. Aqui a minha grande

dor para trabalhar é eu não ter um data show. Tu acredita nisso? Uma coisa simples. Você não tem um objeto que te ajude a passar um conteúdo, porque nós trabalhamos muito a questão das imagens hoje, né? Sim. Eu estava no colégio, eu trabalho no nosso colégio, e no nosso colégio cada sala tem um.

P: Sim, mas muita escola no Brasil e fora do Brasil, distribuíram computadores ou tablets para todas as crianças. E estão acabando com isso. A Escandinávia já parou. Tem vários lugares do Brasil em que isso serviu mais para a corrupção. Comprar tablets para todos os alunos, sem uma formação adequada de professores, não serve para nada.

R: Sabe o que eu acho? Que hoje o professor tem que ter a orientação, por isso que eu coloco nesse sentido, a orientação didática para o professor, como ele vai usar esse instrumento, esse recurso didático. Ele tem que aprender isso, mas eu, por exemplo, se vou fazer uma reunião, não tenho como projetar uma imagem, como explicar, ainda vai para o desenho, bem tradicional.

P: Mas como pode querer que as crianças falem bem se os líderes e até as professoras falam errado? Se uma professora não sabe falar corretamente o português, de que adianta botar um data show na frente? Isso com leitura de livro resolve. Quem não lê livro, não consegue falar direito, não consegue escrever direito.

R: Com certeza. Nós sabemos o quanto é importante o aluno olhar o professor e perceber que ele está ali como uma referência, uma fonte de inspiração. Falar até o pesquisar, o produzir, o orientar, essas questões todas são muito importantes. E eu entendo que as pessoas precisam sobreviver. Mas aquela questão, em terra de cego, quem tem um olho é rei.

P: Só que os desafios são grandes. Tu não vê algum risco de que, em alguns anos, a Cazumbá ficar com muitos idosos e poucos jovens, pois eles foram embora?

R: Tem risco sim. Mas se você ver, é uma questão tão relativa também no pensar. Tu sabes quantas crianças estão nascendo agora em um prazo de três meses aqui, ao redorzinho da minha casa?

P: Acredito que tem bastante. A população da reserva toda está aumentando.

R: Doze criancinhas agora. Aqui ao redor da minha casa. Doze. Imagina. É uma construção. Eu acredito que vai ser necessário sair, porque senão não vai suportar, porque é uma questão que o jovem que casa quer dois, três filhos só, pelo menos, não é mais 15 como 10, como eram antigamente, mas ele vai querer dois, três filhos, ou um, mas são muitos, a população é grande.

P: Só faltou uma coisa para te perguntar: o papel das mulheres. Li sobre a avó do Nenzinho, sobre a mãe dele, falei com a Francisco, com o Luzia, contigo agora. Achei todas mulheres muito fortes. Que papel tiveram, tem e terão as mulheres nisso tudo?

R: Olha, as mulheres hoje, na reserva, têm um papel muito importante, porque saindo daquilo que é produzido, da questão da sustentação das famílias, que é a questão dos recursos que o marido adquire hoje, que são limitados da venda do boi ou de algum serviço pesado, as mulheres enfrentam o serviço pesado mesmo, elas vão na produção da farinha, administram a casa com o Bolsa Família, com o Bolsa Verde, que elas ganham, que elas recebem, né, e elas têm mais consciência, eu acredito assim, elas são mais ponderadas, é mais fácil de construir com elas, entendeu? É mais fácil de serem educadas para viver numa reserva do que os próprios maridos, né?

P: Dá algum exemplo?

R: Bom, tem muitas mulheres aqui que elas vendem tudo o que elas produzem, elas se organizam, elas criam, dentro da organização familiar, elas aproveitam as coisas com muito mais cuidado e sensibilidade do que em outros lugares que a gente convive com mulheres, entendeu? Administram um pouco, bem administrado, né? Você vem aqui, você não conheceu, mas eu tenho uma cunhadinha aqui que ela... o meu irmão... faleceu e ela ficou aqui. Ela dá conta de tudo. Está estudando, está pensando no futuro do filho, né? E é forte a bagrinha. E tem muitas.

P: E a que tu atribui isso, mulheres fortes?

R: É próprio de mulheres que, trazem as marcas ainda. Isso faz parte da cultura, né? Quando era no período da seringa, os pais passavam o dia fora, como o Lázaro contou pra você, lembra?

P: Sim, sim. Aquela história é muito boa.

R: E a mãe é quem segurava a casa com tudo, né? Entendeu? E isso foi passado de mãe para filhas, né, ainda hoje tem esse reflexo desses valores, né, que as mães educavam as filhas para cuidar bem dos filhos, para cuidar bem da casa, são muito limpas, são muito cuidadosas com o que produz, que vão fazer alimentação, porque aqui não tem assistência médica todo dia, né, então cuidam para os filhos não adoecer. São coisas, detalhes, assim, muito sensíveis, né, que preservam a vida.

P: Sim. E tu vê como o futuro, as mulheres assumindo mais papéis de liderança, por exemplo?

R: Eu vejo. É uma tendência que a gente percebe em todos os segmentos sociais, né, e aqui eu vejo isso também.

P: Porque eu notei que já tem três mulheres presidentes de núcleo. Tu estás liderando aqui. Não sei qual é a tua posição oficial, mas tu é uma grande líder dessa comunidade onde tu estás.

R: Nada, eu sou apenas uma pessoa que aprendi a pensar no meio que a gente vive, eu gosto disso.

P: Sim, mas não é uma contradição? Tu diz que o poder da educação é muito grande, certo? E tu lidera a escola. Daí a constatação de que a tua influência na comunidade é muito grande.

R: É, eu trabalho com as professoras desde o ano passado.

P: Tens ainda alguma coisa que gostarias de dizer para encerrar a nossa conversa?

R: Ah, eu quero dizer que, me desculpa se eu não atingi a expectativa que você tinha, né, de se eu colaborei pouco.

P: A tua modéstia é incrível!

R: E quero também dizer que eu conto com a tua colaboração, né, se você tiver alguma pessoa que você lembra que pode fazer um patrocínio para a gente começar a fazer esse galpão da Cooperativa, né, para poder iniciar uma produção de alimentos, começando pela verdura.

P: Mas tu já tem um valor para isso? Quanto de dinheiro precisa?

R: É porque é assim, Alfredo. Nós não criamos ainda um CNPJ, né? Se a gente tiver, valores assim de dois mil, três mil, quatro mil, a gente já vai comprando tela, a gente já vai comprando um material pra poder fazer, cerrando os tocos, pra fazer as estacas, né? A gente precisa de uns valores pra comprar o material, entendeu?

P: Sim, mas olha aqui. Eu conheço em alguns lugares do mundo, mulheres montando cooperativas e se dando bem. Eu conheci uma cooperativa de mulheres no Marrocos, em Marrakech, no ano passado. Estava indo em direção do deserto. Vi uma construção bonita, colorida, bem cuidada. Paramos e era uma cooperativa onde só mulheres vendiam artesanato, comidas, perfumes. Bem bacana.

R: Aqui, a nossa ideia é essa, mas para começar, a gente vai ter que ter um investimentozinho de ajuda. Nós mesmos estamos tentando ajudar eu, a Aurelice, outras pessoas, para poder

criar a primeira estrutura. Depois eu tenho certeza que o objetivo nosso é que ela se autossustente.

P: Sim, mas tu tens algum material para eu pedir para alguém ajudar? Tenho que mostrar alguma coisa escrita ou visual.

R: Ah, não. Nós estamos planejando, concluindo o escrito na semana que vem.

P: Então, a primeira ajuda minha pode ser olhar esse material e sugerir algo, caso seja necessário. Aqui em Lisboa, minha filha está estudando em uma escola meio cooperativa. Precisam captar recursos e fiz isso: me mostraram o material que tinham e eu sugeri alterações.

R: Olha que legal! Então, nós vamos mandar o nosso para você dar uma olhada.

P: Acho que é bom ter um PowerPoint, alguma coisa desse tipo, para poder mostrar. Pra quem quer buscar dinheiro, tem que mostrar o projeto.

R: Isso porque o período que a gente vai começar a plantar algumas coisas, vai ser no final de maio, início de maio. Pra essa primeira orientação, nós vamos fazendo os trabalhos coletivos, entendeu? Vem o grupo, trabalha de manhã, volta à tarde. Consegue fazer com produtos daqui mesmo, né?

P: Envia esse texto que vocês estão terminando, pra eu fazer umas sugestões. E uma lista de materiais que vocês precisam para essa arrancada. Exemplo. Precisa de enxadas para mexer na terra.

R: As ferramentas, comprar sementes, plástico para cobrir porque aqui o sol é muito forte. E a gente vai partir depois para a questão da medicina natural. Nós vamos investir num horto medicinal. Todo mundo planta alguma planta medicinal no seu quintal. Mas na escola é mais fácil de todo mundo vir buscar, porque fica o central, né? Vou tentar sensibilizar o grupo para a gente fazer um, nem que seja pequeno.

Tu sabes que aqui em Lisboa, perto dessa escola que te falei, a Vila Escola, tem uma pequena agrofloresta comunitária? E uma das coisas mais inovadoras que eu vi nos últimos tempos, no Village, um bairro importante de Nova Iorque é horta comunitária no meio da cidade cheia de prédios altíssimos. Fizeram canteiros e cada família que mora em volta planta verduras. Isso pode ajudar a conseguir recursos para o projeto de vocês.

R: Rapaz, e sem contar que quando o rio desce, ficam as pequenas praias, não? E aqui é muito comum plantar o milho, a batata, o feijão, a melancia, a abóbora, tudo ali. Ficam já ambientes limpos e a mulherada cai dentro. Antes do rio encher de novo.

P: Ah, que interessante.

R: Ficam oito meses esses espaços, né? Então, elas produzem, plantam cedo e antes da água vir, elas já fazem a colheita.

P: Que interessante isso. Nunca tinha ouvido falar.

R: É, ficam ambientes já apropriados para tudo. Você planta toda e qualquer verdura.

P: E deve ser bem fértil, né?

R: E produz, na frente das casas, nas praias, ficam praias, pequenas praias.

P: Que bacana isso. Me repete o que que plantam?

R: Plantam melancia, plantam quiabo, todo tipo de verdura assim. Mais maxixe, cebola, coentro, todas essas verduras assim, couve, que são mais resistentes, né? Planta-se ali naqueles ambientes.

P: E fica muito adubado, não?

R: Porque o rio traz tudo. Aí planta feijão, milho, macaxeira, planta tudo.

P: Muito bom. Não tinha conhecimento disso.

R: É, fica uma riqueza. Você precisa imaginar como é que fica. É quando a fartura chega. É. Pra quem mora nas margens dos rios.

É bom conversar com você. Quando precisar e eu poder ajudar, estarei exposta.

P: Poxa, eu estava ansioso para essa nossa conversa, porque estava difícil te localizar e tu me dar retorno.

R: Foi por causa da dificuldade que eu tive com meu pai. Depois eu estudei para fazer um concurso também. E aí estava difícil, porque realmente eu fiquei viajando esses dias e não conseguia tirar um espaço para pensar, para refletir. Mas eu já fiz um textozinho, eu vou localizar e vou te enviar, fala um pouco da realidade daqui mais detalhada, estritamente.

P: Especial, perfeito. Me envia junto com esse projeto aí.

R: O projeto a gente termina de reescrevê-lo semana que vem. E aí nós vamos tentar ir aperfeiçoando esse projeto, porque no momento está sendo escrito de maneira coletiva. Eu escrevo uma coisa, a Aurelice escreve outra e nós estamos aproveitando o Carlos também que

está dando alguma colaboração e nós vamos ter uma leitura do todo só quando a gente concluir todo o projeto. Mas nessa fase de construção nós já vamos passar para você. O perfil do projeto e a ideia, que pode colaborar tanto com ideias, como com alguma contribuição, a gente fica feliz.

P: Eu, inclusive, vou fazer uma contribuição.

R: Olha que bom! Mas aí a gente, a contribuição melhor mesmo também é essa da partilha da ideia, né?

P: Sim, e divulgar isso para muita gente. Eu tenho um relacionamento grande.

R: Valeu, muito agradecida.

P: Vou dizer, gente, vamos dar uma contribuição. Você sabe o que é crowd funding?

R: Como?

P: Na internet, tem uns aplicativos que são para captar dinheiro para causas, para projetos bacanas. Tem uns que chamam de crowd funding. Quem entra ali, olha. Ah, gostei desse projeto. Vou botar X dinheiros. É muito interessante.

R: Olha, que bom. Nossa preocupação maior é a gente ter como prestar contas desses recursos grandes ou pequenos que cheguem até nós. A gente está com um CNPJ organizado. É, mas eu não sei como é que funciona essa parte aí.

P: Mas isso aí são pessoas físicas que não precisam da nota fiscal. Eu vou te enviar um link. Tu entra ali para ver. As pessoas, apresentam o seu projeto ali dentro e o mundo inteiro pode chegar ali e olhar. Ah, gostei disso aqui. Pronto. Vou te dar cem reais. É muito interessante. Usam para fazer livro, usam para fazer todo tipo e tamanho de projeto.

R: Que legal. Então, quando a gente tiver mais organizadas, a gente já pode... Eu vou conhecer e vou falar mais consigo sobre isso.

P: Eu já vou te enviar alguns para você ir sabendo. Um deles chama Vakinha. E é legal.

R: Ah, que legal. Olha aí. A gente vai conversando, vai vendo, né?

P: Meu compromisso contigo agora é passar algumas referências desses fundos que dá para captação e te colocar em contato com a Mary Alegretti. E o teu compromisso comigo é enviar esse texto e a gravação do teu pai.

R: E o compromisso maior é a gente manter contatos para você aqui depois e ver

mudanças.

P: Eu entro em algumas reuniões regulares com vocês, onde eu possa ajudar. Pode contar comigo.

R: Para apresentar, nós vamos aí, segurar a bandeirinha. Pode contar comigo. Eu vou com a Aurelice aí para a gente prestigiar a sua defesa, se Deus quiser.

P: Ah, tá bom.

R: Tá certo. Abraços à família toda que ainda não conheço, mas terei oportunidade de conhecer.

P: Vai conhecer a minha filha e minha esposa.

R: E vou fazer a entrevista com o papai quando ele estiver melhor.

P: Isso. Se não der para gravar áudio e vídeo, só áudio dele.

R: Tá certinho.

P: Que eu acho que seria muito interessante, até para esse registro da imagem dele, da voz dele ficar...

R: Tá bom, eu vou lhe mandar uma foto dele, vou lhe mandar uma foto do Nezinho, viu?

P: Tá bom.

R: Com o Adelino. Tá bem, ah, sim.

P: Eu vi que tu tá com uma máquina, Nikon na mão ali, tu usa para fazer boas fotos?

R: Uso.

P: Muito bom. Envia fotos de coisas legais que tenhas feito.

R: Ok. Eu lhe envio, tá certo.

P: Obrigado.

R: Nós temos muitas fotos de registros, de atividades que ocorrem, tá? Então eu vou selecionar aquelas que são mais significativas, que expressam um pouco da realidade. Foi uma

coisa boa que a congregação me deu, elas me deram a oportunidade de fazer um curso de fotografia, quando eu morava na Itália.

P: Ah, que bom. Então, é profissional no assunto.

R: Não, mas estudei em uma escola de profissional. Então, o resto é olho, é bom gosto, é prática. É sensibilidade.

P: Sensibilidade. Isso é fundamental, mais que qualquer técnica.

R: Então, muito agradecida. Muito agradecida. Eu agradeço imensamente essa contribuição de pensamento, de ideia, de questionamento. E vou ficar torcendo para você fazer um excelente trabalho, que eu sei que vai ser, pela preocupação, pelo empenho. E conte conosco. Quando precisar, estamos aqui.

P: Eu que agradeço. Está fechando exatamente duas horas de conversa agora.

R: Ah, mas foi bom. Foi muito construtivo. Muito obrigada. Vamos torcer que tudo dê certo. Que as coisas possam ir melhorando.

P: Vamos sim, vamos. O que eu puder ajudar aí, eu vou fazer.

R: Que maravilha, um grande abraço, bom trabalho.

P: E saúde para o teu pai.

R: Amém, para nós todos. Tchau, tchau.

P: Tchau.

Entrevista com Aécio dos Santos

No dia 12 de janeiro de 2025, às nove horas, uma caminhonete Chevrolet 4x4 branca, do ICMBio estacionou em frente ao hotel onde estava hospedado, na cidade de Rio Branco, Acre. Dentro estavam Aécio dos Santos, gestor do ICMBio para a região onde se localiza a Cazumbá e Naiara Bezerra da Silva, chefe-substituta da NGI - Núcleo de Gestão Integrada do ICMBio. O ICMBio é um órgão pertencente ao Ministério do Meio Ambiente. Eles me levariam até a Cazumbá, por uma estrada de asfalto, mas cheia de buracos, que precisam ser desviados o tempo todo. Por ela, passam muitos caminhões. Dos dois lados, se vê muitas fazendas de gado Nelore, brancos, onde, outrora, foi floresta. Das 9h às 11h, na estrada, iniciei a entrevista com ele, que teve continuidade no dia 20 de janeiro, presencialmente na Cazumbá.

P: Qual o papel do ICMBio na Cazumbá?

R: O extrativismo, durante muito tempo, era sinônimo de escravidão. Hoje, com tudo mais globalizado, interligado, a história é o que liga eles ao extrativismo. Mas o governo não tem valorizado os extrativistas suficientemente. Tem deixado as coisas acontecerem. Existem duas categorias de reservas: extrativista e de desenvolvimento sustentável. O maior papel do ICMBio nas Resex é de fazer a articulação das políticas públicas, através da gestão territorial: fiscalizar, policiar, autorizar, embargar, controlar a população que chega ou que quer chegar nessas áreas, que são muito grandes. As Resex são uma ideia muito boa, mas mal trabalhada. Falta incentivo. Estado e município não se envolvem em nada. Como são áreas federais, dentro do Acre, os governos municipal e estadual deixam que o Governo Federal se vire. A meu ver, deveriam estar levando assistência técnica e desenvolvimento de mercados para os produtos da floresta. Os governos estaduais e municipais, há 35 anos, fazem sempre a mesma coisa. É um faz de conta. Os seringueiros estão marginalizados. Imagina se essa população deixasse a floresta e fosse para as cidades, o problema que ia ser?

P: Como estão as RESEX e, em particular, a Cazumbá?

R: Não houve um planejamento, uma visão de futuro. E as lideranças são antigas. Os líderes da época que tinham muito mais necessidades do que tem hoje. Agora o cenário é de paz, de fartura de terra e de recursos naturais. Ou seja, eles não precisam lutar tanto quanto precisavam lutar tempos atrás. Essas lideranças, envelhecidas de idade e de ideias, não precisam lutar mais. Tem órgãos do Governo Federal para garantir a posse das terras onde estão. Na Cazumbá existem 12 núcleos de base. Quanto mais desenvolvidos, menos necessidades. Quanto menos necessidades, menos corte de seringas. O mundo não comporta todos os sonhos.

P: E com o que eles sonham?

R: No Acre, muita gente busca trabalhar no serviço público. Fazem concurso, querendo garantia de emprego com um bom salário. Os pais, antigos seringueiros, não querem mais que seus filhos cortem seringa. Dá muito trabalho, é difícil. Tem muitos riscos de cobra, de onça, tem que acordar muito cedo e ir pra mata. Eles querem uma qualidade de vida melhor para os seus filhos.

P: A estrutura que o ICMBio tem é suficiente para fiscalizar e dar o suporte que as RESEX precisam?

R: Não. As distâncias são muito grandes, dificultando a fiscalização. São 750 mil hectares para 500 famílias. Um exemplo: a Lei diz que em Parques Nacionais não pode morar gente dentro. Só no Parque Nacional da Serra do Divisor, onde eu estive o ano passado, um dos lugares mais lindos que conheço, tem duas mil pessoas vivendo dentro. Além disso, durante o Governo Bolsonaro as delegacias do ICMBio foram diminuídas de 13 para três.

P: Qual a principal ameaça às RESEX?

R: No Acre não tem nenhuma lei dizendo que não pode criar gado dentro das reservas. O governo se ausentou de fiscalizar e muitos botaram gado, para ganhar dinheiro, pois teve época que cortavam borracha e não tinham pra quem vender. O principal vilão quando falamos de desmatamento é o gado.

P: Quais as fontes de renda de um seringueiro?

R: É muito difícil gerar renda. Eles ganham um pouco com a borracha, um pouco com a castanha, um pouco com a farinha e alguns produzem o açaí. Não conseguem muito dinheiro só produzindo isso. Garantem a sua sobrevivência, apenas. O dinheiro que entra pela venda da borracha é pouco e o frete é muito caro. Muitos vendem a sua produção do ano por R\$4.000,00, mas só o frete custa em torno de R\$1.000,00. Ou seja, o seringueiro tem que produzir outras coisas para sobreviver. Tem gente que ganha muito dinheiro. Fazem 600 quilos de borracha e conseguem ganhar R\$10.000,00, que vai ser o dinheiro para passar o ano inteiro. Vender farinha não dá lucro. Falta de diversificação também. É preciso buscar alternativas: a coleta de castanha, o plantio permanente de frutas e vegetais, para o seu dia-a-dia. É muito difícil escoar a produção: não temos grandes rios e os ramais (pequenas estradas) são poucos e malconservados. A borracha e a castanha são os poucos produtos que podem ser vendidos para fora, para longas distâncias, pois não estragam. No Brasil, não existe uma política de incentivo ao plantio de castanhais. A ausência do Estado aqui é grande. É uma espécie de faz-de-conta. As castanheiras demoram muito mais para crescer quando estão no meio da floresta, pois têm que disputar espaços com outras árvores. Se plantadas, crescem mais rápido e diminui o custo de produção, pois estarão próximas umas das outras. Por isso tudo é que fica muito difícil competir com o gado. Mesmo sendo ilegal, muitos terminam criando gado. E para isso tem que desmatar.

P: Eles se apoiam? Dividem recursos, transporte etc?

R: As famílias diminuíram de tamanho. São de quatro a cinco pessoas. Na Cazumbá tem só uma família com sete filhos. Geralmente são de quatro pra baixo. O acreano não tem cultura do associativismo, como existe no sul do Brasil. Por isso é difícil que trabalhem em conjunto. Acredito que tudo tem que ser feito pelo coletivo. Se as 40 famílias que moram nesse núcleo central da Cazumbá trabalhassem juntas, vendessem juntas, já iam ganhar bem mais dinheiro do que ganham trabalhando individualmente. As cooperativas do Acre, são meros atravessadores.

P: O que é preciso fazer para mudar esse estado de coisas?

R: Educação é o carro chefe para mudar. Mas tem muitos problemas, de professores, de estrutura. Acabamos de comprar 12 antenas parabólicas para colocar internet nas escolas. O Governo Federal poderia subsidiar a educação da Cazumbá, que está sob a responsabilidade da prefeitura de Sena Madureira.

P: Como vê o futuro da Cazumbá?

R: Faltava, e ainda falta, muita infraestrutura nos núcleos da Cazumbá. Escola, energia elétrica, comunicação são fatores muito importantes que só chegaram para quase todos em 2024. Por exemplo, os kits de energia, placas solares, só agora estão chegando. Agora já conseguem ter freezer pra armazenar alimentos, caça, peixe, coisas assim. Fizeram sete mil ligações de energia em comunidades no Acre como um todo. Em 2025, 100% das comunidades da Cazumbá vão estar com energia. Uma alternativa econômica que poderia gerar renda para os seringueiros é a recuperação de áreas degradadas. É possível o ICMBio fazer projetos de captação de recursos, mas quem tem que assinar é a Associação dos Seringueiros. O governo Lula não está fazendo o que eles esperavam. Tem muito mais recursos para as terras indígenas do que para as terras de seringueiros. O que precisa é que eles se mobilizem para ter educação de qualidade, mais infraestrutura. As estradas são péssimas, intransitáveis na época de chuva, o que dificulta muito o seu abastecimento e o escoamento da produção. O grande risco é os jovens, não querendo extrair, alugarem as áreas para pastos de fazendeiros que têm fazendas ali por perto. Sugiro que visites a ONG SOS Amazônia, em Rio Branco. As ONGs que estão instaladas na Amazônia são muito ineficientes.

P: Ainda é possível recuperar áreas desmatadas?

R: Enquanto não urbanizar as áreas desmatadas, ainda dá para recuperar essas áreas. Quando põem casas em cima, viram pequenas cidades, e fica muito difícil tirar as pessoas de lá. A população local da Amazônia deveria ser muito melhor tratada pelo mundo todo, porque eles estão mantendo de pé a floresta, conservando.

Entrevista com Kairo Siqueira da Rocha

Entrevista com KAIRO SIQUEIRA DA ROCHA, 15 anos, nascido na Cazumbá

Estuda na escola do Núcleo Central da Cazumbá

P: Já saíste alguma vez da Cazumbá?

R: Além da Cazumbá, eu só conheço as cidades de Sena Madureira e Rio Branco.

P: O que mais gostas de fazer?

R: Jogar futebol.

Podes me descrever como é o teu dia a dia?

R: Quando to em casa, gosto de usar celular, ler a Bíblia, assistir jogos de futebol na televisão, ver filmes, séries e video games. Mas o que mais gosto é de jogar futebol na Praça aqui do núcleo. Jogo umas três vezes por semana, com amigos.

P: Como te alimentas?

R: Meu café da manhã tem tapioca e café. No almoço, como arroz, feijão, carne ou peixe ou frango e farinha. De noite, tem as mesmas comidas do almoço.

P: O que significa, pra ti, ter uma vida boa?

R: Vida boa é ter paz, fazendo aquilo que a gente gosta, com a família ao lado.

R: Fazemos muitas coisas aqui: castanha, seringa, pesca, vida de um jeito fácil e simples. Meu sonho é jogar futebol em uma grande equipe, pelo mundo.

P: O que a Cazumbá precisa ter para tu não querer ir embora?

R: Precisa ter mais oportunidades de trabalho: segurança, médico, dentista, professor, comércio, supermercado.

P: Mais alguma coisa?

R: Falta mais habitantes, ser mais movimentada, para as pessoas terem mais curiosidade pela Reserva e ela ficar mais conhecida pelo mundo.

P: Mas para que queres isso?

R: Para ter mais benefícios para todos nós, investimento no Posto de Saúde, em uma escola melhor.

P: E o que as pessoas podem querer conhecer aqui?

R: As vistas, as árvores, aprender a floresta. O que quiserem ver eu mostraria. Nosso jeito de vida.

P: Mas será que outros lugares não têm algo semelhante? Por que elas iam querer vir até aqui?

R: Ele fica pensativo e não me diz nada.

P: E se isso não acontecer?

R: A reserva pode acabar, se não tiver ninguém que queira morar aqui. A Reserva depende dos seus moradores, que cuidam da reserva.

P: E como divulgar para as pessoas saberem que a Cazumbá existe e quererem vir conhecer?

R: Novo silêncio!

ENTREVISTA COM ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS SILVA, o “GALEGO”

Concedida na Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema, Base do ICMBio, em 25/01/2025

P: Nesta entrevista que vamos fazer, posso usar teu nome verdadeiro ou prefere ficar anônimo(a)?

R: Pode usar meu verdadeiro.

P: Onde nasceste?

R: Aqui na Cazumbá.

P: Por que decidiste sair da Cazumbá e morar em Sena Madureira?

R: Para estudar e buscar conhecimento, terminando meu ensino médio e graduação e pós-graduação.

P: O que gostas de fazer?

R: Andar pelas comunidades a trabalho. No esporte, gosto de futebol, gosto de ir à igreja nos finais de semana.

P: Podes me contar como é o teu dia a dia?

R: Sou formado em Zootecnia. Devido a isso, trabalho na área de geoprocessamento na elaboração de mapas para equipes de fiscalização do ICMBio. Atualmente eu trabalho somente com isso, cobrindo as equipes do ICMBio do NGI Chico Mendes e NGI Sena Madureira.

P: Estás estudando?

R: Apenas para concurso.

P: Qual a cadeira que mais gostas?

R: Geoprocessamento, cartografia.

P: O que pensas das aulas? E da escola? O que a escola precisaria ensinar, para ser melhor?

R: Precisa ensinar as pessoas a ser um ser humano melhor que busque sempre o conhecimento.

P: Trabalhas? Sim O que fazes, e com quem?

R: Elaboração de diversos tipos de mapas, com as equipes do ICMBIO.

P: E quando não estás trabalhando, o que fazes?

R: Gosto de ficar descansando e cuidando do meu filho.

P: O que gostas de ouvir?

R: Músicas sertanejas, pagode.

P: E de ver? Onde?

R: Futebol, filmes.

P: E de ler?

R: Sim.

P: Como te informas?

R: Através de jornais televisivos e redes sociais.

P: Já saiu alguma vez aqui da Reserva? Pra onde?

R: Sim. Rio Branco, duas vezes.

P: O que gostou lá fora?

R: Das oportunidades de trabalhos.

P: E o que não gostou?

R: Das formas de como fui tratado pelas pessoas. Me senti sozinho, um pouco perdido.

P: O que pretendes fazer daqui a cinco anos?

R: Pretendo estar cursando um mestrado ou doutorado.

P: E daqui a 10 anos?

R: Estar trabalhando no ICMBio, com estabilidade.

P: O que pensas sobre o futuro da Cazumbá?

R: Necessita de muita organização social e consciência das pessoas que aqui residem, para que tenham respeito aos demais e ao meio ambiente para garantir a harmonia entre as famílias.

P: O que mais te agrada aqui?

R: A alegria das pessoas.

P: E o que mais te incomoda aqui?

R: A falta de interesse em buscar uma organização pra viver melhor.

P: Quem mais admiras?

R: Meus pais.

P: Quem te serve de inspiração, de modelo? E por que?

R: O Tiago Juruá, antigo gestor da Resex, pela forma de trabalho que desenvolveu aqui.

P: Usas redes sociais? Quais? Para que?

R: Instagram e WhatsApp.

P: O que é ter uma vida boa para ti?

R: É ter saúde, oportunidades de trabalho e trabalhar naquilo que gosta.

P: Qual a maior ameaça para a Cazumbá?

R: As organizações criminosas.

P: Te ocupas com algo em relação à preservação da floresta? O que mais ameaça a floresta?

R: Sim. O desmatamento e a extinção de algumas espécies de animais é o que mais me preocupa.

P: O que aprendes ou aprendeste com teus pais?

R: Aprendi a ser um ser humano honesto, trabalhador, que busca sempre seus objetivos sem pisar em ninguém.

P: E com teus avós?

R: A mesma coisa que aprendi com meus pais.

P: Tem alguma coisa que eles faziam e que não fazem mais na Cazumbá? O que?

R: Sim.

P: O que já aprendeste sobre a floresta? Quem te ensinou?

R: Meus pais, avós, tios...

P: Gostaria de acrescentar alguma coisa ou de falar de algum aspecto que eu não mencionei aqui?

R: Não.

P: Tens alguma pergunta que gostaria de fazer pra mim?

R: Não.

Entrevista com o casal CLEONICE FORTUNATO DOS SANTOS e ANTONIO DA SILVA

Cleonice tem 52 anos, nasceu no seringal São Sebastião, antigo nome da Cazumbá, onde conheceu Antonio da Silva, 58 anos, que nasceu no Iaco, nome de um rio, que fica há cinco dias de viagem de barco do Cazumbá.

Moram em uma modesta casa de madeira, sem pintura, na frente de um gramado, onde a população da comunidade joga futebol.

P: Quantos filhos vocês tem?

R (Cleonice): Temos oito filhos, três foram estudar fora, em Sena Madureira. O “Galego”, (como todo mundo conhece Antonio José dos Santos Silva), foi trabalhar no ICMBio. Hoje trabalha lá, mas como diarista. O outro filho fez a faculdade de Zootecnia e a menina foi estudar Administração. Casou, teve um filho e não trabalha fora. Os outros filhos trabalham na roça, aqui em Cazumbá. A Cleidiane é professora aqui na escola. Se formou em um curso online. Outro filho é carpinteiro.

P: O que tem de bom em Cazumbá?

R: É bom morar aqui, é calmo, a gente se acostumou na mata. Todo mundo se conhece, a convivência com as pessoas é boa, todos moram pertinho. A gente colhe tudo da natureza, até água. E o Antônio caça de vez em quando. A escola onde nossos filhos estudaram fica pertinho aqui de casa e o Posto de Saúde fica aqui do lado. Mas ele só funciona duas vezes por ano no verão e duas no inverno. Sena Madureira é agitada. E Rio Branco é muito grande e perigosa. Eu vou lá muito pouco. E só porque lá tem médicos melhores.

P: O que gostas de caçar?

R: Mato veado, porquinho, queixada, paca e cotia. E também pesco.

P para Cleonice: E como é a alimentação de vocês?

R: Nós criamos galinhas. Produzimos um pouco de feijão, farinha, maxixe, jerimum, cebola, palha, couve, batata e melancia. E compramos na cidade: frango de granja, carne de boi, arroz, macarrão, açúcar, café, óleo e leite. Na cidade tudo o que se quer tem que comprar. Aqui não! No quebra jejum (café da manhã), a gente come mingau de banana, macaxeira, tapioca, pão de milho, batata, café ou chá e ovo.

P para Antônio: Ainda cortas seringa?

R: Cortei em maio. Saio às quatro horas, senão não dou conta. Tenho nove estradas, mas não são aqui na Cazumbá. Só corto em duas estradas. As outras ficam soltas na natureza, ninguém corta.

P: E quanto ganhas com isso?

R: Se fizer 100 kg de borracha, dá R\$2.500. Tem seringueiro que faz R\$8.000. Vendemos farinha também: dois sacos por mês, pra inteirar o dinheiro que precisamos. Dá mais R\$400,00 por mês.

P: E tem o Bolsa Família?

R: Só a Cleonice ganha, R\$300,00. E vendemos biscoitos recheados e salgadinhos pra quem chegar aqui..

P: E quanto gastam pra viver?

R: Pagamos R\$250,00 de luz. Temos uma canoa à motor para ir na cidade de vez em quando. Custa R\$400,00 de combustível. Se vamos de carro, gastamos R\$600,00. Para diminuir o custo, algumas vezes dividimos o transporte com duas ou três pessoas.

P: O que a Cazumbá precisa ter mais?

R: Tem que crescer mais, ter mais gente vivendo aqui, pra poder ter um mercado de carne, poder trocar botijão de gás mais facilmente, ter um comércio grande. Mas se vem muita gente que a gente não conhece morar aqui na Cazumbá, pode ficar ruim. Na cidade muita gente se mata!

Vocês praticam alguma religião?

R: Nós somos evangélicos. A gente era católico, mas meu coração pedia para ir para a igreja evangélica. O Antonio bebia muita cachaça e cerveja e parou depois que o pastor cobrou bastante ele. Na igreja católica o padre deixa a pessoa à vontade pra fazer o que quiser. Na Evangélica, o pastor lê a Bíblia, diz para não fazer coisa errada, como beber, dançar, ficar de mal com as pessoas. Tem que ser humilde. Só existe um Deus. As igrejas é que dividem as palavras.

P: E a vida tá boa?

R: Tá bom demais assim! Mesmo que os filhos morem fora, eles voltam sempre.

Saio da casa deles e me deparo com quatro jovens mães sentadas no banco em frente à casa. Todas com filhos no colo. Uma tem 14 anos, outra tem 16 anos, outra tem 17 anos e já tem dois filhos. A mais velha do grupo é Cleidiane, de 21 anos, professora da escola local. Ela é filha do casal que entrevistei e também tem dois filhos.

Pergunto para Cleidiane por que as mulheres da Cazumbá tem filhos tão cedo?

R: Falta coisa pra se ocupar e fazem filhos!

P: Que profissões teus alunos pensam seguir?

R: Lembro só de dois. Um quer ser veterinário e outro, policial.

P: Vai muita gente embora, quando ficam maiores?

R: Acho que a Cazumbá vai ter menos gente nos próximos anos. Muitos querem estudar fora. Como não tem muito onde trabalhar aqui, muitos terminam ficando na cidade. E antes as famílias eram maiores. Agora diminuiu. Tem 2 ou 3 filhos.

P: E como é a escola?

R: A escola já melhorou em alguns pontos. Dos cinco professores, três já são formados e dois estão terminando a formação.

P: O que a Cazumbá precisa?

R: Precisamos de mais empregos. O posto de saúde, se funcionar, pode gerar mais empregos. E a gente poderia ter uma academia de ginástica, o que poderia gerar alguns empregos.

Entrevista com Keven Maia

É neto do Nenzinho, tem 17 anos, filho de Francisco, vereador em Sena Madureira.

Sempre foi criado pelo avô, a quem chama de pai. E o avô (Nenzinho), o chama de filho.

Sempre morou com Nenzinho. Há dois anos está morando com a tia Carol e duas sobrinhas, uma adolescente e uma bebê, em Sena Madureira, para terminar o Ensino Médio. Sempre que pode, vem até a reserva, onde moram seus pais adotivos. Tem uma namorada, também com 17 anos, que pretende fazer Veterinária, porque gosta muito de animais. Convivi com ele durante uma semana, pois a casa do seu pai é ao lado do alojamento que abriga visitantes de fora, onde eu estava hospedado. Deve voltar a morar na Cazumbá, de onde pretende cursar Psicologia, online.

Keven é um menino tranquilo, sensível, fala pouco, gosta de cuidar da sobrinha, de três anos. Sempre que pode, está com ela no colo.

Veste uma camiseta do Iron Maiden. quando o entrevistei em uma sala do núcleo central da Cazumbá. A sala tinha ar-condicionado, pois é onde fica o único computador. O calor lá fora estava em 32 graus e havia muitos mosquitos.

P: Por que foste morar em Sena Madureira?

R: Meu pai (Nenzinho) não quis que eu seguisse aqui, cortando borracha. Ele diz que é uma experiência muito sofrida. A escola daqui tem problemas, é limitada.

P: O que gostas de fazer?

R: Gosto de desenhar, de ir a aulas de capoeira, de tocar violão, de sair com amigos e vir pra a Cazumbá. Morei dois anos aqui na Cazumbá, durante a pandemia. Hoje vivo em Sena Madureira.

P: Como é o teu dia a dia?

R: Acordo cedo para organizar a casa, às duas da tarde converso com o pessoal do meu grupo de amigos, para me reunir em algum lugar e sair pela cidade. Vou pra casa de algum amigo para discutir as coisas. Tem muita gente que tem preconceito com a Capoeira. Então a gente pratica escondido.

P: E os estudos?

R: Já terminei o ensino médio em Sena. Gosto de química e filosofia. Essa última turma que eu tinha na escola era quieta, respeitava a professora, que chamava atenção para a gente interagir mais. É uma boa professora. Ainda aprendo com um ex-professor do ensino fundamental, formado em filosofia, economia, política. A gente conversa bastante. Mas aprendi mais com meu pai, a experiência dele com a floresta, aves, peixes. Fiquei encantado.

P: Gostas de música?

R: Gosto de rock, Led Zeppelin, Pink Floyd, Iron Maiden. Este pelas letras tratarem de temas de guerra. E e dos Beatles e MPB: Cássia Eller, Raul Seixas, Nelson Gonçalves, Cartola.

P: E de leitura?

R: Leio pouco livro. Gosto mais de revistas em quadrinhos. Já li a história de Anne Frank, que escolhi na biblioteca. (OBS: Depois da entrevista ele me perguntou se eu conseguiria pra ele o livro).

P: E como te informas?

R: Com amigos que assistem jornais de fora do Brasil, pelo TikTok e Youtube.

P: Como é a tua relação com a floresta:

R: É de respeito. A Amazônia é o pulmão do planeta. Muita cultura e diversidade (povos indígenas). A seringueira é a mãe da mata. Ela que alimentava os seringueiros. E é preciso cuidar bem dela. Por exemplo, cortar a seringueira dos dois lados, ela morre. Floresta é vida, O desmatamento afeta muita gente, tempo seco, lugar mágico, muitas histórias, animais que me cativam. Estão desaparecendo as pessoas que cuidam da floresta. Se continuar assim, pode não ter mais a reserva. O que faz a reserva é o morador. Só o pessoal do ICMBio não consegue cuidar..

É um ciclo que se encerra e a vida é um ciclo.

P: Tens alguma religião?

R: Tenho dois pais e duas mães. Meu pai de sangue quer que eu acredite na religião evangélica. O Nenzinho, que é católico, quer que eu decida o que achar necessário. Aprendo com ele sobre a floresta, a política, conversamos bastante.

P: Como vê o futuro da Cazumbá?

R: Aqui é um lugar que já me forneceu alegrias. Venho pra cá pra ficar relaxado, sossegado. Mas tem muito jovem que vai embora. Tenho primos que não moram mais aqui. Os pais vão ficar velhos... Infelizmente é só aceitar as escolhas de cada um. Me desagrada muito ver pessoas saindo da reserva. E muita gente não tem o espírito de preservação. Me desagradou muito quando derrubaram uma enorme castanheira pertinho do campo de futebol. A Cazumba tá perdendo um pouco da essência. O que faz a reserva é o morador.

P: Pensas em voltar algum dia?

R: Posso voltar para ter paz. Me agrada ver a família reunida. Quero ser psicólogo escolar. Trabalhar, especialmente, em escolas públicas. Pode até até aqui na escola da Cazumbá. Pra eu ficar aqui precisaria de muita coisa: ensino melhor, com mais professores. Ofertar mais empregos. Ter alguma empresa pequena de vendas de roupas, mais artesanato.

Quem te inspira?

R: A Tia Noi é quem mais inspira. Tá sempre com um sorriso no rosto, animada, ajudando quem precisa. Tem energia boa. Só que ela já saiu daqui e foi morar em uma colocação que fica mais longe.

O que é uma vida boa pra ti?

R: É viver momentos com as pessoas que gosto. Fazer coisas que pra mim são muito relevantes e levar isso pra rua. Tocar violão com amigos. Independente de ter dinheiro ou não.

P: E por falar em dinheiro, tens algum sonho de consumo?

R: A mãe me envia algum dinheiro lá pra Sena. E recebo do Nenzinho. É com isso que vivo. Quero trabalhar, pra juntar dinheiro e comprar uma guitarra e um videogame.

P: Onde pretendes estar daqui a cinco ou dez anos? E fazendo o que?

R: Daqui a cinco ou dez anos eu quero estar trabalhando em psicologia escolar e poder viajar. Morar no Rio de Janeiro, que tem muita música, é o cartão postal do BR. Ou morar no Canadá.

P: Que tipo de ameaças existem na Cazumbá?

R: Não sei de nada que nos ameace. Nunca saí do Acre. Tenho muita vontade de ver o mar.

Entrevista com Francisca F. Gadelha

Viúva, é mãe de dez filhos, mas criou nove, pois um morreu cedo. Todos os filhos moram perto da casa dela.

É líder informal do Núcleo Bom Futuro.

Sugeriu o nome de sua filha Maria, para ser presidente do Núcleo, que foi aprovada por unanimidade. Eu estava presente nas discussões e na eleição dela.

P: Como é morar sozinha, no meio da floresta, lounge da cidade?

R: Eu acho muito bom e para mim é um lugar assim que não tem, assim, não tem para mim, eu já estou acostumada, eu nasci e me criei nas matas, eu não acho assim tão difícil, eu acho mais difícil tudo de verão, porque dá muita lama, mas no verão mesmo eu acho assim tão difícil, porque essa vida para mim, eu gosto muito de andar, para mim, para a rua, voltar, eu acho. Porque o carro vem até outro lugar a pé. Aí é mais uma facilidade. E também antes de ter a ponte, quando o carro não vinha, aí a gente ia de moto. E quando ia de pé, no verão, não tem como nem. Assim, eu estou bem acostumada. Eu não acho que tem tanta dificuldade, não. Eu acho que a gente acha muito difícil quando a gente não tem costume. Acho que nem eu, que já estou dessa idade. Nasci e me criei nas matas. Sempre morando nas matas. Eu acho muito bom morar assim. Como eu moro aqui, com meus filhos, com a minha família, com meus netos. Tem o meu irmão, que sempre está aqui. Eu, para mim, não acho difícil. Também eu não sou aquela pessoa que sou realmente recantada em casa.

Eu ando muito na igreja. Eu faço boa parte da igreja.

P: Que igreja que é?:

Assembleia de Deus. Faço boa parte da igreja com meus filhos. A gente se reúne na igreja, faz almoço, faz aniversário. E assim, na cidade, quando eu tô na cidade, eu vou pra igreja. Eu acho muito bom, eu não tenho...

P: A igreja perto daqui?

R: É não, é lá na beira do rio. Tá no mundo. Então tem que andar quatro horas pra ir...

P: Leva as crianças?

R: Tudo, leva tudo. Quando vamos, vamos tudo. Todo mundo vai de cavalo, outros vai de pé. Mas é uma trajetória que pra mim é muito bom. Porque realmente a gente, nós seres humanos, muitas vezes nós só damos valor às coisas que quando realmente a gente luta. Quando realmente a gente luta. E nada vem por acaso.

Até os ensinamentos da Bíblia, a Bíblia mesmo fala que a gente tem que lutar para poder colher. Também temos que plantar para nós podermos colher e também ver os frutos. Eu acredito que, assim, aqui, no meu filho, eu acho que nenhum também tem, assim, aquele pensamento de sair e ir embora para outro canto. Todo mundo já casou, todo mundo já tem as casas aí, nesse ramal, a casa do meu filho.

R: Então, eles não pensam em sair daqui?

R: Pois é, todo mundo já tem filhos aqui nesse ramal. Assim, até agora, né? Só se eu não sei o que vai acontecer de agora para frente, né? No caso, se vir um desconcerto das governanças federais, que eu não sei se isso vai acontecer. Aí, nunca vai dizer assim, não, tem que já... Aí é outra história, né, mas de mim, do meu filho até onde eu sei...

P: Não querem?

R: Eu não quero. Eu nasci e me criei na reserva, a minha descendência é índio, a minha avó era índia, a minha bisavó foi pegada dentro de cachorro no rio Chandless. E qual etnia que era dos índios? Era a minha, a tribo da descendência da minha avó, a minha avó falou pra mim que era Montinelli. Eu não conheço a tribo assim de índio, mas minha avó dizia, era Montinelli. Eu não sei.

P: E como foi conhecer o seringueiro?

R: O descendente de indígena conheceu a minha avó. Ela foi criada com um patrão por nome José Ferreira, que ele era patrão de Macapá, no rio Purus. Aí ele entrou no rio Chandless para quebrar castanha. Aí do rio Chandless ele entrou dentro de um igarapé. Aí fizeram os barracos na beira do igarapé, quebraram a castanha, colocaram no paiol. Aí vieram deixar a primeira caminhada, a segunda caminhada, na terceira caminhada. Aí vinham passando, vinham descendo, carregando de castanha, escutaram a zuada dos índios. Aí o igarapé tinha vazado bastante, bastante, ficou bastante lama. Aí quando escutaram a zuada dos índio, aí olharam, os índio correram. Ele andava com um índio já civilizado, que era o caçador do barracão. Antigamente, em termos das aberturas, todos os barracões tinham um caçador. E o caçador desse patrão era um índio civilizado. Onde eles iam quebrar castanha, só ia com ele porque ele sabia se a água estava envenenada, se não estava. Porque se os índios vissem, eles vestígio de branco, envenenavam a água, colocavam veneno nas folha, nos pau. Porque antigamente, quando os trabalhadores estavam trabalhando na mata, eles cortavam muita folha de sororoca. Aí colocavam na mão para colocar uma farofa em cima, faziam aquelas colherzinhas de taboca para sentar ali no meio do pico de castanha para comer ou seja na beira de um igarapé. E assim, aí o índio dizia, essa folha não pode cortar, essa água não pode beber. Porque ele já era civilizado, ele conhecia e tinha essa ideia dos índios bravos. Então, ele era tipo um guardião dos brancos, na quebra da castanha, nas matas por onde eles andavam. O senhor tá entendendo, né?

P: Tô entendendo.

R: Pois é. Aí a minha avó, ela contava essa história pra nós. Aí ela disse que aí, a índiazinha, fizeram a base, porque ela tinha a base de um ano, ficou dentro da lama. Aí o índio velho foi lá e pegou a índiazinha. Pegou a índiazinha, aí ajeitaram ela, colocaram ela no porão da canoa. Amarraram, porque disse que ela mordia muito.

P: A índiazinha mordia?

R: A índiazinha mordia. Mordia bastante. Aí colocaram ela, amarraram, colocaram ela no porão da canoa, trouxeram pra casa. Quando chegaram, o índio cuidô dela. Aí quando ela tava com seis anos de idade, ela foi pra Manaus. Que na época, é... aqui no Acre. Não tinha nem polícia, não tinha. Só tinha de Manaus pra baixo. De Manaus pra baixo. Pra cá não tinha polícia. Nem na boca do Acre não tinha. Mas na boca do Acre já tinha estudo. Aqui é o professor. Mas pra cá era muito difícil. Na zona rural não existia. Aí então foi deixado em Manaus pra ela estudar. Quando ela tinha 18 anos, ela veio passear na casa do pai de criança. Aí se engraçou-se. Assim... Aquela época tinha juiz de paz no Seringal. Tinha juiz de paz no Seringal que fazia casamento. Resolvia qualquer caso que acontecesse. Ela se engraçou-se e o juiz se engraçou-se dela. Casaram. Aí daí tiveram a minha avó e os outros irmãos da minha avó. Ela só teve três filhos. A minha avó e um irmão. Com minha avó, outra irmã. Mulher até... Duas filhas, mulher e um homem. Aí, depois que minha avó formou, cresceu, aí ela casou com um saudado, aqui de Sena Madureira, com meu avô, com um saudado. Minha avó casou com um saudado. Aí daí construíram a família. Levei a minha mãe, o meu tio. E aí minha avó viveu até 105 anos. Mas ela contava toda essa história para nós, a minha avó. Aí assim, no caso, eu acho que é por isso que eu gosto muito da mata, porque a minha descendência é de índio. Eu sou apaixonada pelas florestas, pela mata. Eu gosto muito de observar a mata. E os filhos, é, deram isso de gostar da mata.

P: Muito boa a história!

Entrevista com Tiago J. Ranzi

Ex-gestor ICMBio. gestor da Cazumbá durante dez anos.

Hoje é Coordenador das Economias da Sociobiodiversidade do ICMBio, em Brasília.

Mora em Florianópolis. A entrevista foi concedida em 27 de janeiro de 2025 em duas etapas.

A primeira, através de uma videoconferência. A segunda, a partir de questionário que enviei.

P: Quais os principais desafios da Cazumbá?

R: As Resex, como um todo, tem desafios de se contrapor a um modelo econômico que está próximo deles e onde se inspiram, pois acreditam que aquilo seja um sucesso.

Aos jovens falta conhecimento histórico de luta dos seringueiros para conquista da terra onde estão. Aham que aquilo sempre existiu. Não reconhecem a importância que tem o território. E fica difícil trabalhar a partir de agora.

Quando a Cazumbá foi criada, lutaram contra um assentamento do INCRA. Houve um enfrentamento com o INCRA, diferente de outras lutas, que eram contra fazendeiros.

E houve até propostas para o Nenzinho desistir, em troca de carros, lotes e outras tentativas de suborno.

P) Qual o futuro das Áreas Protegidas e das Reservas Extrativistas nos moldes como existem hoje? E da Cazumbá?

R: Acredito que o futuro das áreas protegidas, em especial das RESEX, é desafiador diante do que estamos vivenciando política e ambientalmente, e dos cenários previstos dos efeitos das mudanças climáticas.

Contudo, as áreas protegidas cumprem ainda um papel primordial de conservação da biodiversidade e no caso das RESEX também o de proteger os meios de vida e cultura das populações tradicionais extrativistas.

Se compararmos áreas localizadas fora de unidades de conservação e terras indígenas é bastante nítido como as áreas protegidas conseguem frear o avanço do desmatamento. Contudo, a dimensão continental do país, o quadro reduzido de servidores e os cortes constantes de orçamento dificultam maiores ações de fiscalização e contenção de infrações ambientais no interior dessas áreas.

No caso da RESEX do Cazumbá-Iracema o desafio principal é garantir meios para que as famílias possam aproveitar todo o potencial existente na UC para o extrativismo e oportunizar condições para que os jovens tenham interesse de continuar na Reserva.

A unidade possui uma imensa área de mais de 750.000 hectares, com inúmeras espécies de interesse comercial que podem ser aproveitadas de forma sustentável, além de serviços diversos capazes de gerar trabalho e renda para as comunidades.

Contudo, existem muitos desafios para a consolidação das economias da sociobiodiversidade dentre as quais: a capacitação das comunidades para trabalhar com espécies potenciais que tenham pouca familiaridade ou que somente produzem e utilizam para auto-consumo, comercialização dos produtos com pouca agregação de valor e restrita ao mercado local, pouca cultura de produção e comercialização coletiva, organizações sociais frágeis e dependentes das mesmas poucas lideranças de sempre (necessidade de formar novas lideranças) e o contexto local com pressão de outras cadeias entendidas como mais rentáveis e mais seguras (como a pecuária) apesar de não compatíveis com a lógica das RESEX.

P: Qual o papel do Governo Federal? E estadual? E municipal? na vida das Resex?

R: As três esferas governamentais têm papel importante e fundamental na vida das famílias extrativistas.

No âmbito do Governo Federal, no caso das UCs Federais, temos tanto a questão da garantia do território para as populações extrativistas, através da criação e consolidação da UC, que vai desde a gestão em si da unidade, passando pela regularização fundiária, pelo monitoramento da biodiversidade, pela educação ambiental e indo até a fiscalização ambiental, como atividade de Estado, visando garantir a proteção da Unidade.

E na esfera federal, estadual e municipal, existe o papel importante das políticas públicas visto que as RESEX são unidades de conservação das quais famílias extrativistas dependem para o seu sustento, sua moradia e manutenção do seu modo de vida.

Assim, existem diversas políticas públicas federais, estaduais e municipais que abrangem as famílias das unidades de conservação, como por exemplo:

FEDERAIS

Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA): as famílias beneficiárias das RESEX são reconhecidas também como beneficiárias das políticas destinadas ao público da reforma agrária como: acesso às linhas de crédito instalação, Assistência Técnica e Extensão Rural e acesso ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera).

Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais: as famílias beneficiárias das RESEX são reconhecidas também como beneficiárias das políticas voltadas à agricultura familiar como: PRONAF, Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE (<https://www.gov.br/mda/pt-br/noticias/2024/07/conheca-as-politicas-e-programas-do-mda>).

Programa Luz para Todos / Mais Luz para Amazônia: https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/secretarias/secretaria-nacional-energia-eletrica/copy2_of_programa-de-eletrificacao-rural

Programa Nacional de Educação no Campo - PRONACAMPO:
<https://pronacampo.mec.gov.br/>

Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC : No governo Dilma teve também uma versão mais específica voltada ao público atendido pelo Bolsa Verde que foi o PRONATEC Bolsa Verde por onde ofertamos diversos cursos na Cazumbá em parceria com o IFAC e o Governo do Estado.

Programa Mulheres Mil: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/ept/mulheres-mil>
Objetiva elevar a escolaridade e promover a inclusão socioproductiva de mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica por meio da oferta de cursos de qualificação profissional

Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade (PGPMBio): <https://www.conab.gov.br/precos-minimos/pgpm-bio>

Garante um preço mínimo para 17 produtos extrativistas que ajudam na conservação dos biomas brasileiros: açaí, andiroba, babaçu, baru, borracha extrativa, buriti, cacau extrativo, castanha-do-brasil, juçara, macaúba, mangaba, murumuru, pequi, piaçava, pinhão, pirarucu de manejo e umbu.

ESTADUAL

O Governo do Estado é responsável por garantir acesso ao ensino médio na Reserva através da manutenção de turmas e escolas.

Além disso, também existem políticas públicas de apoio à produção e manutenção de estradas.

MUNICIPAL

No âmbito municipal há a responsabilidade por garantir acesso ao ensino fundamental com a manutenção de turmas e escolas na Reserva.

O município também é responsável pelo acesso à saúde (apesar das ações dentro da Reserva serem esporádicas e pontuais através do Saúde Itinerante) e contribui para a manutenção de estradas de acesso à unidade.

P: Como se dá a relação da Cazumbá com o Governo Federal?

R: Por ser uma unidade de conservação federal, a relação é bastante próxima com a gestão sendo exercida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, órgão federal vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e responsável pela gestão das UCs federais.

P: O que o governo propicia para eles?

R: O governo federal, através do ICMBio, acaba sendo o principal parceiro que além de apoiar diretamente através de diversas ações e projetos, também articula com órgãos federais, estaduais e municipais a promoção de políticas públicas na UC.

P: Achas que o governo tem uma política pública clara para as Resex?

R: Quando o movimento seringueiro propôs o modelo de Reservas Extrativistas, buscava-se a garantia do território e a autogestão, com políticas públicas diferenciadas voltadas às populações extrativistas.

A garantia do território se daria através do reconhecimento pelo Estado brasileiro ao criar as Reservas Extrativistas.

“A proposta das Reservas Extrativistas é a seguinte: as terras estão supostamente nas mãos dos grandes latifundiários. Em toda a área do Acre, apenas dez donos dominam todo o poderio de terras. Dez mandantes. Nós defendemos a Reserva Extrativista, e quando nós [a] defendemos [é porque] nós apostamos que a Reserva Extrativista é economicamente viável para o Brasil, para a Amazônia e para a humanidade. O que nós queremos é o seguinte: que essas terras passem ao domínio da União, que o governo desaproprie essas áreas, que elas passem a ser domínio da União (não do Estado, da União) e que elas se transformem em usufruto aos habitantes da floresta, ou seja, para os seringueiros. Estamos colocando como proposta [o] cooperativismo, colocando como proposta prioritária uma melhor forma de comercialização da borracha e a comercialização da castanha. Nós queremos criar indústrias caseiras para se dar prioridade às outras riquezas. Veja bem: quando nós defendemos a Reserva Extrativista é porque nós apostamos que a Reserva Extrativista é economicamente viável para o Brasil, para a Amazônia e para a humanidade. Não defendemos apenas a economia da borracha, não só a economia da castanha, mas também a copaíba e os produtos extrativistas que são vários em toda a região da floresta e que estão sendo destruídos como o coco do tucumã, o patoá, o açaí... falta pesquisa nessa Amazônia. As árvores medicinais impossíveis de serem contadas são um grande exemplo. Falta pesquisa. Basta que o Governo leve nosso pedido a sério e nos dê essa possibilidade. Em pouco tempo vamos provar que é possível conservar a Amazônia e transformar essa Amazônia numa região economicamente viável para o Brasil e para o mundo. Nós temos clareza disso!” [Chico Mendes – depoimento para Lucélia Santos em maio de 1988.](#)

Contudo a autogestão nunca aconteceu como idealizado e a partir do SNUC, com a figura do Chefe de Unidade, a gestão passou a ser exercida pelo Estado brasileiro de forma mais enfática.

Sobre isso, penso que vale trazer a reflexão contida na [Carta para Lula sobre o presente e o futuro das RESEX](#), entregue em 2022:

A regularização fundiária das Resex é lenta, processos de indenizações não foram concluídos, concessões de uso da terra não foram assinadas, políticas públicas para produção, educação, saúde, saneamento, acesso à água potável e energia não foram implantadas ou resultaram de esforços das nossas comunidades. As famílias vivem à margem da lei e sem a proteção do Estado, vulneráveis a todos os tipos de pressões: desmatamentos, queimadas, invasões de terras públicas, vendas ilegais de terras e de madeira e ameaças aos líderes extrativistas.

As Resex continuam existindo porque nós, moradores, asseguramos que isso aconteça à revelia dos esforços para destruí-las. Mas não cumprem o potencial dos objetivos para os quais foram criadas, frustrando as expectativas dos moradores. Para garantir a permanência das novas gerações - a juventude extrativista - nas Resex, mais que a existência da floresta é preciso infraestrutura social (saúde, educação e tecnologia) e produtiva. Não há nenhuma dúvida que os adultos de hoje serão os últimos moradores das Resex se não houver mudança nessa realidade. Os territórios serão perdidos para a grilagem e a especulação fundiária.

Depois de 15 anos de criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, percebe-se uma descaracterização e desvirtuamento do modelo de gestão das Reservas Extrativistas. A cogestão deixa de existir para dar lugar à tutela do Estado tirando a autonomia das comunidades sobre o território, e estimulando a fragmentação das ações, dependência e subordinação a chefes de Unidades de Conservação.

Nós, populações extrativistas tradicionais queremos continuar morando nas Resex. Para isso é preciso que o Estado cumpra seu papel de proteção dos territórios e garantia de direitos pela implementação de políticas públicas que assegurem bem-estar social e sustentabilidade das gerações atuais e futuras. Valorizamos nosso modo tradicional de viver, mas queremos incorporar tecnologia à produção e infraestrutura à qualidade de vida.

Outras informações e documentos podem ser acessados no site do IEA: <https://institutoestudosamazonicos.org.br/reservas-extrativistas/>

Recomendo também a consulta à tese de doutorado da Mary Allegretti intitulada: [A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros.](#)

P: Como avalia a dependência da Cazumbá (e outras Resex) em relação ao governo?

R: A dependência ainda é significativa em função da fragilidade das organizações sociais para que possam assumir de fato a gestão compartilhada da UC.

Também é significativa em função das condições sociais das famílias beneficiárias das RESEX que tiram seu sustento e sua renda dos produtos da unidade, mas que em geral também recebem repasses de programas de transferência de renda em função da renda per capita na família.

Apesar do território das RESEX possuir uma diversidade de espécies com potencial comercial, poucas espécies são trabalhadas assim como o volume das mesmas na maioria das vezes não

é suficiente para garantir uma renda suficiente para a adequada manutenção das famílias, em todas as suas necessidades.

P: Achas que o investimento governamental nas RESEX é o necessário?

R: Com certeza não. Mas a área ambiental infelizmente ainda não é prioritária na hora do orçamento (apesar do discurso ambiental pra fora). Mas o investimento público é fundamental para garantir tanto a conservação do patrimônio ambiental quando a manutenção dos meios de vida, a cultura, a história das populações tradicionais que dependem daquela unidade.

P: Que tipo de risco a Cazumbá enfrenta hoje?

R: Não estou tão próximo da gestão atualmente para poder trazer isso de forma mais atualizada.

Contudo, dentro do que tenho conhecimento, acredito que os riscos são principalmente relacionados à questões sociais - pela fragilização da segurança e das relações sociais devido à presença de facções na Reserva, inclusive com a cooptação de jovens para o crime, o aumento da dependência química de jovens, as poucas oportunidades e também interesses dos jovens em continuar na Reserva, os efeitos das mudanças climáticas influenciando tanto na disponibilidade de água potável (fontes de água secando), quanto na diminuição da produção e dificuldades para o escoamento, gerando maiores custos e prejuízos em função de eventos extremos (secas e enchentes).

Respostas complementares, obtidas online, no dia 12/fevereiro/2025:

P: Como os preços mínimos são muito baixos, existe algo que possa ser feito para aumentar a renda com os atuais produtos que extraem?

A política de preços mínimos é baseada no custo de produção. Ou seja, ela não é pra regular os preços, mas sim para garantir o mínimo "investido" pra coleta/produção pelo produtor para que a cadeia se mantenha, mesmo quando o preço comercial não cobrir esses custos.

"Trabalhar com castanha é melhor do que trabalhar com droga". Frase que ouvi de um dos grandes compradores de castanha e ex-prefeito de Sena.

P: O Governo Estadual é o responsável pelo ensino médio. As pessoas com quem conversei na Cazumbá reclamam da qualidade do ensino. Como fazer para melhorar?

R: A questão da qualidade do ensino público em geral é bastante crítica. Com relação ao ensino médio, temos poucas escolas/turmas que foram abertas e são mantidas com muita mobilização da comunidade. Já a qualidade, difícil saber como melhorar. Tem que formar/qualificar os professores, dar condições/recursos, investir em boa estrutura pros alunos e professores...Tem um mestrado que foi feito na Cazumbá sobre educação e vou te passar: <https://repositorio.inpa.gov.br/handle/1/12923>

P: Autogestão. Citas que não deram certo, fazendo com que o Governo assumisse. Não é possível educá-los para isso?

R: Existem muitas políticas, como citei algumas. Se são acessadas ou estão chegando, aí talvez possa ser questionado. Esse é o principal dos desafios e necessidades para gestão compartilhada das UCs. Para esse ano está prevista a publicação do Decreto de Regulamentação das RESEX e isso está previsto. Agora como isso acontecerá na prática não é tão simples. A fragilidade atual das organizações sociais torna esse desafio bastante grande e de longo prazo pois terão que ser estruturadas e capacitadas para assumir responsabilidades de gestão.

P: O que pensas ser possível fazer para obterem mais renda, que possam ter mais qualidade de vida e fixar os jovens lá?

R: Temos que trabalhar alternativas de renda que dialoguem com os interesses dos jovens. Desde cadeias tradicionais das economias da Sociobiodiversidade quanto de pesquisa, inovação e economias criativas. Os jovens podem ser estimulados a empreender dentro dos potenciais que existem na UC. Mas obviamente que para isso precisam ter formação, assessoria e financiamento para poder desenvolver as ideias.

Entrevista com Nenzinho

P: Quem foi a primeira pessoa da tua família que veio pro seringal?

R: A minha bisavó. Ela era negra, descendente de africano.

P: Sabe de que país?

R: Isso eu não sei. A mãe dela veio parar nos seringais na época do primeiro ciclo da borracha. E aí, ficou por aqui. Então, a mãe, já idosa, teve ela e mais outros filhos, né? Casou com outro negro e... teve alguns filhos. A minha avó, é filha de uma pessoa que veio como cozinheira para um barracão, sabe? Então, a minha avó casou com o meu avô materno. A minha avó já nasceu aqui. Quem veio de fora foi a minha bisa, que casou com o meu avô que veio do Ceará, chegando aqui. Não tinha mulheres aqui, né, então a que tinha era bem-vinda. Porém, a minha mãe contava muito bem que a minha avó era muito maltratada pelo meu avô, pelo fato de ser negra. Então era ela quem cortava seringa, ela caçava, ela pescava e levava as filhas junto com ela em todos os trabalhos, em todas as tarefas. A Júlia era a minha avó. Fazia tudo pra ele. E o nome da bisavó? A bisavó não me recordo. A bisavó veio como cozinheira de um barracão.

P: Quem veio do Ceará?

R: Quem veio do Ceará foi meu avô, João Marcelino. Eu não sei da história da minha Bisa. A Júlia conheceu o meu avô João Siqueira, que veio do Ceará cortar seringa. Não se adaptaram muito com a seringa. O João Siqueira fazia os trabalhos, mas era bem menos do que ela. Ela era um homem, uma preta velha, trabalhadeira mesmo. Boa de trabalho. Ela não teve nenhum filho homem, só teve filhas. A minha mãe era a mais nova delas.

P: Da Júlia junto com o João saíram quantos filhos?

R: Ah, vamos lá. A Rosa... Deixa eu contar nos dedos aqui. Sete filhas. E a minha mãe Joventina era mais nova.

P: Sabes falar mais alguma coisa da tua avó Júlia? Conheceu ela?

R: Conheci. Ela morreu muito nova, uma morte muito dolorosa. Porque naquela época quem pegava hanseníase ficava isolado, sabe? Era uma doença que não tinha cura. Então minha avó morreu sofrendo, sabe? Isolada de todo mundo. A família não viu mais ela e infelizmente foi muito triste assim, sabe?

P: Que idade tu tinha quando tua avó Júlia morreu?

R: Eu tinha oito anos.

P: Ah, cedíssimo. E o que ouvias falar sobre ela?

R: Ah, era uma pessoa distinta, não sabia ler nem escrever, só trabalhar, só trabalho pesado. Gostava de ajudar as pessoas, sabe? Eu tenho uma tia que ainda é viva, é da idade da minha mãe. Ela é filha do Abílio, irmão do João Siqueira, e ela é uma das filhas dele, que inclusive a gente visitou. Você estava naquele dia que a gente visitou ela.

P: Sim, sim. No ano passado, quando estive aqui.

R: Ela cuidava dos filhos, dos filhos das amigas também. Era uma pessoa muito boa, segundo as pessoas que conheceram bem a vida dela. Se dedicava para os outros.

P: Quem valoriza o ensino? Quem ensinou vocês a ler e escrever?

R: Quem estimulou os filhos a estudar foi a minha mãe. A minha mãe aprendeu a ler e escrever com o meu vô. Meu vô era um homem muito sabido, sabe? Era muito estudado. Eles, os irmãos tudo, muito estudado. Vieram do Ceará, mas eram de uma família bem de vida, onde tinha um filho que era formado, era doutor, e veio cortar seringa. Aí ele ficou até louco esse cara. Porque eles achavam que aqui iam encontrar um rio de dinheiro. E quando eles vieram aqui, se perderam, sabe? Eram de uma família branca, que era preconceituosa com negros, acabaram casando tudo com negros, com negras, e eles maltratavam as mulheres. Tinha um, esse que era doutor, não casou com ninguém. Preferiu morrer solteiro e não casou com ninguém. Chamava-se Cirilo. Não quis casar com qualquer mulher, né? O Abílio e o João Siqueira, os dois casaram com negra e maltratavam.

P: Quando tu diz maltratavam, é o que exatamente? Batiam nelas?

R: Eles tratavam elas como escrava deles. Elas que faziam tudo. Esse, que maltratava, era o João Siqueira. Já depois da idade, o Abílio mudou, né? Depois de velho, com a preta velha dele, que servia de escrava pra ele, ele mudou. Tratava ela bem, né? Mas o meu vô, segundo a minha mãe, ele maltratou ela até o último dia.

P: Depois de falar na Júlia, tua avó, vamos falar da Joventina, tua mãe?

R: Minha mãe aprendeu todo o serviço pesado em casa. Porém, o meu avô (João) deu a maior atenção para ela, ensinou ela a ler e escrever. Ela tinha uma letra maravilhosa. Ele tinha o maior carinho por ela. E ela casou com o meu pai (Pedro Maia), aqui nessa *colocação*. Ela morava aqui próximo daqui, né? Veio morar aqui, com meu pai. Mas os costumes dela, ela não deixou. Cortava seringa, colhia castanha, fazia todo o trabalho da agricultura, sabe? Brocar o roçado, derribar de *tessado* (machado), tudo ela fazia. Só não caçava. Fazia tudo o

que você possa imaginar. Eu me acordava, eu era criança. Ela lia e escrevia muito bem. Então, eu lembro, eu tinha sete anos de idade, quando a gente estava trabalhando com farinha. Aí ela passou o dia todinho na casa de farinha, mais eu, meu pai estava fazendo outras coisas. E a gente passou o dia todinho trabalhando na casa de farinha. Chegamos em casa, ela deu comida para todo mundo, e quando foi umas horas da noite, eu me acordei com uma criança novinha chorando. Ela teve mais uma filha!

P: Nossa! Então era uma vida dura.

R: É. E aí, tu imagina, ela tava torrando farinha o dia todinho. Isso nunca me esqueço dessa situação. Uma das coisas que fez eu, quando casei, pensar de que minha esposa ia ter só quatro filhos, sabe? Foi pensando em toda a situação da minha mãe, sabe? Naquela época, as mulheres, elas tinham filho até quando podia ter filho, sabe? Então minha mãe teve doze filhos e morreu com quarenta e cinco anos. É tanto que a mais nova... E a Josi tinha seis meses de idade. Então, quem passou, só para não me perder, quem passou o dia com farinha, contigo, junto, foi tua mãe. Depois de noite teve mais um filho.

P: Que incrível.

R: Ela teve doze filhos. E trabalhava... E quando era noite ela tinha tempo de dar de comer todo mundo. E ensinava o catecismo para nós. Eu começava a ler e escrever com a carta de ABC. Foi onde eu aprendi. A primeira vez que eu fui para a escola, eu tinha 16 anos. Foi quando eu vi uma escola de fato mesmo, sabe? Eu ia duas vezes por semana à noite. Ela passou a ser professora do Mobral. E ela fazia isso em casa. E aos finais de semana, ela ia na casa das vizinhas, das amigas, das comadres, para ensinar o Mobral. Era umas cartilhas que tinha e aí era tipo pra preencher aquelas letras que estavam tipo, letra de forma, aonde tava apenas, pontilhada, sabe? E ali ia preenchendo aquelas... Lembro até hoje das cartilhas do Mobral. E ela tinha tempo de fazer isso. Fez esse trabalho e aí depois aceitou quando surgiu as comunidades eclesiais de base no Brasil, né? Aí ela aceitou ser uma pregadora da palavra de Deus. E aí ela passou a ser monitora da igreja católica, aonde fazia um trabalho religioso. Eu não entendo como ela tinha tanta saúde para fazer essas coisas todas, sabe? Se você conversar com qualquer um dos meus irmãos mais velhos, eles vão dar esse exemplo dela, porque ela era um poço de sabedoria. Não conheço, não conheci até hoje uma mulher igual a ela.

A verdade é que a minha mãe era clara, não branca, né? Tinha uma cor bem clara. Cabelos muito bonitos. Era uma mulher muito bonita.

P: E o teu pai?

R: O estilo caboclo que eu tenho, eu trouxe do meu pai. O meu pai era... Deixa eu te explicar aqui como é que era. O meu avô era filho de um paranaense. Esse que era muito estudado. Meu avô por parte de pai. Ah, está falando outro. Por parte de pai. O outro, acho que eu já desenhei, não? O outro eu já falei. O outro veio do Nordeste. Era branco, de família. Famílias

muito bem vividas, que veio achando que ia achar aqui na Amazônia um... O que quase enlouqueceu, o que viu uma realidade totalmente diferente.

P: Foi teu avô ou foi o irmão dele?

R: Exatamente. E aí não tinha mais como voltar. Não tinha mais como voltar. Já estava aqui, ficaram daqui e pronto. Acabou-se aqui a história deles. Virou um familhão danado. A minha avó paterna era portuguesa. Ela era de Portugal. A avó paterna... Portuguesa. Portuguesa de nascer daqui ou de... Filha de português. Português de Portugal. Os pais dela eram de Portugal. É tanto que ela tinha... por aqui...com essa filha de um português. da minha avó era Paulina.

P: E o avô?

R: E o nome do meu avô, Adalberto Maia, dos mais trabalhadores que eu já vi na face da terra como homem. Ele vinha de Sena Madureira colher castanha aqui. Ele chegou aqui, ficou aqui toda a vida. O meu pai ficou. Aí ele vinha todo ano colher castanha. Mesmo entregando pro patrão, sabe? O patrão pagava aquele preço ... Ele vinha subindo o rio de remo, de Sena Madureira pra cá pra colher castanha. Até os 75 anos. Subindo e descendo. Quando era de volta, ele estava todo feliz. Todo ano ele vinha, no mínimo duas vezes por ano ele vinha de remo.

P: E essa avó paterna, a Paulina, filha de portugueses, foi parar aí como?

R: O pai dela era dono de um seringal. Aí ela casou com o meu avô e teve três filhos. No quarto filho, ela morreu de parto. Lá na colocação. Na verdade era o quinto. Era o Raimundo Maia, que ainda tá vivo, tem quase cem anos, mora aqui pertinho de nós. O Ilson Maia, a Diva e meu pai. Tudo pertinho um do outro. E aí, meu avô tava só com ela na colocação chamada Profiro, que fica aqui bem distante. E aí ela entrou em trabalho de parto, ele foi atrás da parteira. A parteira veio, mas não deu jeito. Aí morreu ela e a criança. E aí sepultaram ela pertinho da casa. Até hoje, botaram como cruz uma estaca de cajazeira. Se tu ver hoje o tamanho daquela cajazeira que está lá, é uma árvore monstruosa. É a cruz da minha avó.

P: Que incrível. A rigor plantaram uma cajazeira ali onde enterraram ela. No lugar da árvore. Incrível. E o que tu sabe mais da Paulina?

R: A Paulina era uma filha de português que tinha estudado e que veio para cá, que casou com um seringueiro. Eu não sei muita coisa porque nem meu pai conheceu. Ele tinha um ano de vida quando ela morreu. Naquela época o pessoal morria cedo, né? Qualquer coisa que acontecesse, era morte. Por exemplo, não ter filho, morria de parto, né? Não tinha jeito, era morrer de parto mesmo. Naquela época não tinha Sena Madureira, não tinha cidade, não tinha nada aqui próximo. Só os barracão. Barracão era quem tinha um remédio pra dar pras

peessoas. Mas, tipo, eu tinha oito anos de idade e o meu vô, a gente *fez quarto* a ele durante um ano.

P: O que é *fazer quarto*?

R: É a pessoa que já tá velho de idade, tá doente, então tá se esperando ele morrer. E aí faz tipo assim, ó, nunca deixa ele só, porque tinha essa coisa de que uma pessoa não podia morrer só. Tem que ter uma luz com ele. Ele tinha que morrer com uma luz. Aí é tanto que a gente tinha uma tradição aqui de ter vela, sempre ter vela em casa. Porque se alguém estivesse morrendo, tinha que acender uma vela, botar na mão daquela pessoa até ela terminar de morrer. Chamava de *fazer quarto*. É ficar junto esperando ele morrer. Sempre ficava alguém. Fazia os vizinhos virem, os conhecidos, passavam dois dias, aí depois vinha outros, passavam mais dois dias, sabe? Eu lembro meu pai. Quase não trabalhava durante aquele tempo com meu avô doente. Aí quando ele melhorava, deixava lá. Aí daqui a pouco ele arriava de novo. Ficou nisso até que ele morreu. Eu lembro até hoje, ele morreu dentro de uma rede, na sala lá da minha casa, na casa da minha mãe. Morreu numa rede, foi deitado em uma rede com mosquiteiro. Eu lembro dos detalhes.

P: Eles usavam mosquiteiro lá naquela época e vocês não usam hoje.

R: É verdade.

P: Dá para dizer que as tuas avós, a Paulina e a Júlia, eram mulheres avançadas no seu tempo? Isso de fazer o trabalho de homem... Como é que tu chamaria o temperamento, a personalidade delas?

R: A minha avó Paulina cuidava da casa dos filhos. Ela era filha de patrão e, como filha de patrão, nunca tinha trabalhado no pesado, sabe? Já a minha avó Júlia era dessas mulheres mais guerreira possível, era um exemplo. Você pegava na mão de uma mulher daquela, a pele da mão era grossa, cheia de calo, do trabalho. Eram umas guerreiras.

P: Mas quem estimulou as tuas irmãs a estudar? Foi a mãe ou foi uma das avós?

R: Foi a minha mãe Joentina. Que por sua vez aprendeu a ler com o avô nordestino, o João. Aí foi a minha mãe que aprendeu com o meu vô. A minha vó Júlia, não sabia ler nem escrever. Ela nunca estudou. Já o meu vô e a minha vó materna, ela sabia ler também. A minha vó paterna sabia ler. Minha vó materna não sabia ler. Quem sabia ler era o meu vô, o João. E o João ensinou a minha mãe a ler e escrever. Já a minha mãe ensinou a mim e as minhas irmãs, meus irmãos, a ler e escrever. Desde criancinha ela já ensinava a carta de ABC. Todos nós aprendemos com minha mãe. Então de 74 a 80, ela dava aula no Mobral. Não ganhava nada, não recebia nada por isso. Fazia o trabalho religioso. Ela catecismo e dava aula pra nós. Aí às cinco horas era janta. A gente jantava antes do anoitecer mesmo, sabe? Porque era muito

difícil trabalhar à noite por causa da lamparina. Depois de jantar, ela fazia o catecismo e depois, com a lamparina, ela ia ensinar.

P: Vamos dar um pulo para o fim da vida dela, que morreu cortando seringa. Foi um acidente? Ela estava subindo uma escada, que quebrou e um pau enfiou na barriga dela. Foi assim?

R: Foi. Não chegou a perfurar, mas rasgou tudo. A gente via que tinha rasgado tudo. Assim, mesmo na barriga dela e pegou num rins, estrangulou um rins dela. Como não tinha médico, não tinha nada, não tinha como ir pra Rio Branco, não tinha estrada. Avião só vinha em Sena se fosse uma escala de uma pessoa rica que viesse de Rio Branco até Sena Madureira. Mas as viagens eram de barco, saindo de Sena pra capital. Eram muitos dias. Então, ela não aguentou a viagem, levamos até Sena, demoramos três dias pra chegar em Sena Madureira com ela. Aí a pessoa que cuidava da saúde lá em Sena já falou que não tinha o que fazer.

P: Então, nem levaram para... Tentaram levar para Rio Branco.

R: Não tinha como porque, de Sena para Rio Branco, eram dez dias de viagem. Tinha que ir de barco, descendo o rio Iaco, depois o Purus, depois subir no rio Acre para ir para Rio Branco.

P: Nossa! Só queria confirmar isso, que você já tinha me falado sobre a morte dela. O que eu queria era saber um pouco mais da avó e da mãe. São mulheres fortes. Quer dizer, já tinha lá atrás um exemplo de mulheres fortes na avó e na mãe. E essa geração toda aí. Tua irmã é diretora da escola. A outra, a Josi, o que ela faz?

R: A Josi, ela cuida da pessoa mais idosa daqui, do Cazumbá. Ela cuida da pessoa do Adelino. É porque ele é totalmente dependente dela.

P: Quantos anos tem?

R: Ele tem 96 (anos).

P: Tu já me falou em mais gente aí que tem idade bem avançada, chegando aos 100. O que tu atribui a isso? O que faz as pessoas chegarem a 100 anos?

R: A primeira coisa é ele ter a família bem próximo dele, sabe? Ele viver muito bem com a família, isso faz bem. Isso faz com que a pessoa viva mais também. A outra coisa é não trabalhar muito no pesado. Todas essas pessoas que têm isso. Ele não foi aquele cara que esforçou a vida demais no pesado, sabe? E sempre se cuidou um pouco, cuidou um pouco da saúde, sabe? Se preservou mais, sabe? Então, tem essas duas coisas, sabe? Mas uma coisa, para a sua idade, a questão alimentação é o principal, né? Mas assim... É o cuidado da própria família, sabe? É o amor ali da família, porque cuida e tal. É isso que eu vejo. E essa pessoa aceita, sabe? Essa pessoa que

aceita também, porque às vezes a pessoa não aceita. O meu primo, o Adelino, que a Josi cuida, aceita tudo que ela falar, menos o que as outras pessoas falam. Tudo que ela falar, tudo que ela fala é certo. Agora, o que os outros falam, não. Não fale mal dela, não fale, não diga nada, porque ele não aceita. Ele só aceita o que ela fala. Tem a maior confiança nela. Quer ver conversa com ela? É muito bom. Vai ser muito. Eu acho que é muito bom você conversar com a minha irmã mais velha, né? E com a mais nova. Pra você ver assim...

P: A mais nova e a Algecida é a mais velha, isso?

R: Isso. você pergunta da Josi, qual a figura que ela tem da mãe dela. Como ela não conheceu, ela não conheceu nada, para ver o que ela vai falar, sabe? Dessa figura. A rigor, ela conhece...

P: Conheceu a mãe dela através do que os irmãos relataram. Isso? É. O que contaram que foi a mãe.

Porque naquela época não devia ter muita coisa de fotografia, bom, vídeo, nem pensar.

R: Não, não tinha. Eu não tenho foto. A gente não tem foto da família, não tem foto do meu pai, não tem foto da minha mãe, não tem foto de ninguém das pessoas mais velhas. Nada, nada, nada. Nada. Então, a jovem não sabe nem como a minha mãe era. Ah, que incrível. Não existia nada disso. Ah, legal isso aí. Perguntar para ela sobre isso. Que imagem ela tem na memória dela, que imagem ela

faz de como era a mãe. Vou pedir para ela me descrever, me descreve como era a tua mãe. Quero ver o que ela vai dizer. Vamos ver? Pode ser interessante. Isso. Eu vou te mandar uma foto de uma pessoa, de uma irmã, que parecia um pouco com a minha mãe. Era a que mais parecia com a minha mãe. Ah, boa. Eu vou te mandar uma foto. Tá bom, meu amigo. Então tá, meu querido. Tá? Vamos falando aí. Qualquer coisa, qualquer coisa tu já sabe, né?

P: A população da Cazumbá tem aumentado?

R: Muito, muito.

P: Sabes me dizer quantas pessoas estão vivendo na Cazumbá?

R: Número de pessoas? É. Número de... Ah, nós estamos com 470 famílias. Uau! E as famílias tem uma média de quantas pessoas? Cinco. Então é vezes cinco isso aqui. É. E mais dois números aí. Bolsa Família. Quantos devem ter Bolsa Família? 90%. Só não tem os aposentados e os professores. Tá.

P: E... quanto é que a Bolsa Família paga?

R: Olha, depende da quantidade de filhos, né? O Bolsa Família é R\$300,00. Aí vem o filho por escola, né? Com idade escolar. Tem família que recebe mais de um salário mínimo. Juntando lá. o Bolsa Verde, né? Junta com o Bolsa Verde. Tá. O Bolsa Verde é R\$300,00. E qual

é o critério para ganhar o Bolsa Verde? Quantos recebem o Bolsa Verde? Todos? Nós temos 300 famílias recebendo o Bolsa Verde.

E é R\$300,00 cada um? Por mês. Ele tem que estar... Olha, quem recebe o Bolsa Verde, ele tem que estar naquela linha do Bolsa Família, sabe? Os critérios é mais ou menos isso. Filho na escola? Não. Ele tem que estar... O Cade Único, ele tem que estar no Cade Único. e a renda está num... Como eu posso te dizer? Acho que até R\$200,00 por pessoas. Tá mas como é que comprova a renda? Por exemplo, se eu vender mandioca aí para o meu vizinho, macaxeira, não vou saber quanto é que eu vou vender. Não, olha, como é que o pessoal da secretaria faz? Ele faz uma estimativa, apenas uma estimativa lá com as pessoas. Faz isso por estimativa. Sim, que não tem como comprovar, né? Ninguém tira nota. Não, aqui é uma coisa super errada isso. Só tira nota fiscal de dois produtos aqui: borracha e castanha.

P: Por que tu acha que é errado?

R: Porque eu vejo que é um dever e um direito de eu comprar e pedir nota fiscal. E de eu vender e pedir nota fiscal, sabe? Para comprovar o que eu estou comprando, o que eu estou vendendo e a minha renda, sabe? Assim como eu estou pagando o imposto, quem está me vendendo também, possa contribuir, possa estar legalizado, sabe? Então, é isso. Porém, na nossa vida, como extrativista, isso eu hoje tenho essa concepção. Mas eu não posso exigir isso dos extrativistas, que não têm essa mesma, sabe?

P: Então, é... Até porque alguns, como eu vi lá naquele dia que a gente foi lá na escola, tem alguns que ainda são analfabetos.

R: Muita gente é analfabeta. As pessoas de 40 anos para cima, quase todos são analfabetos. Se não for o pai ou a mãe, ou depois ele ter querido ir para a escola. Por exemplo, tem muitas escolas aqui no Cazumbá. Tem ensino de jovens e adultos. Que aí tem pessoas de toda a idade estudando, sabe, à noite.

P: No ano passado, quando estive aqui, eu e o Bira fomos numa aula de noite aí, que tinha umas quatro, cinco mulheres e um homem. Que quantidade de analfabetos deve ter hoje, aproximadamente?

R: Querido, deixa só eu te dizer uma coisa. Em 2002, nós tínhamos, 80% das pessoas analfabetas, além daqueles que só sabiam assinar o nome. Porque nós só tínhamos três escolas.

P: E em 2024/25, que estimativa tu faria?

R: Não dá pra mim te fazer essa estimativa, sabe? Porque eu não tô com o novo Plano de Manejo ainda. Eu não tô com os dados do último sócio-econômico. Mas, em 2005, 70% dos moradores da reserva já tinham acesso à escola.

P: Então hoje seriam 30% de analfabetos ainda?

R: De 2005 para cá tem 10 anos. Hoje tem uns 10% de analfabetos, daqueles que nunca foram na escola mesmo.

P: Me ajuda a fazer uma conta aqui. Se 90% das famílias ganham Bolsa Família que dá uma média de uns R\$700,00 reais, pois uns ganham R\$ 1.000,00, quem não tem filho na escola ganha R\$300,00. 300 famílias ganham Bolsa Verde, de R\$300,00. Daí vende alguma coisa - castanha, borracha, farinha. Qual é a média de rendimento de um morador da Cazumbá?

R: O aposentado não recebe e nem servidor. Tem umas famílias que tem uma renda bem elevada, de uns R\$3.000,00. Aquelas que tem gado é bem despadada mesmo. Mas isso não é a porcentagem grande não, tá? É uma porcentagem bem pequena. Já essas outras eu acho que varia ali de dois salários mínimos mensal.

P: E dá pra viver bem com essa renda?

R: Dá para viver. Quem tira menos que isso vive numa situação bem difícil. Porque olha só, o tal do Bolsa Família, essa pessoa tem que ir na cidade para poder receber. Obrigatoriamente todo mês. O que acontece? Ela gasta esse dinheiro na ida e na vinda. O transporte, Alfredo, é absurdo aqui. O transporte desse povo é um negócio bem alto, sabe? Para você ter uma ideia, tem lugares aqui que para ir e vir na cidade é R\$3.000,00 de carro. Isso era no ano passado. Esse ano vai aumentar porque a gasolina aumentou. Aí eles se juntam de quatro, cinco, seis famílias pra ir nessa viagem, né? Então o que eles vão trazer numa caminhonete, né? Eles pagando R\$3.000,00 num transporte desse.

P: A população da Cazumbá vem aumentando ou diminuindo? Quantas famílias vivem aqui? E qual a média de pessoas por família?

R: Vem aumentando bastante. Somos 470 famílias, com uma média de cinco pessoas por família.

Entrevista com ALGECIDA MAIA

É irmã do Nenzinho e professora da Escola da Cazumbá

P: Vamos. Muito bom. Então tá. Podemos começar?

R: Podemos.

P: Eu queria começar falando do que eu estou fazendo.

A primeira coisa: se tu me autoriza gravar isso que a gente está falando, para poder transcrever depois as coisas que forem ditas aqui. Pode ser? Me autoriza?

R: Pode sim.

P: Eu estou estudando na Universidade de Lisboa, fazendo uma tese em Antropologia, que estuda comportamento dos grupos sociais, da sociedade, e eu estou focando no futuro da Cazumbá, na questão dos jovens, o que pensam, o que estão pretendendo fazer. Por isso queria muito falar contigo. Tenho conversado há dois anos com o Nenzinho, já conversei com a Mary Alegretti, tu deve conhecer bastante, com o Aécio, com um monte de gente. Contigo, quero saber a tua visão sobre esses jovens que estão estudando aí. Consegue ter uma noção do que querem para o futuro deles? Que profissões querem? Se tu quiseses tirar o vídeo, a gente pode tirar também, que daí tu não fica com essa preocupação de ter que segurar o celular, pode te deixar mais à vontade aí.

R: Não, pode continuar.

Tá certo que a gente tem muitas pessoas, tem muitas visitas que vêm aqui, mas, para falar sobre o futuro dos jovens, na verdade, não é sempre que a gente fala sobre isso, e a gente vê que a maioria dos jovens aqui, quando eles terminam o ensino médio, eles saem.

P: Ah, é? Eles saem? E vão para onde?

R: Vão para a cidade. Uns vai para Rio Branco, outros vai para Sena Madureira, né? Então, a gente não vê muito, muito aquele, como é que eu digo, a gente não vê muito, assim, opção para o futuro dos jovens, né?

P: Sabes que tipo de profissão eles querem? O que buscam quando saem?

R: Ah, eles saem, vão fazer uma faculdade e vão atrás de trabalho, né? O que eu quero dizer para o senhor é que a gente precisa de mais incentivo para que desperte neles, na verdade,

algo que venha mesmo interessar para eles. Porque às vezes falta ideia, falta uma palestra, falta algo que...E às vezes o jovem, como ele não vê isso, ele não sonha.

P: O que eles buscam? O que seria um incentivo para um jovem?

R: É assim como os meninos, os rapazes... Mas os jovens, as crianças que jogam bola, é que o senhor sabe que hoje para os meninos, eles gostam muito, eles usam muito o futebol, não é isso?

P: Sim. Os meninos, as meninas. Eu falei com um menino aí que é amigo do Kevin, não estou lembrando o nome dele aqui, eu entrevistei ele.

R: O Cairo.

P: Cairo, exatamente. Então é isso que os jovens mais buscam? E que outras profissões os manteria aí? O que a Cazumbá precisa?

R: Até aí, para que eles não quisessem ir embora, ou que eles fossem estudar e voltassem. Eu acredito que a Cazumbá precisava ter, sei lá, escolinha de futebol e alguma coisa assim que, não sei bem, mas talvez isso. Que a Cazumbá cresça mais, que busque mais recurso, para que ele se ocupe, tenha alguma coisa.

P: Então, vê determinadas profissões que deveriam ter aí ou ser ensinadas para que eles aprendessem e exercessem aí na Cazumbá? Então, é só futebol?

R: Aqui no Cazumbá, no momento, eu penso, é, nós temos, aqui a gente tem Posto de Saúde, né, mas está fechado, não tem ninguém. Então aqui, mais ou menos, a saúde está em primeiro lugar, né, que fossem, que saísse, que estudasse, mas que voltasse, né.

P: Então, a saúde está em primeiro lugar, mas o posto de saúde está fechado.

R: Pois é, é isso que eu estou falando, né.

P: Entendi, eu queria mudar um pouco.

R: Pode mudar, fique à vontade.

P: Queria mudar para falar mais na escola. O que a escola ensina hoje?

R: Na verdade, a escola ensina a ler e escrever, fala sobre o meio ambiente, né? Todas as escolas da zona rural ensinam sobre a religião, né? A religião quer falar um pouco da palavra de Deus, como cristão, como a gente pode viver, né? Fala também sobre o mundo das drogas, porque você sabe que hoje existe, o senhor sabe que hoje, em todo canto, existe isso, né?

Então, a gente fala muito sobre isso, fala também sobre o que os jovens e as crianças querem ser quando eles terminar os estudos.

P: E o que vem quando perguntam isso? O que eles querem ser?

R: Na verdade, alguns dizem que querem ser jogador de futebol. Outros dizem que querem estudar para ser policial, outros dizem que querem ser professor, né?

P: Mas não vem temas que tenham a ver com o que existe na Cazumbá? Extrativismo, coisas assim, mais ligadas à floresta, não aparecem?

R: É muito difícil.

P: Ou seja, eles não pretendem mesmo ficar por aí, então? Porque para ser jogador de futebol, ele tem que sair.

R: Com certeza.

P: Policial também. Professor teria espaço aí, mas pelo que vi, são poucas as vagas.

R: Com certeza.

P: O que mais que surge?

R: No momento, não estou lembrando.

P: E se a professora sonhar, o que seria?

R: Como eles não veem, eles não sonham.

P: E sonhando, qual seria a escola ideal para ti? O que precisaria ensinar em uma situação ideal de escola?

R: Para mim, não sei se é porque nasci e já estou velha aqui, mas para mim seria cuidar melhor do meio ambiente, que... esses jovens pudessem mesmo cuidar melhor, ajudar melhor, organizar, aqui a comunidade e tem que trabalhar ter um, sei lá, tem tanta coisa aqui que a gente pode fazer pra que possa envolver os jovens porque eu não acho assim, desonra um jovem ir trabalhar na agricultura. A gente tem muito espaço pra trabalhar né? Eu sei lá, é tanta coisa que a gente, no momento, a gente fica se perguntando por que que a nossa comunidade, que a nossa associação, que a nossa reserva não tá melhor, né às vezes falta organização, conversa pra gente poder como professor, eu como professora, ensinar melhor e ter, sei lá, ter mais um futuro pra eles aqui dentro mesmo. Porque daí, os jovens vão estar indo e a gente, os velhos, vão ficando só, né?

P: Então, isso te preocupa? O fato de eles quererem ir embora e vão ficando os mais velhos aí?

R: É, porque na verdade, ir embora a gente vai ficar sem essas pessoas que onde a gente poderia. Na verdade, eu não sou contra os jovens saírem e estudarem, mas que ele represente alguma coisa aqui dentro, né? Como um dia desse a gente estava conversando, eu e o Nenzinho, a gente podia, um dia, fazer de tudo para formar uma pessoa daqui de dentro para ser um advogado. Então, a gente precisa dessa organização melhor.

P: E como seria isso? O que seria essa organização para, por exemplo, formar um advogado? E está falando em uma pessoa, um advogado. E tem muito jovem aí dentro. Eu vi que tem bastante, né?

R: Tem muito jovem. Pois é aí que eu fico me perguntando o que a gente pode fazer. Para a gente fazer isso, a gente precisa buscar recursos e meios com pessoas que tenham conhecimento melhor para nos ajudar.

P: Quando falas em recursos, é dinheiro?

R: É isso, mais ou menos.

P: E sempre é uma professora com uma turma ou eles têm aula com mais de um professor?

R: Na verdade, é assim: tem o pré, tem a professora do pré, que trabalha com as criancinhas, né? Tem uma professora que trabalha com o primeiro, o segundo e o terceiro ano. Tem outra professora que trabalha com o quarto e quinto.

E à tarde tem o sétimo, o oitavo e o nono, que são duas professoras. Se divide aí, uma professora com o sexto e o sétimo.

P: Então, deixa eu entender. Uma professora trabalha com o primeiro, o segundo e o terceiro ano. Outra professora trabalha com o quarto e o quinto. E a outra professora, na parte da tarde, trabalha com o sexto e o sétimo. E a outra com o oitavo e o nono. São quatro professoras, então?

R: É. Tirando a do pré, porque tem a do pré também, né?

P: Que quantidade de alunos tem hoje?

R: Total, assim. Hoje tem, na escola do município 70, 76. Tinha o ano passado, né? Mas aí sai, né? Mas tinha setenta e seis.

P: Tem muita evasão escolar? Tem muita gente que sai no meio do caminho?

R: Não tem não.

P: Falou escola do município, mas tem duas escolas aí, né? Tem a escola do estado. Sabe quantos alunos tem lá?

R: Na verdade, assim, deve ter de 20 por aí assim. Não tenho bem certeza.

P: E o que a escola do estado ensina?

R: Na verdade, a escola do estado é uma professora para três turmas. Primeiro, segundo e terceiro.

P: Mas por que existem duas escolas?

R: É porque o ensino médio, ele faz parte do estado. Entendeu? E o fundamental é pela Prefeitura, pelo município.

P: Então, para eu entender, porque eu moro aqui em Lisboa. O fundamental vai até o nono? E depois começa de novo, primeiro, segundo e terceiro do ensino médio. Aí quem quer ir para a faculdade é depois do terceiro ano. E na escola do Estado só tem uma professora?

R: Só uma.

P: Nossa. E por que isso?

R: É aí que a gente se pergunta. Por que isso? Porque, veja bem, eu trabalho com o quarto e o quinto ano e já acho muitas horas. É difícil. E tem a minha colega que trabalha com o primeiro, o segundo e o terceiro. É um auê dentro da sala de aula. Agora, se eu imagine, uma professora trabalhar com o primeiro, o segundo, o terceiro, do ensino médio, né? Não é fácil. Na verdade, eu tenho certeza absoluta, como professora, que deixa muito a desejar. Porque quando você vai ensinar um conteúdo do primeiro ano, e o segundo e o terceiro, como é que fica?

P: Sim, sim. E me diz uma coisa: qual o salário dos professores?

R: Na verdade, o salário dos professores é, para quem tem já a faculdade, o salário é melhor, né? É R\$3.000.

P: E para quem não tem?

R: Para quem não tem, é o salário mínimo mesmo, que é R\$1.800, por aí assim.

P: E quanto deveria ser o salário dos professores?

R: Olha, eu vou dizer uma coisa para o senhor. O professor é a classe menos valorizada, não é verdade? Então, eu acharia que de R\$5.000. Na verdade, era uma medida mais ou menos para o professor. Porque o professor, quando ele tira para ser professor, ele não vai ter tempo para muita coisa. É aquilo. Porque ele precisa planejar. Ele precisa elaborar a prova, e ele precisa fazer tudo isso.

P: Sabe que tem alguns países, especialmente na Ásia, onde o maior salário dos funcionários públicos é o de professor?

Eu gostaria de saber, quem são os alunos?

R: O senhor pergunta se eles são daqui mesmo?

P: Sim! Fala um pouquinho deles, das famílias, dos pais. Todos são agricultores? São seringueiros?

R: Todos são agricultores. A maioria deles faz parte da mesma família daqui do Cazumbá. Elas só estão mais distante um pouco, nas margens do rio. Mas elas fazem parte da mesma família. A família Maia e a família Siqueira, é muito grande. Então, elas todas são filhas de agricultor. Tem algumas que não são da família Cazumbá, que vem mais distante, mas são agricultores. São poucos que são filhos de seringueiro, porque hoje aqui o seringueiro está acabando.

P: Então, dizer que a Cazumbá é uma reserva de seringueiros, mais uns anos não vai dar para se chamar assim?

R: Daqui uns anos não vai, né? Daqui uns anos não vai mais dar para se chamar assim. Até porque o preço da borracha está diminuindo. E aí, na verdade, o seringueiro, ele deixa de ser seringueiro para ser agricultor, para fazer a farinha, para plantar banana e por aí.

P: E como é que vai ser viver daqui para frente? Como conseguir dinheiro para viver?

R: Então, por exemplo: é a farinha, é a banana, é uma vez por ano a castanha, e a castanha não tem para todo mundo.

P: Como é que os professores se qualificam?

R: A gente, na verdade, para estudar, a gente estuda quando é... Todos os anos, duas, três vezes por ano, se tem formação.

P: E como é feito isso?

R: É em Sena Madureira. A gente vai, tem três dias de formação, baseado em cima do que se vai ensinar para os alunos.

P: São quantos dias?

R: Três, três dias por mês. Três dias durante um mês, e isso acontece três vezes no ano. Então, a rigor, são três dias, três vezes por ano.

P: Então, vão ser nove dias por ano. Isso é pouco, é muito, é suficiente?

R: Na verdade, é pouco, né?

P: Quanto seria o teu número?

R: Na verdade, uma semana. Cinco dias, né? Cinco dias em cada encontro, porque é muita coisa. Veja bem, a gente pega muitas pagelas.

P: O que é isso?

R: Pagelas são material. para trabalhar com a educação. Né?

P: Pagelas escreve com J ou com G?

R: Com G. Tá. Pagelas são material para trabalhar com a educação, onde se escreve, onde se coloca o nome dos alunos e você tem que preencher todos os requisitos que tem nela e para isso a gente precisa estudar mesmo para poder fazer esse tipo de trabalho. Então, tem muito material, mas aí são poucos dias de formação. Então, eu diria que a gente precisaria, cada encontro desses, cinco dias.

P: E três vezes por ano, cinco dias já seria suficiente?

R: Não, não suficiente, mas seria melhor, né?

P: E o suficiente seria quanto?

R: No momento, é porque, na verdade, deixa eu explicar bem para o senhor. É porque acontece o seguinte: nós temos 200 dias letivos todos os anos. Tá. Então, a gente não pode ficar muito fora da escola. Mas é isso que acontece. São três dias de formação e volta-se para a sala de aula. Mas, na verdade, a gente precisaria, eu diria, todos os anos ter um mês, porque a gente tem três meses de férias. Em vez de três meses de férias, ter dois e um ser de formação, é isso?

P: Sim, é isso. Interessante essa proposta. É muito tempo de férias, né?

Eu vi que fala em professoras. Não tem nenhum homem dando aula? São todas mulheres?

R: Todas mulheres.

P: O que acontece? Os homens não querem?

R: Na verdade, na verdade, eu acredito que eles não querem, né? Nós temos, bom, tinha o ano passado o meu genro trabalhava na escola como coordenador.

P: O teu papel na escola é qual?

R: Trabalhar com o quarto e quinto ano.

P: Tá, mas essa escola tem um diretor? Tu seria diretora da escola?

R: Não. Diretor da escola hoje tá sem. Mas, o ano passado era meu genro e minha filha. Um diretor e o outro gestor.

P: E agora?

R: Agora está sem, porque é nova gestão e ainda não lotaram a escola.

P: A filha era o quê?

R: Gestora.

P: E tem um prazo para eles escolherem um diretor e uma gestora?

R: É porque assim, o senhor sabe que depois da eleição muda-se de Prefeito, muda-se de coordenador da educação, aí vem toda essa burocracia, onde em Sena Madureira mesmo muda tudo na Secretaria, então na escola também. Assim, como é outra gestão, eles vão colocar o pessoal deles.

P: Aqueles do partido que ganhou.

R: Isso mesmo.

P: E eles não têm um prazo para isso?

R: A escola fica sem, ou até março tem que ter.

OBS 1:

Minha filha entra na sala e, curiosa, quer saber com quem estou falando).

Chega aqui perto. Essa é a minha filha, Maria. Vai fazer oito anos agora. Ela está no segundo ano. Só que aqui é diferente do Brasil. Primeiro, todas as escolas são de dois turnos. Ela entra às nove da manhã e fica até às cinco da tarde. 1

OBS 2: Aqui deixei de transcrever um trecho da conversa, porque expliquei a ela como funcionam as escolas na Europa e que o ano letivo começa em setembro.

P: Tem alguma parte do currículo que vocês podem adaptar à realidade da Cazumba?

R: Na verdade, vem tudo pronto para a zona rural, em todas as escolas, é assim, sabe? Já vem tudo pronto. É, na verdade, agora, com essa nova gestão, eu não sei se a gente vai ter a mesma oportunidade de se unir e falar sobre isso, mas a gente já estava começando na adaptação de colocar algumas coisas daqui também, como falar sobre o lixo, falar sobre algo que a gente precisa, como o senhor falou sobre plantio, fazer plantio de algumas coisas, de algumas frutas, né? Se faz muitas reuniões, então a gente, juntamente com alguém de lá, dos coordenadores da zona rural, a gente já tinha falado sobre isso.

P: E agora você está com um sobrinho que é vereador lá em Sena Madureira. Ele consegue influir em alguma coisa, ajudar em alguma coisa aí?

R: Consegue, consegue sim.

P: Vamos falar de alimentação. No ano passado, quando visitei a escola, até tirei umas fotos dos alimentos que vêm da Secretaria, enlatados e coisas desse tipo. Continua existindo isso? Como é que achas que deveria ser a alimentação?

R: Olha, continua isso mesmo. A gente, na verdade já reclamou muito sobre isso, porque a gente sabe que esse tipo de alimento não é ideal para as crianças. E enlatado não é recomendável. Mas ainda não chegamos num acordo da merenda escolar ser daqui mesmo, né? Tem um montão de coisa aqui, podia ser daqui, né? Tem galinha, tem muita gente que cria muita galinha, tem ovos, né? E o que que vem de lá? Vem a bolacha, vem o biscoito doce e o salgado. Vem o leite, aí vem conserva, sardinha, almôndega. Tudo enlatado. Aí vem também o cuscuz, o feijão, o arroz.

P: O que podia ser substituído por produtos daí?

R: A conserva e a sardinha, ela poderia ser substituída por frango daqui mesmo, né? Na verdade, a bolacha, a bolacha que não é gostosa, ela poderia ser substituída por tapioca, que tem muita goma aqui, né? A banana, o mamão, né?

P: E por que que tu acha que eles não querem fazer isso e querem mandar de lá?

R: Eu não entendo muito bem isso aí, porque, na verdade, o Nezinho ele já entrou já umas duas vezes, juntamente com esse pessoal pra ver se poderia ajeitar isso aí pra merenda ser, daqui mesmo, sabe? E, na verdade, no momento eu não sei explicar pro senhor o porquê que isso não aconteceu. Né? Não sei o porquê que eles querem mandar de lá e não ajeitar pra ser daqui.

P: Porque se eles comprem lá eles poderiam comprar daqui mesmo, né?

R: É. Daria uma alimentação mais saudável. I

P: E, além disso, geraria uma renda para a Cazumbá, não é?

R: Isso. É nesse sentido que tu fala.

P: Tenho ouvido histórias sobre as mulheres da Cazumbá. A bisavó de vocês, a avó Júlia, a mãe. Foram mulheres fortes! E conversado com mulheres daqui, como a Luzia, a Francisca, a tua prima Socorro. Mulheres muito fortes. Por que se dá isso?

R: Olha, na verdade, deixa eu falar com o senhor. Como o senhor falou, da minha avó. A minha avó, Júlia, ela era uma mulher que ela cortava seringa, ela pescava e ela caçava. A minha mãe não foi diferente. Apesar da minha mãe ter tido 13 filhos, mas ela não foi diferente da minha avó. E na verdade, nas outras famílias que é da mesma, tem mulheres fortes. Vem também da necessidade de trabalhar, de ser forte para ajudar no dia a dia ao marido, pai. Vem também da grande necessidade, né? O senhor sabe que tem pessoas que mesmo na necessidade, ele não gosta muito de se mexer. É a necessidade, né? E a coragem.

R: E vocês trabalham alguma coisa de liderança? Porque algum dia o Nezinho vai querer ou precisar parar de liderar a comunidade. Como é que vê a sucessão e como é que vê mulheres na liderança?

R: Olha, deixa eu falar para o senhor. Tem pessoas com capacidade, competência de assumir essa liderança. Vou falar aqui de Madalena. Madalena é a minha filha, é a que está trabalhando, só que ela é, na verdade, ela é uma pessoa muito competente em tudo que ela faz, isso vem de família. Eu acredito que ela, o esposo dela e mais outros estão mais ou menos preparados para assumir essa liderança.

P: Essa que era a gestora da escola?

R: Não, ela é professora do pré. A Madalena, é a outra irmã dela que é a gestora, a Maria. Mas é isso que eu estou dizendo, tem sim. Tem pessoas capacitadas. Tem muitos jovens, jovens que eu digo, eles já são casados, mas eles são pessoas que eles fazem parte da liderança, eles podem liderar e eles podem coordenar qualquer coisa. Eu acho que não vai ter problema quando o Nezinho não quiser mais.

P: Aí está falando a irmã. O que que tu vê de bom nele, além do lado... ser irmão?

R: Igual a ele, só ele mesmo, porque assim, deixa eu falar uma coisa pro senhor, toda vida esse homem, ele se doou, pelas pessoas, toda vida, Nenzinho, foi essa pessoa que ele não se preocupa se ele tá bem-vestido, mas ele quer ver as pessoas melhor, ele quer ajudar. Ele não se preocupa com ele mesmo. Tem hora que eu digo pra ele: você precisa se cuidar, se você quer ajudar, se você quer trabalhar, você tem que se cuidar. Então, o que eu vejo nele é um homem de bom coração, um homem de coragem, e um homem muito servidor. Ele já andou muito nesse mundo afora, aí. Atrás de melhoria, não só para ele, não para ele, mas para a comunidade. Antes era comunidade, hoje é reserva. Hoje, o que eu digo, já tem muitos anos de reserva. Mas ele busca o que ele pode para ajudar todos.

P: E hoje se vive melhor aí?

R: Sim. Hoje se vive melhor. Se o senhor tivesse vindo aqui quando começou, quando começou essa reserva, que é falta de recurso, não. Muitas horas é o pouco interesse de cuidar da casa. Porque dá para se comprar uma lata de tinta e pintar a casa. Tempo tem. Pois é. Isso é alguma coisa já dos antigos, que faziam casinhas no meio da mata.

P: O que vocês tinham no passado e perderam? E que coisas vocês ganharam, de hábitos, de alimentos, ou de lazer? O que deixaram de ter ou de fazer? E o que se mantém?

R: Na verdade, a gente, no início aqui da Cazumbá, o nosso hábito aqui era bem diferente, mas bem diferente mesmo. Naquele tempo... se comia quando se falava em bolo era pé de moleque e nós tínhamos esse hábito nas comemorações. A gente ia para a casa de farinha fazer pé de moleque. Era o nosso bolo que se falava num festejo e num dia religioso, um dia de festa. Dia de festa, para nós, era dia se fazer orações para Santo Antônio, São João, São Pedro. Se fazia fogueira, matava porco e era isso que nós tínhamos de costumes. Esses hábitos hoje, deixa eu falar para o senhor, que hoje aqui são poucas pessoas que ainda faz.

P: Que festas assim vocês faziam e depois me diz o que vocês fazem hoje?

R: São João, São Pedro e Santo Antônio. Isso o que fazem nesses dias. Antes se faziam fogueira, se faziam pé de moleque, matava porcos e ficava ao redor da fogueira e outros costumes que a gente tinha e era muito bonito.

P: E hoje...tens saudades daquele tempo?

R: Muita. Muita saudade disso. E por que se perdeu isso? Porque as pessoas vão deixando de fazer e hoje aqui no núcleo do Cazumbá conheço duas pessoas que faz isso. Faz a fogueira ainda. E a gente deixou esses costumes. Até mesmo o nosso jovem e as nossas crianças não

conhecem, né? Algumas não sabem das festas juninas. Se estuda na escola, mas na prática elas não vêm, né?

P: E que música se ouvia?

R: É música... Música de... de São João, que é quadrilha, não é?

P: E que outras festas tiveram durante o ano, além de São João?

R: É... Tinha a festa de... São Sebastião, São Francisco e Nossa Senhora da Conceição. Aqui ao redor, a gente era chamado pra muitos, muitos lugares, pra fazer essa celebração.

P: Eu noto que todas as festas aí tem nome de santo: São João, São Pedro. Todas as festas são religiosas?

R: É, Santo Antônio, São João, São Francisco, São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição. Se fazia muita comida. Isso no tempo que a gente começou aqui a comunidade. Depois perdemos isso aí. As pessoas, os idosos que tinham esse costume, já se foram. E os seus filhos não fazem.

P: E agora o que se faz hoje? Natal, Ano Novo, fazem fogueira?

R: Não, não se faz fogueira. Lá em 1983 era com muitas comidas, a pregação da palavra de Deus, iluminado com velas e lamparinas. A gente saía daqui, ia para a comunidade. A gente saía daqui e ia para o Cuidado, que é lá onde mora a Francisca.

P: Iam a pé?

R: Não, a gente ia de barco. Para o Natal, se vai de barco para lá. Chegava lá, se reunia muita gente, muita comida, muito pé de moleque. E aí se ia para fazer a procissão de Natal. Tinha as pessoas que batiam viola, que no caso era o meu esposo, era os primos dele.

P: Interessante, tu falou várias vezes em pé de moleque. Eu já estive duas vezes aqui e não vi nenhum. Ninguém me serviu nenhum, não comi nenhum.

R: Pois é isso que eu estou dizendo, o pé de moleque hoje, ele foi substituído pelo bolo. O bolo de trigo que se faz.

P: Ontem tu estavas estava fazendo farinha?

R: Olha, nós fizemos umas cinco sacas de farinha.

P: Para vender ou para ficar aí pra vocês?

R: Não, é pra dividir, porque meu genro mora aqui, aqui meio perto, dá duas horas de cavalo. Aí eles vêm e fazem farinha aqui, porque onde eles moram, na verdade, eles moram em lote. E lá eles não tem como fazer, eles criam gadozinho pra lá, então eles não têm como fazer farinha, então eles ajudam aqui na roça, aí quando eles fazem farinha uma vez por ano.

P: Mas eles vêm de cavalo?

R: Vêm de cavalo. Faz a farinha, põe em cima do cavalo e leva pra lá. Eles fazem isso uma vez por ano. Farinha por ano inteiro. Chega lá, eles ensacam, ensacam em plástico, aí aguenta o ano todinho.

P: E como é o Natal de vocês?

R: As pessoas trocam presentes. Em família se faz o amigo oculto.

P: E o presente compra em Sena?

R: Compra em Sena. Aqui também tem pessoas que vendem alguma coisa da Natura, da Avon, do Boticário. Tem pessoas da família por aqui em torno que vende. Tem pessoas que vendem também, roupa. E aí a gente compra por aqui mesmo.

P: Vem algum padre?

R: Não. Padre só vem na desobriga. Pra batizar e casar. Uma vez por ano.

P: E por que que chama desobriga?

R: Desobriga é, porque é uma coisa que vem da igreja matriz de Sena Madureira, e ele sai antes, na verdade, antes, para o senhor ver como é que é as coisas. Antes o padre era pedindo favor. Ele saía de Sena Madureira com o patrão, isso quando o patrão ia em Sena, e aí ele ia pedindo para ir deixar ele em comunidade e tal, e ele ia descendo conforme as pessoas fossem deixando. Hoje não. A igreja tem voadeira, tem carro, então, hoje na parte do inverno, que hoje aqui para nós é inverno.

P: A diferença do inverno para o verão é só que um tem chuva, o outro não tem. É isso?

R: O verão, aqui, ele começa em junho. Vai junho, julho, agosto e setembro. É mais quente no verão. Então, a Desobriga é isso. O padre sobe de rio acima, vai até a última comunidade fazendo casamento, batizado e a missa.

P: Então, as pessoas só têm uma data por ano para casar? Que dia é o desobriga?

R: A Desobriga, agora eles mudaram o verão em setembro. Setembro.

P: E sabe me dizer por que o nome é esse?

R: Não, não sei dizer.

P: No Ano Novo fazem alguma coisa?

R: Hoje a turminha já fazem, eles aqui, é a minha família aqui ao redor, eles fazem muita comida e queima de fogos. A gente compra, a gente se reúne e compra. E aí faz uma festinha dançante mesmo. Aí toma uma cervejinha e canta. Tem bolo, tem muita coisa, muita comida.

P: E no aniversário da reserva, o que fazem?

R: O aniversário da reserva é muita coisa, porque junta-se muita gente e o pessoal, na verdade, o Aécio, que foi quem fez esse ano passado, quem fez juntamente com o povo, a organização. Eles trazem tenda de Sena Madureira, espalha tenda por aqui, por todo canto. e tem muitas pessoas vendendo tudo quanto é coisa. É coisa daqui mesmo, sabe? Comida e salgado e muita coisa.

P: Mas isso foi inventado pelo Aécio?

R: Não. Já tinha. Há muito tempo. Ele é que traz algumas coisas, passou a fazer algumas coisas diferentes. É que esse ano passado, ele que trouxe essas tendas, ele que ajeitou, falou com as pessoas, né? Porque isso aí tem que falar com o Prefeito, né? E ele como fez amizade, tinha feito amizade com o Prefeito, Secretário e Deputado, e aí eles conseguiram essas tendas e trouxeram. Tenda, cadeira, mesa. E foi bem bonita a mesa. A festa. É bem bonita.

P: Tem mais alguma coisa que você possa me dizer?

R: Não, só quero agradecer o senhor.

P: Eu agradeço a tua disposição. Se eu precisar de mais alguma informação, dá pra gente se achar?

R: Dá, dá sim. É só o senhor me mandar uma mensagem, que hora que eu posso, que aí eu lhe aviso e a gente tá, tá bom?

P: Ótimo!

R: Bom, prazer. Tenha um bom final de semana. Melhora pra sua filha. E eu tô à disposição, tá bom?

P: Ah, muito bom, muito bom conversar contigo. Adorei!

R: Tá bem. Abraço. Fica com Deus.

P: Também. Tchau. Obrigada.

Uma vivência com Luzia Soares Siqueira

Está planejada uma viagem de barco com o pessoal do ICMBio para um dos 14 Núcleo de Base da Cazumbá, para acompanhar um trabalho educativo que estão fazendo com os seringueiros. A finalidade é conscientizá-los a não desmatarem além do pequeno espaço onde podem fazer seus roçados, para plantar os produtos de subsistência: macaxeira, milho e outros produtos. Acordo às seis horas. Tomo café rápido e estou de prontidão para caminhar até o rio. Na hora de sair, às sete horas, a Naiara, Chefe-substituta do ICMBio, informa que não poderei ir junto. O rio por onde precisam passar, está mais baixo do que o esperado e precisam ir com um barco menor. No mesmo momento da frustração com notícia ruim, chega Luiza, uma viúva que mora aqui perto, para buscar sua sobrinha Rebeca, para irem pescar. Pergunto se posso ir junto e ela concorda.

Oportunidade de conhecer duas mulheres da Cazumbá em atividade: uma já experiente, a Luzia, e uma jovem, a Rebeca, que nasceu ali e mora em Sena Madureira, que vai aprender a pescar.

Luzia, é uma mulher decidida, tem 57 anos, é viúva há 24 anos, tem sete filhos e mora sozinha. Vive do dinheiro da aposentadoria. O cartão para retirar o dinheiro, ela deixa com a filha, em Sena Madureira, para comprar os poucos produtos “da cidade” que ela precisa para viver. Todos já casaram. Alguns moram por perto. Outros moram em Sena Madureira, há quatro ou cinco horas de barco da Cazumbá. Luzia gosta de visitar os filhos que moram perto. Vai pouco à cidade e nunca saiu do Acre. Foi uma vez a Rio Branco, a capital do Acre, e não gostou.

Seu jeito de falar é bem local. Uma das expressões que usam muito é “eu + alguém”. [...] “Vinha descendo o rio eu + meu filho” ...[...]

Saimos para a pescaria. Luzia caminha a passos largos, determinada. Conhece todos os caminhos. Precisamos achar um bom lugar para a pescaria. Ela conhece muitos. Gosta de pescar, “mas não de comer peixe”, declara, segura.

Vamos a um igarapé que fica nas redondezas. Luzia não gosta do local. Vamos à procura de um lugar melhor para pescar. O rio tem muito barro nas margens. Ela resolve: vamos conseguir um barco para ir a outro lugar. Caminhamos até a casa de uma amiga dela. Ela grita seu nome junto à cerca. Ninguém responde. Caminhamos por uma outra trilha, até outra casa. A cena se repete. Devem estar no roçado. Decidida, ela resolve que vamos voltar à margem do rio, onde existem alguns barcos. Chegamos a uma espécie de pequeno porto. Encontramos sete barcos parados. Rapidamente ela decide subir em um dos barcos que escolheu. “Eu levo pra gente pescar e daqui a pouco deixo no mesmo lugar”, disse. Chama Rebeca e a mim, para subirmos também. O rio tem correnteza forte e é muito barrento. Precisamos de um ou dois remos. Nenhum no barco. Ela tenta ver se existe algum remo nos outros barcos estacionados, mas não há. Determinada, eu encontro um pedaço de madeira, pega seu facão e instantaneamente, começa a esculpir aquilo que será o nosso remo. Saimos pelo rio e entramos no Igarapé Santo Antônio. Luzia escolhe um lugar. Já adianta que ali não haverá

muitos peixes, mas já vai dar para pegar alguns, pequenos. Enquanto estamos com a linhas n'água, converso com ela.

P: Não se sente sozinha?

R: Não. Gosto de ficar sozinha. É bom ficar sozinha. Até porque ninguém desarruma a casa! Tenho muita coisa pra fazer todos dias. Cuidar da casa e dos meus bichos, ir pra roça plantar ou colher macaxeira, bananas, jerimum e milho pras galinhas.

P: Qual será o futuro dos jovens? Soube que muitos saem daqui.

R: Uns saem pra estudar e ficam na cidade. Outros voltam. É normal que aconteça. (video)

P: O que é ter vida boa?

R: Vida boa é ter saúde e coragem pra trabalhar, ir enfrentar as tarefas do dia a dia, pra viver uma vida melhor, se ajudando com o pouco que a gente ganha, pra tirar o que tá na terra...porque se a gente vai viver só do que a gente compra, aí fica difícil pra gente sair de casa e fazer.

P: Gosta de pescar?

R: Gosto muito, mas não gosto de comer peixe.

P: O que faz com os peixes, então?
R: Eu dou pra amigos que gostam. Também quando tem muita macaxeira ou banana, eu dou pros amigos ou pros filhos.

P: Por que não vende ou troca?

R: Não gosto. Aqui ninguém troca produtos. Ou vende ou doa. Às vezes um ajuda o outro no trabalho de roçar.

A pescaria rendeu cinco peixes. Luzia disse que no dia anterior pegou 32 peixes.

No dia seguinte, às 5:45, de sábado um sábado, Luzia passa em frente ao alojamento onde estou, faceira, levando uma roçadeira nas costas. Ia pro seu roçado, fazer uma atividade que faz seguidamente: limpar a mata que cresce, para os produtos que plantou poderem crescer livremente.

Já de volta a Lisboa, no dia 23 de fevereiro de 2025, faço uma nova conversa com Luzia, que está em Sena Madureira, visitando a filha e netos.

P: Estás em Sena, na casa da tua filha. Como fostes até aí?

P: Eu queria saber ... primeiro, se o que a gente estiver falando, eu posso gravar? Tu me autoriza a gravar para poder transcrever o que a gente vai conversar?

R: Acho que sim, né?

P: Eu estou fazendo um Mestrado em Antropologia na Universidade aqui de Portugal, na Universidade de Lisboa. Basicamente, o que eu estou fazendo? Eu estou estudando o futuro da Cazumbá. O que vocês fazem, como é o dia a dia de vocês e que perspectivas de futuro tem a comunidade. Esse é um trabalho que eu estou fazendo para esse meu mestrado. Estou entrevistando várias pessoas aí da Cazumbá: Nenzinho, ontem entrevistei a Algecida, já falei com a Socorro, com o Aécio, com um monte de gente aí. E aquele dia que eu te conheci na pescaria, eu achei muito interessante as coisas que a gente conversou e eu queria complementar aquilo. Pode ser?

R: Uhum. Então tá. Sim.

P: Então eu queria começar assim, como é que é o teu dia a dia? Que horas tu acorda, o que tu faz, que horas tu vai dormir?

R: Agora aí é difícil, porque sempre é assim, quando eu estou trabalhando eu acordo cedo, né? Mas aí assim, quando são quatro horas, cinco horas, quatro e meia, eu vou cuidar das coisas, dos bichos, dos animais. Nas criações de galinha, que é só o que eu tenho agora. E para poder sair para a roça. Aí, quando é sal para a roça, eu chego às 10 horas. Às vezes, para não pegar muito sol, né? Porque eu não estou podendo pegar muito sol agora. Que até o Nenzinha disse que para mim está pegando muito sol, né? Devido à minha idade, devido a ter trabalhado muito, não posso pegar. E aí, dormir não tem a hora certa também, não. Porque às vezes, se eu sair para a casa da minha filha, eu durmo. Eu vou dormir às vezes 10 horas da noite. Ou se eu for viajar, que nem agora ontem. Eu vim para a Sena e sexta-feira eu já não dormi. Já fui dormir e era meia-noite. Mas se eu estiver em casa mesmo, às vezes eu durmo oito horas. Aí, se eu for para a casa da minha filha, às vezes eu chego de lá e eu durmo. Às vezes eu durmo 10 horas.

P: E como tu vai até aí, pra Sena? Quanto tempo leva?

R: Eu acho que de descida a gente gasta umas quatro horas, mais ou menos, cinco horas. De subida eu acho que é em seis horas. Depende do tamanho, né? Porque às vezes a gente vem de canoa, que é a canoa mais menor, a gente gasta menos tempo, né? E se a gente vier num barco grande, gasta mais tempo. A subida leva mais tempo do que a descida. A descida vem mais rápido. Ontem mesmo, quando a gente veio, a gente veio numa canoa meio grande. Aí o Ravinho, meu neto, a gente gastou quatro horas e quinze minutos de descida.

P : Me conta um pouquinho, como é que é a tua alimentação? O que que tu come de manhã, no café, o que tu almoça? Como são as refeições?

R: A minha refeição é variada. E assim, se eu tiver muito o que fazer, eu já não como cedinho. Eu vou comer assim, nove horas, 10 horas, já quase chegando a hora de almoço. Às vezes, eu vou almoçar duas horas, porque se eu tiver muito serviço, eu me entendo ali fazendo e esqueço de comer. Mesmo assim, eu não gosto de comer no café da manhã coisa de massa, assim. Tipo gulacha, arroz, essas coisas, assim, da cidade mesmo. Eu gosto de comer macaxeira, pão de milho, tapioca. Uma merendinha das três horas também é assim.

P: O que que chamas de “coisas da cidade”?

R: É pão, gulacha, rosca, essas coisas, assim, pra tomar café de manhã, né? Porque tem muita gente que gosta de tomar café com essas coisas. Gosto de tomar café lá com as coisas da colônia mesmo. Que a gente faz na colônia.

P: E é tu que faz as coisas que come?

R: É, eu mesmo. Faço pão de milho, faço bolo de milho, faço bolo de macaxeira, faço o cuscuz. Aí eu tiro a goma da mandioca, faço pra fazer a tapioca. Eu mesmo faço minhas coisas pra comer.

P: E o que que tu toma junto com isso que tu come?

R: É, às vezes varia, né? Eu tomo chá de casca de jatobá, que é uma árvore que tem aqui, que é grande. Aí eu tomo, às vezes é Nescau com leite. Às vezes é chá de erva doce. É isso, eu não tomo café. Café me faz mal.

P: Mas tu toma Nescau? Nescau é coisa da cidade...

R: Mas isso aí eu tomo, às vezes. Mas não é todo tempo, não. Não gosto, não. Eu tomo, mas eu não gosto todo tempo, né?

P: E tu mora sozinha, né?

R: É. Só eu, Deus, Nossa Senhora mesmo.

P: E como é morar sozinha?

R: Ah, morar sozinha é ficar só mesmo, né? Ah, eu me acostumei. Eu acho que é bom estar só. Eu não gosto de muita zoadá. Eu acho bom estar sozinha. Cuidando das minhas coisas, que eu arrumo, ninguém desarruma. Eu vou pro meu serviço, chega a hora que dá despegar. E aqui eu já vou fazer alguma coisa pra comer. Aí, se der tempo, eu me deito um instante a hora da meia. Vou fazer outras coisas. Vou lavar a roupa, vou arrumar a casa para o Chefe do Serviço, lavar a louça, montar a casa.

P: Um dia desses eu te vi passando com uma roçadeira nas costas às cinco da manhã.

R: Eu ia levar para o meu filho roçar o meu quintal e minhas fruteiras ao redor de casa. Eu tinha que buscar para o meu filho, que é casado, que mora perto de mim. Estava lá e eu fui buscar a roçadeira para ele roçar meu quintal e minhas fruteiras que eu tenho ao redor de casa.

P: O que tens plantado aí?

R: Eu tenho graviola, eu tenho cupuaçu, eu tenho ingá, eu tenho manga, eu tenho abacate. É, rapaz, deixa eu ver mais o que que é. Café.

P: Tu tens café, mas não gostas de tomar café?

R: Não, mas eu ajudo meu menino a plantar, que ele planta junto lá comigo também. Meu menino que é casado. Tem muita coisa plantada. Banana, um tempo desse tinha muita banana, agora já tem mais pouco, mas tem banana. Aí, eu acho que é só isso mesmo. Cacau, tem também. Tangerina, laranja, rapaz, tem muita coisa, plantada lá. Jambre, bastante coisa que tem.

P: Ah, muito bom. E tu vende alguma coisa disso?

R: Não, mas é só pro consumo mesmo.

P: Quando precisas comprar alguma coisa, de onde vem dinheiro para isso?

R: Eu sou aposentada por idade. É só minha aposentadoriazinha mesmo. Às vezes eu vendo galinha, o que colar, mas quando tem é difícil ter para me vender. Aí é difícil, mas quando eu crio muita, eu vendo. Mas eu só crio mais para consumir, porque eu trago para minhas filhas aqui em Sena. Aí às vezes assim, quando eu estou precisando de vender para comprar um milho, quando eu não tenho milho, às vezes eu planto e não dá direito, aí eu vou e compro o milho no dia das galinhas. É assim.

P: E tens amigas na Cazumbá?

R: Tem o quê?

P: Amigas, amigos.

R: Graças a Deus que todo mundo é meu amigo, que mora lá, todo mundo é meu amigo. Só que é assim, eu não... Várias casas que eu ando, sempre eu só fico mais em casa mesmo.

P: Te reúnem com amigos? Eles vão na tua casa, ou vais na casa deles?

R: Vai, sempre aparece gente lá em casa, e sempre eu vou na casa deles. Assim, eu gosto mais na casa dos meus dois filhos que moram lá perto. Aliás, tem três. Assim mesmo, é difícil, tem bem duas mulheres lá que eu gosto, sempre eu vou na casa delas. A Algecida é minha prima, e a outra mulher lá, a Marina. O Nenzinho é meu primo. Ali nós todos somos parentes. Quase todos. O Manoel Maia é também parente, tudo é meus primos eles. É o irmão do Nenzinho.

P: E o que tu faz na hora em que não tem nada pra fazer? O teu lazer, tu gosta de fazer alguma coisa assim, diferente? Tu, aquele dia tu foi pescar, tu costuma pescar?

R: Eu costumo pescar, só que é assim, eu nunca fico sem fazer nada. Eu tiro um dia assim, quando eu quero ir pescar, eu deixo alguma coisa pra fazer e vou pescar, pra me divertir. Eu gosto muito de pescar, só não gosto de comer peixe.

P: E o que tu faz com os peixes?

R: O peixe eu dou. Eu dou para as pessoas por lá. Eu dou para os meus filhos, eu trago para cá, para Sena, para os meus meninos. E eu trouxe uns peixes para a minha menina. Mas eu não gosto de comer peixe, não. É assim, como algumas qualidades de peixe. Tem umas, mas peixe de couro mesmo eu não gosto, não.

P: Interessante. Gosta de pescar, mas não de comer o que pesca.

P: E tu gosta de ouvir música?

R: Não. Eu não gosto de música. É tanto que eu não gosto de zuar.

P: O que é zuar?

R: Zuada é quando tem um monte de gente, assim, conversando. E conversa, conversa, e fica, tipo, fazendo zuada no pé do rio da gente. Incomoda. Ou então, assim, um som. Assim, um som bem alto. Olha que, quando eles inventam festa, é porque minha casa é lá distante, mas tem vezes que eles inventam festa ali no Cazumbá, tem uma mulher lá que gosta. Aquilo perturba meu sono, ó. Aí eu não consigo dormir lá em casa, quando eu escuto a zuada ali.

P: E tu não gosta de ir numa festa, de dançar?

R: Não gosto. Não ando em festa. Aí, perturba meu sono, entendeu?

P: E o que imaginas pro futuro? O que tu acha que vai acontecer com a Cazumbá, contigo, com os teus filhos e netos?

R: Pelo menos assim, negócio de um artesanato lá, tem uma casa de açai. Eu nunca vi, vai até um tanto aí, o pessoal já desiste. Aí eu não sei não, se vai ter, se pra frente tem futuro de alguma coisa não. Nem sei, ó, dizer.

P: O que que tu acha que tinha que ter na Cazumbá mais do que tem hoje?

R: Só mesmo a educação, né, as escolas, né, que era, antes era pequenininha, começaram dando aula, eram umas casinhas de palha, as igrejas também, agora não, agora tá tudo, mudou mais, né, porque são de alvenaria, e aí tem mais escolas pras crianças estudarem, aí tá desenvolvendo mais a educação, né.

P: Isso é bom?

R: É bom, isso aí é bom, né? É bom porque o meu menino já estudou. Aqui quase todos eles que vieram estudam. Tudo estuda, direto. Aí eles não vão querer mais voltar para lá, porque aqui os estudos sempre é melhor também na cidade, né? E lá, para eles estudarem agora, tem que ser pela internet, né? Tem que ser a distância, né? Aí eu acho que eles não voltam mais, não.

P: Mas tu não tens medo que na Cazumbá só fique gente velha e os mais novos saiam de lá?

R: Não, não. Acho que não. Porque tem muitos que não querem saber de estudo, então fica lá, né? Mas tem muita gente nova ainda lá e tem uns que não querem ir para a cidade. Porque pelo menos a minha menina, tem uma que ela estuda lá mais nova, mas ela tem dois filhos, mas ela estuda à distância. Só que aí ela também nunca quis saber de vim pra cidade. Ela casou, continua estudando. Ela faz duas faculdades.

P: Duas faculdades?

R: É, ela faz duas. Eu comecei a pagar uma para ela, e quando foi com o ano, e agora esse outro ano ela vai terminar uma, e no outro ela vai terminar outra. Aí quando estava com o ano que eu pagava para ela, ela ganhou uma de graça do governo. Aí ela continua fazendo as duas faculdades.

P: E quais são os cursos que ela faz nas duas faculdades?

R: Rapaz, eu não sei não, mas eu sei que um é matemática, agora o outro eu não sei não.

P: E o que ela quer ser depois disso? Trabalhar em quê? Depois que terminar esses cursos aí de estudar, ela quer trabalhar?

R: Sim, trabalhar, arrumar um emprego, sei lá.

P: E ela quer trabalhar em quê?

R: Tem como se empregar, né? Ela quer trabalhar no que aparecer, o trabalho que aparecer para ela. No ano passado ela já deu uma aula, assim, amanhecendo, parece que não vai ter mais aula do que ela estava dando, que era, não estou nem lembrando como era o nome da aula, sei que era para idosos, que até eu estudava também com ela.

Aí agora, esse ano eu não sei, mas ela está fazendo aqui umas coisas aqui para ver se consegue um emprego para lá, um negócio de professora mesmo de novo, mas não sei não se ela vai ter, porque é muita gente, né, é muitas que precisa.

P: Ela quer ser professora?

R: É, ela quer dar aula, né, mas aí não sabe como é que vai fazer ainda não. Aí não sabe nem se vai ter vaga para ela lá, né, porque é muita gente, assim, muito professor lá na escola de lá, já tem, né, os professores, certo?

P: E o teu filho que está em Sena, ele trabalha em quê? Ele agora não está trabalhando ainda também, não? Não está?

R: Não, está desempregado. Ele está esperando isso com a vaga aí, o pessoal chamar ele.

P: E quem sustenta ele é tu?

R: Não, ele trabalha assim, em diariazinha, assim, pra colar, pra sustentar, né? Às vezes eu ajudo também eles aqui. Mas eles trabalham. Aí a outra ganha uma Bolsa Família e a outra trabalha também. E ele trabalha em diária. Chega trabalhando em diária. Não tem emprego mesmo, assim, pra ele trabalhar todo dia, entendeu? Mas ele trabalha em diária. Eu vou pagar o dinheiro dele.

P: E hoje, viver é melhor do que já foi ou é pior do que já foi?

R: Rapaz, pra mim, é tudo, a coisa é só. Mas eu acho que agora melhorou um pouco mais.

P: Em que melhorou?

R: Mas eu acho que é quase a mesma coisa. Assim, melhorou assim, porque pelo menos na educação, pelo menos tem, né? A escola para as crianças estudarem. Aí, mais ou menos isso, melhorou um pouco.

P: E há quanto tempo você tem luz lá?

R: Luz?

P: Luz elétrica, energia elétrica.

R: Luz, eu acho que já tem, eu não sei não, mas faz bastante tempo, acho que há uns 15 anos, eu acho.

P: E internet?

R: A internet lá, não, a internet foi agora há pouco que eles colocaram lá, né? Faz pouco tempo, não sei nem quanto tempo faz não.

P: E isso é bom?

R: Para mim é, porque aí, eu quero, para mim é, isso aí também melhorou, né? Porque quando eu queria saber notícias dos meus filhos aqui, eu só vou na casa da minha filha que lá tem, que é pertinho e sei notícias.

P: E o que que tu usa na internet?

R: Hã? O que que eu uso? Não tô entendendo.

P: Tu pega o teu telefone e faz o que com ele?

R: Na internet eu só ligo pro meu vinho mesmo.

P: Tu só usa pra falar no telefone?

R: Só pra falar com meus vinhos mesmo.

P: Luzia, como é que te informa, como é que tu sabe o que está acontecendo no mundo, na Cazumbá, em Sena?

R: Notícia só da família mesmo, porque outras coisas eu não sei não, de nada não, então a família que te diz alguma coisa do que está acontecendo.

P: Então, queria te agradecer essa conversa.

R: E aonde é que o senhor está morando?

P: Lisboa, em Portugal.

R: Ah, em Portugal, né? Bom te conhecer, bom falar contigo de novo. Grande abraço pra ti.

P: Tá bom, então curte os filhos aí.

R: Um abraço para ti. Tá bom. Estou aqui com eles mesmo. O filho e neto e tudo.

P: Olha, que ótimo. Então tá, tchau para ti, obrigado.

Entrevista SALO COSLOWSKY

Realizada em 28/01/25, online direto de NY

É professor da NYU e participa do movimento Amazônia 20/30, uma iniciativa de pesquisadores brasileiros voltada para o desenvolvimento de um plano de desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira. O projeto visa buscar soluções que equilibrem a conservação ambiental com o crescimento econômico na região.

P: Os habitantes da floresta têm consciência a respeito da preservação da mata?

R: Enquanto uma parcela expressiva dos moradores da região amazônica não estiver convencida de que a floresta é seu maior patrimônio, o risco de degradação continuará elevado. Sem a adesão local, as conquistas ambientais permanecem frágeis.

P: Como os seringueiros podem conseguir mais renda para se manter nas áreas onde moram, com mais qualidade de vida?

R: Na Amazônia temos população jovem, alta informalidade e muita desocupação. E extensas áreas desmatadas e posteriormente abandonadas ou pouco utilizadas. Eles operam em pequena escala e em locais deflagrados, remotos ou precários. Longe dos grandes centros, pagam caro por insumos trazidos de fora e não têm profissionais qualificados.

Acabam produzindo bens que custam o dobro, mas oferecem metade da qualidade. Estão em áreas protegidas, em um ambiente hostil. Não tem controle de qualidade, não tem equipamentos. Estão isolados e pouco qualificados. Querer que essas áreas se paguem é cruel. Produzem pouco com o extrativismo e vivem com o Bolsa Família e a aposentadoria. O PSA - Pagamento por Serviços Ambientais - e a vendas de créditos de carbono podem servir para ficarem lá. Estão no fim do mundo, muito longe e o ambiente é hostil. A oferta de serviços ambientais, como a manutenção do ciclo das águas e dos nutrientes, polinizadores, prevenção de desastres naturais e proteção da biodiversidade.

Muitas das pessoas que vivem nesses territórios desempenham função crítica protegendo as florestas, mas não conseguem obter uma renda condizente com sua contribuição apenas através do extrativismo. Inevitavelmente, esses negócios operam em pequena escala e baseiam suas operações em locais deflagrados, remotos ou precários. Longe dos grandes centros, precisam pagar caro por insumos trazidos de fora e têm dificuldade em reter profissionais qualificados. Como resultado, acabam produzindo bens que custam o dobro, mas oferecem metade da qualidade.

Só existe três formas de ganharem dinheiro:

1. Produzindo borracha, castanhas e o que fazem hoje, mas estão longe dos mercados, tudo é difícil e imprevisível ali.
2. Recebendo pagamentos pelos serviços ambientais que prestam, mas é duro conseguir quem paga por isso.
3. Sendo pagos pelo Governo Federal. Se o Governo quer que fiquem nas áreas protegidas, que pague por isso, como guarda-parques.

P: E como ganhar mais, para que possam ter mais qualidade de vida e os jovens fiquem nas terras?

R: A bioeconomia é possível em áreas que já estão abertas, em florestas de produção, perto de estradas. Ou em terras em recuperação. Lá podem produzir cacau, café, pimenta, açaí, dendê, trabalhando em agroflorestas. Aí conseguem ganhar muito dinheiro. O IBGE/região Norte mostra que a produção de seis espécies perenes bem adaptadas a sistemas agroflorestais – açaí, banana, cacau, café robusta, dendê e pimenta do reino – geram receita anual média ao produtor de US\$ 2,6 mil por hectare.

A Amazônia pode manter e restaurar sua cobertura vegetal ao mesmo tempo que se torna grande produtora de alimentos tropicais como cacau, açaí, pimenta, castanha e peixes. Pode fornecer ingredientes para as indústrias farmacêutica, nutracêutica e cosmética, produzir madeiras e derivados, além de insumos industriais como fibras, óleos, amidos e biocombustíveis. Pode atrair turistas e achar formas de cobrar caro pelos valiosos serviços ambientais que sempre ofereceu de graça. Pode também fornecer ingredientes para as indústrias farmacêutica, nutracêutica e cosmética. Claro, pode produzir madeiras e derivados, além de insumos industriais como fibras, óleos, amidos e biocombustíveis.

Conforme as áreas rurais avançam, as empresas urbanas desenvolvem tecnologias, produtos e serviços que também podem ser comercializados, trazendo prosperidade generalizada. Bioeconomia em floresta nativa é dureza. Mesmo abrindo uma fabriqueta de beneficiamento. Só o PSA resolve. Uma espécie de Bolsa Floresta. Do jeito como estão, não consigo enxergar um futuro brilhante para eles. Mas uma bioeconomia pujante não é utopia.

Com dedicação e criatividade, a Amazônia pode manter e restaurar sua cobertura vegetal ao mesmo tempo que torna-se grande produtora de alimentos tropicais. Os valores potenciais são enormes. O problema é que temos investido em uma estratégia errada. Esse desacerto prossegue em três atos. Inicialmente, ativistas bem intencionados, líderes comunitários e seus aliados no governo e na filantropia observam que produtos florestais vendidos como matéria-prima reaparecem nas prateleiras dos supermercados por preços unitários muito mais elevados. Seduzidos por essa aparente oportunidade - mas sem considerar os investimentos, custos e riscos associados -, esses empreendedores levantam dinheiro para criar startups ou unidades de processamento nas comunidades.

P: E existem riscos e oportunidades que envolvam a área política?

R: Na COP-30 teremos uma oportunidade para apresentarmos ao mundo uma visão de desenvolvimento que alie preservação e produção. Destaco a urgência de incentivar a produção sustentável de produtos de base florestal, especialmente a expansão de cultivos arbóreos em áreas já desmatadas. Quem vai fazer isso? Em uma pesquisa recente que li mostrou que 89% dos prefeitos e 90% das câmaras municipais da Amazônia Legal se opõem à pauta ambiental. A maioria dos membros da elite local vê a floresta como obstáculo e as leis ambientais como vilã. Embora a renda e o emprego cresçam inicialmente com o desmatamento, eles desabam quando se esgotam os recursos naturais.

P: E como encaras a vontade de muitos jovens quererem sair das Resex?

R: Normal. Se nós saímos do Brasil, para estudar, trabalhar ou simplesmente viver fora do país, eles também têm o direito de sair.

Entrevista com MARY ALLEGRETTI

É Antropóloga, doutora em Desenvolvimento Sustentável.

Foi Secretária de Coordenação da Amazônia, no Ministério do Meio Ambiente.

É assessora do Conselho Nacional dos Seringueiros desde sua criação em 1985.

Desde 2022 trabalha sobre as questões climáticas em alternativas de remuneração das comunidades locais pelo serviço ambiental que prestam ao proteger a floresta e o clima. Desde janeiro de 2023 coordena uma iniciativa de capacitação em projetos de carbono para moradores em diferentes Reservas Extrativistas na Amazônia, através do IEA/Instituto de Estudos Amazônicos, uma das ONGs mais antigas do Brasil (1986), onde é a presidente.

OUTRO MODELO DE SOCIEDADE

Eu a conheci em dezembro de 2023, quando ela desceu de um quadriciclo, completamente coberta de barro, chegando na Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema, no sul do Acre, local difícil de chegar, mesmo se estivermos a bordo de uma 4x4. Chegava do Paraná, onde vive, para iniciar um trabalho de capacitação dos extrativistas para elaboração de projetos de geração de créditos de carbono.

O envolvimento de Mary com a Amazônia surgiu por influência de um antropólogo acreano Terri Vale de Aquino, que conheceu no curso de Mestrado na UNB.

Com 28 anos, junto com Terri, subiu um rio no Acre durante cinco dias. Combinou com ele de vir buscá-la um mês depois, no lugar onde a havia deixado, para voltarem às suas cidades. Ficou sozinha no meio da floresta, andando a pé, com um indígena como guia, dormindo nas casas isoladas dos seringueiros durante esse mês. Eram casas feitas com tábuas de paxiúba, a palmeira mais usada para isso, e teto de palha. Lá dentro, um fogão de barro e redes. Nada mais. Ali morava um seringueiro, sua mulher e filhos. Eram lugares onde uma mulher não podia andar sozinha. Perguntavam para ela: "cadê o seu homem"? Não havia nenhum tipo de comunicação com outras localidades.

Foi quando ela descobriu que, no meio do Acre, ainda havia *seringal de patrão*, como na época da Segunda Guerra. Eram os "soldados da borracha" que ainda restavam por ali, esquecidos no meio da floresta.

la escrevendo tudo o que via e o que os seringueiros contavam. Para eles, que não sabiam ler, vê-la escrevendo era mágico. Foi aí que, repentinamente, veio o desejo de fazer uma escola!

Voltou a Curitiba para escrever sua dissertação e retomar sua posição de professora de Antropologia na UFPR. Passou no Mestrado e resolveu fazer o Doutorado na USP, que serviu de motivo para voltar ao Acre, em 1981.

Foi quando conheceu Chico Mendes, que era vereador em Xapuri e líder sindical. "Foi uma descoberta. Ele tinha uma visão histórica importante. Lia e escrevia bastante. Tinha sido alfabetizado por um refugiado político que apareceu na fronteira da Bolívia com o Peru, onde a família dele morava. Chico foi alfabetizado e iniciado politicamente por aquele refugiado de esquerda". Ouviam programas de rádio da China, BBC e dos países socialistas. Chico deu aulas a Mary, sobre a borracha, a Revolução Acreana, sobretudo.

Mary se deu conta de que o que ela havia estudado era a realidade dos "seringueiros cativos", que viviam em uma espécie de escravidão no meio da floresta. Quando a borracha nativa não conseguiu mais competir com a borracha cultivada da Ásia, os seringueiros ficaram sem atividade econômica. Com isso os patrões saíram, mas os seringueiros ficaram, como posseiros. Chico dizia: "nós somos seringueiros libertos, não temos mais patrão".

Chico explicou a ela que quando chegaram os paulistas, que tinham comprado as terras, os seringueiros, organizados, entraram em conflito, pois não queriam sair da floresta. Os fazendeiros chegavam para desmatar. E os seringueiros iam com suas famílias para a linha de frente, para não deixarem desmatar. Inventaram uma técnica chamada "empates" (atrapalhar, impedir). Wilson Pinheiro, que fez o primeiro "empate", foi também o primeiro a ser assassinado.

Mary estava determinada a fazer uma escola para seringueiros. E esse era também o sonho de Chico Mendes. Conseguiu uma doação internacional de cinco mil dólares para construir a primeira escola dentro da floresta. Depois, com ajuda de amigos, foram criando materiais didáticos e outras casas-escolas para os seringueiros e seus filhos. Chegavam nos fins de semana para as aulas e dormiam lá, voltando para suas casas no entardecer de domingo. Alguns anos depois, o Governo do Estado do Acre assumiu o Projeto Seringueiro e muitas lideranças de hoje estudaram nessas escolas.

P: Dá para resolver os problemas da Amazônia?

R: É preciso uma intervenção governamental muito forte, em dois aspectos: segurança pública e políticas públicas para os moradores da floresta. Ninguém tem condições de controlar e de se proteger em relação ao narcotráfico. Todas as áreas protegidas que existem na Amazônia estão contaminadas pelo narcotráfico. É uma situação muito crítica e o governo ainda não se deu conta da gravidade do que está acontecendo.

Antes o tráfico circulava por pequenos rios, dentro da floresta e você não via. Agora estão usando os rios principais. As pessoas sempre moraram na beira do rio. Agora elas não têm mais segurança para morar lá. É um risco para todas as pessoas e para as unidades de conservação, porque são forças muito perigosas. Em todas as Resex que a gente visita tem

alguma mulher que foi embora e levou os filhos, porque não tinha segurança. Eles invadem as casas para colocar a droga e cooptam aquela família para deixar ali o material em trânsito. E vão criando seu roteiro de transporte de drogas. Obrigam os jovens a trabalhar para eles.

A floresta é cheia de gente. É ocupada. Só que não é densa, porque os recursos são extraídos da natureza. Se juntar muita gente dentro da floresta, não tem recursos para todo mundo. Por isso as famílias vivem distantes umas das outras.

O segundo problema é uma visão messiânica, equivocada da Amazônia. As pessoas querem “salvar a Amazônia”. Quando encontram os moradores simples da floresta, pensam que é uma sociedade faminta, pedindo alguma coisa para sobreviver. Existem situações específicas de precariedade (mulheres sozinhas com filhos, idosos, deficientes).

É na periferia das cidades amazônicas que está a miséria, porque os que saem da floresta não têm nenhuma qualificação para enfrentar o mercado.

As pessoas que vivem na floresta já sabem que vão viver mal se forem para as cidades. E dentro da floresta elas vivem bem. Existem pessoas pobres e vulneráveis, mas todos são muito solidários. Se morre um chefe de família, as pessoas se juntam e cuidam daquela família.

Na Amazônia você pode viver anos sem consumir além do que você precisa para viver. É um outro modelo de sociedade. As pessoas vivem bem assim, o que não significa que não queiram conforto e bem-estar, como infraestrutura de saneamento, transporte, comunicação, atendimento à saúde e escola. Investimentos necessários, mas invisíveis e que não trazem votos, razão pela qual a realidade das comunidades não muda em décadas de espera. Como os que vivem na floresta não são visíveis, as políticas públicas não chegam.

Existem 25 milhões de hectares, somando todas as áreas protegidas que têm gente dentro. São pessoas que conquistaram Reservas Extrativistas, Reservas de Desenvolvimento Sustentável, Florestas Nacionais. Elas vivem bem, mas querem melhorar. Tem planos, querem educação para os filhos, acesso à saúde, aumentar a renda dos produtos da floresta e continuar vivendo lá. Mas não é a aspiração de posse, de propriedade, de comprar casa, carro, depois outro carro, trabalhar para consumir. Até porque, no caso das Unidades de Conservação de Uso Sustentável, moram em terras públicas cedidas para usufruto mediante contrato de concessão de uso. São simples e gostam dessa simplicidade. Querem que os filhos estudem, tenham uma boa vida, mas que fiquem com os pais na floresta. E o narcotráfico está destruindo esse modelo.

Se falarmos da população urbana da Amazônia, é como todas as outras populações urbanas do mundo, que são atraídas por outros valores, de consumo, autopromoção, profissionalização. Nas cidades amazônicas é preciso investir nas pessoas que vivem com pouca renda, na precariedade, porque não existe saneamento, energia, saúde, educação, infraestrutura em geral.

P: Então, quando se fala em Amazônia, temos que perguntar qual Amazônia?

R: Exatamente. Tem a Amazônia rural, a florestal, a urbana, a do pequeno agricultor, do agronegócio, da pecuária. Tem muita gente muito rica com a soja e a pecuária, a mineração, com nível alto de produção, de tecnologia, como em todo o Brasil. E tem a Amazônia que não tem mais floresta...

P: E o que está comprometendo a Amazônia?

R: É um equívoco falar em "salvação da Amazônia". Não tem uma única solução. Tem soluções segmentadas. O que está comprometendo a Amazônia é o desmatamento, que pode acabar com a floresta, um ecossistema que depende dos recursos naturais, do funcionamento da natureza. Essa fragilidade de uma região enorme e que tem um ecossistema que necessita de proteção, é uma característica insubstituível.

A expansão do agronegócio implica em desmatamento. É um problema, porque se expande em cima de áreas protegidas, em terras não destinadas, e é monopolista, porque domina. O Brasil não precisa mais expandir a fronteira na Amazônia. Quem está, tem que melhorar a sua qualidade de vida onde está. O que não pode continuar é esse expansionismo recorrente. E tem aqueles que só querem fazer o comércio de terras. São as práticas ilegais que desorganizam a Amazônia: o narcotráfico e a expansão da fronteira agrícola, que se apropria de áreas não reguladas. As que já foram destinadas anteriormente, estão regulamentadas. Essas duas realidades determinam muito o futuro da Amazônia. Geram impactos que são decisivos para o futuro.

P: E quais as potencialidades da Amazônia?

R: O potencial é muito grande. Tem a economia tradicional, os produtos da floresta, a bioeconomia. Tem empresas que pesquisam ativos naturais com potencial de mercado e fazem contratos com as comunidades fornecedoras, acrescentando um valor pelo serviço socioambiental.

Outras empresas adquirem os produtos tradicionais da floresta, como a borracha, por exemplo, e acrescentam um valor pelo serviço socioambiental prestado. São modalidades de valoração do papel das comunidades na proteção da floresta que já mudou a vida de muitas famílias. É um modelo bom, os contratos são bons, as comunidades são reconhecidas, é um sistema que funciona. Mas há um limite, porque pode ser temporário: as empresas mudam os produtos e buscam novos insumos em outros lugares. Todo mundo quer fazer da bioeconomia um grande negócio. Desde que a Amazônia virou um ponto central de atenção, todos os documentos abordam o desenvolvimento da sociobioeconomia. Isso pode se expandir. Existem potenciais como fármacos, com ativos que só a Amazônia tem. Muitas pesquisas ficam fechadas nas universidades, porque não é qualquer investimento que pode transformar uma planta em um medicamento. É um investimento caro, de longo prazo, inseguro porque não se sabe se vai dar certo. É preciso fazer um balanço de todas as pesquisas

que existem sobre plantas medicinais, por exemplo, um inventário nas universidades daqui e do mundo e organizar um portfólio. Chamar investidores e abrir essa caixa misteriosa onde estão todos esses produtos pesquisados e perguntar: qual a tecnologia e o investimento necessários para transformar esse potencial em novos medicamentos ou novos produtos? Fazer uma pré-seleção para ver quais podem ser desenvolvidos se receberem investimentos. Todas as vezes que um novo produto é desenvolvido a partir de uma planta, traz mudanças importantíssimas.

P: O que é preciso fazer para isso dar certo?

R: Deveria existir uma política adequada a essas características, a essa diversidade e instabilidade. Seria necessário investimento público ou de fundos internacionais. Não existe uma solução mágica e imediata para gerar renda para as comunidades continuarem protegendo a floresta a partir do valor da bioeconomia. Se forem iniciativas de pequena escala, já existe o modelo de parceria com empresas. As comunidades estão se organizando e os contratos estão sendo aperfeiçoados por cooperativas locais. Nas áreas de alimentos, sucos e sorvetes, já existem muitos produtos novos, mas ainda faltam incentivos para alcançar uma escala mais significativa.

Está acontecendo um movimento novo de ONGs que criam *startups* que podem mudar esse cenário. Estão estruturando, apostando, viabilizando investimentos. Estimulam novas iniciativas e produtos e fazem acompanhamento técnico, oferecem crédito para incubadoras e pequenos negócios da floresta. Podem mudar esse cenário e têm um formato correto. São pessoas da Amazônia, que conhecem a Amazônia, conhecem os obstáculos. Novos modelos de negócios estão sendo apoiados e incentivados, especialmente no Pará, que tem maior tradição no uso de produtos da biodiversidade.

P: Como fica a renda dos que moram na floresta, além da borracha, castanha, farinha?

R: Os projetos de crédito de carbono podem gerar recursos financeiros maiores do que qualquer outra iniciativa, na ordem de milhões. As comunidades podem investir em saneamento, água, que mudariam a qualidade de vida na floresta. Investimento que nenhum governo tem condições de fazer. As Reservas Extrativistas existem há quase 40 anos e ainda não têm essa infraestrutura. Podem criar mais escolas, qualificar as que existem e diversificar as atividades econômicas que já desenvolvem. As pessoas que vivem na floresta têm ambição de qualidade de vida, de bem-estar e de acesso à educação para os filhos. É um padrão de vida nas comunidades que não é baseado no consumo. E existem dilemas a respeito de quais investimentos podem gerar um nível mais alto de renda sem a retirada da floresta. A não ser que um medicamento maravilhoso seja descoberto e se transforme em fonte de renda. Não existem outros modelos, porque a floresta amazônica existe pela sua diversidade.

As pessoas às vezes não se dão conta de que a diversidade da floresta é, ao mesmo tempo, o bônus e o ônus. A diversidade é um grande potencial e um grande obstáculo. Por isso é difícil encontrar uma solução. Um caminho seria descobrir mais produtos derivados da floresta, com maior valor. E isso não acontece a cada seis meses.

Quero reforçar: a “visão salvacionista” não se aplica à complexidade socioambiental da Amazônia. Não tem uma única vertente de solução, não é simples, não existem soluções prontas. As soluções precisam ser diversificadas. Depende de cada lugar, da matéria-prima que existe, do modelo de ocupação do território, das características das comunidades locais. São muitas Amazônias, com muitas soluções.

APÊNDICE C – FOTOS



O café da manhã



O alimento escolar



A extração da borracha



A professora



A escola Cazumbá



A Associação dos seringueiros



As redes para os visitantes



Os igarapés



Os antropólogos acreanos



A presença da igreja católica



A barbearia



As mudas de seringueira no viveiro

A



A exuberância da fauna



A coleta das castanhas



A dificuldade do transporte das castanhas



As dificuldades da época das chuvas



As estradas dos ramais



O rio Iaco: principal meio de transporte



O futebol: lazer dos domingos



A casa da Dona Francisca



O Nenzinho: principal liderança



O sustento vem da floresta

